



AS CRÔNICAS VAMPIRESCAS

# ANNE RICE

CÂNTICO DE SANGUE

*Rocco*



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



Em *Cântico de sangue*, Anne Rice reúne os personagens mais cativantes de seus livros anteriores, como Rowan Mayfair, a brilhante cirurgia e bruxa, seu marido, o apaixonado Michael Curry, o angustiado Quinn Blackwood, a jovem Mona e, é claro, o inconfundível vampiro Lestat.

Neste novo volume das aventuras de Lestat, ele é procurado por Michael, que busca ajuda para curar a loucura em que mergulhou sua esposa. Mona, por sua vez, encontra-se à beira da morte e procura Quinn para morrer ao lado de seu grande amor. O que ela nunca poderia imaginar é que, em vez de se despedir do mundo, ela receberia o Dom das Trevas. Transformada em vampira, Mona torna-se mais determinada que nunca e decide, com a ajuda de Quinn e Lestat, partir numa busca frenética pelos Taltos, um povo misterioso que por séculos assombrou a família Mayfair e com quem a filha perdida de Mona possui uma inefável relação.

Em meio a toda essa ação, Lestat ainda precisa lidar com sua obsessão pela redenção, uma paixão avassaladora e inesperada por Rowan e o fantasma de Julien Mayfair, guardião da família, que nunca o perdoará por ter concedido o Dom das Trevas à Mona.

*Cântico de sangue* é a obra que reúne as duas clássicas vertentes ficcionais de Anne Rice, bruxas e vampiros, num romance inquietante, que irá cativar e surpreender novos e antigos fãs da autora.

ANNE RICE

CÂNTICO DE  
SANGUE

CRÔNICAS VAMPIRESCAS — VOLUME X

Tradução de Waldéa Barcellos  
Digitalização de Yuna (Toca Digital)  
Formatação de LeYtor

Rocco

Título original  
BLOOD CANTICLE  
The Vampire Chronicles

Copyright © 2003 by Anne O'Brien Rice

Todos os direitos reservados incluindo os de reprodução  
no todo ou parte sob qualquer forma.

Direitos para a língua portuguesa reservados  
com exclusividade para o Brasil à  
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar  
20030-021 – Rio de Janeiro, RJ  
Tel.: (21)3525-2000 – Fax: (21)3525-2001  
rocco@rocco.com.br  
www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

preparação de originais  
AMANDA ORLANDO

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

R381c Rice, Anne, 1941-  
Cântico de sangue: as crônicas vampírescas/Anne  
Rice; tradução de Waldéa Barcellos. – Rio de Janeiro:  
Rocco, 2007.

Tradução de: Blood canticle: the vampire chronicles  
ISBN 978-85-325-2148-4

1. Ficção norte-americana. I. Barcellos, Waldéa.  
I. Título.

06-4590

CDD – 813  
CDU – 820 (73)-3

*Para*  
*Stan Rice*  
*1942-2002*  
— *o amor da minha vida.*

Regozija-te, ó rapaz, em tua mocidade; e que teu coração te alegre nos tempos de tua juventude; e segue os caminhos de teu coração e onde teus olhos enxergam; mas tem em mente que, por todas essas coisas, Deus há de te julgar.

ECLESIASTES 11:9  
— da tradução inglesa, de 1611, da Bíblia



# CAPÍTULO 1



Quero ser santo. Quero salvar almas aos milhões. Quero fazer o bem por todos os cantos do mundo. Quero combater o mal! Quero minha imagem em tamanho natural em todas as igrejas. Estou falando de uma estátua de um metro e oitenta, cabelo louro, olhos azuis...

Espera aí.

Você sabe quem eu sou?

Estou pensando que talvez você seja um leitor novo e nunca tenha ouvido falar de mim.

Bem, se for esse o caso, deixe que eu me apresente, o que eu simplesmente fico louco para fazer no início de cada um dos meus livros.

Sou o Vampiro Lestat, o vampiro mais poderoso e adorável jamais criado, um arraso sobrenatural, com dois séculos de idade, mas eternizado na forma de um rapaz de vinte anos com um corpo e um rosto lindos de morrer, e talvez você até morra mesmo. São infinitos os recursos que tenho à minha disposição e é impossível negar que sou encantador. A morte, a doença, o tempo, a gravidade, nada significam para mim.

Tenho apenas dois inimigos: a luz do dia, pois me deixa totalmente sem vida e vulnerável à queimadura dos raios do sol, e a consciência. Em outras palavras, sou condenado a habitar a noite eterna e procuro sangue num tormento interminável.

Isso não faz com que eu pareça irresistível?

E, antes de continuar minha fantasia, permita-me assegurar-lhe:

Sei muito bem como ser um escritor completo, pós-renascentista, pós-século XIX, pós-moderno, pós-pop. Não faço a desconstrução de nada. Ou seja, você vai receber aqui uma história inteira — com início, meio e fim. Estou falando de enredo, personagens, suspense, o serviço completo.

Vou cuidar de você. Portanto, tranquilize-se e continue a ler. Você não vai se arrepender. Acha que não quero novos leitores? Meu nome é sede, meu bem. Eu preciso de você!

No entanto, já que estamos fazendo um pequeno intervalo daquela minha

obsessão por me tornar santo, tenho algumas palavras para meus seguidores dedicados. Vocês, recém-chegados, devem apenas acompanhar a história. Sem dúvida, não vai ser difícil. Por que eu iria fazer alguma coisa que vocês achassem difícil? Eu estaria me sabotando, certo?

Agora, a vocês que me adoram. Vocês sabem, esses milhões.

Vocês dizem que querem ouvir falar de mim. Deixam rosas amarelas no meu portão em Nova Orleans, com bilhetes escritos a mão: “Lestat, volte a falar conosco. Dê-nos um novo livro. Lestat, nós adoramos as Crônicas Vampirescas. Lestat, por que não ouvimos nada de você? Lestat, volte, por favor.”

Mas eu lhes pergunto, meus amados seguidores (ei, não se pisoteiem todos para me responder), o que foi mesmo que aconteceu quando lhes dei Memnoch? Hein? Essa foi a última das Crônicas Vampirescas escrita por mim com minha própria voz.

Ah, vocês compraram o livro. Não estou me queixando disso, meus amados leitores. Na verdade, Memnoch superou em vendas todas as outras Crônicas Vampirescas. O que vocês acham desse detalhe vulgar? Mas vocês se envolveram com a história? Vocês a entenderam? Releram? Acreditaram nela?

Eu fui à Corte de Deus Todo-Poderoso e às profundezas uivantes da Perdição, meninos e meninas, e lhes passei fielmente minhas confissões até o último tremor de confusão e aflição, tentando induzi-los a compreender através de minhas próprias palavras por que fugi dessa apavorante oportunidade de realmente me tornar um santo. E o que vocês fizeram? Vocês reclamaram!

“Onde estava Lestat, o Vampiro?” Era só isso o que vocês queriam saber. Onde estava Lestat em sua vistosa sobrecasaca preta, com suas pequenas presas quando sorria, caminhando em botas inglesas pelo submundo sofisticado da cidade sinistra e elegante de todos nós, lotada de vítimas humanas a se contorcer, a maioria das quais merece mesmo o beijo vampiresco? Foi só nisso que vocês falaram!

Onde estava Lestat, o insaciável ladrão de sangue e destruidor de almas; Lestat, o vingativo; Lestat, o astucioso; Lestat, o... bem, na realidade... Lestat, o Magnífico?

É, gosto desse aí: Lestat, o Magnífico. Parece um nome adequado para mim neste livro. E, quando se olha bem fundo, sou mesmo magnífico. Entendam bem, alguém precisa dizer isso. Mas voltemos a todo aquele alvoroço com Memnoch.

“Não queremos esses restos destroçados de um xamã!”, disseram vocês. “Queremos nosso herói. Onde está sua clássica Harley? Que ele dê a partida e saia roncando pelas ruas e becos do French Quarter. Que saia cantando no vento com a música que vibra nos minúsculos fones de ouvido sobre as sombras púrpuras que caíam sobre a cidade, o cabelo louro voando, solto.”

Bem, legal, gosto mesmo dessa imagem. Sem dúvida. Ainda tenho a motocicleta. E é verdade, adoro sobrecasacas, que mando fazer sob medida.

Quanto a isso, não sou eu quem vai discutir. E as botas, sempre. Querem saber

o que estou usando agora?

Não vou contar!

Bem, pelo menos não por enquanto.

Mas pensem bem no que estou tentando dizer.

Dou-lhes ali uma visão metafísica da Criação e da Eternidade, a história (mais ou menos) inteira do cristianismo, com uma fartura de meditações sobre o Cosmo, com letra maiúscula — e o que recebo em troca? “Que tipo de romance é esse?”, vocês perguntam. “Não o mandamos ir para o Céu e para o Inferno! Queremos que você seja o facínora requintado!”

Mon Dieu! Vocês me matam de tristeza! Verdade! Quero que saibam disso. Por mais que eu os adore, por mais que precise de vocês, por mais que não consiga existir sem vocês, você me matam de tristeza!

Vão em frente, joguem fora este livro. Cuspe em mim. Falem mal de mim. Eu os desafio. Expulsem-me de sua órbita intelectual. Tirem-me de sua mochila. Lancem-me na lata de lixo do aeroporto. Larguem-me num banco no Central Park.

Será que me importo?

Não. Não quero que façam isso. Não façam nada disso.

NÃO!

Quero que leiam cada página que escrevo. Quero que minha prosa os envolva. Se eu pudesse, beberia seu sangue para viciar vocês em cada lembrança que tenho dentro de mim, cada mágoa, cada referência, cada vitória temporária, derrota mesquinha, momento místico de entrega. E, tudo bem, vestirei algo de acordo com a ocasião. Alguma vez deixei de me vestir de acordo? Alguém tem melhor aparência usando trapos do que eu?

Suspiro.

Detesto meu vocabulário!

Por que será que, não importa o quanto eu leia, acabo dando a impressão de ser um sórdido marginal internacional?

Naturalmente, um bom motivo para isso é minha obsessão com a produção de uma narrativa para o mundo mortal que possa ser lida praticamente por qualquer um. Quero meus livros em bibliotecas de universidades e acampamentos de trailers. Vocês sabem o que quero dizer? Apesar de toda a minha sede cultural e artística, não sou um elitista. Vocês não tinham adivinhado?

Mais um suspiro.

Estou desesperado demais! Uma psiquê permanentemente sobrecarregada, é esse o destino de um vampiro pensante. Eu deveria estar por aí, matando algum bandido, lambendo seu sangue como se fosse picolé. Em vez disso, estou escrevendo um livro.

E por isso que nenhuma quantidade de dinheiro ou de poder consegue me calar

por muito tempo. O desespero é a origem da fonte. E se tudo isso não fizer sentido? E se toda essa mobília francesa com ouropel e marchetaria em couro não fizer diferença no grande esquema de tudo? Pode-se tremer de desespero nos salões de um palácio tanto quanto numa vaga de albergue. Para não falar num caixão! Mas pode se esquecer do caixão, meu bem. Não sou mais o que se poderia chamar de vampiro de caixão. É uma palhaçada. Não que eu não gostasse deles quando dormia dentro de um. De certo modo, nada se assemelha a eles — mas o que eu estava dizendo?

Ah, sim, vamos seguir adiante, mas...

Por favor, antes de prosseguirmos, deixem-me choramingar um pouco mais sobre o que aconteceu com minha cabeça graças ao confronto com Memnoch.

Agora, prestem atenção, todos vocês, leitores novos e antigos.

Fui atingido pelo divino e pelo sagrado! As pessoas falam sobre o dom da fé. Bem, estou lhes dizendo que foi mais como um acidente de trânsito! Foi pura violência para minha psique. Ser um vampiro com plenos poderes é uma tarefa difícil depois que se chegou a ver as ruas do Paraíso e do Inferno. E bem que vocês podiam me permitir algum espaço metafísico.

De vez em quando, tenho essas pequenas crises: NÃO QUERO MAIS SER MALIGNO!

Por favor, não respondam todos de uma vez: “Mas nós queremos que você seja um mau elemento, você prometeu.”

Já captei. Mas vocês precisam entender o que eu sofro. Trata-se apenas de uma questão de justiça.

E ser mau é o que sei fazer de melhor, é claro, o velho slogan. Se não escrevi isso numa camiseta, vou escrever. No fundo, não quero escrever nada que não possa ser posto numa camiseta. No fundo, gostaria de escrever apenas em camisetas. No fundo, gostaria de escrever romances inteiros em camisetas. Para que vocês pudessem dizer: “Estou usando o capítulo 8 do novo livro de Lestat. É o meu preferido. Ah, estou vendo que você está usando o capítulo 6...”

De vez em quando, eu chego a usar... Ora, pára com isso!

SERÁ QUE ISSO NÃO TEM FIM?

Vocês estão sempre buzinando no meu ouvido, não é mesmo?

Vou seguindo à toa pelo Beco dos Piratas, um vagabundo coberto de uma poeira moralmente compulsória, e você chega de mansinho ao meu lado e diz: “Lestat, acorda” e eu giro veloz, como o Super-Homem entrando na cabine telefônica americana, e voilà! Ali estou eu, uma aparição em trajes perfeitos, mais uma vez vestido em veludo, e já o segurei pelo pescoço. Estamos no átrio da Catedral (para onde você pensou que eu o arrastaria? Você não quer morrer em terreno consagrado?) e o tempo todo você está me implorando. Epa! Exagerei um pouco.

Queria que esse fosse apenas o Pequeno Gole. Não diga que não avisei. Pensando bem, será que avisei?

Está bem, isso mesmo, deixa pra lá, e daí, pára de retorcer as mãos, certo, certo, chega, calma, agora agüenta, ouviu?

Eu me rendo. É claro que aqui vamos nos deliciar com a mais pura maldade!

E quem sou eu para negar minha vocação de ser a quintessência do contador de histórias Católico Romano? Quer dizer, as Crônicas Vampirescas são invenção MINHA, vocês sabem. E eu só NÃO sou um monstro quando estou me dirigindo a vocês. Quer dizer, é por isso que escrevo, porque preciso de vocês, não consigo respirar sem vocês, não sei o que fazer sem vocês...

...E estou de volta, suspiro, tremor, risada, sapateado e estou quase pronto para apanhar a estrutura convencional deste livro e prendê-la nos quatro lados com a infalível supercola das histórias certas. Tudo vai se encaixar, juro pela alma de meu falecido pai. No meu mundo, tecnicamente não existe nada que se possa chamar de digressão! Todos os caminhos levam a mim.

Silêncio.

Uma pulsação.

Mas, antes de fazer um corte para o Tempo Presente, permitam-me minha pequena fantasia. Preciso dela. Não sou só paetês e lantejoulas, meninos e meninas, será que vocês não vêem? Simplesmente é mais forte do que eu.

Além do mais, se vocês realmente não conseguem agüentar ler isso aqui, então passem já para o Capítulo 2. Andem logo!

E para aqueles de vocês que me amam de verdade, que querem entender cada nuance da história que se segue, convido-os a me acompanhar. Por favor, continuem a ler.

Quero ser santo. Quero salvar almas aos milhões. Quero fazer o bem por toda parte. Quero ter minha estátua de gesso em tamanho natural em todas as igrejas do mundo. Eu, com um metro e oitenta de altura e olhos azuis como contas de vidro, com um longa túnica de veludo púrpura, as mãos delicadamente afastadas, contemplando os fiéis que oram enquanto tocam meus pés.

“Lestat, cura meu câncer, encontra meus óculos, ajuda meu filho a se livrar das drogas, faz meu marido me amar.”

Na Cidade do México, os rapazes chegam às portas dos seminários segurando firme pequenas imagens minhas, enquanto mães choram diante de mim na Catedral: “Lestat, salva meu pequenino. Lestat, faz sumir a dor. Lestat, estou conseguindo andar! Olhem, a estátua está se mexendo, estou vendo lágrimas!”

Traficantes depõem as armas diante de mim em Bogotá, na Colômbia. Assassinos caem de joelhos, murmurando meu nome.

Em Moscou, o patriarca faz uma reverência diante de minha imagem, com um

menino aleijado nos braços, e o menino fica visivelmente curado.

Milhares voltam a frequentar a igreja na França graças à minha intercessão, com as pessoas murmurando ali, em pé diante de mim: “Lestat, fiz as pazes com minha irmã ladra. Lestat, abandonei minha amante terrível. Lestat, denunciei as falcatruas do banco. Esta é a primeira vez em que vou à missa em anos. Lestat, vou entrar para o convento e nada poderá me impedir.”

Em Nápoles, enquanto o Vesúvio entra em erupção, minha estátua é levada em procissão para conter a lava antes que ela destrua as cidadezinhas litorâneas. Em Kansas City, milhares de alunos passam em fila diante de minha imagem jurando fazer sexo seguro ou, então, nada. Durante a missa, minha intercessão especial é invocada por toda a Europa e América.

Em Nova York, uma turma de cientistas anuncia ao mundo inteiro que, graças à minha intercessão específica, eles conseguiram criar uma droga inodora, sem sabor e inofensiva que produz o barato total do crack, da cocaína e da heroína combinados, que é baratíssima, totalmente disponível e perfeitamente lícita! O tráfico de drogas está destruído para sempre!

Senadores e deputados soluçam e se abraçam ao ouvir a notícia. Minha estátua é imediatamente instalada na Catedral Nacional.

Por toda parte, compõem-se hinos para mim. Sou o tema de poesia sacra. Exemplares da minha santa biografia (uma dúzia de páginas), com ilustrações coloridas, são impressas aos bilhões. As pessoas apinham-se na Catedral de St. Patrick, em Nova York, para deixar seus pedidos de próprio punho numa cesta diante da minha imagem.

Pequenas réplicas de mim estão em penteadeiras, tampos de armários de cozinha, escrivaninhas, mesas de computador pelo mundo inteiro. “Você não ouviu falar nele? Reze para ele, seu marido vai virar um cordeirinho, sua mãe vai parar de perseguir você, seus filhos lhe farão visitas todos os domingos. Depois, em ação de graças, mande seu dinheiro para a igreja.”

Onde estão meus restos? Não os tenho. Meu corpo inteiro foi transformado em relíquias, alguns fragmentos encaixados no fundo oco de cruzeiros, alguns em medalhões que podem ser usados pendurados em correntes no pescoço. Sinto todas essas relíquias. Consigo adormecer com a percepção da sua influência. “Lestat, me ajuda a parar de fumar. Lestat, meu filho gay vai para o Inferno? (De modo algum.) Lestat, estou morrendo. Lestat, nada vai trazer meu pai de volta. Lestat, essa dor não terminará nunca. Lestat, Deus existe de verdade?” (Sim!)

Dou resposta a todos. Paz, a certeza do sublime, a irresistível alegria da fé, o fim de toda dor, a profunda abolição da falta de sentido.

Eu faço diferença. Sou conhecido por toda parte e com assombro. Sou inevitável! Penetrei na corrente da história! Escrevem sobre mim nas páginas do New

York Times.

E, enquanto isso, estou no Paraíso com Deus. Estou com o Senhor na Luz, o Criador, a Divina Origem de Todas as Coisas. A solução para todos os mistérios está ao meu alcance. Por que não? Sei a resposta para decididamente todas as perguntas.

Deus diz: “Você deveria aparecer para as pessoas. É o devido trabalho de um grande santo. As pessoas lá embaixo esperam isso de você.”

E assim eu deixo a Luz e venho flutuando lentamente na direção do planeta verde. Ocorre uma ligeira e prudente perda do Pleno Entendimento à medida que entro deslizando na atmosfera da Terra. Nenhum santo pode trazer a Plenitude do Conhecimento para o Mundo porque o Mundo não conseguiria captá-la.

Adorno-me com minha antiga personalidade humana, pode-se dizer, mas ainda sou um grande santo e estou totalmente preparado para uma aparição. E aonde vou? Aonde, na sua opinião?

A Cidade do Vaticano está num silêncio mortal, o menor reino da Terra.

Estou no quarto do Papa. E como a cela de um monge: apenas uma cama estreita e uma cadeira de espaldar reto. Tão simples.

João Paulo II, com seus oitenta e dois anos, está sofrendo. A dor em seus ossos é excessiva para um sono verdadeiro, o tremor do mal de Parkinson muito forte, a artrite já espalhou-se em demasia, a devastação da velhice sobre seu corpo é impiedosa.

Aos poucos, ele abre os olhos e me cumprimenta em inglês:

— São Lestat, por que você veio a mim? Por que não o Padre Pio?

Não é uma recepção calorosa.

Mesmo assim, ele não tem a intenção de me desdenhar. É uma pergunta perfeitamente compreensível. O Papa ama Padre Pio. Ele canonizou centenas de santos. E provável que ame todos eles. Mas como amava Padre Pio! Quanto a mim, não sei se me amava quando me canonizou, porque ainda não escrevi a parte da história em que sou canonizado. E, no instante em que escrevo estas palavras, faz uma semana que Padre Pio foi canonizado.

(Assisti à história toda na televisão. Os vampiros adoram TV)

Voltemos ao momento.

A frígida tranquilidade dos aposentos papais, tão austeros, apesar das dimensões palacianas. Velas estão acesas na capela particular do Papa. O Papa geme de dor.

Ponho minhas mãos curadoras sobre ele e expulso seu sofrimento. Uma calma penetra em seus membros. Ele olha para mim com um olho, o outro está espremido, quase fechado, como costuma ser típico dele, e, entre nós, de repente, surge um entendimento; ou melhor, eu chego a perceber algo nele que o mundo inteiro deveria

saber.

Seu profundo altruísmo, sua profunda espiritualidade, não vêm apenas do seu total amor por Cristo, mas da vida que ele levou sob o regime comunista. As pessoas se esquecem. O comunismo, apesar de todas as suas crueldades e abusos hediondos, é em sua essência um código espiritual ostensivo. E, antes que aquele impressionante governo puritano encobrisse a juventude de João Paulo, os violentos paradoxos e absurdos horripilantes da Segunda Guerra Mundial o cercaram, ensinando-lhe coragem e abnegação. O homem nunca, jamais, viveu em nada que não fosse um Mundo Espiritual. A privação e a renúncia estão entrelaçadas em sua história como a dupla-hélice do DNA.

Não surpreende que ele não consiga abandonar suas suspeitas profundamente arraigadas das vozes ensurdecadoras dos prósperos países capitalistas. Ele simplesmente não consegue captar a pura caridade que pode brotar da abundância, a sublime imensidão da visão possível a partir do ponto privilegiado do excesso garantido, o desprendimento e a vasta ambição de sacrifício que pode nascer quando todas as necessidades são sobejamente atendidas.

Posso abordar este assunto com ele neste momento tranqüilo? Ou eu deveria apenas garantir-lhe que ele não deve se preocupar com a “ganância” do Ocidente?

Converso baixinho com ele. Começo a elucidar esses pontos. (É, eu sei que ele é o Papa e que eu sou um vampiro que escreve esta história; mas, nesta narrativa, sou um grande Santo. Não posso me deixar intimidar dentro do limite dos riscos da minha própria obra!)

Faço com que se lembre de que os sublimes princípios da filosofia grega surgiram na prosperidade e lentamente, com aceitação, ele concorda. O Papa possui uma formação filosófica perfeita. Muita gente também desconhece esse seu aspecto. Mas preciso fazer com que aceite algo infinitamente mais profundo.

Vejo com tanta clareza. Enxergo tudo.

Nosso maior erro no mundo inteiro é nossa insistência em encarar cada novo desdobramento como uma culminação ou um clímax. O famoso “afinal” ou “ao último nível”. Um fatalismo constitucional ajusta-se de forma contínua ao presente em eterna mutação. Um alarmismo difuso acolhe cada avanço. Há dois mil anos, estamos “perdendo o controle”.

Naturalmente, isso decorre da nossa suscetibilidade para encarar o “agora” como o Tempo Final, uma obsessão apocalíptica que persiste desde que Cristo subiu aos Céus. Precisamos parar com isso! Precisamos perceber que estamos na aurora de uma era sublime! Os inimigos não mais serão derrotados. Serão devorados e transformados.

É este, porém, o ponto que quero comprovar mesmo: o modernismo e o materialismo — elementos que a Igreja temeu por tanto tempo — estão atravessando



sua infância filosófica e prática! Sua natureza sacramental mal acaba de ser revelada!

Deixem para lá os erros infantis! A revolução eletrônica transmutou o mundo industrial muito além do que poderia prever qualquer pensamento do século XX. Ainda estamos sentindo as dores do parto. Mergulhem nisso! Trabalhem com isso! Ajam de acordo!

A rotina da vida para milhões nos países desenvolvidos é não só confortável, mas um acúmulo de maravilhas que beira o milagre. E assim surgem novos desejos espirituais que são infinitamente mais corajosos que os propósitos missionários do passado.

Precisamos dar testemunho do total fracasso do ateísmo político. Pensem nisso. Virou sucata, o sistema inteiro. Com exceção da ilha de Cuba, talvez. Mas o que Castro consegue provar? E até mesmo os manipuladores do poder de índole mais secular nos Estados Unidos transpiram uma virtude extrema, como se isso fosse o natural. E por isso que surgem os escândalos empresariais! É por isso que as pessoas ficam tão indignadas! Sem moral, não há escândalo. Na realidade, é possível que precisemos reexaminar todas aquelas áreas da sociedade que, de modo tão descuidado, rotulamos de “seculares”. Na realidade, quem não tem crenças altruístas profundas e inabaláveis?

O cristianismo judaico é a religião do Ocidente secular, não importa quantos milhões aleguem desconsiderá-lo. Seus princípios profundos estão internalizados nos agnósticos mais distanciados e intelectualizados. Suas expectativas influenciam tanto Wall Street como os cumprimentos habituais trocados numa praia lotada na Califórnia ou numa reunião entre os chefes de Estado da Rússia e dos Estados Unidos.

Logo surgirão tecno-santos — se já não surgiram — para dissolver a pobreza de milhões com enxurradas de mercadorias e serviços bem distribuídos. As comunicações erradicarão o ódio e a dissensão enquanto as lan-houses continuam a brotar como flores por toda parte nos bairros pobres da Ásia e do Oriente. A televisão a cabo trará uma infinidade de novos programas à vastidão do mundo árabe. Até mesmo a Coreia do Norte será penetrada.

Minorias na Europa e na América serão assimiladas por completo e com resultados frutíferos, através da disseminação do uso do computador. Como já foi descrito, a ciência médica descobrirá substitutos econômicos e inofensivos para a cocaína e a heroína, com isso eliminando totalmente o nocivo tráfico de drogas. Toda a violência em breve dará lugar a um refinamento de debates e trocas de conhecimento. Atos concretos de terrorismo continuarão a ser obscenos exatamente por sua raridade, até que cessem de uma vez.

Quanto à sexualidade, a revolução sob esse aspecto é de tamanha dimensão

que no momento não podemos começar a compreender todas as suas ramificações. Saias curtas, cabelos curtos, namoro dentro de carros, mulheres no trabalho, homossexuais apaixonados — já estamos tontos só com os movimentos iniciais. Nosso conhecimento científico e controle da reprodução nos dá um poder jamais imaginado em séculos anteriores e o impacto imediato não é mais que uma sombra do que está por vir. Precisamos respeitar os imensos mistérios do espermatozoide e do óvulo, os mistérios da química do sexo, da escolha e da atração sexual. Todos os filhos de Deus hão de se beneficiar com o aumento de nosso conhecimento, mas repetir isso é só o começo. Precisamos ter a coragem de abraçar a beleza da ciência em nome do Senhor.

O Papa escuta. E sorri.

Eu prossigo.

A imagem de Deus Encarnado, tornado Homem pelo fascínio que sentiu por Sua própria Criação, há de triunfar no Terceiro Milênio como o símbolo supremo do Sacrifício Divino e do Amor Insondável.

São necessários milhares de anos para que se compreenda o Cristo Crucificado, digo eu. Por exemplo, por que ele desceu à Terra para viver trinta e três anos? Por que não vinte? Por que não vinte e cinco? Daria para se refletir sobre essas coisas eternamente. Por que Cristo precisou começar como bebê? Quem quer ser um bebê? Será que ser bebê fazia parte da nossa salvação? E por que escolher aquela época histórica específica? E logo aquele lugar!

Terra, saibro, areia, pedras por toda parte — nunca vi tantas pedras como na Terra Santa — pés descalços, sandálias, camelos, imaginem aquela época. Não surpreende que eles apedrejassem as pessoas! Será que o fato de Cristo ter vindo naquela era estava de algum modo relacionado com a total simplicidade dos trajes e do cabelo? Acho que sim. Folheiem um livro sobre o vestuário no mundo — sabem, uma boa enciclopédia que os guie desde a antiga Suméria até Ralph Lauren — e não conseguirão encontrar nada mais simples em termos de trajes e penteado do que a Galiléia no século I.

Estou falando sério, digo ao Santo Padre. Cristo levou tudo isso em conta. Era preciso. Como Ele poderia não ter agido assim? Sem dúvida, Ele sabia que Suas imagens haveriam de proliferar exponencialmente.

Além disso, creio que Cristo escolheu a Crucificação porque, daquele momento em diante, em todas as imagens, Ele seria visto estendendo os braços num abraço amoroso. Quando se passa a ver o Crucifixo dessa maneira, tudo muda. Vê-se que Ele está aberto para o Mundo. Ele sabia que a imagem precisava ser duradoura. Sabia que ela precisava ser passível de abstração. Sabia que ela precisava ser passível de reprodução. Não é por acaso que nós pegamos a imagem dessa morte horrenda e a usamos em volta do pescoço presa numa corrente. Deus pensa em tudo

isso, não pensa?

O Papa ainda está sorrindo.

— Se você não fosse um santo, eu riria de você — diz ele. — Por sinal, exatamente quando você está esperando o surgimento desses tecno-santos?

Estou feliz. Ele volta a parecer o velho Woityla, o Papa que ainda saía para esquiar aos setenta e três anos de idade. Minha visita valeu a pena.

E, afinal de contas, não podemos todos ser Padre Pio ou Madre Teresa. Eu sou São Lestat.

— Darei lembranças suas ao Padre Pio — murmuro eu.

Mas o Papa está cochilando. Ele abafa um risinho e adormece. E nisso que dá minha importância mística. Fiz com que ele dormisse. Mas o que eu estava esperando, especialmente do Papa? Ele trabalha tanto. Sofre. Pensa. Neste ano, já viajou à Ásia e ao leste da Europa e em breve irá a Toronto, Guatemala e México. Não sei como consegue fazer tudo isso.

Ponho minha mão na testa dele.

E vou embora.

Desço a escada até a Capela Sistina. É claro que está vazia e escura. E gelada também. Mas não se preocupem, meus olhos de santo são tão bons quanto meus olhos de vampiro e eu consigo ver a magnificência avassaladora.

Sozinho — isolado do mundo e de todas as coisas — estou ali, parado. Tenho vontade de me deitar no chão de bruços, como um padre na hora da ordenação. Quero ser padre. Quero consagrar a hóstia! Quero tanto isso que esse desejo me dói. **NÃO QUERO FAZER O MAL.**

Mas a verdade é que minha fantasia de São Lestat está se dissipando. Tenho consciência do que ela é e não consigo mantê-la.

Sei que não sou nenhum santo, nunca fui e nunca serei. Nenhum estandarte com minha imagem jamais foi desfraldado na Praça de São Pedro, à luz do sol. Nenhuma multidão de centenas de milhares aplaudiu minha canonização. Nenhuma fila de cardeais compareceu à cerimônia, porque ela nunca ocorreu. E não tenho nenhuma fórmula inodora, sem sabor, inofensiva que imite com exatidão uma mistura de crack, heroína e cocaína, de modo que não posso salvar o mundo.

Nem mesmo estou parado na Capela Sistina. Estou muito longe dela, num lugar aconchegante, embora com a mesma solidão.

Sou um vampiro. Há mais de duzentos anos amo o que sou. Estou cheio do sangue de outros até a raiz dos cabelos. Estou poluído com ele. Sou tão amaldiçoado quanto a Hemorroíssa antes de tocar a bainha da túnica de Cristo em Cafarnaum! Vivo de sangue. Em termos rituais, sou impuro.

E só existe um milagre que eu consigo operar. Nós o chamamos de Dom das Trevas e eu estou prestes a fazê-lo.

E vocês acham que toda essa culpa vai me impedir? Nada, nunca, mais non, pode esquecer, larga do meu pé, de jeito nenhum, nem de brincadeira, me poupe, sem chance.

Eu disse a vocês que voltaria, não disse?

Sou irreprimível, imperdoável, incontrolável, despudorado, inconseqüente, irremediável, sem coração, irrefreável, a criança rebelde, destemido, impenitente, sem salvação.

E, meu bem, há uma história a ser contada.

Os sinos do Inferno estão me chamando. Hora da farra!

ENTÃO CORTA PARA:

## CAPÍTULO 2



### FAZENDA BLACKWOOD: EXTERNA; ANOITECER.

Um pequeno cemitério rural à beira de um pântano de ciprestes, com uma dúzia ou mais de velhas sepulturas de cimento, a maioria dos nomes apagada há muito tempo e um desses túmulos retangulares erguidos do chão, enegrecido com a fuligem de um incêndio recente, tudo isso cercado por uma pequena cerca de ferro e quatro carvalhos imensos, do tipo que sofre com o excesso de peso dos galhos, e o céu da cor perfeita de lilases, e o calor do verão agradável e acariciante e...

...pode apostar que estou com minha sobrecasaca preta de veludo (detalhe: ajustada na cintura, com botões de latão) e minhas botas de motoqueiro e uma camisa de linho novinha em folha, com montes de renda nos punhos e no colarinho (pobre do imbecil que debochar de mim por causa disso!); e nesta noite não cortei minha cabeleira loura que chega até os ombros, na qual às vezes passo a tesoura para variar, e deixei de lado meus óculos de lentes da cor de violeta porque quem se importa com o fato de meus olhos chamarem atenção? E minha pele ainda apresenta aquele bronzeado fantástico decorrente daquela minha tentativa de suicídio anos atrás, quando me expus ao sol implacável do Deserto de Gobi, e estou pensando...

...Dom das Trevas... é... operar o milagre, eles precisam de você, lá em cima na Casa Grande, seu Príncipe Moleque, seu xeque entre os vampiros, pare com essas rumações e tristezas aqui embaixo, apareça, há uma situação delicada lá em cima na Casa Grande... e já está NA HORA DE EU LHES CONTAR O QUE HOUE E É O QUE FAÇO:

Eu ANDAVA DE UM LADO PARA O OUTRO, tendo acabado de me levantar de meu esconderijo secreto, e chorava amargamente por outro Bebedor de Sangue, que havia encontrado seu fim nesse mesmo cemitério, na sepultura enegrecida já mencionada, num incêndio enorme e por sua própria vontade, abandonando-nos bem ontem à noite, sem o menor aviso.

Essa foi Merrick Mayfair, que passou somente três anos ou menos entre os

Mortos-vivos, e eu a havia convidado para vir aqui à Fazenda Blackwood para me ajudar a exorcizar um espírito maléfico que vinha atormentando Quinn Blackwood desde a infância. A chegada de Quinn ao Sangue era muito recente e ele me procurou pedindo ajuda contra esse fantasma que, longe de deixá-lo quando da sua transformação de mortal em vampiro, tinha simplesmente se tornado mais forte e mais cruel. Na verdade, o fantasma causou a morte da mortal mais querida de Quinn, sua tia-avó Queen, de oitenta e cinco anos de idade, ao fazer com que a bela senhora caísse. Eu precisava de Merrick Mayfair para exorcizar esse espírito maligno para sempre.

Goblin era o nome desse fantasma. E como Merrick Mayfair, antes de procurar o Sangue Negro, havia sido uma estudiosa e feiticeira, calculei que ela possuísse a força necessária para se livrar dele.

Bem, ela veio e resolveu o enigma de Goblin. E, tendo armado um altar elevado com carvão e lenha, ao qual ateou fogo, ela não só incinerou o cadáver do maligno mas também desapareceu nas chamas com ele. O espírito se foi e foi-se também Merrick Mayfair.

É claro que tentei arrancá-la da fogueira, mas sua alma já havia alçado vôo e, por mais que eu derramasse meu sangue sobre seus restos queimados, não houve possibilidade de fazê-la reviver.

Enquanto caminhava de um lado para o outro, chutando a terra do cemitério, tive a impressão de que os imortais que acham que desejam o Sangue Negro perecem com uma facilidade infinitamente maior do que aqueles de nós que nunca o pediram. Talvez a raiva da violação nos sustente por séculos.

Mas, como eu disse, estava acontecendo alguma coisa na Casa Grande.

Enquanto andava de um lado para o outro, estava pensando no Dom das Trevas, sim. Dom das Trevas, a criação de mais um vampiro.

Mas por que eu estava sequer considerando uma coisa dessas? Eu, que em segredo quero ser santo? Sem dúvida, o sangue de Merrick Mayfair não estava gritando da Terra, pedindo por mais um recém-nascido. Pode riscar essa idéia. E aquela era uma dessas noites em que cada vez que eu respirava tinha a sensação de um pequeno desastre metafísico.

Levantei os olhos para a Mansão, como eles chamam o solar no alto da elevação, com suas colunas brancas da altura de dois andares e muitas janelas iluminadas, o lugar que havia sido nas últimas noites o ponto central de minha dor e de minha sorte, e tentei calcular de que modo deveria me comportar — para o benefício de todos os envolvidos.

Primeira consideração: a Mansão Blackwood estava fervilhando com mortais que de nada suspeitavam, mortais que me eram caríssimos apesar do curto tempo de conhecimento. E com “de nada suspeitavam” quero dizer que eles nunca tinham

imaginado que seu amado Quinn Blackwood, o senhor da casa, ou que seu misterioso novo amigo, Lestat, fossem vampiros. E essa era a vontade expressa de Quinn, do fundo do coração e da alma — a de que nenhum mal inoportuno acontecesse, porque aquele era seu lar e, embora fosse um vampiro, não estava pronto para romper os laços.

Entre esses mortais estavam Jasmine, a versátil governanta negra, espetacular no que diz respeito à aparência (falaremos mais sobre isso à medida que formos prosseguindo, espero, porque não consigo resistir), e ex-amante de Quinn; seu filhinho Jerome, concebido antes de Quinn ser transformado em vampiro, é claro, de quatro anos de idade, correndo para cima e para baixo pela escadaria em caracol, só para se divertir, calçando tênis brancos um pouco grandes para seu tamanho, e Grande Ramona, avó de Jasmine, uma majestosa senhora negra com o cabelo branco preso num coque, abanando a cabeça, falando sozinha, na cozinha preparando o jantar para só Deus sabe quem, e seu neto, Clem, negro forte e esguio, parecendo ter sido derramado num molde felino, trajado com um terno preto acompanhado por uma gravata, parado bem do lado de dentro da grande porta da frente, olhando para a escada. Ele era motorista da senhora da casa, a recém-falecida tia Queen, por quem todos eles ainda choravam abatidos, cheios de suspeitas do que estava acontecendo no quarto de Quinn e com razão.

Nos fundos do corredor do andar superior, estava o antigo preceptor de Quinn, Nash Penfield, em seu quarto, sentado com Tommy Blackwood, de treze anos, que, na realidade, pelo sangue, era tio de Quinn, mas seria mais correto descrevê-lo como seu filho adotivo. Os dois estavam conversando diante da lareira acesa naquele verão frio e Tommy, um rapaz impressionante por qualquer parâmetro, chorava baixinho a morte da velha senhora, à qual acabei de me referir, com quem Tommy havia viajado por toda a Europa durante três anos, “para sua formação”, como Dickens poderia ter dito.

Lá para os fundos da propriedade, estavam os homens do barracão. Allen e Joel, sentados numa parte aberta e iluminada do galpão, lendo a Weekly World News e se acabando de tanto rir, enquanto a televisão estridente transmitia futebol americano. Havia uma limusine gigantesca diante da casa e outra nos fundos.

Quanto à Casa Grande, permitam-me entrar em detalhes. Eu a adorava. Considerava suas proporções perfeitas, o que nem sempre ocorria em casas americanas inspiradas na arquitetura grega; mas esta, ativa em seu platô, era mais do que agradável e convidativa, com sua longa entrada ladeada por nogueiras-pecãs e as janelas majestosas em toda a volta.

Por dentro? O que os americanos chamam de aposentos gigantescos. Sem pó, manicurados. Cheios de relógios sobre os consolos das lareiras, espelhos, retratos pintados, tapetes persas e a inevitável combinação de mobília de mogno do século

XIX que as pessoas misturam com cópias dos estilos clássicos de Hepplewhite e Luís XIV para obter aquela aparência que chamam de tradicional ou antiga. E tudo mergulhado no inevitável zumbido de um fortíssimo ar-condicionado que, não só refrescava o ar como por mágica, mas também proporcionava a Privacidade de Som que tanto transformou o sul nestes nossos tempos.

Eu sei. Eu sei. Eu deveria ter descrito a cena antes de descrever as pessoas. E daí? Eu não estava raciocinando com lógica. Estava refletindo ferozmente. Não conseguia deixar para trás o destino de Merrick Mayfair.

É claro que Quinn alegou ter visto a Luz dos Céus recebendo tanto o tal fantasma indesejado como Merrick e para ele a cena no cemitério havia sido uma revelação — algo muito diferente do que foi para mim. Tudo o que eu vi foi Merrick se imolando. Eu soluçava, gritava e praguejava.

Está bem, chega de Merrick. Mas não se esqueçam dela, porque decididamente haverá referências a Merrick mais tarde. Quem sabe? Talvez eu a traga de volta quando me der na telha. Afinal, quem é o responsável por este livro? Não, não levem isso a sério. Prometi uma história e é uma história que vão receber.

A questão é, ou era, que, graças ao que estava acontecendo naquele instante na Casa Grande, eu não tinha tempo para toda essa ruminação. Havíamos perdido Merrick. Perdêramos a vibrante e inesquecível tia Queen. Era dor em meu passado e dor no que ainda estava por vir. Mas uma enorme surpresa acabava de ocorrer e meu querido Quinn precisava de mim sem demora.

É claro que ninguém estava fazendo com que eu me interessasse pela Fazenda Blackwood.

Eu poderia simplesmente ter me mandado.

Quinn, o novato, havia recorrido a Lestat, o Magnífico (é, gosto mesmo deste título), para ajudá-lo a livrar-se de Goblin. E, em termos técnicos, já que Merrick levava consigo o fantasma, minha missão aqui estava encerrada e eu poderia ir embora pelo crepúsculo de verão, com toda a criadagem ao redor se perguntando: “Afinal de contas, quem era esse cara deslumbrante?”, mas eu não conseguia deixar Quinn.

Quinn estava numa enrascada de verdade com esses mortais. E eu estava apaixonadíssimo por ele. Quinn, com vinte e dois anos quando foi Batizado no Sangue, era um vidente e um sonhador, inconscientemente encantador e infalivelmente generoso, um atormentado caçador da noite que se nutria apenas com o sangue dos condenados e a companhia dos amorosos e edificantes.

(Os amorosos e edificantes??? Como eu, por exemplo??? Quer dizer que o garoto está se enganando. Além do mais, eu estava tão apaixonado que me esforçava para fazer uma boa figura diante dele. E vão querer me condenar por amar pessoas que fazem vir à tona o amor que existe em mim? Isso é assim tão horrível para um



monstro em tempo integral? Logo, vocês vão entender que eu estou sempre falando da minha evolução moral! Mas, por enquanto: o enredo.)

Posso “me apaixonar” por qualquer um — homem, mulher, criança, vampiro, o Papa. Não importa. Sou o perfeito cristão. Vejo os dons de Deus em todos. Mas a verdade é que qualquer um amaria Quinn. Amar pessoas como Quinn é fácil.

Agora, voltemos à questão em pauta. O que me traz de volta ao quarto de Quinn, onde ele se encontrava nesse momento delicado.

Antes que ele ou eu tivéssemos despertado nessa noite — e eu havia levado o rapaz de um metro e noventa, de cabelos negros e olhos azuis, até um de meus esconderijos mais secretos — uma garota mortal havia chegado à Mansão, deixando todos apavorados.

Era esse o motivo que fazia Clem ficar olhando para o alto da escada, Grande Ramona resmungar e que deixou Jasmine passando mal de tão preocupada, retorcendo as mãos, enquanto ia de um lado para o outro nos seus escarpins de salto alto. E até o pequeno Jerome estava empolgado, ainda subindo e descendo a escadaria circular a toda a velocidade. Até mesmo Tommy e Nash tinham interrompido suas lamentações de pesar mais cedo para dar uma olhada rápida nessa garota mortal e se oferecer para ajudá-la em sua aflição.

Examinar os pensamentos dela era bastante fácil para mim e com isso obtive um quadro da cena, desse acontecimento impressionante e estranho. Por sinal, também vasculhei a mente de Quinn para ver qual seria o resultado.

E eu estava também invadindo o pensamento da própria garota mortal, sentada ali na cama de Quinn, numa enorme profusão aleatória de flores, um monte realmente maravilhoso de flores espalhadas a esmo, conversando com Quinn.

Desde o início, tudo era uma cacofonia de mentes passando-me informações. E a história toda fez com que uma pequena onda de pânico atravessasse minha alma enorme e corajosa. Recorrer ao Dom das Trevas? Fazer mais um de nós? Dor e Pesar! Tristeza e Desgraça! Socorro, Assassino, Polícia!

Será que eu realmente quero roubar mais uma alma das correntes do destino humano? Eu, que quero ser santo? E que um dia troquei idéias pessoalmente com anjos? Eu, que aleguei ter visto a Encarnação de Deus? Trazer outro ser para o — preparem-se! — Reino dos Mortos-vivos?

Comentário: uma das maravilhas de meu amor por Quinn era o fato de eu não o ter feito. O rapaz chegara a mim sem nenhum custo. Eu me senti um pouco como Sócrates devia se sentir com todos aqueles garotos gregos lindos procurando-o em busca de conselhos. Quer dizer, até aparecer alguém com a Cicuta Ardente.

De volta ao momento atual: se eu possuía algum rival neste mundo na luta pelo coração de Quinn, era essa garota mortal. E ele estava lá em cima, oferecendo-lhe em murmúrios frenéticos a promessa do nosso Sangue, o dom imperfeito da nossa

imortalidade. É, essa oferta explícita estava saindo dos lábios de Quinn. Pelo amor de Deus, garoto, demonstre alguma fibra, pensei. Você viu a Luz dos Céus ontem à noite!

Mona Mayfair era o nome desta garota. Mas ela nunca soubera da existência nem ouvira falar de Merrick Mayfair. Portanto, tratem de cortar essa ligação agora mesmo. Merrick era uma quadrarona, nascida entre os Mayfairs “de cor” que moravam no centro da cidade e Mona pertencia aos Mayfairs brancos do Garden District. E era provável que Mona jamais houvesse ouvido uma palavra sequer a respeito de Merrick ou dos parentes de cor. Quanto a Merrick, ela nunca demonstrara interesse pela famosa família branca. Havia seguido seu próprio caminho.

No entanto, Mona era uma bruxa autêntica — tanto quanto Merrick havia sido. E o que é uma bruxa? Bem, é alguém que lê pensamentos, um ímã para atrair espíritos e fantasmas, alguém que possui outros talentos ocultos. E eu, nos últimos dias, havia ouvido de Quinn o suficiente a respeito do ilustre clã Mayfair para saber que os primos de Mona, todos eles bruxos, se não estou equivocado, estavam sem dúvida no encalço da garota neste exato momento, desesperados de preocupação com a criança.

De fato, eu havia visto de relance três membros desta tribo extraordinária (e um deles era um padre bruxo, nada menos que um padre bruxo! Não quero nem pensar nisso!) na missa fúnebre de tia Queen e o motivo pelo qual eles estavam demorando tanto para vir atrás de Mona estava me deixando perplexo, a menos que estivessem deliberadamente dando tempo ao tempo por motivos que em breve se esclareceriam.

Nós, vampiros, não gostamos de bruxas. Conseguem imaginar por quê? Qualquer vampiro que se preze, mesmo que tenha três mil anos de idade, consegue enganar mortais, pelo menos por um tempo. E os jovens, como Quinn, passam despercebidos, sem levantar perguntas. Jasmine, Nash, Grande Ramona — todos aceitavam Quinn como humano. Excêntrico? Vítima de insanidade mental? Sim, acreditavam em tudo isso a respeito dele. Mas achavam que era humano. E Quinn poderia viver entre eles por um bom tempo. E, como já expliquei, eles achavam que eu era humano também, embora fosse provável que comigo isso não durasse tanto.

Agora, com bruxas, são outros quinhentos. As bruxas percebem todos os tipos de pequenos detalhes em outras criaturas. E algo relacionado ao exercício constante e espontâneo de seus poderes. Isso eu havia captado na missa fúnebre, só de respirar o mesmo ar que a dra. Rowan Mayfair e seu marido, Michael Curry e o padre Kevin Mayfair. Mas, felizmente, eles estavam distraídos por uma infinidade de outros estímulos e eu não precisei fugir correndo.

Então é isso. Onde é que eu estava? Ah, certo. Mona Mayfair era uma bruxa, uma bruxa de extremo talento. E uma vez que o Sangue Negro entrara em Quinn

havia cerca de um ano, ele jurou nunca mais vê-la, muito embora ela estivesse morrendo, por temer que a garota pudesse de imediato perceber que o mal lhe roubara a vida. E Quinn se recusava a contaminá-la.

Por sua própria vontade, porém, e para enorme espanto de todos, Mona havia chegado cerca de uma hora antes, dirigindo a moderna limusine da família, que roubara do motorista no lado de fora do Centro Médico Mayfair, onde ela estava morrendo havia mais de dois anos. (Ele estava esticando as pernas, o pobre coitado, fumando um cigarro, quando ela partiu a toda a velocidade, e a última imagem no pensamento de Mona era a do pobre homem correndo atrás dela.)

De lá, ela seguiu de uma floricultura a outra, onde o nome Mayfair era o mesmo que dinheiro em caixa, recolhendo gigantescos ramos de flores ou buquês soltos, o que houvesse para entrega imediata, e atravessou o “vão duplo”, como chamam a longa ponte sobre o lago, para chegar à Mansão Blackwood, saltando do carro descalça, enrolada numa camisola de hospital toda aberta, simplesmente um horror — um esqueleto cambaleante com a pele toda roxa, pendurada nos ossos, e a cabeleira ruiva comprida e desgrenhada. Ordenou a Jasmine, Clem, Allen e Nash que levassem as flores para o quarto de Quinn, afirmando que tinha permissão de Quinn para amontoá-las sobre a cama de dossel. Trata-se de um pacto. Não se preocupem.

Como todos estavam apavorados, cumpriram as ordens dela.

Afinal de contas, todos sabiam que Mona Mayfair havia sido o amor da vida de Quinn, antes de que sua querida tia Queen, contadora de histórias e uma desbravadora do mundo, insistisse com ele para acompanhá-la à Europa em sua “última viagem”, que não se sabe como, havia se estendido por três anos inteiros. Quando Quinn voltou para casa, descobriu Mona em isolamento no Centro Médico Mayfair, totalmente fora do seu alcance.

Então, o Sangue Negro chegara a Quinn, em meio à venalidade e violência, e mais um ano se passou com Mona por trás dos vidros do hospital, fraca demais até mesmo para escrever um bilhete ou olhar de relance para as flores que Quinn lhe mandava de presente todos os dias e...

Voltemos ao bando de criados ansiosos que se apressaram a levar as flores para o quarto lá em cima.

Não havia a menor possibilidade de a garota descarnada, e aqui estamos falando de alguém com vinte anos de idade, é isso o que chamo de garota, conseguir subir a escadaria em espiral e o cortês Nash Penfield, antigo preceptor de Quinn, moldado por Deus para ser o perfeito cavalheiro (responsável também em grande parte pelo refinamento da educação de Quinn), carregou-a lá para cima e a depositou em seu “leito de flores”, como Mona disse, garantindo-lhe que as rosas eram sem espinhos. E ali ela se recostou na cama de dossel entremeando fragmentos de frases

de Shakespeare com suas próprias palavras, a saber:

“Por favor, permitam que eu, ao meu leito nupcial, assim adornado, me recolha e que depois espalhem as flores sobre meu túmulo.”

Foi nesse ponto que Tommy, de treze anos, apareceu no portal do quarto e, ainda imerso em sua dor terrível pela perda de tia Queen, ficou tão perturbado com a visão de Mona, que começou a tremer forte. Com isso, Nash, assombrado, levou-o dali enquanto Grande Ramona ficava, para declarar num murmúrio teatral digno do Bardo:

— Essa garota está morrendo!

Ao ouvir essas palavras, a pequena Ofélia ruiva deu uma risada. O que mais? E pediu uma lata de refrigerante diet gelado.

Jasmine achava que a menina ia bater as botas naquele instante, o que poderia facilmente ter ocorrido, mas a criança disse que não, que ela ia esperar por Quinn e pediu que todos saíssem. E, quando Jasmine voltou correndo com o refrigerante gelado num copo borbulhante com um canudinho dobrado, a menina mal bebeu.

Pode-se viver a vida inteira nos Estados Unidos sem jamais ver um mortal nessa condição.

Mas, no século XVIII, quando eu nasci, isso era bastante comum. As pessoas morriam de inanição nas ruas de Paris naquela época. Morriam por toda parte. A mesma situação prevaleceu na Nova Orleans do século XIX, quando começaram a chegar os irlandeses famintos. Viam-se muitos mendigos em pele e osso. Agora, é necessário ir às “missões no estrangeiro” ou a certas enfermarias de hospitais para ver gente sofrendo como Mona Mayfair.

Grande Ramona fez mais uma declaração: de que aquela era a mesma cama em que sua filha (Pequena Ida) havia morrido e que não era uma cama para uma criança doente. Mas Jasmine, sua neta, mandou que ela se calasse e Mona caiu na risada, tanto que entrou em agonia e começou a engasgar. Mas sobreviveu.

Ali, de pé no cemitério, monitorando todos esses fantásticos espelhos de acontecimentos quase imediatos, calculei que Mona devia ter pouco mais de um metro e meio de altura, ou por aí, destinada a ser delicada e, no passado, famosa por sua beleza; mas a doença — detonada por um parto traumático que, apesar de todo o meu poder, ainda não me aparecia com clareza — havia lhe causado tanto mal que agora ela estava com não mais que trinta quilos e sua profusa cabeleira ruiva apenas acentuava o espetáculo macabro de sua devastação total. O perigo de ela morrer estava tão próximo que somente a determinação a mantinha viva.

Tinham sido a determinação e a bruxaria — a alta capacidade de persuasão das bruxas — que a ajudaram a conseguir as flores e a obter tanta ajuda na hora de sua chegada.

Mas agora que Quinn havia vindo, que Quinn estava ali com ela e que estava

consumada a audácia única de suas horas de moribunda, a dor nos órgãos internos e nas articulações a estava derrotando. Havia também uma dor terrível em toda a superfície de sua pele. Só o fato de estar ali sentada entre todas aquelas flores maravilhosas já doía.

Quanto a meu admirável Quinn ter renunciado a todas as execrações que lançara contra seu próprio destino e oferecido a Mona o Sangue Negro, nenhuma surpresa, isso eu devia admitir, mas como eu desejava que ele não tivesse feito o oferecimento!

É difícil assistir à morte de qualquer pessoa quando a gente sabe que possui esse poder maligno e paradoxal. E Quinn ainda estava apaixonado por ela, em termos naturais e antinaturais, e não conseguia suportar seu sofrimento. Quem conseguiria?

Entretanto, como já expliquei, Quinn havia recebido uma revelação divina bem na noite anterior, ao ver seu espírito duplo e Merrick passarem juntos para a Luz.

Por isso, por que em nome de Deus ele não se ateve a simplesmente segurar a mão de Mona e acompanhar seus momentos finais? Estava evidente que ela não passaria da meia-noite.

A verdade é que ele não possuía a força necessária para deixá-la ir. E claro que Quinn nunca a teria procurado, devo acrescentar. Ele a protegera de seu segredo com grande coragem, como já observamos, mas foi ela quem veio procurá-lo, no próprio quarto dele, implorando para morrer em sua cama. E ele era um vampiro do sexo masculino. Este era seu território, seu covil, por assim dizer, e alguma seiva masculina fluía aqui, de natureza vampiresca ou não. E, agora que ela estava nos seus braços, ele se via dominado por uma possessividade monstruosa e uma exacerbada percepção imaginativa de ter como salvá-la.

E com toda a certeza com que tomei conhecimento de tudo isso, eu também sabia que ele não conseguiria operar o Dom das Trevas nela. Para começar, ele nunca havia feito isso e ela estava frágil demais. Ele a mataria. E não era bem por aí. Droga, a criança, tendo se decidido pelo Sangue Negro, poderia acabar no Inferno! Eu precisava ir lá. Eis que chega o Vampiro Lestat para salvá-la!

Sei o que vocês estão pensando. É isso: “Lestat, isso aqui é uma comédia? Não queremos saber de comédia.” Não, não é!

O que acontece é que todos os subterfúgios aviltantes estão como que se desprendendo de mim, será que vocês não percebem? Não o glamour que vocês entendem, mantenham a atenção na imagem, meus queridos! Estamos apenas perdendo aqueles elementos que costumavam depreciar meu discurso e erguer uma barreira de... artificialidade antiquada, mais ou menos isso.

Está bem. Vamos seguir em frente. Segui a rota dos humanos. Passei pela porta da frente, com um leve clique, assustando Clem, e lancei um sorriso simpático em

sua direção.

— Lestat, o amigo de Quinn, é, isso mesmo... E Clem, deixe o carro pronto. Mais tarde, vamos para Nova Orleans, certo, cara?

Fui subindo pela escadaria circular, dando um sorriso radiante para o pequeno Jerome quando passei por ele e um abraço apressado em Jasmine, com ela ali perdida no meio do corredor. Então abri por telepatia a fechadura da porta do quarto de Quinn e adentrei.

Adentrei? Por que não entrei? É essa a artificialidade antiquada que precisa sumir. Entenderam o que eu queria dizer? Por sinal, entrei no quarto como um furacão, se vocês querem saber.

Agora, vou lhes contar um segredinho. Nada que se veja por telepatia chega a ter um décimo da nitidez do que aquilo que um vampiro vê com os próprios olhos. Telepatia é legal, não vou negar, mas nossa visão possui uma nitidez quase intolerável. É por isso que a telepatia não tem um papel muito importante neste livro. Seja como for, sou um sensualista.

E era de partir o coração a visão de Mona sentada ao pé da cama de dossel enorme e ameaçadora. A garota estava sentindo mais dor do que Quinn tinha condições de imaginar. Até mesmo seu braço em torno dela a machucava. Sem querer, calculei que ela já deveria ter morrido havia duas horas. Os rins tinham parado de funcionar, o coração estava batendo pino e ela não conseguia encher os pulmões com ar suficiente para respirar fundo.

Mas os perfeitos olhos verdes estavam arregalados quando ela olhou para mim e seu intelecto feroz compreendeu, em algum nível completamente místico, que não poderia ser traduzido em palavras o que Quinn estava tentando lhe dizer: que o avanço da doença poderia ser totalmente revertido, que ela poderia se juntar a nós, que poderia ser nossa para sempre. O estado vampírico. Os Mortos-vivos. O assassino imortal. Fora da vida por toda a eternidade.

Conheço você, Bruxinha. Nós vivemos para sempre. Ela quase sorriu.

Será que o Dom das Trevas desfaria os danos causados ao seu corpo desgraçado? Pode apostar que sim.

Duzentos anos atrás, num quarto na Île St.-Louis, eu havia visto a velhice e a decrepitude desaparecerem do corpo macilento de minha própria mãe à medida que o Sangue Negro operava sua magia no corpo dela. E, naquelas noites, eu não passava de um postulante, levado pelo amor e pelo medo a fazer a transformação. Foi minha primeira vez. Eu nem mesmo sabia como isso era chamado.

— Deixe o Dom das Trevas comigo, Quinn — eu disse imediatamente.

Vi o alívio inundá-lo. Ele era tão inocente; estava tão confuso. É claro que eu não gostava do fato de ele ser dez centímetros mais alto que eu, mas, no fundo, isso não tinha importância. Eu falava sério quando o chamava de Irmãozinho. Teria feito

praticamente qualquer coisa por ele. E depois havia a questão da própria Mona. Bruxa criança, belíssima, espírito feroz, quase nada além do espírito, com o corpo em desespero, tentando agarrar-se à vida.

Eles chegaram mais perto um do outro. Vi a mão de Mona segurar firme a de Quinn. Será que ela estava sentindo a carne sobrenatural? Seus olhos estavam voltados para mim.

Eu andava de um lado para o outro do quarto e assumi o controle. Apresentei-lhe os fatos num estilo vigoroso. Éramos vampiros, sim, mas ela ainda tinha condição de escolher, por ser tão querida como era. Por que Quinn não lhe contou nada sobre a Luz? Quinn havia visto a Luz com seus próprios olhos. Ele conhecia a dimensão do Perdão Celestial mais verdadeiramente do que eu.

— Mas você pode escolher a Luz em alguma outra noite, chérie — disse eu, com uma risada. Não consegui me conter. Era milagroso demais.

Mona estava doente havia tanto tempo, sofrendo havia tanto tempo. E aquele parto, a criança que ela dera à luz, tinha sido monstruosa, sendo tirada dela, e eu não conseguia enxergar o cerne daquela questão. Mas deixemos isso de lado. Sua idéia de eternidade era sentir-se inteira por uma bendita hora, respirar sem dor por uma bendita hora. Como ela poderia realmente escolher? Não, aqui não havia escolha para essa menina. Eu via o longo corredor que ela vinha percorrendo inexoravelmente havia tantos anos — as agulhas que deixavam hematomas nos braços e os hematomas que cobriam todo o seu corpo, a medicação que lhe dava enjoos, o sono inquieto da agonia, as febres, os sonhos rasos, ruminativos, a perda de toda a concentração quando os livros, filmes e cartas foram deixados de lado e até mesmo a escuridão profunda se foi no clarão inclemente das luzes do hospital e nos ruídos estridentes dos quais não havia como escapar.

Ela estendeu a mão para mim. Fez que sim. Os lábios secos, rachados. Fios de cabelo vermelho.

— É o que eu quero — disse ela.

— Salve-a. — Foram as palavras inevitáveis, vindas dos lábios de Quinn. Salvá-la? O Paraíso não a queria?

— Estão chegando para buscá-la — comuniquei. — A família dela. — Não pretendia falar assim, sem rodeios. Será que eu mesmo fui dominado por algum tipo de encantamento, ao olhar nos seus olhos? Mas eu conseguia ouvi-los com clareza, os Mayfairs que se aproximavam velozes. A ambulância sons sirene entrando no caminho orlado de nogueiras, a limusine moderna logo atrás.

— Não, não permita que me levem — gritou ela. — Quero ficar com vocês.

— Meu amorzinho, isso é para sempre — disse eu.

— Está bem!

A escuridão eterna, sim, a maldição, a dor, o isolamento, sim.

Ah, e com você, Lestat, é a mesma velha história, seu demônio! É isso o que você quer fazer, é o que você quer ver, você, sua fera voraz, você simplesmente não pode entregá-la aos anjos e sabe que eles a estão esperando! Você sabe que o Deus que pode santificar seu sofrimento já a purificou e há de lhe perdoar esses últimos gritos.

Cheguei mais perto dela, empurrando Quinn, com delicadeza.

— Solte-a, Irmãozinho! — Ergui meu pulso, rasguei a pele do lado de dentro com os dentes e levei o sangue aos lábios de Mona. — É assim que 31 precisa ser feito. Tenho de lhe dar um pouco do meu sangue primeiro. — Ela beijou o sangue. Os olhos se fecharam, espremidos. Tremor. Choque. — Se não for assim, não vou conseguir trazê-la a nós. Beba, menina bonita. Adeus, menina bonita. Adeus, Mona.



## CAPÍTULO 3



Ela sugou meu sangue como se houvesse rompido o circuito que me mantinha vivo, como se pretendesse me matar. Uma bruxa me prendia pelo sangue. Arquejei e, com a mão esquerda, procurei a coluna da cama, mas não a alcancei e caí suavemente para trás junto com ela sobre o ninho de flores. Seu cabelo estava se emaranhando nas rosas. E o meu também.

Numa precipitação flagrante, senti que estava despejando minha vida dentro dela — o úmido castelo de interior, Paris, o teatro do bulevar, roubado, torre de pedra, a criação por Magnus, o fogo, sozinho, a órfã chorando, tesouro. Será que ela riu? Vi seus dentes cravados no meu coração, meu próprio coração. Recuei, tonto, e me agarrei à coluna. Cada ser é único, olhando fixamente para ela.

Bruxinha!

Com os olhos vidrados, ela olhou para mim. O sangue estava nos seus lábios, só um pouco, e toda a dor passara. E o momento havia chegado, o momento de alívio da dor, alívio da luta, alívio do medo.

Ela simplesmente não conseguia acreditar.

No crepúsculo entre o estado humano e o vampírico, ela respirou fundo e devagar, um híbrido de faminta, um híbrido de condenada, com a pele se recheando primorosamente e a doçura se manifestando no rosto com a formação das bochechas e os lábios readquirindo sua forma. A carne em torno dos olhos se firmou. E, então, os seios se ergueram por baixo da camisola de algodão. Os braços se arredondaram, que delícia de curvas. Como sou diabólico! E ela suspirou novamente, suspirou como se estivesse em êxtase, olhando para mim, é, isso mesmo, eu sou lindo, eu sei. E agora ela conseguiria suportar o Dom das Trevas. Quinn estava assombrado. Tão apaixonado. Afaste-se. Empurrei-o para trás. Isso aqui é minha.

Arranquei-a do meio das flores. O receptáculo do meu sangue. Pétalas caindo. Uma poesia murmurada lhe escapava dos lábios: “Ou como uma criatura nativa e investida naquele elemento.” Dei-lhe um abraço apertado. Eu queria meu sangue que estava nela. Eu a queria inteira.

— Bruxinha — murmurei em seu ouvido. — Você acha que sabe tudo o que

posso fazer! — Esmaguei seu corpo contra o meu. Ouvi seu riso doce, manso.

— Vamos, pode mostrar! — ela incentivou. Não estou morrendo. Quinn estava com medo. Ele a enlaçou e tocou nos meus braços. Estava tentando abraçar a nós dois. Tanto carinho. Eu o amava. E daí? Ela estava comigo.

Rocei meus dentes no pescoço dela.

— Vou pegar você, Menininha! — murmurei. — Agora você está no jogo de verdade, Menininha! — O coração dela estava acelerado. Ainda à beira da morte. Finquei meus dentes e senti que seu corpo se enrijecia. A paralisia adorável. Suguei lentamente seu sangue, seu sal se misturando com o meu. E a conheci: bela criança, ninfeta, terror da escola, aquela que captava tudo, declarações de um gênio, cuidando de pais beberões, sardas e sorriso, sua vida era uma farra, sempre sonhando, irrequieta ao teclado do computador, nomeada herdeira dos bilhões da família Mayfair, enterro do pai e da mãe, fim das preocupações por esse lado, amante de mais homens do que conseguia contar, gravidez — agora eu enxergava! —, o horror do parto, a criança monstruosa, Olhem só, o bebê mulher! Morrigan. “O bebê que anda”, disse Dolly Jean. Quem são *essas* pessoas? O que é isso que você está me mostrando! “Vocês acham que são os únicos monstros que eu conheço?” Morrigan desaparecida para sempre, a criança monstro. O que é *esse* mutante que cresce e se transforma numa mulher, logo depois de nascer, e quer seu leite?

Taltos! Sumida, levaram-na embora, ela destruiu sua saúde para sempre, fez com que começasse a morrer. Preciso encontrar Morrigan, a esmeralda no pescoço de Mona, olhe só para esta esmeralda! Mona grudada a Quinn, tão apaixonada por Quinn, conte para Quinn, não. Poesia de Ofélia sustentando sua alma, o coração pulsando, a respiração presa, morrendo havia muito tempo. Você não percebe o que é isso tudo! Percebo, percebo! Não pare! Não me solte! Quem é *esse* aí tentando me tirar de você? Eu conheci *esse* fantasma! Oncle Julien!

Ele investiu contra mim. Uma aparição furiosa! No meio da minha visão! Ele estava no quarto? Esse homem alto, de cabelos brancos, a me atacar, tentando arrancar Mona de mim? Quem você pensa que é? Dei-lhe um safanão fazendo com que voasse longe, reduzido-o a um pontinho de nada. Maldito, solte a menina!

Ficamos deitados no leito de flores, ela e eu abraçados, por um tempo sem fim. Olhe para ele. Ele está voltando, oncle Julien! Fiquei cego. Afastei-me, rasguei meu pulso novamente, empurrei meu pulso para junto de sua boca, desajeitado, derramando sangue, não conseguia enxergar, senti que ela grudou firme, uma guinada do corpo, oncle Julien, saia daqui! Ela não parava de beber. Oncle Julien está espumando de raiva. Vai se apagando. Desaparece.

— Ele se foi — murmurei. — Oncle Julien desapareceu! — Será que Quinn ouviu? — Faz ele ir embora, Quinn.

Desmaiei, entregando-lhe minha vida, veja, veja tudo, veja o cerne devastado,

passe por cima do remorso, siga em frente, com seu corpo se fortalecendo, o aço de seus membros, seus dedos cravados no meu braço enquanto ela bebia do meu pulso, ande, tome, finque esses dentes na minha alma, isso mesmo, agora sou eu quem está paralisado, não consigo escapar, garotinha brutal, ande, onde é que eu estava mesmo, deixe que ela beba sem parar, não consigo, aconcheguei meu rosto em seu pescoço, abri a boca, sem forças para...

Nossas almas fechadas uma para a outra, a inevitável cegueira entre o Criador e a Cria indicando que ela estava pronta. Não conseguiríamos mais ler os pensamentos um do outro. Beba até me deixar seco, minha linda, agora você está por sua conta.

Meus olhos estavam fechados. Eu estava sonhando. Oncle Julien chorava. Ah, que tristeza, não é mesmo? No reino das sombras, ele estava de pé com o rosto escondido nas mãos, chorando. O que é isso? Um símbolo de consciência? Não me faça rir.

E assim o literal se desfaz. Ela não pára de beber. E sozinho eu sonho, um suicida numa banheira com os pulsos jorrando. Eu sonho.

Vi um vampiro perfeito, uma alma diferente de qualquer outra, forjada na coragem, sem jamais olhar para trás, erguida da desgraça e procurando se maravilhar com todas as coisas sem maldade nem lamentação. Vi alguém diplomado na escola do sofrimento. Vi a menina.

O fantasma voltou.

Alto, colérico. Oncle Julien, você vai ser o Cão do Paraíso a me perseguir? Braços cruzados. O que você quer por aqui? Já se deu conta do que pretende enfrentar? Minha vampira perfeita não o vê. Vá embora, ilusão. Suma daqui, fantasma. Não tenho tempo para você. Desculpe, oncle Julien, ela já foi criada. Você perdeu.

Ela me soltou. Deve ter soltado. Fiquei à deriva.

Quando abri os olhos, Mona estava em pé ao lado de Quinn e os dois olhavam para mim ali embaixo.

Eu jazia entre as flores e não havia espinhos nas rosas. O tempo havia parado. E as distantes comoções da casa não tinham importância.

Ela estava pronta. Era a vampira no meu sonho. Era a perfeita. A velha poesia de Ofélia foi se desfazendo. Ela era a Pérola Perfeita, colhida sem pronunciar palavra alguma num milagre e olhava fixamente para mim, perguntando-se apenas o que teria acontecido comigo, como outra cria minha fizera muito tempo atrás — quando operei o Dom das Trevas com a mesma ferocidade, com a mesma plenitude e correndo o mesmo nível de risco. Mas entendam que para Lestat existem apenas perigos temporários. Nada de importante, meninos e meninas. Olhem para ela.

Era essa então a esplêndida criatura por quem Quinn tão fatalmente se

apaixonara. Princesa Mona dos Mayfairs. O Sangue havia penetrado até as raízes da longa cabeleira ruiva, que agora estava cheia e reluzente, e seu rosto era oval com as bochechas recuperadas e os lábios sorridentes. Não havia mais febre em seus olhos, aqueles olhos verdes insondáveis.

Ah, é claro que ela estava deslumbrada com a visão do Sangue e, acima de tudo, com o poder vampírico que permeava as células de seu corpo inteiro.

Mas estava ali de pé, alerta e resoluta, olhando firme para mim, sem dúvida tão robusta quanto um dia havia sido, a camisola de hospital agora pequena para ela, o tecido esticado para contê-la. Toda aquela carne sedutora e succulenta restaurada.

Espanei as pétalas que estavam grudadas em mim. Pus-me de pé. Eu ainda sentia tontura, mas me recuperava rápido. Minha mente estava nublada e a sensação era quase boa, um delicioso embaçamento da luz e do calor no quarto. E tive uma noção veloz, profunda, de amor por Mona e Quinn e uma séria impressão de que ficaríamos juntos por muito tempo, só nós três. Nós três.

Quinn aparecia brilhante e inabalável nessa minha visão febril. Para mim, esse sempre havia sido seu encanto desde quando comecei a conhecê-lo, uma espécie de príncipe herdeiro leigo, repleto de franqueza e segurança.

O amor sempre salvaria Quinn. Ao perder tia Queen, ele encontrara sustento no amor que sentia por ela. A única pessoa que odiava, ele havia matado.

— Posso dar meu sangue a ela? — perguntou Quinn. Ele estendeu a mão, apertou meu ombro e se curvou hesitante para a frente para me dar um beijo.

Como ele conseguia tirar os olhos de cima dela, eu não sabia. Sorri. Estava voltando a sentir os pés no chão. Oncle Julien não estava em parte alguma, pelo que eu era capaz de ver.

— Em parte alguma — repetiu Quinn.

— O que você está dizendo? — perguntou a reluzente recém-nascida.

— Oncle Julien, eu o vi. — Eu não devia ter dito isso. Uma sombra repentina caiu sobre o rosto dela.

— Oncle Julien?

— Era de se esperar... — disse Quinn. — No enterro de tia Queen, eu o vi e foi como se ele estivesse me dando um aviso. Era o dever dele, mas que diferença faz agora?

— Não dê seu sangue a ela — recomendei a Quinn. — Mantenham os canais abertos entre vocês. E claro que dependerão de palavras, por mais que consigam ler os pensamentos um do outro, mas não misturem o sangue. Se fizerem isso em excesso, perderão a telepatia mútua.

Ela estendeu os braços para mim. Abracei-a, apertei forte seu corpo, maravilhado com o poder que ela já havia conseguido. Senti mais humildade diante do Sangue do que orgulho por qualquer excesso que me tenha levado a ir longe

demais em todo o processo. Dei um risinho de aceitação quando a beijei, ato esse a que ela retribuiu, encantada.

Se havia um traço nela que me tornava seu escravo, era os olhos verdes. Eu não havia percebido como a enfermidade os deixara embaçados. E, então, quando a afastei um pouco no abraço, vi sardas salpicadas em seu rosto e um relance de seus lindos dentes brancos quando sorriu.

Apesar de toda a magia de sua saúde e restauração, ela era uma criaturinha. Fazia brotar a ternura dentro de mim, algo que poucas pessoas conseguem fazer.

Mas estava na hora de sairmos da rapsódia. Por mais que eu detestasse a idéia. As questões práticas vinham se intrometer.

— Pois bem, meu amor — disse eu. — Você vai passar por uma última experiência de dor. Quinn a ajudará com isso. Leve-a para o chuveiro, Quinn. Mas antes providencie roupas para ela. Pensando bem, deixe isso comigo. Vou dizer a Jasmine que Mona precisa de um jeans e uma camisa.

Mona riu, quase histérica.

— Nós estamos sempre sujeitos a essa mistura do mágico e do mundano — retruquei. — Trate de se acostumar.

Quinn estava todo sério e apreensivo. Foi até a escrivaninha, digitou o número para se comunicar com a cozinha e deu ordens a Grande Ramona, dizendo-lhe que deixasse as roupas do lado de fora da porta. Certo, ótimo. Todos os papéis na Fazenda Blackwood eram desempenhados sem atropelos.

E então Mona, atordoada e sonhadora, perguntou se poderiam lhe dar um vestido branco, ou se havia, quem sabe, um vestido branco lá em baixo, no quarto de tia Queen.

— Um vestido branco — repetiu Mona, como se estivesse enredada em alguma teia poética tão forte quanto suas imagens mentais de Ofélia se afogando. — E alguma coisa com renda, Quinn, uma renda que ninguém se incomode de eu usar...

Quinn voltou ao interfone, deu as ordens. É, os vestidos de seda de tia Queen, traga tudo.

— Tudo branco — disse ele a Grande Ramona. Sua voz era delicada e paciente. — Você sabe que Jasmine se recusa a usar os vestidos brancos. É, para Mona. Se nós não os usarmos, eles vão acabar guardados para sempre. No sótão. Tia Queen adorava Mona. Pare de chorar. Eu sei. Eu sei. Mas Mona não pode sair por aí vestindo uma camisola nojenta de hospital. E um dia, daqui a cinquenta anos, Tommy e Jerome vão desembalar todas essas roupas e se perguntar o que fazer com elas e... é só trazer alguma coisa aqui para cima agora.

Quando ele se voltou de novo para nós, seu olhar grudou em Mona, e ele parou de repente como se não pudesse acreditar no que estava vendo. Uma expressão medonha dominou seu rosto, como se somente agora ele se desse conta do que

acontecera, do que havíamos feito. Ele murmurou alguma coisa sobre renda branca. Eu não quis ler seus pensamentos. Depois, avançou e tomou Mona em seus braços.

— Essa morte dos mortais, Ofélia, não vai significar muito — disse ele. — Vou entrar na correnteza com você. Vou segurar você. Vamos recitar poesias juntos. E, depois disso, acabou-se a dor. Haverá sede. Mas nunca mais dor. — Ele parecia não conseguir parar de apertá-la.

— E eu vou sempre ver como estou vendo agora? — perguntou ela. As palavras sobre a morte não representavam nada.

— Vai.

— Não estou com medo — ela falava sério.

Mas, no fundo, ela ainda não captava o que havia sido feito. E eu sabia no meu coração, o coração que eu agora ocultava de Quinn e que ela não conseguiria ler, que na realidade ela não dera consentimento para aquilo. Não tivera condições para tal.

E o que isso significava para mim? Por que estou fazendo tanta questão?

Porque assassinei sua alma, só isso.

Eu a prendi à Terra como nós estávamos presos e agora cabia a mim a tarefa de transformá-la naquela vampira que eu havia visto em meu momento de sonho profundo. E, quando ela por fim se desse conta do que se tornara, talvez perdesse a razão. O que eu dissera a Merrick? Quem procurava esse destino enlouquecia antes dos que eram roubados da vida, como eu havia sido.

Mas não tínhamos tempo para esse tipo de raciocínio.

— Eles estão aqui — disse ela. — Estão lá embaixo. Vocês estão ouvindo? — Ela estava alarmada. E como sempre ocorre com os novatos, cada emoção sua era exacerbada.

— Não tenha medo, minha linda — disse eu. — Estou sabendo. Estávamos falando dos rumores que subiam da sala da frente. Mayfairs estavam na propriedade. Jasmine preocupadíssima, andando de um lado para o outro. O pequeno Jerome tentando escorregar pelo corrimão em espiral. Quinn também ouvia tudo aquilo.

Era Rowan Mayfair, acompanhada de Kevin Mayfair, o padre, pelo amor de Deus. Vinham com uma ambulância e uma enfermeira para encontrar Mona e levá-la de volta para o hospital ou pelo menos para descobrir se estava viva ou morta.

Era isso. Agora eu entendia. Era por isso que tinham demorado tanto. Achavam que ela já tinha morrido.

E estavam certos. Tinha mesmo.

## CAPÍTULO 4



Abri a porta do quarto. Grande Ramona estava ali parada, com uma braçada de roupas brancas.

Quinn e Mona tinham se enfiado no banheiro mais próximo.

— Você está querendo isso para aquela pobre criança? — perguntou Grande Ramona. Uma mulher de ossos pequenos, cabelos brancos, expressão doce, avental branco engomado. (Avó de Jasmine.) Profundamente preocupada. — Agora, não me vá agarrar tudo de qualquer jeito. Acabei de dobrar! — Abri espaço para deixá-la entrar no quarto e pôr a pilha na cama coberta de flores. — Trouxe roupas de baixo e uma combinação também — declarou, abanando a cabeça. Ouvia-se o barulho do chuveiro na banheira. Ela passou por mim ao sair, fazendo sua cota de pequenos resmungos.

— Não consigo acreditar que essa menina ainda esteja respirando — disse ela. — É algum tipo de milagre. E a família lá embaixo trouxe o padre Kevin com a Extrema Unção. Agora, eu sei que Quinn adora a menina, mas onde é que diz na Bíblia que se deve permitir que os outros morram na casa da gente? E ainda por cima com a mãe de Quinn doente, você sabia disso, não sabia? E a mãe de Quinn fugiu, sei lá para onde, você sabia? Patsy simplesmente se mandou...

(Um flash de memória de Patsy, mãe de Quinn: cantora de música country, com o cabelo eriçado e as unhas pintadas, morrendo de AIDS no quarto em frente, sem ânimo para vestir seus trajes de couro franjado com as botas de cano alto e a maquiagem exagerada, para sair. Simplesmente linda deitada no sofá, de camisola branca, quando a vi pela última vez, uma mulher cheia de um ódio irracional e avassalador por Quinn, uma espécie de rivalidade distorcida entre irmãos de alguém que estava com dezesseis anos quando trouxe Quinn ao mundo. Agora, desaparecida.)

— ... e deixando todos os remédios para trás, doente daquele jeito. Ai, Patsy, Patsy, e acabamos de enterrar tia Queen, e agora chega aqui essa menina ruiva, estou lhe dizendo!

— Bem, pode ser que Mona tenha morrido e Quinn esteja lavando o cadáver na

banheira.

Ela começou a rir, abafando o som com a mão.

— Ai, você é um demônio. É pior do que Quinn — prosseguiu ela, olhando para mim com seus olhos descorados —, mas não pense que eu não sei o que eles estão fazendo naquele chuveiro juntos. E se ela morrer de verdade lá dentro, e então? Vamos só secar bem a menina com toalhas e preparar o corpo como se nada tivesse acontecido e...

— Bem, nesse caso ela vai estar realmente bem limpa — respondi, dando de ombros.

Ela abanou a cabeça, tentando não rir alto, e então mudou seu ritmo emocional enquanto voltava para o corredor, rindo e falando sozinha enquanto avançava.

— ...e ainda por cima essa história da fuga da mãe e Patsy doente como ela só e ninguém sabe para onde foi e esses Mayfairs lá embaixo, é um milagre eles não terem trazido o xerife. — E lá entrou ela, o Anjo do Café Quente, no quarto dos fundos, onde Nash e Tommy conversavam em voz baixa e Tommy chorava a perda de tia Queen.

Ocorreu-me com uma nitidez inusitada que eu estava gostando demais de todas essas pessoas, que eu compreendia por que Quinn insistia em permanecer ali, brincando de mortal quanto tempo fosse possível; por que a Fazenda Blackwood inteira exercia algum domínio sobre ele.

Mas estava na hora de ser um mago. Hora de ganhar algum tempo para Mona, de arranjar algum modo de tornar sua ausência aceitável para os bruxos lá embaixo.

Além do mais, eu sentia curiosidade pelas pessoas no salão duplo, esses videntes intrépidos que enganavam os mortais ao seu redor tanto quanto nós, vampiros, os enganávamos, fingindo ser seres humanos saudáveis e normais enquanto guardavam uma multidão de segredos.

Desci apressado a escadaria em espiral, agarrei no ar o pequeno Jerome com seus tênis grandes demais, no instante em que se soltou do corrimão, bem a tempo de salvá-lo quando ia quase cair de cerca de três metros de altura, no piso de lajes de mármore lá embaixo, e o pus nos braços de Jasmine que o esperava, ansiosa. Depois, fazendo-lhe um gesto indicando que tudo daria certo, entrei no ar mais fresco da sala da frente.

A dra. Rowan Mayfair, fundadora e chefe do Centro Médico Mayfair, estava sentada numa das poltronas de mogno (imaginem um rococó do século XIX, laqueado de preto e com veludo). Quando entrei, a cabeça dela se virou de repente, como se puxada por um cordão.

Ora, nós já havíamos nos visto antes, como salientei, na missa fúnebre por tia Queen, na igreja da Assunção da Virgem Maria. De fato, eu me sentara perigosamente perto dela, no banco bem na frente dela. Mas, naquela ocasião, eu



estava com uma camuflagem melhor, com roupas comuns e óculos escuros. O que ela via agora era o Príncipe Moleque, de sobrecasaca e rendas feitas à mão. E eu havia me esquecido de pôr os óculos, o que foi simplesmente um erro idiota.

Na verdade, eu não dera uma boa olhada nela. Agora, descobria que estava instantaneamente fascinado, o que não me era muito confortável, já que me cabia o papel de fascinar com o desenrolar da nossa conversa.

Seu rosto magro e oval possuía feições delicadas e estava limpo como o de uma menininha, não precisando de nenhum tipo de maquiagem para torná-lo notável, com os enormes olhos cinzentos e a boca fria, impecável. Estava usando um terno de lã cinza, austero, com uma echarpe vermelha em torno do pescoço e enfiada nas lapelas, e seu cabelo curto de um louro cinza parecia fazer uma onda natural logo abaixo da linha suave do maxilar.

Sua expressão era de forte emoção e eu percebi uma sondagem imediata e total da minha mente, que tranquei com firmeza. Senti calafrios descenderem pela minha espinha. Ela estava gerando isso.

Ela contava com a perspectiva de ler meus pensamentos e não estava conseguindo. Também não tinha acesso ao conhecimento do que estava acontecendo no andar superior. Não gostou nada disso. Mas, para usar uma expressão mais bíblica, senti uma aflição profunda.

E por estar excluída, tentou entender alguma coisa a partir da minha aparência, nem um pouco interessada na excentricidade superficial da sobrecasaca e do cabelo desgrenhado, mas em elementos que eram mais puramente vampirescos — o brilho sutil da minha pele e o azul elétrico dos meus olhos.

Eu precisava começar a falar rápido, mas antes deixem-me transmitir-lhes minha primeira tomada instantânea do outro Mayfair — o padre Kevin — que estava em pé junto ao consolo da lareira mais afastada, o único outro ocupante da sala.

A natureza lhe destinara as mesmas cartas que reservara para Mona — olhos de um verde escuro e cabelos ruivos. Na realidade, ele poderia ter sido seu irmão mais velho, tão próximos eram seus genes, e ele tinha a minha altura, um metro e oitenta, e uma boa compleição. Usava o traje preto de sacerdote com o colarinho branco da igreja católica. Não era tão bruxo quanto Rowan, mas possuía uma capacidade paranormal até significativa e eu conseguia ler seus pensamentos com facilidade: estava me achando esquisito e tinha esperanças de que Mona já tivesse morrido.

Consegui vislumbrar a lembrança dele na missa, com sua batina gótica, segurando o cálice. Este é meu sangue. E, por motivos que não tive a menor condição de explicar, fui levado de repente de volta à minha infância num povoado na França, à igreja antiga e ao padre do lugar, dizendo aquelas mesmas palavras, com o cálice na mão, e por um momento perdi minha perspectiva de tudo. Outras memórias mortais ameaçavam surgir, aperfeiçoadas na cor e na lucidez. Vi o

mosteiro onde havia estudado, tão feliz, onde tive tanta vontade de ser monge. Ai, era de revirar o estômago.

E com outro nítido calafrio, percebi que a dra. Mayfair havia captado essas imagens em minha mente antes que eu a fechasse de novo.

Estremeci, irritado por um instante com o fato de o salão duplo ser tão cheio de sombras. E então meus olhos se fixaram na figura rígida, incongruente, de oncle Julien, em três dimensões e primorosamente sólido num terno justo cinza, em pé no outro canto do salão, de braços cruzados, a me observar com uma hostilidade calculada. Ele era real e nítido, com uma vontade feroz.

— Algum problema? — perguntou a dra. Rowan Mayfair. Sua voz era grave, rouca, sensual. Seus olhos ainda estavam me dissecando.

— Vocês não estão vendo fantasmas aqui, estão? — deixei escapulir sem pensar, com o fantasma simplesmente parado ali o tempo todo, enquanto ficava claro para mim que era óbvio que nenhum dos dois via a aparição. Essa ameaça brilhante e contida estava reservada para mim.

— Não, não estou vendo nada — respondeu Rowan prontamente. — Tem algum fantasma nesta sala que eu deveria estar vendo?

Mulheres com a voz rouca daquele jeito possuem uma vantagem fantástica.

— Vocês sem dúvida têm fantasmas aqui — disse o padre Kevin, em tom de aceitação. Sotaque ianque. De Boston. — Imaginei que, como amigo de Quinn, você soubesse.

— Ah, sei, sim — respondi. — Mas nunca me acostumo com eles. Os fantasmas me assustam. Os anjos também.

— E não foi você que fez um exorcismo para Quinn se livrar de Goblin?

— perguntou o padre, pegando-me de surpresa.

— Fui eu e funcionou — respondi, feliz com a mudança de assunto. — Goblin foi expulso desta casa e Quinn está livre dele pela primeira vez na vida. Eu me pergunto o significado que isso vai ter para ele.

Oncle Julien não se mexeu.

— Onde está ela? — perguntou Rowan, referindo-se a Mona, quem mais?

— Ela quer ficar aqui — disse eu. — Vocês sabem, é simples. — Cruzei a sala diante dela e me sentei numa poltrona de costas para o abajur de pé, pondo meu rosto num trecho de sombra e de um modo que eu pudesse ver todos eles, até mesmo meu inimigo. — Ela não quer morrer no Centro Médico Mayfair. Consegui dirigir a limusine toda essa distância para chegar aqui. Vocês conhecem Mona. E ela está com Quinn lá em cima. Quero que confiem em nós. Deixem a menina conosco. Nós cuidaremos dela. Podemos chamar a enfermeira de tia Queen para nos ajudar.

Rowan olhou espantada para mim como se eu tivesse enlouquecido.

— Você tem noção de como vai ser difícil? — perguntou ela. Soltou um

suspiro e uma enorme exaustão se manifestou em seu rosto, mas só por um instante. — Você se dá conta de até onde as coisas podem piorar?

— Vocês trouxeram o oxigênio e a morfina, não é mesmo? — Olhei de relance para trás, na direção da ambulância lá fora. — Deixem aí. Cindy, a enfermeira, há de saber usá-los.

Rowan ergueu as sobrancelhas. De novo, a mesma exaustão, mas sua resistência era maior. Ela estava tentando me entender. Absolutamente nada em mim a assustava ou lhe causava repulsa. Ela me parecia linda. Havia uma inteligência sem fim por trás daqueles olhos.

— Quinn não tem a menor condição de entender o que está assumindo — retrucou ela, com delicadeza. — Não quero que ele sofra. Não quero que ela morra sentindo dor. Você está me entendendo?

— Claro que estou. Pode confiar em mim. Nós chamaremos vocês quando chegar a hora.

Ela abaixou a cabeça, mas somente por um segundo.

— Não, não, você não está entendendo — disse ela, com a voz rouca cheia de preocupação. — Não há nenhuma explicação razoável para ela ainda estar viva neste exato momento.

— É a vontade dela — retruquei. Estou dizendo a verdade. Não há motivo para se preocupar com ela. — Ela está descansando, sem dor.

— É impossível — murmurou Rowan. Alguma coisa vacilou na sua expressão.

— Quem é você? — perguntou ela, com a voz grave realçando sua seriedade.

Era eu quem estava sendo dominado por um encantamento. Não conseguia me livrar dela. Senti os calafrios novamente. A sala estava escura demais. Queria dizer a Jasmine que acendesse o lustre.

— Meu nome não faz diferença — disse eu, mas tive dificuldade para falar.

O que havia com essa mulher? Por que sua beleza despojada era tão provocante e tão ameaçadora? Eu queria examinar sua alma, mas ela era inteligente demais para permitir que isso acontecesse. Mesmo assim, percebi segredos nela, um monte deles, e senti uma conexão elétrica com a criança monstro que Mona me revelara quando a criei, entre outras coisas.

De repente, eu soube que essa mulher estava escondendo algo de horrendo aos olhos de sua própria consciência, que a nota dominante de seu caráter era essa ocultação e essa consciência, além de uma enorme luta enraizada em seu brilho e sua culpa. Eu queria saber o que era isso, não importa o que fosse que ela estivesse escondendo, só para tomar conhecimento do que era por um instante, só para saber o que era, um momento de intimidade com ela. Teria dado qualquer coisa...

Ela afastou o olhar. Sem querer, eu a encarara até ela desistir e com isso a perdi. Ela estava desconcertada, em silêncio, e eu quase vi: um poder sobre a vida e

a morte.

O padre Kevin resolveu se manifestar.

— Preciso ver Mona antes de ir embora. Tenho de falar com Quinn sobre o exorcismo. Eu via Goblin também, sabe? Estou preocupado com os dois. Você precisa dizer a Mona que estamos aqui... — Ele se sentou diante de mim, sem que eu sequer percebesse. — Talvez nós dois devêssemos vê-la — disse ele a Rowan. — Depois, podemos decidir o que fazer. — A voz era delicada, perfeita para um padre, humilde, mas sem nenhuma afetação.

Nossos olhares se encontraram e, por um instante, pareceu que eu captava segredos compartilhados, coisas que todos esses Mayfairs sabiam e que não podiam contar, segredos vinculados com tanta profundidade à sua fortuna e às suas raízes que jamais poderiam ser superados, expurgados ou dominados. Para o padre Kevin, a dificuldade era ainda maior porque ele era o confessor da família, preso pelo voto sagrado. Além disso, tinham lhe contado coisas em que ele mal conseguia acreditar e isso o afetava profundamente.

Mas ele sabia trancar a mente também. E, mais uma vez, quando o sondei, tudo o que obtive foi aquela lembrança dolorosa de minha educação na infância, de como eu queria tanto ser bom. Um eco de minha própria voz mental voltando-se contra mim. Odiei aquilo. Fora! Ocorreu-me com enorme clareza que eu recebera tantas oportunidades para salvar minha alma que minha vida inteira havia se formado em torno dessas chances! Essa era minha natureza... ir de tentação em tentação, não para pecar, mas para me redimir.

Nunca havia visto minha vida sob essa perspectiva.

Se aquele garoto de tempos distantes, Lestat, tivesse se esforçado o suficiente, ele poderia ter se tornado monge.

— Maldito! — murmurou o fantasma.

— Não é possível — disse eu.

— Não é possível vê-la? — perguntou Rowan. — Você não pode estar falando sério.

Ouvi uma risada discreta. Virei-me na poltrona. À minha direita, ao longe, o fantasma ria.

— E agora, Lestat, o que você vai fazer? — perguntou ele.

— O que foi? — indagou Rowan. — O que está vendo?

— Nada — insisti. — Vocês não podem vê-la. Prometi a ela que ninguém subiria. Pelo amor de Deus, deixem a menina em paz. — Joguei toda a minha convicção nestas palavras. De repente, eu me sentia desesperado. — Deixem que ela morra como quer, pelo amor de Deus. Deixem a menina livre!

Ela me lançou um olhar de cólera, cólera diante desta demonstração de emoção. Um enorme sofrimento interior de repente estava visível em seu rosto, como se ela

não conseguisse mais ocultá-lo ou como se minha própria explosão, embora abafada, houvesse insuflado um fogo fraco em seu íntimo.

— Ele está com a razão — concordou padre Kevin. — Mas você entende que precisamos ficar aqui.

— E não vai demorar muito — disse Rowan. — Vamos esperar em silêncio. Se você não quiser que fiquemos na casa...

— Não, não. É claro que vocês são bem-vindos — disse eu. — Mon Dieu! Mais uma vez, a risada fantasmagórica.

— Sua hospitalidade é uma bela droga! — disse oncle Julien. — Jasmine nem lhes ofereceu um copo d'água ou um biscoito. Estou pasmo.

Achei isso ironicamente divertido e duvidei da sua veracidade. Percebi que me preocupava com esse aspecto e fiquei furioso! E, ao mesmo tempo, ouvi algo, algo que ninguém na sala estava ouvindo, a não ser talvez o fantasma risonho. Era o som de Mona chorando. Não, de Mona soluçando. Eu precisava voltar para Mona.

Tudo bem, Lestat. Seja o monstro que você é. Expulse da casa a mulher mais interessante que você jamais conheceu.

— Quero que me escutem, vocês dois — disse eu, com o olhar fixo em Rowan e olhando de relance para o padre Kevin. — Quero que vão para casa.

Mona possui tantos poderes psíquicos quanto vocês. A presença de vocês aqui embaixo a deixa em tremenda aflição. Ela sente as presenças. Isso agrava sua dor. — (Tudo isso era verdade, não era?) — Preciso subir agora para tranquilizá-la. Por favor, saiam. É o que ela quer. É o que lhe deu forças para dirigir até aqui. Agora eu prometo entrar em contato com vocês quando tudo estiver terminado. Peço-lhes que vão embora.

Levantei-me, segurei o braço de Rowan e praticamente a levantei da poltrona.

— Você não passa de um grosseirão — disse o fantasma, enojado.

O padre Kevin já estava era pé.

Rowan olhava para mim, petrificada. Conduzi-a ao hall e à porta da frente e o padre nos acompanhou. Confiem em mim. Confiem que é isso o que Mona quer.

Será que agora eles conseguiam ouvir os soluços de Mona?

Sem tirar meus olhos dos olhos de Rowan, abri a porta da frente. Uma rajada do calor de verão, perfume de flores.

— Vão agora — disse eu.

— Mas o oxigênio, a morfina — insistiu Rowan. Voz de travesseiro, como costumam chamar. Era tão sedutora. E por trás daquele cenho delicado, curioso, estava esse conflito, esse poder pecaminoso, não admitido. Qual seria?

Estávamos em pé na varanda da frente, como anões aos pés das colunas. A luz arroxeadada de repente era tranquilizante e o momento perdeu suas proporções. Ali no campo, era como se o crepúsculo fosse eterno. Eu ouvia as aves noturnas, as águas

distantes e inquietas do pântano.

O padre Kevin deu instruções aos ajudantes. Eles trouxeram para dentro de casa o que era necessário.

Eu não conseguia me afastar dessa mulher. O que eu andara dizendo a ela? O fantasma ria. Eu começava a me sentir confuso.

Qual é seu segredo?

Senti um empurrão físico, como se ela tivesse esticado as duas mãos, para encostá-las no meu peito e tentar fazer com que eu recuasse de onde estava. Vi o fantasma por trás do ombro dela. Vinha dela, o empurrão. Tinha de vir dela.

Seu rosto era entalhado com uma beleza hostil.

Ela balançou o cabelo só um pouco, deixando que acariciasse as bochechas. E Semicerrou os olhos.

— Cuide de Mona por mim — disse ela. — Eu a amo de todo o coração. Você não pode imaginar o que significa para mim eu ter fracassado com ela... que todos os meus talentos, todos os meus recursos...

— Mas é claro. Eu sei como você a ama. Eu a amo e praticamente não a conheço. — Papo furado! Essa mulher estava sofrendo. Eu estava sofrendo? O fantasma me acusava. Um homem alto bem atrás dela, mas ela não tinha nenhuma percepção dele.

O que estava escapulindo do seu consciente para mim? Alguma coisa tão terrível que havia moldado toda a existência daquela mulher. E, nesse momento, Rowan sentia que essa sensação estava ainda mais forte. Já tirei a vida.

Estremeci. Seus olhos não queriam deixar que eu me movesse.

Tirei a vida diversas vezes.

Os ajudantes passaram velozes com mais equipamentos. O ar frio saía pela porta aberta. Jasmine estava ali. O fantasma não arredou pé. Tive a impressão de que a curva dos galhos das noqueiras-pecãs ao longo da entrada de cascalho possuía algum significado, uma comunicação secreta do Senhor do Universo, mas qual?

— Chegue mais perto — pedi a Rowan. Uma vida fundada no sofrimento, na reparação. Eu não agüentava mais, precisava tocar essa vida, envolvê-la, salvá-la.

Abracei-a, perdoa-me, Meu Deus, beijando-lhe o rosto e depois a boca. Não tema por Mona.

— Você não compreende — murmurou ela. Num momento fulminante, vi o quarto de hospital, uma cela de torturas com máquinas e números pulsantes, bolsas plásticas reluzentes que alimentavam tubos suspensos e Mona soluçando, soluçando como estava agora, e Rowan em pé no vão da porta. Quase usei o poder, quase matei...

— Eu vi e entendo — disse eu. — E não estava na hora certa e Mona queria ver Quinn — murmurei as palavras no seu ouvido.

— É — os olhos dela se enchiam de lágrimas —, e eu a apavorei. Você sabe. Ela se deu conta do que eu pretendia fazer. Sabia que eu tinha o poder. Na autópsia, teria aparecido um derrame, só um derrame, mas ela sabia! Eu quase... eu a deixei aterrorizada. E...

Eu a apertava tanto. Prendi a respiração.

Beijeí suas lágrimas. Quem dera que eu fosse mesmo santo. Quem dera eu fosse o padre que estava parado junto do carro à sua espera, fingindo não ver que nos beijávamos. O que era o beijo? O beijo mortal? Beijeí sua boca novamente. Um amor mortal e o tempo todo o desejo irresistível da ligação do sangue, não de sua morte, não, Meu Deus, não, apenas a ligação do sangue, o conhecimento. Quem era essa Rowan Mayfair? Minha cabeça girava.

E o fantasma por trás dela olhava furioso era minha direção como se fosse aticar as forças do Inferno contra mim.

— Como você poderia saber quando chegaria o momento certo? — respondi. — E o fato ao qual você deve se agarrar é o de que você não fez nada. E agora ela está tendo o tempo que quis com Quinn. — Ah, eufemismos tão enganosos para alguém que detesta eufemismos e com razão. Dei-lhe um beijo forte, voraz, e senti seu corpo relaxar, senti que ela se uniu a mim por um instante precioso e, depois, o golpe de frieza gelada quando ela se afastou.

Desceu correndo a escada, quase sem fazer barulho com os saltos. O padre Kevin estava segurando a porta do carro aberta para ela. A ambulância já estava saindo de ré. Ela se voltou, olhou para mim e acenou.

Um gesto tão terno e inesperado. Tive a sensação de que meu coração havia aumentado e estava enorme e pulsava forte demais para mim.

Não, minha pobrezinha. Você não a matou. Eu, sim. Eu a matei. Sou culpado. E ela está soluçando de novo. E o fantasma sabe.

## CAPÍTULO 5



Nenhum dos mortais na casa ouvia os soluços de Mona. As paredes eram grossas demais.

Enquanto isso, estavam preparando o centro da mesa da sala de refeições para servir o jantar e Jasmine quis saber se Quinn e eu faríamos companhia a Tommy e Nash. Disse-lhe que não, não podíamos deixar Mona, o que ela já sabia.

Disse-lhe que por favor chamasse Cindy, a Enfermeira, embora fosse provável que não houvesse necessidade dela e mandasse guardar em algum canto o balão de oxigênio e os medicamentos. (Na realidade, essa adorável senhora soletra o próprio nome como “Cyndy”. Por isso, daqui em diante, vamos escrevê-lo dessa forma.)

Entrei na sala de estar. Estava tentando desanuviar a cabeça. O simples perfume de Rowan nas minhas mãos me paralisava. Eu precisava me centrar.

Conectar-me com uma grande ternura por todos os que se encontravam na casa. Ir procurar Mona.

Que história era essa de sucumbir diante de uma bruxa humana? A família Mayfair inteira era repleta de encenqueiros! As maquinações e a determinação dos Mayfair estavam acelerando meu pulso. Acho que cheguei a amaldiçoar Merrick, por ter planejado se imolar na noite anterior naquele altar, por ter de algum modo encontrado uma forma de salvar sua alma imortal, deixando-me com minha costumeira condenação eterna.

E, ainda por cima, o fantasma. O fantasma Mayfair havia voltado para o canto dele. Estava ali em pé, lançando-me o olhar mais malévolo que jamais vi numa criatura, vampírica ou humana.

Comecei a avaliá-lo: um homem, talvez com seus sessenta anos, cabelos curtos e crespos, totalmente brancos; olhos cinzentos ou negros; feições primorosas e porte majestoso, embora eu não conseguisse calcular o motivo para a escolha dos sessenta anos, a menos que ele considerasse ter-se sentido mais poderoso nessa época da sua vida terrena, porque eu sabia com certeza que ele havia morrido muito antes de Mona e podia, portanto, aparecer com qualquer aparência que preferisse.

Esses pensamentos não o enganaram. Havia algo tão intrinsecamente ameaçador



em sua imobilidade que eu não conseguia tolerar.

— Certo, certo, fique quieto, então — disse eu, com firmeza, odiando o tremido em minha voz. — Afinal, por que você está me assombrando? Acha que eu posso desfazer o que fiz? Não posso. Ninguém pode. Quer que ela morra? Trate de assombrá-la, não a mim.

Nenhuma mudança nele.

E de modo algum eu conseguiria banalizar e reduzir a importância da mulher que acabara de me acenar antes de entrar no carro, com o sal de suas lágrimas ainda em meus lábios. Então para que continuar tentando? O que tinha dado em mim?

— E agora nós temos mais um maluco falando sozinho e bem junto da escrivaninha onde vovô William costumava aparecer o tempo todo por nenhum motivo — disse Grande Ramona, que por acaso deu uma olhadinha, de lá do corredor, enxugando as mãos no avental. — Agora, esse era um fantasma que Quinn via e eu e Jasmine também.

— Que escrivaninha, onde? — gaguejei. — Quem é vovô William? — Mas eu conhecia essa história. E vi a escrivaninha. E Quinn havia visto inúmeras vezes o fantasma apontando para a escrivaninha e eles remexiam em tudo nela, ano após ano, sem encontrar nada.

Volte para cá, seu idiota!

Lá em cima, Quinn tentava consolar Mona, cheio de ternura e desespero.

Tommy e o sempre distinto Nash desceram para jantar e, sem se dar conta de mim, entraram na sala de jantar, sem interromper por um instante sua conversa em voz baixa, e se sentaram.

Fui até o estojo de camafeus perto do piano. Isso significava um afastamento em relação ao fantasma, que estava ao longe à minha direita, mas não fazia diferença. Os olhos dele me acompanharam.

Era nessa caixa que os camafeus de tia Queen ficavam em exposição e ela nunca era trancada. Abri a tampa de vidro — que tinha uma dobradiça e se abria como a capa de um livro — e apanhei um camafeu oval com uma minúscula imagem de Posêidon e sua consorte numa biga puxada por cavalos marinhos, com um deus a conduzi-los pelas ondas encapeladas, todo esse progresso espetacular num trabalho primoroso. Legal.

Enfiei o camafeu no bolso e subi a escadaria.

Encontrei Mona deitada, chorando terrivelmente entre as flores, com um Quinn desesperado, em pé, do outro lado da cama, debruçado sobre ela para tentar reconfortá-la. Quinn estava mais apavorado do que eu jamais o vira. Fiz um gesto rápido para que ele soubesse que tudo estava indo bem.

O fantasma não estava no quarto. Eu não conseguia senti-lo nem vê-lo. Espertinho. Quer dizer que ele não queria que Mona o visse?

Mona estava nua, os cabelos de Lady Godiva espalhados por toda parte, o corpo bem-feito e cintilante enquanto ela soluçava entre as flores poéticas. E a pilha perfeita das peças brancas de tia Queen havia caído pelo chão.

Por um instante, senti uma profunda físgada de horror, um horror que eu merecia e do qual não conseguia escapar. Tampouco pretendia confessá-lo a Quinn ou a Mona enquanto estivéssemos todos vivos, não importava quantos anos ou décadas se passassem. Um horror daquilo que o capricho e a vontade podem fazer e tinham feito. Mas, como de costume quando se trata de nobres percepções morais, não tínhamos tempo para ela.

Olhei para Quinn — meu Irmãozinho, meu discípulo.

Ele havia sido criado por monstros a quem odiava e nunca lhe ocorreu chorar na presença deles. O que Mona estava fazendo era perfeitamente previsível.

Deitei na cama bem ao lado dela e, quando afastei seu cabelo do rosto e a encarei nos olhos, ela ficou totalmente calada.

— Afinal, qual é o problema com você? — perguntei, autoritário.

Um silêncio no qual sua beleza me atingiu com toda a sutileza de uma avalanche.

— Bem, nenhum — respondeu ela —, se for isso o que você quer dizer.

— Pelo amor de Deus, Lestat — disse Quinn —, não seja cruel com ela. Você sem dúvida sabe tudo o que ela está sofrendo.

— Não estou sendo cruel. — (Cruel? Eu?) Mantive a atenção concentrada nela. — Você está com medo de mim?

— Não — respondeu ela. As sobrancelhas franziram. As lágrimas de sangue manchavam as bochechas. — É só que eu sei muito bem que deveria ter morrido.

— Então cante um réquiem — disse eu. — Deixe-me dar-lhe parte da letra: “Ó, calor, resseca meus miolos! Lágrimas com sete vezes mais sal, queimem o sentido e a virtude de meus olhos!”

Ela riu.

— Muito bem, meu amorzinho, diga o que é. Sou o Criador. Ponha para fora.

— Fazia tanto tempo que eu sabia disso, que eu haveria de morrer. Meu Deus, quando penso bem, é a única coisa que eu realmente sei neste instante! Esperava-se que eu morresse. — Suas palavras fluíam tranqüilas. — As pessoas ao meu redor foram se acostumando tanto a essa idéia que metiam os pés pelas mãos. Diziam: “Você era tão bonita. Nunca nos esqueceremos disso.” Morrer, essa se tornara a obrigação central da minha vida. Eu ficava ali deitada tentando bolar um jeito de facilitar as coisas para as pessoas. Quer dizer, todos estavam tão aflitos. Isso prosseguiu lentamente por alguns anos...

— Não pare de falar — disse eu. Eu estava adorando sua pronta confiança, sua franqueza imediata.

— Houve um período em que eu ainda conseguia gostar de música e chocolates, sabe? Coisas especiais, como liseuses com renda também. E eu conseguia sonhar com minha filha, minha filha perdida. Depois, eu não conseguia mais comer nada. E a música só me deixava nervosa. Comecei a ver pessoas que não estavam lá de verdade. Achei que talvez eu nunca tivesse tido a tal criança. Morrigan, que se foi tão rápido. Mas, se fosse assim, eu não estaria ali morrendo se eu não tivesse tido Morrigan. Eu via fantasmas...

— Oncle Julien? — perguntei. Ela hesitou antes de responder.

— Não. Oncle Julien só me aparecia há muito, muito tempo, quando ele queria que eu fizesse alguma coisa e era sempre em sonho. Oncle Julien está na Luz. Ele não vem à Terra a menos que haja uma razão realmente importante.

(Um estremecimento profundo cuidadosamente disfarçado.) Ela prosseguiu, com a musicalidade vampiresca aguçando suas palavras delicadas.

— Esses fantasmas que eu via eram só gente que morreu mesmo, como meu pai e minha mãe, que estavam esperando por mim... sabe? Os que vêm para ajudar na travessia... mas eles se recusavam a falar comigo. Ainda não estava na hora, era o que o padre Kevin afirmava. O padre Kevin é um bruxo poderoso. Ele nunca soube disso até voltar para a terra natal, no sul. Ele entra na igreja da Assunção da Virgem Maria, à noite quando está totalmente escuro, com exceção das velas, sabe? E deita-se no mármore, com o corpo esticado, sabe...?

(Dor secreta no coração. Eu sei.)

— ... e com os braços bem abertos, ele contempla Cristo na Cruz e se imagina beijando as chagas sangrentas de Cristo.

— E quando você sentia dor? Você rezava?

— Não muito — disse ela. — Era como se rezar exigisse alguma coerência. Neste último ano, perdi esse tipo de coerência.

— Ah, sim, entendo. Prossiga.

— E coisas aconteceram. Havia gente que queria que eu morresse. Alguma coisa aconteceu. Alguém... As pessoas queriam que aquilo acabasse de uma vez...

— E você queria que acabasse?

Ela não quis responder direto. Mas daí a pouco falou:

— Eu queria escapar daquilo. Mas quando alguém... alguém... Meus pensamentos ficaram...

— Ficaram o quê?

— Ficaram triviais.

— Não, não mesmo — insisti.

— Como sair do quarto, como conseguir fazer todo o percurso pela escada abaixo, como dirigir ao volante de uma limusine, como conseguir as flores, como chegar até onde Quinn estava...

— Estou vendo. Pensamentos poéticos. Específicos. Nem um pouco triviais.

— Um destino com uma aprovação poética, talvez — disse ela. — “Lá vinha ela com guirlandas fantásticas.” E foi como vim.

— Com toda a certeza, Mona. Mas, antes de que você conseguisse fazer isso, você ia me dizer alguma coisa, estava a ponto de contar alguma coisa a respeito de alguém...

Silêncio.

— Então Rowan veio — disse ela. — Você não conhece minha prima Rowan.

(Não conheço?)

Uma fígada de dor nos olhos brilhantes, límpidos.

— É, bem, Rowan chegou. Rowan tem um poder...

— Era para o seu bem, Mona, ou para o dela que ela ia matar você?

— Não sei — respondeu Mona, com um sorriso. — Acho que ela também não sabia.

— Mas ela se deu conta de que você sabia e não usou o tal poder.

— Eu disse a ela: “Rowan, você está me apavorando! Pare com isso, você está me dando medo!” E ela irrompeu em lágrimas. Ou teria sido eu? Acho que eu irrompi em lágrimas! Foi uma de nós. Eu estava tão assustada.

— E com isso você escapou.

— É, escapei. Escapei de verdade.

— “E nessa hora ela entoou trechos de canções antigas.”

Ela sorriu mais uma vez. Será que ia falar da Criança Mulher? Ficou ali deitada, imóvel.

Dava para eu sentir a ansiedade de Quinn e o transbordamento de seu amor. O tempo todo ele não tinha tirado a mão do ombro dela.

— Não estou morrendo — disse ela, dando de ombros. — Estou aqui.

— Não, não está — eu concordei —, tudo isso acabou.

— Preciso fazer um esforço para me lembrar de quando eu queria coisas.

— Não precisa, não. Isso é conversa de mortais. Você é Mona, que agora nasceu para a Escuridão. — Tentei lidar com o assunto devagar, observando seu sorriso surgir e desaparecer. Sardas muito claras no rosto. O inevitável reluzir da pele.

— É isso — disse eu. — Deixe que seus olhos me absorvam. Você está vendo agora cores que nunca havia visto. Está se dando conta de sensações que jamais chegou a imaginar. O Sangue Negro é um professor magnífico. Você estremece porque acha que a dor vai voltar, mas não lhe seria possível voltar àquela dor mesmo se você quisesse. Pare de tremer. Estou falando sério. Pare.

— O que você está me pedindo? Que eu me entregue a você ou ao Sangue?

— Não sei por que as mulheres sempre me surpreendem. — Ri baixinho. — Os

homens não. Acho que subestimo as mulheres em geral. Elas me tiram do sério. Sua beleza sempre me dá uma sensação de estranheza.

Ela riu abertamente.

— O que você quer dizer com “estranheza”? — Vocês são o Grande Desconhecido, amorzinho.

— Explique melhor — disse ela.

— Bem, pense só em Adão na Bíblia. Quer dizer, esse cara é o maior paspalho de todos os tempos quando diz a Deus Todo-Poderoso, o Criador, Jeová que fez as estrelas, que a mulher lhe deu o fruto para comer. Quer dizer, o palerma não passa de um idiota sem fibra e sem salvação! E estamos falando do Pecado Original, nada menos que isso! A Catástrofe Primordial. Ora, não me venha com essa. MAS, quando se vê uma mulher magnífica, como você, com seus olhos verdes separados pela distância exatamente perfeita, com a voz cristalina proferindo palavras inteligentes, deitada nua a olhar com uma expressão de compreensão aguçada e infalível, até dá para entender a inevitável perplexidade de Adão diante de Eva, algo que desafia explicações, e foi por esse motivo que Adão acabou apresentando uma desculpa tão ridícula! “Esse ser totalmente esquisito, extraordinário, estranho, misterioso, inescrutável, sedutor que você fez da minha costela me deu o fruto para comer.” Entendeu?

Quinn deu um risinho a contragosto. Ele estava espumando de possessividade. Eu e ela na cama. Mas foi bom esse riso dele.

Voltei a concentrar minha atenção nela. Chega de Jardim do Éden. (E chega do que acabou de acontecer lá embaixo na varanda da frente entre minha pessoa e alguém infinitamente melhor do que qualquer fantasia dos meus anseios.)

Droga! Eram as malditas flores por toda a cama! Ela estava esperando, paciente, com os seios nus encostados em mim, o cabelo ruivo enredado nas rosas, só olhando para mim, os olhos verdes e a boca macia de fato uma doçura. Um ser sobrenatural e eu havia conhecido os mais milagrosos dentre eles.

O que estava me afetando? Faça a gentileza de continuar como se nada estivesse errado. Como se você não tivesse cometido o Mal mais uma vez, seu demônio!

— Entregue-se a nós dois, a mim e ao Sangue — disse eu. — Quero que você e Quinn sejam perfeitos, como eu não sou. Quero guiá-los por um período de aprendizado impecável. Estão me ouvindo? Quinn foi prejudicado pela segunda vez quando nasceu pela segunda vez. Mães ruins. Quero apagar isso do seu coração.

Senti o aperto suave de Quinn no meu braço. Um consentimento, muito embora eu estivesse praticamente em cima do succulento amorzinho de sua vida, agora transformada em companheira imortal.

— O Sangue me contou coisas — disse Mona. Não estava com pressa. As

lágrimas tinham secado, como cinzas que se desprendiam de seu rosto. — Era coerente, o Sangue. Só fui perceber quando estava terminado. Parecia bom demais. Então vieram os pensamentos. Sei que você sobreviveu séculos a fio. Você chegou a sobreviver a você mesmo. Foi para um lugar no deserto como Cristo. Não morreu porque seu sangue é forte demais. Você tem medo de não conseguir morrer. Tudo em que você acreditou foi destroçado. Você diz a você mesmo que não tem ilusões, mas isso não é verdade.

Ela estremeceu mais uma vez. Tudo estava avançando muito rápido para ela. Talvez muito rápido para mim. Onde estava aquele fantasma? Devo lhe falar do fantasma? Não. Senti alívio por ela não conseguir mais ler meus pensamentos.

— Não tenho nenhuma teologia para nós, no fundo, eu estava falando também com Quinn. — Deus nos tolera, mas o que isso significa?

— E hoje, seja como for, quem tem uma teologia? — disse ela, com um sorriso quase irônico.

— Muita gente. Seu padre Kevin, aparentemente — retruquei.

— Ele tem uma Cristologia. É diferente.

— A meu ver parece ótimo — disse eu.

— Ora, não me diga. Ele não conseguiria converter você nem que tivesse os próximos cem anos para isso.

Pensei amargurado em Memnoch, o demônio. Pensei em Deus Encarnado, com quem eu falara. Pensei em todas as minhas dúvidas de que qualquer parte daquilo tudo tivesse sido real; em todas as minhas suspeitas de que eu não passava de um peão de espíritos em algum jogo complexo e de como eu havia fugido da Perdição, com suas miríades de hologramas ensurdecedores de confrontação de culpa, para as ruas frias e cheias de neve de Nova York, afirmando o material, o sensual, o sólido, acima de todas as ilusões. Era verdade que eu não acreditava nessas coisas que eu via? Ou eu teria simplesmente descoberto que o cosmo era insuportável?

Eu não sabia. Queria ser santo! Estava apavorado. Senti o vazio. Qual era a natureza de sua criança monstro? Eu não queria saber. Ah, queria, sim.

E então fixei meu olhar nela. Pensei em Quinn. E brotou em mim, numa fraca luminescência, um esquema de significado.

— Nós temos mitos, sim — eu expliquei. — Tínhamos uma deusa. Mas esta não é hora para todos esses assuntos. Você não precisa acreditar em tudo o que vi. O que realmente tenho para lhe dar é uma visão. Acho que uma visão é mais forte que uma ilusão. E a visão é a de que podemos existir como seres poderosos sem ferir ninguém que seja bom e generoso.

— Matando o Malfeitor — disse ela com uma inocência inevitável.

— Isso mesmo — concordei. — Matando o Malfeitor. E assim realmente possuímos o mundo, o mundo que você queria quando era uma criança

enlouquecida, sonhando acordada em suas longas caminhadas inquietas por toda a Nova Orleans, seus dias confessos de piranha errante, a menininha com uniforme da Academia do Sagrado Coração seduzindo todos os primos, eu sei. E em casa vivendo no computador e comendo besteiras. É, isso eu vi. Os pais beberrões em segurança, sem atrapalhar sua vida, com os nomes já gravados no Livro da Morte, tudo isso antes de que seu coração se partisse pela primeira vez.

— Epa! — Ela me retribuiu com um riso delicado. — Quer dizer que os vampiros conseguem fazer um discurso desses sem parar para respirar. Você captou tudo. E acabou de me dizer para não olhar para trás. Você gosta de dar ordens.

— Quer dizer que nós esquadrimos a alma um do outro durante o Artíficio das Trevas. É isso o que se supõe que aconteça mesmo. Eu gostaria de poder devorar sua mente agora. Você conseguiu me deixar intrigado. Sonhando sonhos. Estou me esquecendo de coisas, como, por exemplo, o fato de aqueles que eu trago para o Sangue geralmente acabarem me desprezando ou me deixando por motivos mais simples.

— Não quero deixar você — disse ela. Veio então novamente o franzir das sobrancelhas ruivas, minúsculas rugas distintas na carne lisa, que desapareceram instantaneamente. — Estou com sede. É de se esperar que eu esteja com sede? Vejo sangue. Sinto o cheiro de sangue. É o que eu quero.

Dei um suspiro. Tive vontade de dar-lhe o meu. Mas não era este o procedimento correto. Ela precisava do apetite para a caçada. De repente, fiquei perturbado.

Até mesmo Quinn, com todo o desejo mortal de adolescente fervilhando no cérebro, estava lidando com esse renascimento melhor do que eu. Vamos nos controlar.

Retirei-me do abrigo coberto de flores. Despertei para o quarto ao redor. E Quinn, ali parado, paciente, com tanta confiança em mim que conseguia reprimir o ciúme. Eu me via refletido nos seus olhos azuis.

Ela desarrumou as flores na cama, destruindo-as, e voltou a murmurar poesia.

Tomei sua mão e a fiz sair da cama e se pôr em pé. Ela sacudiu todas as pétalas do cabelo. Procurei não olhar para ela. Estava tão suculenta e reluzente como uma virgem pronta para um sacrifício num mundo de sonhos. Deu um suspiro e olhou para todas as roupas espalhadas.

Quinn recolheu tudo, abaixando-se, passando com cuidado em volta de Mona como se não ousasse tocar nela.

Ela olhou para mim. Não restava nenhum defeito. Todos os hematomas das agulhas, tudo havia sumido como eu sabia que sumiriam. Mas devo confessar (para vocês) que não tinha assim tanta certeza. Ela estava tão fraca, tão exausta, tão dilacerada. Mas as células estavam ali, ocultas, à espera da renovação. E o Sangue

as havia encontrado e recriado Mona.

Seus lábios tremiam um pouco quando ela falou, meio murmurando.

— Quanto tempo você acha necessário até eu poder falar com Rowan? Não quero fingir minha morte, contar mentiras, esse tipo de coisa, desaparecer deixando um espaço vazio onde eu estava. Eu... Existem coisas que eu quero saber deles. Minha filha, você sabe, foi embora. Nós a perdemos. Mas pode ser que agora... — Ela estava olhando ao redor para os objetos mais comuns, a coluna da cama, a borda da colcha de veludo, o tapete sob os pés descalços. Ela flexionava os dedos dos pés. — Pode ser que agora...

— Você não precisa morrer. Quinn não é uma prova clara disso? Quinn está morando aqui na Fazenda Blackwood já há um ano. As coisas para você estão num limbo. Mais tarde, nesta noite, você pode ligar para Rowan. Diga-lhe que tudo está bem, que a enfermeira está aqui...

— Certo...

— Ela é um amor de enfermeira que eu posso deslumbrar num piscar de olhos. Já fiz isso, eu sei. E eles darão a ela frango à moda crioula e arroz na cozinha. Você está me ofuscando, minha linda. Vista a roupa.

— Certo, Chefe — murmurou ela.

Um sorriso passou esvoaçante pelo seu rosto, mas dava para eu ver que sua cabeça não lhe estava dando um instante de paz. Num momento, ela estava olhando para as flores como se estivessem prontas para atacá-la e, no momento seguinte, estava imersa em pensamentos.

— E o que fazemos com as outras pessoas nesta casa? — perguntou ela. — Todos me viram quando cheguei. Sei qual era minha aparência. Vamos lhes dizer que foi um milagre?

Caí na risada.

— Você tem uma capa de chuva no armário, Quinn?

— Posso pensar em algo mais elegante que isso — respondeu ele.

— Legal. E você pode carregá-la no colo na escadaria? Já disse a Clem que iríamos a Nova Orleans.

— Certo, Chefe — disse ela mais uma vez, com um leve sorriso. — O que vamos fazer em Nova Orleans?

— Caçar — respondi. — Caçar e beber do Malfeitor. Usa-se o poder telepático para procurá-los. Mas vou ajudá-la. Vou orientar você até o momento de matar. Estarei lá ao seu lado.

— Estou morrendo de sede mesmo — ela concordou. E então arregalou os olhos. Sua língua acabava de tocar nas presas diminutas. — Meu Deus! — murmurou.

— Ele está no Céu — disse eu, baixinho. — Não deixe que Ele a ouça.



Ela apanhou a calcinha da mão de Quinn e a vestiu, puxando-a para cobrir o pequeno ninho ruivo de pêlos púbicos. Isso era dez vezes pior que a mera nudez. A combinação de renda com as alças delicadas passou pela cabeça, ficando um pouco comprida para ela porque Mona não era tão alta quanto tia Queen, mas, fora isso, ficou perfeita, justa nos seios e quadris, com a bainha larga de renda logo acima dos tornozelos.

Quinn tirou o lenço do bolso e limpou o sangue seco do rosto de Mona. Ele a beijou e ela começou a beijá-lo. Por um instante, os dois simplesmente se perderam um no outro, aos beijos, como dois gatos longos e graciosos lambendo-se.

Ele a levantou do chão sem parar de beijá-la. Os dois estavam ronronando. Ele estava louco de vontade de provar só um pouquinho do sangue de Mona.

Deixei-me cair na cadeira de braços da escrivaninha de Quinn.

Fiquei escutando a casa. Barulho de louça na pia, a voz de Jasmine. Cyndy, a Enfermeira, estava lá chorando ao ver o quarto de tia Queen. E onde estava a mãe de Quinn, Patsy? Clem lá fora esperando por nós com aquele carrão, é, certo. Nada de apavorar a menina carregando-a pelo ar. Vamos de carro.

Atordoados com pequenas considerações, olhei enquanto ela punha o vestido de seda. Ele parecia feito a mão, com punhos e gola bordada, que Quinn fechou na sua nuca. O vestido ia até os tornozelos. Estava divino nela, mais como um vestido de gala. Ela era uma princesa descalça. Ai! Está bem, foi um clichê, mas uma jovem atraente e viçosa também é um clichê. Danem-se.

Ela calçou um par de chinelinhos brancos um pouco gastos, do tipo que se compra em qualquer mercado, que era óbvio que havia usado para chegar até aqui, e, depois de jogar a cabeça para trás e balançar o cabelo, estava quase perfeita. Agora aquele era cabelo de vampiro e realmente não precisava ser escovado, cada fio brigando com o fio ao lado, num conjunto muito volumoso e brilhante, a testa alta e bem proporcionada, sobrancelhas de um desenho divino. E, então, ela voltou o olhar faiscante para mim. Ainda estou aqui, rapazes.

— É esquisito — disse ela, baixinho, como se não quisesse ser grosseira comigo. — Ele sabe que você está com um camafeu no bolso e eu sei também porque posso ler os pensamentos dele.

— Ah, quer dizer que é isso o que você esteve fazendo aqui. — Ri entre dentes. — Esqueci o camafeu. — Dei-o a Quinn. Pude prever que essa telepatia triangular seria uma espécie de pesadelo.

É, fui eu mesmo que quis que os dois fossem livres para ler o pensamento um do outro, então por que cargas d'água estava com ciúme?

Muito mais alto que ela, Quinn prendeu o camafeu com todo o cuidado no centro da gola branca bordada. Parecia antigo e refinado.

E então, num murmúrio ansioso, ele lhe fez uma pergunta.

— Você não usaria os saltos altos de tia Queen, usaria?

Ela simplesmente não conseguiu controlar o riso manso. Eu também não.

Até o dia em que morreu, parece que tia Queen havia andado por toda parte em sapatos de saltos perigosíssimos de tão altos, com tiras em torno do tornozelo e os dedos à mostra, alguns cobertos de *strass* ou, ao que me fosse dado saber, de diamantes de verdade. Quando fui apresentado a ela, tia Queen estava usando esse tipo de sapato fantástico.

Uma das ironias perenes de sua morte foi o fato de ela estar descalça, usando apenas meias de seda, quando levou o tombo que a matou. Mas essa foi uma perversidade de Goblin, que a assustou de propósito e até mesmo a empurrou.

Portanto, os sapatos estavam inocentados e era provável que houvesse pilhas deles nos armários lá embaixo.

Mas tentem associar a imagem de Mona, a criança andarilha, de sapatos resistentes, bicolores, a qualquer visão dos saltos altos de tia Queen e o resultado é de morrer de rir. Por que Mona faria uma coisa dessas a si mesma? E quando se sabia como Quinn era ligado em saltos altos, especialmente os de Jasmine e de tia Queen, tudo ficava ainda mais engraçado.

Mona estava presa em algum ponto entre o transe vampírico e o amor total, contemplando o rosto sério de Quinn, tentando entender tudo isso.

— Está bem, Quinn, eu experimento os sapatos dela, se é o que você quer. — Agora, isso era o puro sobrenatural feminino.

Num segundo, ele estava no interfone com Jasmine. Traga aqui para cima o melhor negligée de cetim branco de tia Queen, um que seja longo, com o acabamento de plumas de avestruz, e um par de sapatos altos novos, muito cintilantes, e depressa.

Não foi necessária a audição de vampiro para captar a resposta de Jasmine.

— Meu Deus! Você vai fazer essa menina doente usar essas coisas? Patrãozinho, você perdeu o juízo? Vou subir aí! E Cyndy, a Enfermeira, está aqui e está tão escandalizada quanto eu. E ela vem comigo e é melhor você deixar essa menina em paz. Meu Deus! Eu repito, meu Deus! Você não pode despi-la como se fosse uma boneca, Taw-quin Blackwood, seu maluco! A menina já morreu? É isso o que você está tentando me dizer? Trate de me responder, Taw-quin Blackwood, quem está falando com você é Jasmine! Você por acaso sabe que Patsy fugiu e deixou todos os remédios e ninguém sabe onde ela foi se meter? Agora, eu não culpo você por não ligar para Patsy, mas alguém tem de pensar nela e Cyndy está chorando feito louca por causa de Patsy...

— Jasmine, acalme-se — Quinn prosseguiu de modo cortês e tranqüilo. — Patsy morreu. Eu a matei na noite de anteontem. Quebrei o pescoço e a joguei no pântano, onde os jacarés a devoraram. Você não precisa se preocupar mais com

Patsy. Jogue os remédios no lixo. Diga a Cyndy, a Enfermeira, para comer alguma coisa. Eu mesmo vou descer para apanhar os sapatos e o negligêe. Mona está muito melhor. — Ele pôs o telefone no gancho e seguiu direto para a porta. — Tranque a porta quando eu sair.

Eu obedeci.

Mona lançou-me um olhar penetrante.

— Ele estava contando a verdade a respeito de Patsy, não estava? — perguntou ela. — E Patsy é a mãe dele???

Fiz que sim e dei de ombros.

— Nunca vão acreditar nele e essa foi a atitude mais esperta que ele poderia tomar. Vai poder repetir esta confissão até que o mundo se acabe. Mas quando se conhece Patsy um pouco, dá para entender.

Ela estava horrorizada e o Sangue intensificava sua sensação.

— Qual foi a atitude mais esperta? Matar Patsy ou contar que fez isso? .

— Contar a todos, foi o que quis dizer. Somente Quinn pode explicar por que a matou. Patsy odiava Quinn, isso posso garantir. E ela era uma mulher dura, impiedosa. Estava morrendo de AIDS. Não teria muito tempo de vida pelo relógio mortal. O resto, ele pode responder.

Mona estava estupefata, uma vampira virgem prestes a desmaiar de choque moral.

— Em todos os anos em que o conheci, ele nunca falou sobre Patsy comigo, nem mesmo respondeu por e-mail a uma única pergunta isolada acerca da sua mãe.

— Ele tem seus segredos como você também tem — disse eu, dando de ombros. — Sei o nome de sua filha. Morrigan. Mas ele não sabe.

Ela se encolheu.

Ouvia-se o ruído forte de uma discussão que subia do andar inferior. Até mesmo Nash e Tommy, recém-saídos da mesa de jantar, tinham sido forçados a defender o lado de Jasmine e Grande Ramona declarou Quinn um necromaníaco. Cyndy, a Enfermeira, soluçava.

— Mesmo assim — disse Mona —, matar a própria mãe...

Por um breve segundo em tecnicolor, deixei-me pensar em minha própria mãe, Gabrielle, que eu havia trazido para o Sangue. Onde estaria ela naquele mundo imenso, a criatura fria, silenciosa, inabalável, cuja solidão me era inimaginável? Não fazia assim tanto tempo que eu não a via. E uma hora ou outra, eu a veria de novo. Nela, não havia carinho, conforto, compreensão. Mas que diferença fazia?

Quinn bateu na porta. Deixei que entrasse. Eu ouvia o motor da limusine lá fora. Clem estava se preparando para nós. A noite estava quente. Ele tinha ligado o ar-condicionado. Seria uma delícia seguir até Nova Orleans.

Quinn se encostou na porta depois de fechá-la e passar-lhe a tranca e respirou

fundo.

— Teria sido mais fácil roubar o Banco da Inglaterra.

Ele enfiou as sandálias cintilantes de salto alto nas mãos de Mona, que estavam à espera. Ela as examinou com cuidado.

Calçou-as então, ganhando bem uns dez centímetros de altura e uma tensão nos músculos das pernas que até mesmo através do vestido pareciam de uma sedução implacável. Os sapatos estavam só um pouquinho pequenos, mas praticamente não dava para notar, com a faixa cravejada de strass atravessando com primor seus dedos. Ele afivelou uma das tiras em um tornozelo enquanto ela prendia a outra.

Mona apanhou o longo negligée branco das mãos de Quinn e o vestiu, enrolando-se nele e rindo quando as plumas lhe fizeram cócegas. Ele era solto, tremeluzente, escandaloso e lindo.

Ela correu por todo o quarto, em círculos grandes e pequenos. Uma dessas coisas que os homens nunca podem fazer???? Seu equilíbrio era perfeito. Era só o início de sua força e algum senso de frivolidade dentro dela queria essas sandálias impossivelmente torturantes. Deu voltas e mais voltas e então, de repente, parou imóvel encostada na janela mais distante.

— Que motivo podia haver para você matar sua mãe? — perguntou. Quinn ficou olhando para Mona. Parecia não saber o que dizer. Foi na direção dela com um gesto abrangente e harmonioso. Apanhou-a nos braços e a apertou junto ao corpo, como fizera antes, sem dizer nada. Um medo momentâneo. A menção ao nome de Patsy o envolveu em trevas. Ou talvez tivessem sido os belos trajes de tia Queen.

Alguém bateu forte na porta. Em seguida, veio a voz de Jasmine:

— Abra essa porta, Patrãozinho, e trate de me deixar ver essa menina ou eu juro por Deus que mando chamar o xerife.

Seguiu-se a voz carinhosa de Cyndy, tão razoável e gentil.

— Quinn? Quinn? Por favor, deixe-me dar uma olhadinha em Mona.

— Pegue Mona no colo — eu disse a Quinn. — Passe direto por elas, carregando-a, desça pela escada, saia pela porta da frente e entre no carro. Estarei ao seu lado.

## CAPÍTULO 6



Em três minutos, talvez menos, tínhamos saído da casa e estávamos na estrada, sempre nos movimentando no ritmo dos mortais para não assustar ainda mais todo o coro que gritava conosco. Mona teve o bom senso de cobrir o rosto com as plumas trêmulas do negligêe, de tal modo que dela nada estava visível além da volumosa cabeleira ruiva e dos pés que balançavam, cobertos de cintilações. Conseguimos sair, com palavras corteses e delicadas para tranquilizar a turma nervosa, e determinamos a Clem, com sua atitude de profunda indiferença, que se dirigisse para Nova Orleans “imediatamente”.

Fui eu quem deu a ordem com um rápido sorriso que acionou no motorista seu dar de ombros e expressão sarcástica, mas a limusine gigantesca logo estava seguindo balançando pelo caminho de cascalho, seguindo em frente, e Mona estava no banco traseiro entre mim e Quinn. E então, e só então, comecei a esquadrihar a cidade de Nova Orleans em busca de possíveis vítimas.

— Estou ouvindo as vozes como a algazarra do Inferno — eu disse. — Prepare-se, querida. Estou procurando pela eterna escória. Pode chamá-los de sinistros mortais desalmados que se alimentam dos oprimidos ou de oprimidos que se alimentam uns dos outros. Eu sempre me pergunto... e nunca descubro... se os verdadeiros Bandidos Violentos chegam a parar para apreciar o roxo do céu ao anoitecer ou os galhos de um carvalho lá no alto. Traficantes de crack, assassinos de crianças, gângsteres adolescentes só por uns quinze minutos fatais, o necrotério nunca fica vazio na nossa cidade. É uma eterna fermentação de maldade calculada associada a ignorância moral.

Mona sonhava, olhando pelas janelas, fascinada com cada mudança na paisagem. Quinn ouvia as vozes distantes. Quinn conseguia sintonizar de muito longe. Ele estava ansioso, tão apaixonado por ela, mas nem um pouco feliz.

O automóvel ganhou velocidade quando entrou na rodovia. Mona arquejou. Pôs os dedos em volta do meu braço esquerdo. Nunca se sabe o que uma cria vai fazer. É tudo tão inebriante.

— Escute — disse eu. — Quinn e eu estamos escutando.

— Estou ouvindo. Não consigo separar um fio do emaranhado. Não consigo. Mas olhem só para as árvores. Essas janelas são transparentes. Os Mayfairs sempre mandam escurecer as janelas das limusines.

— Tia Queen não era assim — retrucou Quinn, olhando para a frente, banhando-se nas vozes. — Ela queria o vidro transparente para poder enxergar lá fora. Não se importava se as pessoas olhassem aqui para dentro.

— Não paro de esperar que tudo se acomode — murmurou Mona.

— As coisas não vão se acomodar nunca — disse Quinn. — Elas só ficam cada vez melhores.

— Então, confie em mim — disse ela a Quinn, com os dedos apertando meu braço. — Não sinta tanto medo por mim. Tenho pedidos a fazer.

— Pois então faça, vamos — incentivei.

— Quero passar pela minha casa... quer dizer, a casa da família Mayfair na esquina da First com a Chestnut. Fiquei dois anos no hospital. Ainda não a vi.

— Não — disse eu. — Rowan perceberá sua presença. Ela não vai saber o que você é, da mesma forma que não soube na Mansão Blackwood. Mas saberá que você está por perto. Não vamos lá. Vai chegar a hora, mas não é agora. Volte a prestar atenção à sede.

Ela concordou. Não se rebelou. Dei-me conta de que Mona não havia me enfrentado em nada.

Eu sabia, porém, que seus pensamentos lhe pesavam, mais do que os elos normais na corrente que prende os recém-criados ao seu passado mortal. Alguma coisa a estava dominando, alguma coisa relacionada com as imagens distorcidas que ela havia me mostrado pelo Sangue — a Filha Monstruosa, a Criança Mulher. O que havia sido aquilo, aquela criatura?

Não deixei que Quinn captasse esse meu pensamento. Era cedo demais para revelar tudo aquilo. Mas era bem possível que ele houvesse captado tudo no quarto quando eu a estava trazendo para nosso lado. Durante aqueles momentos, eu pertencera a ela, de modo exclusivo e correndo grande perigo. Era bem possível que ele soubesse tudo o que eu havia visto. E agora mesmo, Quinn poderia estar lendo os pensamentos de Mona, embora eu soubesse que ela não estava pronta para revelar a história.

O carro atravessava o lago a toda a velocidade. O lago parecia uma enorme criatura morta, mais do que uma extensão de água viva. Mas as nuvens se erguiam num bloco triunfal abaixo da lua que nascia. Quando se é vampiro, podem-se ver nuvens que outros não conseguem enxergar. Pode-se viver desse tipo de coisa, quando a fé estiver destruída — as formas aleatoriamente mutantes das nuvens, a aparente sensibilidade da lua.

— Não, eu preciso ir lá — disse ela, de repente. — Preciso ver a casa. Preciso.

— Que história é essa? Alguma maldita rebelião? — perguntei, em resposta. — Eu estava agora mesmo dando-lhe parabéns, em pensamento, por você não ter me enfrentado.

— E daí? Vou ganhar alguma medalha por isso? Não precisamos chegar perto da casa — retrucou ela, com um soluço preso na garganta. — Só preciso ver aquelas ruas do Garden District.

— Ah, sim, tudo bem — disse eu, entre dentes. — Você não se importa de tirá-los diretamente de dentro da casa? De arrancá-los de sua paz de espírito? Está disposta a seguir em frente com isso de algum modo? É claro que não estou dizendo que tenha que seguir em frente. Entenda bem, estou apenas tentando interagir com você e com o sr. Quinn Blackwood como pessoinhas decentes e exemplares. Quanto a mim? Eu sou um canalha.

— Amado Chefe — a expressão dela era séria —, permita apenas que eu me aproxime até onde pudermos, até onde você calcule ser seguro. Não, não estou querendo perturbá-los. Detesto essa idéia. Mas passei dois anos numa solitária.

— Aonde estamos indo de verdade, Lestat? — perguntou Quinn. — Vamos caçar no centro?

— Nos fundos da cidade, é como eu gosto de dizer — respondi. — Nenhum morador como eu iria chamar esse lugar de centro. Você sabe onde a escória nasce direto do calçamento. Tente escutar a cidade, Mona.

— Estou ouvindo — respondeu ela. — É como a abertura de uma comporta. E depois as vozes isoladas. Inúmeras vozes isoladas. Provocações, ameaças, até mesmo o estalo abafado de armas...

— A cidade está cheia hoje, apesar do calor — disse eu. — O povo está nas ruas; os pensamentos me invadem em ondas enjoativas. Se eu fosse santo, era isso o que eu teria de escutar o tempo todo.

— É, como orações — observou ela. — Todos esses pedidos.

— Os santos precisam trabalhar — disse eu, como se realmente soubesse do que estava falando.

E então, com forte impacto, fui atingido. A presença deles. Quinn foi atingido no mesmo instante.

— Meu Deus — sussurrou ele. Estava perplexo. — Vamos nos aproximar — disse eu.

— O que foi? Não estou ouvindo. — Mona fixou os olhos em Quinn. Ah, aquilo simplesmente não poderia ser mais oportuno! Eu estava absolutamente furioso e, ao mesmo tempo, delirava de felicidade. Concentrei minha atenção.

Ah, certo, isso mesmo, matando aleatoriamente enquanto se alimentavam, um casal de vampiros, um macho e uma fêmea, de constituição cruel, pretensiosos, mais estilo do que caráter, ouro reluzente e couro de grife, inebriados com seus poderes,

empanturrando-se com Nova Orleans como se a cidade não fosse de verdade, provocando o “grande vampiro Lestat”, em quem eles no fundo não acreditavam (e quem acredita?), percorrendo arrogantes as ruas do meu French Quarter até o covil num hotel caríssimo, chave na fechadura, cheios de sangue, o riso ecoando no teto, ligando a TV, dando a noite por encerrada, com vítimas inocentes espalhadas pelos becos escondidos, mas nem todas, prontos para curtir a música ou as imagens coloridas do mundo mortal, sentindo-se totalmente superiores, um vago plano de dormir durante o dia nas sepulturas caiadas, velhas e imundas do Cemitério de St. Louis N° 1, tipo, quanta audácia! Inconscientemente à espera da morte.

Recostei-me no banco, rindo baixinho.

— É incrível! Uma maldade deliciosa demais! Ela está pronta. Não pense duas vezes. E o narcótico relampejante do sangue inimigo. Perfeito para ela. E, quanto mais cedo ela aprender a lutar contra sua própria espécie, melhor. O mesmo vale para você, Quinn. Você nunca precisou combater o lixo cósmico que anda à solta por aí.

— Mas tem que ser perfeito para ela, Lestat — observou Quinn. — Você sabe o que aconteceu na minha primeira noite. Meti os pés pelas mãos. Não posso deixar que alguma coisa feia ou ruim aconteça com Mona...

— Você está partindo meu coraçãozinho delicado — disse eu. — Por acaso, você e ela vão sozinhos? Eu vou com vocês. Francamente, você acha que não consigo lidar com esse par de desgarrados? Para você, Quinn, eu me fiz domesticado demais. Você está esquecido de quem eu sou e pode ser que eu também esteja.

— Mas como vai terminar? — insistiu ele.

— Sua inocência é tão genuína.

— Isso você já deveria saber a esta altura! — disse ele. E então, de pronto, continuou: — Desculpe. Peço que me perdoe. E só que...

— Quero que me escutem, vocês dois. Estamos falando da ralé do Inferno. Há no máximo uma década eles estão se pavoneando pela eternidade, tempo suficiente apenas para deixá-los muito cheios de si. É claro que vou ver no fundo da alma de cada um deles antes de despachá-los. Mas, neste momento, sei que são transgressores. E não gosto deles. E o sangue de um vampiro é sempre quente. E a luta será boa. São uns vorazes imundos. Destroem a paz nas minhas ruas. E isso é uma sentença de morte, pelo menos quando disponho de tempo. E acontece que, neste exato momento, estou com este tempo e vocês estão com sede e é isso o que me interessa. Não quero saber de mais perguntas.

Um risinho escapou dos lábios de Mona:

— E eu me pergunto qual é o gosto do sangue deles, mas não me atreveria a perguntar a você. Digamos simplesmente que estou pronta, se é o que você acha.

— Você é bem debochadinha — respondi. — Gosta de brigar? Lutar contra



mortais não tem graça porque não é justo. Nenhum imortal com o mínimo de honradez faria isso mais do que o necessário. Mas lutar contra esses mortos-vivos vai ser fantástico. E nunca se pode calcular a força que eles possuem, nunca mesmo. E depois vêm as imagens transmitidas pelo sangue, chiando, mais elétricas do que as de presas humanas.

Um aperto da mão de Mona.

Quinn estava angustiado. Pensava na noite em que caçara pela primeira vez: um casamento em Nápoles, onde a noiva o arrastou para um quarto, determinada a aprontar alguma para se vingar do noivo, e ele a esgotou, derramando o primeiro gole por todo o vestido. Ele vivia repetindo aquela queda em desgraça, aquele horrível momento da plena maldição.

— Irmãozinho — disse eu —, aqueles eram seres humanos. Olhe para mim. — Ele se voltou para minha direção e, nas luzes lampejantes da estrada, eu o encarei nos olhos. — Sei que até agora me fiz de elegante para você. Fiz o papel do sábio europeu e agora você está vendo meu lado desagradável. E preciso me lembrar de que para você foi um inferno só me contar sua história e, ainda por cima, a morte de tia Queen foi simplesmente uma tortura para você. E que você merece qualquer coisa boa que eu possa invocar ou proporcionar. Mas acontece que preciso livrar o mundo desses dois Caçadores de Sangue. E você e Mona não podem perder essa oportunidade.

— E se eles forem fortes? E se tiverem sido feitos por alguém muito antigo? — perguntou ele.

— Eu lhe dei meu sangue, Quinn. — Eu soltei um suspiro. — E Mona foi feita com ele. Meu sangue, Quinn. Eles não são páreo para você agora. Não são páreo para ela, já lhe disse.

— E eu quero enfrentá-los! — disse Mona de imediato, com veemência. — Se você diz que são caça permitida, então eles são caça permitida e para mim isso basta, Amado Chefe. Não consigo dizer a mim mesma o que estou sentindo agora, o quanto estou louca por essa pequena batalha. Não consigo encontrar as palavras. É tudo tão primitivo, tão enraizado dentro de mim! Parece que faz parte daquele meu lado humano que não vai morrer, não é mesmo?

— É — concordei. — Isso mesmo.

— Bravo! — disse ela. — Estou sentindo o cheiro deles. Mas alguma coisa, alguma coisa está me deixando confusa...

— Calma, estamos chegando.

Uma expressão suave, atenuada, dominou Quinn, inconfundível à luz dos carros que passavam voando.

— E se eles implorarem por misericórdia? — perguntou ele.

— Pode ter certeza de que isso vai acontecer. — Assegurei com um leve dar de

ombros.

— E se eles souberem poesia? — insistiu ele.

— Teria de ser excelente — respondi. — Você não acha? Para compensar todas aquelas vítimas inocentes? Ele não desistia. Não conseguia.

— E se eles amarem você?

## CAPÍTULO 7



Tempo para uma breve reflexão sobre a questão dos santos, já que vocês sabem o quanto eu gostaria de ser um mas não posso.

Ora, quando deixamos o Papa, ele estava em segurança em seus aposentos, mas nesse período que levei para registrar fielmente esses acontecimentos — não se preocupem, vamos voltar para a história em menos de cinco minutos! — o Papa esteve em Toronto, na Guatemala e no México. E, no México, ele canonizou um santo.

Por que menciono isso, quando o Papa João Paulo II fez muitas outras coisas nessa pequena viagem, entre elas a beatificação de um ou dois caras e a canonização de um santo na Guatemala também?

Porque, quando se trata desse santo no México, fico particularmente comovido pelas circunstâncias — por ele ter sido um certo Juan Diego, um índio humilde (“um indígena”, como afirmam algumas manchetes) a quem Nossa Senhora de Guadalupe apareceu em 1531. Naturalmente ninguém deu a menor atenção quando este índio humilde falou pela primeira vez ao bispo espanhol da diocese sobre a aparição da Virgem, até Nossa Senhora operar um duplo milagre. Ela providenciou algumas belíssimas rosas vermelhas para Juan Diego colher para o bispo, rosas que seriam impossíveis de cultivar na neve que cobria a montanha onde Juan Diego morava. E, quando o carinha abriu feliz sua tilma (poncho) diante do bispo para revelar as flores maravilhosas, ali na própria tilma estava uma imagem em cores de Nossa Senhora, com a forma inconfundível da Virgem Maria, mas com pele de índia.

Essa tilma, uma peça feita de fibras de cactos, com sua gloriosa imagem da Virgem Maria, ainda está pendurada intacta na Catedral na Cidade do México e milhares de devotos vêm vê-la todos os dias. Chama-se Nossa Senhora de Guadalupe e na cristandade não há quem não tenha visto essa imagem da mãe de Cristo numa hora ou outra da vida.

Está bem... Certo, adoro essa história... Sempre adorei. Acho ótimo o que aconteceu com Juan Diego. Primeiro, quando ele subia a montanha com esforço, a Mãe Abençoada o chamou: “Juanito!” Não é comovente? E é comovente que

milhares de índios tenham se convertido ao cristianismo depois destes milagres. E sem dúvida é maravilhoso que o Papa João Paulo II, enfermo e com oitenta e dois anos de idade, tenha vindo até o México para canonizar Juan Diego.

Mas os críticos do Papa não estão assim tão felizes. Há rumores, diz a imprensa. Descontentes afirmam não existirem provas de que Juan Diego tenha existido.

Ora, quanta grosseria!

E isso denuncia uma verdadeira incompreensão do que a enorme riqueza espiritual do catolicismo romano realmente representa.

Se ninguém tem como provar que Juan Diego existiu, é óbvio que ninguém tem como provar que ele não existiu.

Mas suponhamos por um instante que Juan Diego não existe ou que não tenha existido. O Papa continua sendo infalível, certo? “Tudo o que atares na Terra estará atado no Céu”, disse Cristo a Pedro. Certo?

Até os mais ferozes críticos do Papado admitem que a instituição é uma maravilha moderna, não é mesmo?

Portanto, sem dúvida e sem resmungos, no instante em que João Paulo declarou Juan Diego santo, o carinha passou a existir no Paraíso! Agora pensem no que provavelmente passou pela cabeça de Juan Diego. E não se esqueçam de que estamos falando de nada menos que um “indígena” das Américas, e eis que ele se encontra num Paraíso que é, por qualquer descrição possível, totalmente impossível de descrever.

Na realidade, se a última safra de místicos estiver com a razão e o Paraíso para onde formos quando entrarmos na Luz for moldado por nossas próprias noções preconcebidas, Juan Diego, contemplado com a plena definição que lhe deram os argumentos e decisões da Cúria Romana, está provavelmente perambulando de um lado para outro, com sua tilma de fibra de cacto, colhendo rosas. Eu me pergunto se não está descalço.

Será que ele se sentirá solitário? Claro que não. Somente um ateu teria uma idéia dessas. Podem acreditar em mim. O Paraíso indescritível é um indescritível furacão de magnificência.

Vamos nos ater aos nossos sentidos de quem fica aos pés do Monte Sinai. Cercado por seu jardim sempre em flor, Juan Diego pode, se quiser, procurar a companhia de dezenas de outros santos que nunca passaram tempo algum na Terra, entre eles os famosos pais da Virgem Maria, Joaquim e Ana, assim como Santa Verônica, que conheci pessoalmente.

É muito mais provável, porém, que Juan Diego se encontre acuado por pedidos feitos em preces. As vozes de “indígenas” na Terra bem como as dos descendentes de colonizadores farão com que ele se mantenha em contato com o sofrimento e a

desgraça do planeta de onde escapou.

Do que estou falando?

Simplesmente do seguinte: quer tenha existido na Terra, quer não, Juan Diego está provavelmente trabalhando muito, mergulhando entre as camadas astrais em sua alma com forma humana, escutando atentamente os fiéis e transmitindo seus pedidos ao Todo Sapiante. Ele tem de estar fazendo isso. É um santo de imensa importância. E, sem dúvida, Nossa Senhora de Guadalupe lança seu olhar benévolo sobre toda uma nova corrente de turistas e devotos na Cidade do México.

E o Papa voltou para o Vaticano, tendo canonizado 463 santos em sua vida.

Quem dera eu fosse um desses santos. Pode ser que seja por isso que eu precise escrever este capítulo. Sinto inveja de Juan Diego. Hummm...

Mas não sou santo. E não levei nem mesmo cinco minutos. E vocês sabem. Por isso, nada de reclamações. É só que não consigo esquecer minha louca vontade de ser canonizado oficialmente.

Que pena! Vamos em frente. *Alors*. Mais oui. Eh bien. Passem direto para o capítulo 8.

## CAPÍTULO 8



Ora, ninguém jamais me acusou de ter obtido alguma sabedoria verdadeira nos meus duzentos anos nesta Terra. Conheço apenas uma única forma de agir.

Clem nos deixou diante do hotel, um hotel novo, luxuoso, caríssimo e, por assim dizer, bem no meio do agito, com seu endereço em Canal Street, o grande logradouro malcuidado que divide Nova Orleans, e uma entrada para o lado do French Quarter, o mundinho que eu preferia.

Mona estava tão extasiada, que tivemos de empurrá-la até o elevador, eu do lado esquerdo e Quinn do direito. E claro que atraímos a atenção de todos os que estavam no saguão — não por sermos imortais sugadores de sangue resolvidos a destruir dois da nossa espécie no décimo quinto andar, mas porque éramos extrema e rigorosamente lindos, em especial Mona, envolta em plumas e tecido cintilante, empoleirada em sapatos de altura perigosíssima.

Quinn agora estava com uma sede tão forte quanto a de Mona e essa sede o ajudaria no que precisávamos fazer.

Eu, porém, não estava imune às questões levantadas por ele no carro. Poesia, amor. E eu, em segredo, aspirando à santidade! Que vida interminável! E lembrem-se, Filhos honorários da Noite, do que eu disse sobre a telepatia. Por melhor que seja, ela não é como a realidade.

Assim que chegamos à suíte, empurrei a porta em total silêncio, sem quebrar as dobradiças, já que pretendia fechá-la de novo. E o espetáculo em que mergulhei com passos de felino me espantou.

Ah, Selvagem Jardim desta Terra, que possui criaturas como essas! Os desgarrados estavam dançando na penumbra ao som de uma música das mais apaixonantes, um concerto de Bartók para violino e orquestra, que inundava o aposento com o volume no máximo. A música era triste, dilacerante, arrebatadora — uma ordem para abandonar tudo o que fosse barato e espalhafatoso, uma majestade plena e envolvente.

E, embora aqueles dois fossem infinitamente mais sedutores do que eu havia previsto, por trás deles, avistei, num sofá longo e fundo da cor de vinho, um grupo

de crianças mortais, machucadas, inconscientes, destinadas ao óbvio uso aleatório como fornecedoras de sangue.

Todos nós três estávamos ali dentro com a porta fechada e os transgressores dançavam sem se dar conta de nós, seus sentidos imersos no ritmo e no som resplandecente.

Na aparência, eram absolutamente espetaculares, com a pele bronzeada, o cabelo negro descendo em ondas até a cintura — sendo ambos de origem semítica ou árabe — muito altos e com feições grandes, que incluíam bocas magníficas. E tinham uma elegância natural. Dançavam de olhos fechados, com serenidade no rosto oval, fazendo gestos amplos e ondulantes, acompanhando a música cantarolando sem abrir os lábios. E o macho, que superficialmente era quase indistinguível da fêmea, de vez em quando sacudia o enorme véu da cabeleira e a girava em torno de si mesmo.

As roupas unissex de couro preto e liso eram incríveis. Calças maleáveis, camisas sem mangas e sem gola. Usavam braceletes de ouro nos braços e antebraços. De quando em quando, eles se abraçavam e se soltavam e, enquanto observávamos, a fêmea estendeu a mão até o grupo de crianças mortais, levou aos lábios um menininho sem forças e bebeu do seu sangue.

Ao ver isso, Mona deu um berro e de imediato os dois vampiros ficaram paralisados, olhando fixamente para nós. Seus movimentos eram tão semelhantes, que seria possível pensar que eles eram enormes autômatos operados por um sistema central. A criança inconsciente foi jogada de volta ao sofá.

Meu coração se apertou num nó dentro de mim. Eu mal conseguia respirar. A música invadia meu cérebro; a voz dilacerante, triste, irresistível do violino.

— Quinn, desligue o som. — Eu mal havia acabado de falar quando a música parou. A sala mergulhou num silêncio vibrante, eloqüente. O casal se uniu. A figura que formaram lembrava uma estátua. Tinham sobrancelhas pretas num arco primoroso, olhos de pálpebras pesadas com cílios densos. Árabes, sim, das ruas de Nova York. Irmão e irmã, da classe de pequenos comerciantes, muito trabalho mesmo, com dezesseis anos quando foram criados. A história veio deles numa enxurrada e também uma torrente de adoração por mim, uma felicidade exuberante por eu ter “aparecido”. Ai, que Deus me ajude. Juan Diego, não me falte.

— Não sonhamos que o veríamos, que o veríamos de verdade! — disse a fêmea, com um forte sotaque nas palavras, uma voz profunda, sedutora e cheia de reverência. — Esperávamos e rezávamos para que isso acontecesse e cá está você e é você mesmo. — As belas mãos se abriram e se estenderam para mim.

— Por que mataram vítimas inocentes na minha cidade? — murmurei. — Onde apanharam essas crianças inocentes?

— Mas você, você mesmo bebeu de crianças. Está nas páginas das Crônicas —

lembrou o macho. As mesmas palavras com sotaque, o tom delicado, cortês. — Nós estávamos imitando você! O que nós fizemos que você não tenha feito?!

Meu coração ficou ainda mais apertado. Aqueles atos malditos, aquelas malditas confissões. Ai, Deus me perdoe.

— Vocês conhecem minhas advertências — disse eu. — Todo o mundo sabe. Fiquem fora de Nova Orleans. Nova Orleans me pertence. Quem não sabe desses meus avisos?

— Mas nós viemos adorá-lo! — retrucou o macho. — Estivemos aqui antes. Você nunca se importou. Era como se você fosse uma lenda.

De repente, eles se deram conta de seu imenso erro de avaliação. O macho tentou correr até a porta, mas Quinn agarrou seu braço sem esforço e fez com— que a criatura girasse.

A fêmea estava parada, em choque, no centro da sala, com os olhos negros fixos em mim para então desviá-los em silêncio para Mona.

— Não — disse ela —, não, você não pode simplesmente nos destruir. Isso você não vai fazer. Você não vai tirar de nós nossas almas imortais, não vai mesmo. Você é nosso sonho, nosso modelo sob todos os aspectos. Não pode fazer isso conosco. Ai, eu lhe imploro, faça de nós seus servos, ensine-nos tudo. Nunca desobedeceremos! Aprenderemos tudo com você.

— Vocês conheciam a lei — eu repeti. — Foi sua a escolha de desrespeitá-la. Achavam que iriam entrar e sair deixando os pecados para trás. E assassinam crianças em meu nome? Agem assim na minha cidade? Vocês nunca aprenderam nada nas páginas que escrevi. Não as esfreguem na minha cara! — Comecei a tremer. — Acham que eu confessei o que fiz para que vocês seguissem meu exemplo? Meus erros não eram um modelo para suas abominações.

— Mas nós o adoramos! — disse o macho. — Viemos até você em peregrinação. Obrigue-nos a ser seus súditos e ficaremos plenos de sua graça. Você nos tornará melhores.

— Não tenho absolvição para vocês — disse eu. — Vocês estão condenados. Assunto encerrado.

Ouvi Mona soltar um gemidinho. Eu conseguia ver o conflito na expressão de Quinn.

O macho retesou o corpo inteiro na tentativa de se soltar. Quinn o prendeu com uma das mãos, segurando-o pelo braço.

— Deixe-nos ir — implorou o macho. — Iremos embora de sua cidade. Avisaremos a outros para jamais virem aqui. Seremos a prova concreta. As testemunhas consagradas. Onde quer que formos, diremos aos outros que o conhecemos, que ouvimos o aviso de sua própria boca.

— Beba — disse eu a Quinn. — Beba até não restar mais nada. Beba como



nunca bebeu antes.

— É de boa-vontade que me entrego! — murmurou o macho, fechando os olhos. Toda a resistência o abandonou. — Sou sua fonte no amor.

Sem hesitação, Quinn pôs a mão direita na enorme massa de cabelos encaracolados do macho e trouxe a cabeça para a posição correta, virando-a até desnudar o pescoço, e então, fechando os olhos, fincou os dentes.

Mona olhava fascinada e então voltou-se de repente para a fêmea. A sede transformava seu rosto. Parecia estar semi-adormecida, com os olhos grudados na fêmea.

— Ela é sua — incentivei.

A fêmea contemplava Mona, sem medo.

— E você, tão linda — disse a rebelde, com as palavras aguçadas. — Você, tão linda, você vem tomar meu sangue, eu lhe dou meu sangue, pronto, ele é seu. Só me poupe para a eternidade. — Ela abriu os braços, aqueles braços com braceletes de ouro, chamando Mona com os longos dedos.

Mona se movimentava como se estivesse hipnotizada. Abraçou o corpo esguio da fêmea com o braço esquerdo e afastou o cabelo do lado direito do rosto da fêmea, inclinou o corpo ágil e se apossou dela.

Fiquei observando Mona. Sempre era um espetáculo — ver o vampiro se alimentando, o que parecia um ser humano com os dentes fincados no outro, os olhos fechados como que num sono profundo, nenhum som, somente o estremecimento e as contorções da vítima, até mesmo os dedos paralisados enquanto sorvia profundamente, saboreando a droga do sangue.

E assim ela se lançou pelo Caminho do Demônio, com esse sacramento desgraçado, sem que fosse necessário instigá-la, com a sede a servir-lhe de guia.

O macho caiu desmaiado aos pés de Quinn. Quinn recuou, cambaleando, atordoadado.

— Tão longe — murmurou Quinn. — Um antigo, de Jericó, dá para você imaginar? Que ele os tenha feito sem lhes ensinar nada? O que vou fazer com esse tesouro de imagens? O que vou fazer com essa estranha intimidade?

— Guarde-a — disse eu. — Guarde-a onde ficam as melhores lembranças até o momento em que você precisar dela.

Fui lentamente na direção, apanhei do chão a vítima mole, sem forças, levando o corpo até o banheiro azulejado da suíte, uma maravilha palaciana com uma banheira espaçosa totalmente cercada de degraus de mármore verde, e joguei o infeliz na banheira, onde ele tombou como uma marionete sem fios, largado em silêncio, com os olhos virados para trás. Ele murmurava alguma coisa em sua língua materna, uma bela combinação de membros bronzeados e as cintilações do ouro, cora a cabeleira enorme formando um ninho por baixo do corpo.

Na sala, encontrei Mona com sua vítima, as duas de joelhos. E então Mona recuou. Por um instante, tive a impressão de que ela própria ia perder a consciência e de que as duas ficariam juntas nessa situação, com as cabeleiras se enredando. Mas Mona pôs-se de pé e levantou a fêmea.

Acenei para ela.

Ela carregava a fêmea como um homem carregaria uma mulher, um braço por baixo dos joelhos, um braço em torno dos ombros. A cabeleira escura caindo até o chão.

— Ali, na banheira, com o companheiro — disse eu.

Mona a ergueu com um gesto firme e deixou que ela caísse ao lado dele. A fêmea estava calada, inconsciente, sonhando.

— O Criador deles era antigo — murmurou Mona, como se não quisesse acordá-los. — Ele vagava pela eternidade. Às vezes, sabia quem e o que ele era. Às vezes, não. Criou os dois para cumprir tarefas para ele. Eles descobriram tudo sozinhos. Eram tão cruéis. Cruéis por prazer. Teriam matado as crianças na outra sala. E as teriam abandonado aqui.

— Quer dar um beijo de despedida? — perguntei.

— Eu os detesto — respondeu ela. Parecia estar com muito sono. — Mas por que são tão atraentes? O cabelo, tão bonito? Não foi culpa deles. As almas poderiam ter sido belíssimas.

— Você acha? Você realmente acha isso? Não sentiu o gosto do livre arbítrio deles quando sorveu o sangue? Não provou um enorme volume de conhecimento moderno quando bebeu deles? E será que posso perguntar qual foi o apogeu da sua existência, além de destruir criaturas inocentes? Foi dançar e escutar boa música?

Quinn veio por trás dela, ávido pelas minhas palavras, e a envolveu num abraço. Ela ergueu as sobrancelhas e fez que sim.

— Observem o que vou fazer — disse eu. — Guardem na lembrança.

Lancei o Fogo com todo o meu poder de destruição. Que seja misericordioso, São Lestat. Vi o contorno dos ossos negros nas chamas por um segundo, com o calor atingindo meu rosto com violência, e foi nesse segundo, e apenas nesse segundo, que os ossos se mexeram.

O fogo subiu veloz até o teto, chamuscou-o e se encolheu até se reduzir a nada. O que seria um traçado dos ossos desapareceu. Tudo o que restava era uma gordura negra na banheira espaçosa.

Mona abafou um grito. Suas bochechas estavam pulsando com o sangue que havia bebido. Ela deu um passo à frente e examinou a gordura negra borbulhante. Quinn estava perplexo e obviamente horrorizado.

— E você pode fazer o mesmo comigo se eu quiser fugir, não é? — perguntou Mona, sem rodeios.

Fiquei escandalizado.

— Não, minha querida — expliquei. — Eu não poderia. Nem se minha vida dependesse disso. — Lancei mais uma vez o Fogo, dirigindo-o para o resíduo oleoso até não restar mais nada.

E assim os dançarinos altos, elegantes, de longa cabeleira, não dançariam mais.

Senti uma leve tontura. Recolhi-me dentro de mim mesmo. Estava com náuseas. Afastei-me do meu próprio poder e reuni toda a minha força no meu eu de forma humana.

Na sala de estar, com as maneiras delicadas de um ser humano, examinei as crianças. Eram quatro e tinham sido espancadas além de sangradas. Estavam jogadas numa pilha. Todas estavam inconscientes, mas não detectei nenhum golpe na cabeça, nenhuma hemorragia dentro do crânio, nenhuma lesão permanente. Meninos de shorts, camiseta e tênis. Nenhuma semelhança que indicasse parentesco. Como os pais deveriam estar chorando. Todos poderiam sobreviver. Disso eu tinha certeza.

Os pecados do meu passado se erguiam para me atormentar. Todos os meus próprios excessos zombavam de mim.

Dei o telefonema necessário para me assegurar de que recebessem cuidados. Contei ao recepcionista assustado o que eu tinha descoberto. No corredor, Mona estava chorando, nos braços de Quinn.

— Vamos. Nosso destino agora é meu apartamento. Quer dizer que não foi perfeito, Quinn, você estava certo. Mas agora já acabou.

— Lestat — disse ele, com os olhos cintilando enquanto puxávamos Mona, toda chorosa, para dentro do elevador. — Achei que isso não foi nada menos que magnífico.

## CAPÍTULO 9



Precisamos arrastar Mona pelas ruas do French Quarter. Ela se apaixonava pelas cores criadas pela gasolina derramada em poças de lama, pela mobília exótica nas vitrines da Hurwitz Mintz, pela decoração dos antiquários com cadeiras douradas puídas e pianos de cauda laqueados, por caminhões parados arrotando fumaça branca pelo cano de escapamento voltado para cima, por mortais risonhos que passavam por nós nas calçadas estreitas, carregando bebês adoráveis, que viravam o pescocinho para olhar para nós...

...por um velho negro que tocava um saxofone tenor em troca de esmolas, o que lhe demos aos montes, e por um vendedor de cachorro-quente, de chapéu, de quem Mona agora não podia comprar um cachorro-quente, a não ser para ficar olhando para ele, farejá-lo e jogá-lo numa lixeira, o que lhe causou hesitação e assombro...

...e é claro que atraímos atenção das pessoas por todos os lugares, de um modo nem um pouco vampiresco, sendo Quinn mais alto que qualquer outra pessoa por quem passássemos e talvez quatro vezes mais bonito, com seu rosto de porcelana e tudo o mais que vocês já sabem, e de vez em quando Mona, com os cabelos ao vento, fugia rápido de nós para correr feito louca à nossa frente, com as multidões indolentes do entardecer abrindo-se e fechando-se para ela, como se Mona estivesse numa missão celestial, graças a Deus, e então ela dava meia-volta...

...dançando, estalando os sapatos e pisando forte como uma bailarina de flamenco, deixando voar o negligêe de plumas, para ele cair, arrastando no chão, e ela o recolher de novo, chorando ao ver sua imagem refletida nas vitrines e saindo em disparada por ruas secundárias até nós a agarrarmos, reivindicando custódia sobre ela, e não a soltarmos mais.

Quando chegamos à minha residência na cidade, dei duzentos dólares a meus dois guardas mortais, que ficaram surpresos e felizes. E, quando Quinn e eu íamos seguindo pela entrada de carros, Mona escapuliu.

Só fomos perceber quando chegamos ao jardim do pátio e, bem quando eu estava prestes a elogiar minha antiga fonte de querubins e todas as maravilhas tropicais que vicejavam em contraste com meus queridos muros de tijolos, dei-me

conta de que ela se fora totalmente.

Ora, não se trata de uma façanha das mais fáceis. Posso não conseguir ler o pensamento da criança, mas tenho os sentidos de um deus, ou não tenho?

— Precisamos encontrá-la! — disse Quinn, que entrou imediatamente em modo de superproteção.

— Bobagem — disse eu. — Ela sabe onde estamos. Está com vontade de ficar sozinha. Deixe. Venha. Vamos subir. Estou exausto. Eu deveria ter me alimentado. E agora não estou com ânimo, o que é uma droga de situação. Preciso descansar.

— Está falando sério? — perguntou ele enquanto me acompanhava pela escadaria de ferro. — E se ela se meter em alguma encrenca?

— Isso não vai acontecer. Ela sabe o que está fazendo. Já lhe disse. Preciso me deitar. Não é nenhum segredo egoísta, Irmãozinho. Operei o Artifício das Trevas hoje e me esqueci de me alimentar. Estou cansado.

— Você acredita mesmo que ela está bem? — perguntou ele. — Não me dei conta de que você estava cansado. Eu devia ter percebido. Vou procurar por ela.

— Não vai, não. Venha comigo.

O apartamento estava vazio. Nenhum corpo do outro mundo pairando por lá. Nem fantasmas.

A sala dos fundos havia sido limpa e o pó tirado mais cedo naquele mesmo dia e dava para eu sentir o perfume distante da faxineira. Também conseguia sentir resquícios do cheiro do sangue da mulher. É claro que eu nunca havia posto os olhos nela. Ela chegava quando já era dia claro, mas fazia o trabalho bastante bem para eu lhe deixar um bom dinheiro. Eu adorava distribuir dinheiro. Sempre levava notas comigo apenas para essa finalidade. Deixei cem dólares para ela na escrivaninha. Temos escrivaninhas por toda parte neste apartamento. Em excesso. Não é que cada quarto tinha uma pequena escrivaninha? Por que tantas?

Quinn estivera ali apenas uma vez e nas circunstâncias mais lamentáveis. E, de repente, ficou extasiado com os quadros impressionistas, que eram simplesmente divinos. Mas foi o Gauguin novo e ligeiramente sombrio que atraiu meu olhar por um instante. Ora, essa era uma aquisição minha e somente havia sido entregue nos últimos dias. Quinn também foi atraído por ele.

Como de costume, segui direto até a sala da frente, que dava para a rua, espiando em cada quarto que encontrava pelo caminho, como se isso fosse realmente necessário, para me certificar de que ninguém estava em casa. O lugar tinha um excesso de mobília. Livros demais. Mas faltavam quadros. O que o corredor precisava era de Emile Nolde. Como eu poderia conseguir expressionistas alemães?

— Acho que eu deveria ir atrás dela — insistiu Quinn. Ele me acompanhava, absorvendo tudo com reverência, mas seu pensamento estava voltado para Mona, sem dúvida monitorando cada passo dela.

Sala da frente. Piano. Agora não havia piano ali. Eu deveria ordenar que comprassem um piano. Não havíamos passado por um piano antigo numa vitrine? De repente, tive vontade de tocar piano — de usar meu dom vampiresco para atacar as teclas. Era aquele concerto de Bartók que não me saía da cabeça e o quadro daqueles dois dançarinos macabros realçando a música.

Oh, dai-me tudo o que for humano.

— Acho que eu devia ir buscá-la — disse Quinn.

— Preste atenção, não sou dado a falar muito sobre questões de discriminação sexual — joguei-me em minha poltrona preferida, uma bergère de veludo, e pondo o pé na cadeira diante da escrivaninha —, mas você precisa ter em mente que ela está experimentando uma liberdade que você e eu como homens não valorizamos. Está caminhando no escuro sem sentir medo de nada e está adorando. E pode ser, simplesmente pode ser que ela queira provar um pouco de sangue mortal e está disposta a se arriscar.

— Ela é como um ímã — murmurou ele, em pé à janela, com a mão mexendo delicadamente na renda. — Ela não sabe que a estou rastreando. E não está assim tão longe. Não está se afobando. Estou ouvindo seus pensamentos aleatórios. Está andando rápido demais. Alguém vai perceber...

— Por que está sofrendo, Irmãozinho? — perguntei. — Você me odeia por tê-la trazido para nosso lado? Queria que isso não tivesse acontecido?

Ele se virou e olhou para mim como se eu o tivesse agarrado pelo braço.

— Não — respondeu. Afastou-se da janela e meio que caiu na poltrona no canto diante de mim, na diagonal, com as pernas compridas se espalhando como se ele não soubesse ao certo o que fazer com elas. — Eu teria tentado se você não tivesse chegado — admitiu ele. — Não poderia ter ficado olhando enquanto ela morria. Pelo menos, acho que não. Mas você tem razão, eu estou sofrendo. Lestat, você não pode nos deixar. Lestat, por que esses guardas do lado de fora da casa?

— Eu disse que ia abandonar vocês? — retruquei. — Contratei esses seguranças depois que Stirling veio aqui. Ora, não que eu acredite que alguém da Talamasca volte à minha casa. É só que, se Stirling conseguiu entrar direto, qualquer outra pessoa conseguiria.

(Corte para a Talamasca: Ordem de Investigadores do Paranormal. Desconhecem suas próprias origens. Têm pelo menos mil anos de idade, talvez muito mais. Possuem registros de todos os tipos de fenômenos paranormais. Procuram alcançar os que possuem dons telepáticos e os que vivem isolados. Sabem o que somos.)

Quinn e eu tínhamos feito uma visita a Stirling no Retiro da Talamasca em Oak Haven logo depois do exorcismo de Goblin e da imolação de Merrick Mayfair. Merrick Mayfair havia sido criada dentro da Talamasca, Stirling tinha o direito de

saber que ela não era mais (suspiro) uma dos Mortos-vivos. O Retiro era uma enorme casa quadrada, uma sede de fazenda, situada na River Road, bem na periferia da cidade.

Stirling Oliver não apenas havia sido amigo de Quinn durante sua vida mortal, mas também era amigo de Mona. A Talamasca sabia muito mais sobre toda a família Mayfair do que sobre mim. Não me dava prazer algum pensar agora em Stirling, por mais que eu o admirasse e gostasse dele. Stirling estava com cerca de sessenta e cinco anos de idade e era muito dedicado aos princípios mais altos da Ordem, que, apesar de sua secularidade manifesta, poderia ter sido católica romana com suas restrições quanto a interferir nos assuntos do mundo ou a usar pessoas ou forças sobrenaturais para vantagem própria. Se a Ordem não fosse fabulosa, misteriosa e inegavelmente riquíssima, eu provavelmente teria sido um patrono seu.

(Eu também sou fabuloso, misterioso e inegavelmente riquíssimo, mas quem se importa?)

Eu me sentia forçado a ir procurar Stirling no Retiro para lhe dizer o que havia acontecido com Mona. Mas por quê?

Stirling não era o Papa Gregório, o Grande, pelo amor de Deus, e eu não era São Lestat. Eu não precisava me confessar pelo que fizera a Mona, mas uma terrível contrição tomou conta de mim, uma profunda consciência de que todos os meus poderes eram sinistros e todos os meus talentos maléficos, e de mim nada poderia resultar que não fosse maléfico, não importava o que eu fizesse.

Além disso, Stirling não havia dito a Quinn ontem à noite que Mona estava morrendo? Qual fora o significado desta informação? Ele, de algum modo, não teria sido conivente com o que acabou acontecendo? Não. Não mesmo. Quinn não o deixara ontem à noite para ir procurar Mona. Mona viera à Mansão Blackwood sozinha.

— Mais cedo ou mais tarde, explico tudo isso a Stirling — cochichei. — É como se Stirling fosse me absolver, mas, no fundo, isso não é verdade. Você ainda consegue ouvi-la? — perguntei, olhando para Quinn.

— Ela está só caminhando, olhando para as coisas. — Fez que sim com a cabeça. Estava perturbado, as pupilas dos olhos dançando devagar. — Por que contar a Stirling? — perguntou. — Stirling não pode contar à família Mayfair. Por que sobrecarregá-lo com o segredo? — Ele se debruçou um pouco ali sentado. — Ela está perambulando pela Jackson Square. Um homem a está seguindo. Mas é ela que o está conduzindo. Ele percebe que alguma coisa não está muito certa com Mona. Ela já o percebeu. Ela sabe o que quer. E o está seduzindo. Sem dúvida, ela está se divertindo a valer com os sapatos altos de tia Queen.

— Pare de vigiá-la — ordenei. — Estou falando sério. Vou lhe contar uma coisa sobre sua menina. Logo, logo, ela vai aparecer para os Mayfairs sozinha. Nada

vai impedi-la. Há informações que ela deseja obter com a família. Tive uma noção disso quando...

A sala estava vazia. Nada de Quinn. Eu estava falando para toda aquela mobília.

Ouvi a porta dos fundos se abrir e se fechar. Foi tudo extremamente rápido.

Estiquei e ajeitei o corpo. Pus a cabeça para trás e me deixei levar, meus olhos fecharam-se de imediato.

Em parte, eu estava sonhando. Por que cargas-d'água eu não havia me alimentado? É claro que não precisava me alimentar todas as noites, nem mesmo todos os meses; mas, quando se opera o Dom das Trevas, não importa quem seja, é preciso alimentar-se depois, porque se está dando da própria seiva da vida. Tudo é vaidade. Tudo é vaidade debaixo do sol e debaixo da lua.

Eu já estava debilitado quando desci para lidar com Rowan Mayfair. Foi esse meu problema, foi por isso que a criatura me deixou obcecado. Não importa.

Alguém empurrou meu pé da cadeira da escrivaninha. Ouvi o riso estridente de uma mulher. Ouvi dezenas de pessoas rindo. Densa fumaça de charutos. Vidros quebrados. Abri os olhos. O apartamento estava cheio de gente! As duas janelas que davam para a sacada da frente estavam abertas e o lugar estava apinhado: mulheres em vestidos cintilantes, longos e decotados; homens em elegantes smokings com lapelas vistosas de cetim preto. O alarido da conversa e da diversão era ensurdecedor; mas ensurdecedor para quem? E uma bandeja passou por ali, mantida bem no alto por um garçom de paletó branco que quase tropeçou em minhas pernas. E lá estava sentada na escrivaninha uma criança rosada, que me olhava fixamente, uma menina requintada, de olhos negros, espertos, e uma cabeleira negra primorosamente ondulada, com seus sete ou oito anos, encantadora, preciosa.

— Queridinho, lamento muito! — disse ela. — Mas agora você está no nosso mundo. Como detesto dizer isso. Você é nosso! — Ela estava imitando um sotaque britânico. Usava um vestidinho à moda marinheira, branco com o viés azul, meias três-quartos brancas e sapatos pretos boneca. Ela encolheu os joelhos.

— Lestat — disse ela, rindo, apontando para mim.

E então, direto na cadeira da escrivaninha, voltada para mim, surgiu oncle Julien, trajado para a festa, gravata branca, punhos brancos, cabelos brancos. A multidão não parava de se acotovelar em torno dele. Alguém deu um grito da sacada.

— Ela está com a razão, Lestat — disse oncle Julien num francês impecável —, nós agora o temos no nosso mundo e eu devo dizer que este seu apartamento aqui é divino, admiro tanto seus quadros que acabaram de chegar de Paris, você e seus amigos são tão inteligentes, e a mobília, tanta mobília, não é mesmo, parece que você encheu todo e qualquer cantinho, e entretanto, quem poderia querer algo mais



belo?

— Mas eu achava que estivéssemos furiosos com ele, oncle Julien — disse a menininha em inglês.

— E estamos, Stella — ele respondeu em francês —, mas esta é a casa de Lestat e pouco importa se estivermos com raiva dele ou não, nós somos, antes de mais nada, Mayfairs e os Mayfairs são sempre corteses.

Isso pôs a pequena Stella a rir descontroladamente e ela dominou seu pequeno ser — as bochechas macias, o traje à marinheira, as meias, os sapatos reluzentes — e saltou direto da escrivaninha para o meu colo.

— Estou tão feliz — ela comentou —, porque você é simplesmente uma gracinha, não acha, oncle Julien? É lindo demais para ser um homem, ai, eu sei, Lestat, você não é dado a falar sobre questões de discriminação sexual...

— Parem com isso! — rugi. Um poder elétrico, purificador, saiu de mim, atingindo as paredes.

Silêncio total.

Mona estava parada ali, olhos arregalados, sem o negligêe, a seda lisa, Quinn bem ao lado, muito mais alto que ela, o rosto cheio de preocupação.

— Lestat, o que foi? — perguntou Mona.

Levantei-me. Segui cambaleando para o corredor. Por que eu estava andando daquele jeito? Olhei de volta para a sala. Toda a mobília havia sido mexida, mas só um pouquinho. Em ângulos estranhos! As portas que davam para a sacada estavam abertas!

— Vejam a fumaça — murmurei.

— Fumaça de charutos — disse Quinn em tom de pergunta.

— O que foi, Chefe? — perguntou Mona de novo. Ela se aproximou de mim, me abraçou e me beijou no rosto. Dei-lhe um beijo na testa e alisei seu cabelo para trás.

Não lhe dei resposta.

Não lhes disse nada. Por que eu não disse nada?

Mostrei-lhes o quarto com a janela lacrada que havia sido pintada para dar a exata impressão de uma janela comum. Mostrei o forro de aço na porta e a tranca. Falei dos seguranças humanos de plantão vinte e quatro horas por dia. Era para eles fecharem as cortinas em torno da cama e dormir nos braços um do outro. Nenhum raio de sol, nenhum imortal, nenhum intruso mortal, ninguém os incomodaria ali. É claro que eles tinham muito tempo até o amanhecer. Para conversar. Conversar, sim. Podiam perambular, mas sem ir espiar os Mayfairs, de jeito nenhum. Nada de sondar em busca de segredos, não. Nada de procurar filha perdida. Por enquanto, não. Nada de voltar para a Mansão Blackwood, não. Disse que me encontraria com eles no dia seguinte, ao entardecer.

Agora, eu precisava ir embora, precisava.

Precisava sair daqui. Precisava sair de lá. De todos os lugares.

O campo aberto.

Perto do Retiro da Talamasca.

Ronco distante de caminhões na River Road. Cheiro do rio. Cheiro de capim. Andando. Capim molhado.

Campo de carvalhos esparsos. Casa branca de ripas, quase em ruínas, como costuma acontecer na Louisiana, paredes oscilantes e um telhado meio arriado, envolto e mantido suspenso pelas trepadeiras.

Caminhando.

Dei meia-volta de repente.

Lá estava ele. Um fantasma em technicolor, casaca preta, caminhando como eu, através do capim alto, jogando de lado a taça de champanhe, aproximando-se. Parou. Investi contra ele, agarrei-o antes de que conseguisse desaparecer, peguei-o pelo pescoço, com os dedos cravados no que procurava ser invisível, segurando-o, ferindo o que seria impalpável. É, apanhei você! Seu fantasma descarado, olhe para mim!

— Você acha que pode me assombrar! — rosnei. — Acha que pode fazer isso comigo?

— Sei que posso — disse ele, num inglês cáustico. — Você ficou com ela, minha criancinha, minha Mona! — Se se esforçava para se dissolver. — Você sabia que eu estava esperando por ela. Podia ter deixado que ela viesse para mim.

— Então me diga de que Vida-após-a-morte maluca e semi-iluminada você vem! — perguntei. — Quais são suas promessas místicas de meia-tigela? É, vamos! Que Outra Vida você está querendo vender? É, vá falando. Vamos ouvir como é a Terra do Eterno Verão de Julien. É, quero um depoimento, quantos anjos ectoplásmicos estão do seu lado, dê-me as imagens esplêndidas desse seu plano astral famoso, fabuloso e podre, criado por você mesmo, mantido por você mesmo! E afinal para onde é que você ia levá-la? Não vai querer me dizer que algum Senhor do Universo ia mandar assombrações como você para levar menininhas para o Paraíso!

Eu não estava segurando nada.

Estava totalmente só.

Fazia um calor agradável e havia um silêncio entorpecedor na vibração dos caminhões distantes, uma beleza intermitente nos faróis que passavam.

Quem sentia falta do silêncio profundo de tantos séculos passados? Quem sentia falta da profunda escuridão das noites remotas, anteriores à luz elétrica? Não era eu.

Quando cheguei ao Retiro da Talamasca, Stirling estava parado no terraço. O

cabelo grisalho solto, o pijama de algodão amarfanhado, o roupão com laço, os pés descalços. Um mortal não teria conseguido descobri-lo, ali em pé nas sombras, à espera. Uma expressão compreensiva, o paciente estado de alerta do celibato.

— Eu a trouxe para nosso lado — informei.

— Eu sei — disse ele.

— Beijei Rowan Mayfair. — Você fez o quê?

— Eles estão me perseguindo, os fantasmas da família Mayfair.

Ele não respondeu, a não ser por um pequeno franzir do cenho e um ar de assombro sem disfarces.

Fiz uma varredura no Retiro. Vazio. A criada nos chalés nos fundos. Uma postulante lá fora escrevendo num caderno à luz de uma luminária de mesa. Eu a vi como ela se concebia. Ansiei por ela. Não tinha nenhuma intenção de me alimentar dela. Idéia ridícula. Absolutamente proibido.

— Dê-me um quarto, por favor — pedi. — Apenas um quarto com cortinas pesadas que possam ser fechadas.

— Fique tranquilo — disse ele.

— Ah, a Talamasca, mais uma vez pronta para confiar na minha honra.

— Posso contar com ela, não posso?

Acompanhei-o, entrando no corredor da frente e depois subindo a larga escadaria. Como era estranha a sensação de ser seu hóspede, de pisar nesse tapete de lã como se eu fosse um mortal. Dormir debaixo do teto que não era meu. Da próxima vez, eu iria dormir na Fazenda Blackwood. Era uma coisa que podia fugir ao controle. Por favor, deixe que fuja ao controle.

E lá estava o quarto perfumado e aconchegante, com todos os detalhes inevitáveis. Abacaxis entalhados nas quatro colunas da cama, o dossel de renda feita à mão, através do qual se podiam espiar as leves marcas de infiltração no teto, a colcha de patchwork, feita com amor e carinho, cheia de voltas e círculos, com cores vertiginosas, abajures de pergaminho, coágulos escuros surgindo através de espelhos antigos, cadeiras de petit point.

— Que fantasmas da família Mayfair estão atrás de você? — perguntou ele, baixinho. Era respeitosa, sua atitude. — O que você viu? — E, como não respondi: — O que eles fizeram?

— Há muito tempo, Mona deu à luz uma filha — murmurei. É, ele sabia daquilo tudo, não sabia? — Mas você não pode me contar o que sabe, certo?

— Não, não posso — respondeu ele.

— Ela quer encontrar essa filha.

— Quer mesmo? — disse ele com cortesia. Estava com medo.

— Durma bem. — Voltei para a cama.

Stirling me deixou. Mas ele sabia o nome da criança. Isso consegui extrair dele.

Sabia seu nome e sua natureza, mas nada podia dizer.

## CAPÍTULO 10



Quando abri os olhos, soube que Rowan Mayfair estava na Casa de Retiro. Um peso. Alguém que a amava estava com ela, alguém que sabia tudo a seu respeito. Muito peso mesmo. E Stirling estava angustiado.

Fui até a janela da direita e afastei a cortina de veludo. O céu estava rubro acima da barragem ao longe. Galhos de carvalho ocupavam a parte superior da minha visão. Teria sido moleza abrir a janela, escapulir para a varanda da frente e desaparecer daquele lugar tranquilamente.

Mas não era o que eu ia fazer. Por que renunciar a uma oportunidade de vê-la mais uma vez? Não havia mal algum em vê-la apenas. Talvez eu conseguisse descobrir a origem do poder que ela exercia sobre mim. Talvez eu conseguisse anulá-lo. E, se não fosse por mais nada, eu poderia lhe dizer alguns lugares-comuns a respeito de Mona.

Parei diante do velho espelho acima da cômoda para pentear o cabelo. Minha sobrecasaca preta estava apresentável. Da mesma forma como a renda no colarinho e nos punhos da camisa. Havia mais do que um pouquinho de vaidade nesse aspecto e eu sabia disso. E daí? Eu alguma vez disse que não era vaidoso? Elevei a vaidade a um nível poético, não é mesmo? Transmudei a vaidade em algo espiritual, não é mesmo?

Meu corpo estava plenamente recuperado da transmissão do Dom das Trevas, mas minha sede estava muito forte, mais como um desejo insaciável do que uma necessidade física. Será que era por causa dela? Claro que não! Eu me dirigiria ao térreo para descobrir que essa mulher era uma mulher comum e nada mais que isso. E então recobriria o juízo! O que acham de toda essa minha garra?

Parei para focalizar Nova Orleans, em busca do Casal Romântico. Estavam acabando de acordar, saindo do meio dos travesseiros de veludo,

Quinn Compridão ainda zonzo, Mona desordeira já pronta para a caça. Captei imagens nítidas dela através da mente superprotetora de Quinn. Ela não estava soluçando. Admirava os quadros, ainda usando aquele esplêndido negligêe orlado com plumas. Era um ótimo prenúncio para os próximos cem anos.

De repente, os dois começaram a conversar em frases curtas e rápidas que falavam da história de suas vidas e declarações de amor. Caçar para se alimentar agora ou mais tarde? O Pequeno Gole ou algo mais sério? Onde estava o Chefe? Enviei uma mensagem muda e veloz para Quinn.

Old, Irmãozinho. Por enquanto, *you* vai *ser* o professor. A lição de hoje é o Pequeno Gole. Logo, logo, estarei com você.

Saí para o corredor amplo da Casa de Retiro, onde os candelabros de parede já estavam acesos e flores delicadas, amarelas e vermelhas, enfeitavam os consoles encostados nas paredes, e fui descendo lentamente a escadaria principal. São Juan Diego, peço-lhe que proteja os Mayfairs de mim.

Rumor de conversa pesada, ansiosa, entre mortais lá embaixo. Forte cheiro de sangue mortal. Preocupação com a mortal Mona. Stirling extremamente angustiado, lutando para encobrir o coração em conflito. É preciso ter a habilidade de um padre e a de um advogado para ser um bom membro da Talamasca.

Tudo isso vindo de um jardim de inverno nos fundos da casa, bem ao lado da sala de jantar, no lado direito.

Encaminhei-me para lá. Rembrandts autênticos nas paredes. Um Vermeer. Não me apressei. As têmporas latejavam. Mayfairs, sim, bruxos mais uma vez, sim. Por que entrar direto naquilo? Nada poderia ter me impedido.

A mobília da sala de jantar era suntuosa e ligeiramente elegante. Vi na mesa comprida de granito negro os restos delicados de uma refeição recente, com uma confusão de linho e prataria pesada e antiga. Parei para examinar a prataria com cuidado.

Vislumbre de Julien do outro lado, em seu terno cinzento de uso diário, olhos negros. Antes, eles não eram cinzentos? “Descansou bem?”, perguntou ele. E desapareceu. Prendi a respiração. *Vara* mim, você é um fantasma covarde. Não consegue encarar uma conversa prolongada. Pessoalmente eu o desprezo.

Stirling chamou meu nome.

Aproximei-me das portas duplas nos fundos.

A pequena estufa era octogonal, em estilo vitoriano. Tudo com acabamento branco. O vime era branco e o piso era de lajes de pedra cor-de-rosa. Tudo isso num nível três degraus mais abaixo.

Estavam reunidos em torno de uma pequena mesa de vime com tampo de vidro, num ambiente muito mais simpático do que a sala de jantar jamais conseguiria ser, com velas acesas aninhadas entre os inúmeros vasos de plantas, o céu já escurecendo do outro lado das paredes e do teto de vidro.

Uma delícia de lugar. O cheiro de sangue e flores. O cheiro da cera queimando.

Todos os três mortais, sentados em confortáveis cadeiras de vime, praticamente cercados por magníficas plantas tropicais, já sabiam que eu estava chegando. A

conversa havia parado. Todos os três agora estavam me observando com uma cortesia cautelosa.

E então os dois homens puseram-se de pé num salto, como se eu fosse o Príncipe Herdeiro da Inglaterra, e Stirling, sendo um deles, me apresentou a Rowan Mayfair, como se eu não a conhecesse, em seguida a Michael Curry, “marido de Rowan”, e fez um gesto para que eu ocupasse a cadeira de vime vazia. Foi o que fiz.

Rowan de imediato me impressionou com sua beleza não calculada, descorada e esbelta num terninho de seda cinza de saia curta e escarpins de couro. Lá vieram os calafrios de novo enquanto eu olhava para ela; na realidade, uma fraqueza total. Eu me perguntei se ela sabia que seu traje combinava perfeitamente com seus olhos e até mesmo com as mechas cinzentas no cabelo escuro. Estava nitidamente dominada por uma concentração interior de poder.

Stirling usava um blazer antigo de linho branco com jeans desbotados e sua camisa de um amarelo claro de colarinho aberto. De repente, sintonizei com o blazer de linho. Pertencera a alguém que morreu de velhice. Havia sido usado nos Mares do Sul. Guardado por anos a fio. Redescoberto por Stirling, que o adorou.

Meus olhos foram parar em Michael Curry. Esse era simplesmente um dos mortais masculinos mais sedutores que eu um dia lutei para descrever.

Para começar, ele estava reagindo intensamente aos meus próprios dotes físicos sem sequer se dar conta desta dimensão em si mesmo, o que sempre me confunde e me excita. Além disso, tinha exatamente os mesmos atributos de Quinn — cabelos pretos e crespos com os olhos de um azul forte —, numa complexão mais pesada, mais forte, mais confortável em termos físicos. É claro que ele era muito mais velho que Quinn. Na realidade, era bem mais velho que Rowan. Mas a idade no fundo não significa muito para mim. Eu o achei irresistível. Enquanto as feições de Quinn eram refinadas, as desse homem eram grandes, quase greco-romanas. O cabelo grisalho nas têmporas estava me deixando louco. O bronzado da pele era maravilhoso. E ainda por cima trazia aquele sorriso tranqüilo nos lábios.

Ele estava usando alguma coisa, acho. O que era mesmo? Ah, sim, o indefectível terno de linho branco, de três peças, típico de Nova Orleans.

Suspeita. Captei-a tanto de Michael como de Rowan. E soube que Michael era um bruxo tão forte quanto ela, embora em termos totalmente diferentes. Eu sabia que ele havia tirado a vida. Ela o fizera com o poder da mente. Ele, com a força dos punhos. Parecia que outros segredos inestimáveis iriam escapar direto pelo olhar de Michael quando ele, de repente, se fechou para mim, com habilidade e, no entanto, perfeita naturalidade. E ele começou a falar:

— Eu o vi na cerimônia fúnebre da srta. McQueen. — Voz de irlandês de Nova Orleans. — Você estava com Quinn e com Merrick Mayfair. É amigo de Quinn. Seu nome é muito bonito. Foi uma bela cerimônia, não foi?

— Foi — concordei. — E conheci Rowan ontem na Mansão Blackwood. Tenho notícias para vocês dois. Mona está bem, mas não quer voltar para casa.

— Não é possível — Rowan deixou escapar, antes de pensar em se conter. — Simplesmente não pode ser.

Ela estava mais do que exausta. Havia chorado, chorado sem parar por Mona. Não ousei tentar me aproximar dela como fizera no dia anterior, não diante desse homem. Os calafrios recomeçaram. Fui dominado por uma visão tresloucada de arrancá-la daquele lugar e alçar vôo, com meus dentes fincados no pescoço delicado; seu sangue, meu; todos os cantos de sua alma abrindo-se para mim. Expulsei a visão. Michael Curry estava me observando, mas o pensamento dele estava voltado para Mona.

— Estou feliz por Mona — disse ele então, espontaneamente, pondo a mão sobre a de Rowan no braço da cadeira de vime. — Mona está onde quer estar. Quinn é forte. Sempre foi. Quando aquele menino estava com dezoito anos, já tinha a atitude de um adulto — ele riu baixinho. — Ele quis casar com Mona na primeira vez em que a viu.

— Ela está melhor — insisti. — Jurei que lhes contaria se ela precisasse de vocês. — Voltei para Rowan meu olhar franco. — E vou lhes contar. Estar com Quinn deixa Mona feliz.

— Eu sabia que deixaria — disse Rowan —, mas ela não tem como sobreviver sem a diálise.

Não respondi. Não sabia o que era diálise. Bem, eu já ouvira a palavra, mas não tinha conhecimento suficiente para blefar.

Em pé atrás dela, na realidade, por trás de diversos vasos de flores acima do seu ombro, estava a figura de Julien, com um sorriso sinistro, demonstrando um visível prazer com minha confusão.

Um pequeno choque percorreu meu corpo quando meus olhos encontraram os dele e, de repente, Michael Curry se virou e olhou naquela direção, mas a figura havia desaparecido. Hummm. Quer dizer que esse mortal vê fantasmas. Rowan estava impassível. Estava me examinando com uma atenção excessiva.

— Quem é Stella? — perguntei, olhando de novo nos olhos de Rowan. Minha única esperança era mantê-la falando. Seu olhar estava fixo em minhas mãos e isso não me agradava.

— Stella? Você quer dizer Stella Mayfair? — perguntou ela. A voz baixa era sensual, contra sua vontade. Ela estava febril. Precisava dormir num aposento fresco. Um relance involuntário da tristeza dentro dela, o emaranhado de segredos. — O que você quer saber sobre Stella Mayfair?

Stirling estava muito constrangido. Achava que estava cometendo uma traição, mas não havia nada que eu pudesse fazer para ajudar. Estava claro que ele era o



confidente da família.

— Uma menininha — disse eu — que chama as pessoas de Queridinho e tem o cabelo preto ondulado. Imaginem um vestido branco em estilo marinheiro, debruado de azul, com meias três-quartos e sapatos boneca. Faz lembrar alguém?

Michael Curry deu uma risada simpática. Olhei para ele.

— Você está descrevendo Stella Mayfair perfeitamente. Uma vez, Julien Mayfair me contou essa história... Julien foi um dos mentores da família Mayfair... a história era só sobre quando Julien levou a pequena Stella ao centro da cidade, Stella e seu irmão Lionel Mayfair, que foi quem deu um tiro certo em Stella e a matou, mas, na história, ela usava um vestido em estilo marinheiro e sapatos boneca. Oncle Julien descreveu o traje. Pelo menos, acho que descreveu. Não. Ele não a descreveu, mas eu a vi desse jeito. É, foi assim que a vi. Como é que você acabou fazendo uma pergunta dessas? É claro que não estou me referindo a Julien vivo, respirando. Mas aí já são outros quinhentos.

— Ora, sei que você não está. Você está se referindo ao fantasma dele — respondi. — Mas diga-me uma coisa. Só por curiosidade. Não tenho nenhuma intenção de ser desrespeitoso. Mas que tipo de fantasma Julien era? Você tem como interpretar? Ele era bom ou mau?

— Meu Deus, que pergunta esquisita — retrucou Michael. — Todo o mundo idolatra oncle Julien. Todo o mundo acha que ele é o que há de mais natural.

— Sei que Quinn viu o fantasma de oncle Julien — prossegui. — Quinn me contou como foi. Ele tinha vindo visitar você, Rowan e Mona, e oncle Julien o recebeu na propriedade de First Street, ou sei lá como vocês a chamam, e Quinn conversou muito tempo com oncle Julien. Eles tomaram chocolate quente juntos, sentados num jardim nos fundos. Quinn, naturalmente, achou que oncle Julien estava vivo e depois vocês descobriram que ele estava lá sozinho, sem ninguém e sem chocolate quente. Não que a ausência do chocolate quente tenha algum significado metafísico, é claro.

Michael riu.

— É mesmo, oncle Julien adora conversas compridas. E ele realmente se superou com a história do chocolate quente. Mas um fantasma não consegue fazer uma coisa dessas, a menos que você lhe dê a força necessária para isso. Quinn é um médium inato. Oncle Julien estava manipulando Quinn. — Ele se entristeceu. — Agora, quando chegar a hora, quero dizer, para Mona, bem, oncle Julien virá para levá-la para o outro mundo.

— Você acredita nisso? — perguntei. — Acredita no outro mundo?

— Quer dizer que você não acredita? — perguntou Michael. — E você acha que oncle Julien vem de onde? Olhe, já vi fantasmas demais para não acreditar. Eles têm de vir de algum lugar, certo?

— Não sei — disse eu. — Há algo de errado no jeito de agir dos fantasmas. E o mesmo vale para anjos. Não estou dizendo que não exista vida após a morte. Só estou afirmando que essas entidades que descem até aqui para se intrometer com tão boa-vontade na nossa vida são mais do que um pouco piradas. — Eu estava realmente começando a me empolgar. — No fundo, você não tem certeza, certo?

— Você viu anjos? — perguntou Michael.

— Bem, digamos que eles alegassem ser anjos — respondi. Os olhos de Rowan estavam passeando por mim preguiçosamente e com grosseria. Ela não se importava com o que eu perguntasse sobre Julien, nem com o que Michael dissesse. Estava de volta àquele momento terrível, quando entrou no quarto de hospital, no quarto da morte, para causar a morte e Mona ficou apavorada. De volta ao passado e aqui, a me examinar. Por que eu não podia simplesmente abraçá-la, tranquilizá-la, desaparecer com ela num quarto lá de cima, destruir esta casa inteira, voar com ela para outra parte do mundo, construir-lhe um palácio nas profundezas da selva amazônica?

— Por que não tenta?! — desafiou-me oncle Julien. Estava de novo em pé por trás dela, de braços cruzados, um sorriso sarcástico na medida exata para não prejudicar seu charme. — Não há nada que você queira mais do que pôr as mãos nela. Ela seria um troféu daqueles!

— Faça o favor de ir para o inferno! — disse eu. E então, para mim mesmo: “Sai dessa, cara.”

— Com quem você está falando? — perguntou Michael, virando-se na cadeira como antes. — O que está vendo?

Julien sumiu.

— Por que você quer saber de Stella? — murmurou Rowan, mas ela praticamente não estava pensando no assunto. Pensava apenas em Mona e em mim; e naquele momento medonho. Estava observando meu cabelo e o jeito como as mechas se encaracolavam, assim como o jogo da luz das velas sobre ele. Depois, veio de novo a dor por Mona, quase a matei.

Michael mergulhou fundo em si mesmo como se não houvesse mais ninguém por ali. Havia algo de indefeso nesse cara. Stirling estava me examinando com uma expressão de enorme irritação. E daí?

Era evidente que Michael era muito mais franco que Rowan, de uma inocência mais convencional. Uma mulher como Rowan tinha de ter um marido como Michael. Se ele soubesse como eu beijara Rowan com toda aquela voracidade no dia anterior, ficaria magoado. Ela não havia lhe contado. Nem mesmo ele conseguiria agüentar um tranco daqueles. Quando uma mulher dessa idade deixa que você a beije, o significado é totalmente diferente do que quando acontece com alguém mais jovem. Até eu sabia disso e não sou humano.

— Não dá para entender Julien — disse Michael, voltando de repente dos seus pensamentos. — Ele comete erros, às vezes erros indiscutíveis. Erros terríveis.

— Como assim? — perguntei.

— Uma vez, Julien apareceu, tentando me ajudar, creio eu, é, tinha de ser — Michael continuou. — Mas não deu certo. O resultado foi desastroso. Um desastre total. Mas ele não tinha como saber. Não tinha mesmo, de jeito nenhum. Acho que é isso o que estou tentando dizer, que os fantasmas não sabem tudo. É claro que Mona sempre repete um velho ditado de que um fantasma só trata dos seus próprios assuntos, sabe? E eu acho que é verdade, mas também acredito que não é só isso. Não comente nada do que estamos conversando com Mona. Não importa o que você diga, não faça a Mona esse tipo de pergunta. Eu não faria... Quer dizer, Julien cometeu um erro medonho.

Ora, ora, isso é fascinante! Quer dizer que esse espertinho nem sempre sabe o que está fazendo. Minha teoria está certa! Por que você não aparece agora para eu poder rir da sua cara, seu idiota impotente?

Tentei desesperadamente ler os pensamentos por trás das palavras de Michael, mas não consegui. Esses Mayfairs eram tão descontraídos com seus dons a ponto de enlouquecer qualquer um. Talvez o homem não fosse indefeso. Ele simplesmente era tão forte que não se dava ao trabalho de erguer defesas.

Olhei de relance para Rowan. Ela estava de novo com os olhos fixos em minha mão. Como poderia deixar de notar o lustre nas minhas unhas? Todos os vampiros têm as unhas lustrosas. As minhas são como vidro. Ela estendeu a mão e depois recuou.

Só me restavam alguns momentos ali.

— Você poderia me contar que tipo de erro Julien cometeu? — perguntei.

— Acho que existe uma fotografia de Stella ainda pequena, com um vestido de gola marinheira — disse Michael, voltando a mergulhar nos pensamentos. Ele não percebia nada em mim. Apenas alternava-se entre pensamentos profundos e um olhar penetrante, nos meus olhos. — É, tenho certeza de que existe.

— Você disse que o irmão de Stella a matou a tiros? — perguntei.

— Bem, àquela altura ela já era uma mulher — respondeu Michael, meio em devaneio. — Tinha dado à luz Antha. Antha estava com seis anos de idade. Stella quase fugiu com um homem da Talamasca. Ela queria escapar da família e do fantasma que a acompanhava. Stirling conhece toda essa história, naturalmente. — Ele olhou para mim como se tivesse se assustado. — Mas não pergunte a Mona. Não diga nada a respeito disso a Mona.

— Não direi uma palavra que seja sobre essa história para Mona. Rowan estava avaliando aspectos que se relacionavam a mim, sentindo que meu coração batia muito devagar para um mortal saudável. Percebia alguma coisa no jeito com

que a luz das velas se refletia no meu rosto.

— Vou lhe dizer o que eu acho que acontece — prosseguiu Michael. — Quando eles vêm em missão, deixam para trás a totalidade da salvação.

— Você está falando de fantasmas — disse eu.

— Como é que é? — perguntou Stirling.

— É claro, a Totalidade da Salvação — murmurei. Sorri. Eu estava adorando. — E claro que precisam fazer isso, não é mesmo? Ou cada ocasião de assombração seria uma revelação divina, certo? — Relance de Julien na noite anterior, nas minhas garras, minhas perguntas a atingi-lo com raiva, como acusações. Ele não sabia nada a respeito de nenhuma Totalidade da Salvação, sabia? Ora, eu já tinha entendido essa parte, não tinha? Que, quando na minha fantasia escapuli para a Terra como São Lestat, precisei deixar para trás um certo conhecimento celestial.

— Eu, no fundo, não confiaria em nenhum fantasma — disse Michael. — Acho que você tem razão quanto a tudo isso. Mas Julien tenta acertar. Quando ele aparece, sua intenção é o bem da família. Se ao menos...

— Se ao menos o quê? — insisti.

— Por que você fez aquela pergunta sobre Stella? — indagou Rowan. Sua voz era agradável, embora fosse penetrante. — Onde você viu Stella? — A voz foi crescendo. — O que você sabe sobre Stella?

— Você não quer dizer que os fantasmas vieram buscar Mona, é isso? — perguntou Michael. — E claro que percebe o que isso significa. Não deveríamos estar lá? Não deveríamos estar próximos?

— Não, eles não vieram buscá-la — respondi. — Ela nos dirá quando isso acontecer. Sei que dirá. — Senti que me engasgava com a mentira. Eles estavam tentando vir apanhá-la, sim, não estavam? Em algum tipo de jogo sinistro. Ou seria minha alma que eles queriam?

Levantei-me.

— Vocês serão informados quando ela precisar de vocês — concluí. — Eu prometo.

— Não vá — disse Rowan, contrariada, mas em voz baixa.

— Por que, para você poder continuar a me examinar? — De repente, comecei a tremer de novo. Não sabia o que pretendia dizer. — Você gostaria de que eu lhe desse uma amostra do meu sangue? É por isso que não tira os olhos de mim?

— Lestat, por favor, tenha cuidado — aconselhou Stirling.

— E o que eu faria com uma amostra do seu sangue? — perguntou Rowan, com os olhos me percorrendo da cabeça aos pés. — Você quer que eu o estude? Quer que eu faça perguntas a seu respeito? Quem você é? De onde você veio? Tenho a impressão de que é isso o que você quer. Tenho a impressão de que aquilo que você mais quer na vida é deixar que eu colha amostras da sua pele, do seu cabelo, do seu

sangue, de tudo o que você tiver para dar. Isso eu estou vendo. — Ela tocou de leve em uma das têmporas.

— Está vendo mesmo? — perguntei. — E tudo isso você analisaria no Centro Médico Mayfair em algum laboratório secreto. — Meu coração latejava forte. Meu cérebro estava a mil. — Você é algum gênio da medicina, não é? É isso o que está por trás desses olhos cinzentos, desses enormes olhos cinzentos. Não uma cirurgia ou oncologista como qualquer outra. Não você... — Parei de repente de falar. O que eu estava fazendo?

Riso de Julien.

— É, ela não é um assombro? Faça o jogo dela. — Julien perto da porta dos fundos do jardim de inverno, no meio das sombras, rindo. — Você não é páreo para ela, seu bandido descarado. Pode ser que ela construa uma redoma de vidro para você. Neste novo século, eles dispõem de materiais tão maravilhosos. Até mesmo criaturas exóticas como você...

— Cale a boca, desgraçado — murmurei em francês. — Está me parecendo que você é muito mais falível do que deixa transparecer. Qual foi o tal erro desastroso, você se importa de me contar?

— Você está falando com Julien? — perguntou Michael, olhando de relance para o local exato. Mas não havia nada lá.

— Covarde detestável — disse eu em francês. — Ele sumiu. Não quer deixar que nenhuma outra pessoa o veja.

— Vamos, Lestat. — Stirling puxou a manga da minha casaca. — Já está na hora de você ir embora. Mona deve estar à sua espera.

Rowan não se voltou nem uma vez para olhar para o fantasma. Furiosa, ela se pôs de pé. Senti novamente aquele empurrão, como se ela tivesse posto as duas mãos no meu peito. E, no entanto, seu rosto faiscava, como uma sombra de angústia que nem mesmo a raiva conseguia disfarçar.

— Onde está Mona? — perguntou, autoritária. Sua voz rouca nunca havia sido mais eficaz. — Você acha que eu não sei que você a tirou da Mansão Blackwood? A primeira coisa que fiz hoje de manhã, assim que pude me afastar do Centro Médico, foi ir para lá. Clem levou vocês três de carro até o Ritz Hotel ontem à noite. Hoje eu fui ao Ritz Hotel. Nada de Mona. Nada de Quinn também. E nada de Lestat de Lioncourt. Foi esse o nome que você assinou no livro da cerimônia fúnebre de tia Queen, não foi? Verifiquei a grafia e sua letra rebuscada. Você gosta de assinar seu nome, não gosta? E você tem um sotaque francês tão bonito, ah, tem, sim. Onde está Mona neste momento, Monsieur de Lioncourt? Pelo amor de Deus, o que está acontecendo? Por que você fica fazendo perguntas sobre Stella? Acha que eu não sei que você está por trás de tudo o que anda acontecendo? Jasmine e Grande Ramona acham que você é alguma espécie de príncipe estrangeiro, com seu sotaque francês

melodioso, seu talento para ler pensamentos e seu exorcismo para livrar a casa de fantasmas e espíritos. Ah, e é verdade, tia Queen simplesmente o adorava! Mas para mim você parece mais um Rasputin! Você não pode simplesmente roubar Mona de mim! Não pode!

Fisgadas dolorosas se espalhavam por mim, pelo meu rosto, minha pele. Eu nunca havia sentido nada parecido.

Julien estava lá atrás, nas sombras, dando risadas cruéis, permitindo apenas que um fio de luz lhe delineasse o rosto e o corpo.

Michael levantou-se, assim como Stirling.

— Rowan, querida, por favor. — Michael tentava acalmá-la. Ele pareceu hesitar em tocar nela, hesitar em abraçá-la, embora um abraço pudesse ter sido bem recebido.

— Já lhe disse tudo o que sei — respondi, gaguejando.

— Permita que eu o acompanhe — disse Stirling. Senti sua mão no meu braço.

— Diga a Mona que nós a amamos — pediu Michael.

— Mona está com medo de nós? — murmurou Rowan. A angústia por dentro dela derrotou sua raiva. Ela se aproximou de mim. — Mona está com medo de nós agora, não está? — Ela e Mona, uma história de horrores compartilhados. É, uma ligação indestrutível. Criança. Criança mulher. Morrigan. Sem admissões nem explicações. Apenas uma imagem. A mesma imagem que eu vira no Sangue. Criança mulher. — Exijo que me diga! Ela está com medo?

— Não — disse eu. Estendi as mãos direto através da aura de poder palpável que a cercava. Pus as mãos nos seus braços. Um choque indefinido, de ligação. Michael que fosse para o inferno. Mas Michael não me impediu. — Ela não tem mais medo. — Encarei Rowan no fundo dos olhos. — Mona não tem medo de nada. Ah, se eu ao menos pudesse lhe dar alguma paz de espírito. Quem dera eu pudesse. Por favor, por favor, espere que ela lhe telefone e não pense mais nela.

Senti que sua força recuava e seus olhos se embaçaram. Um fogo enorme estava apagado e fui eu que o extingui. Uma dor sempre presente envolveu aquele olhar. Um impulso de proteção brotou em mim e as fantasias loucas voltaram a reinar dentro de minha mente como se não houvesse mais ninguém presente.

Soltei seus braços. Dei meia-volta e deixei o grupo.

Atrás de mim, o fantasma murmurou, desdenhoso.

— Você não é um cavalheiro. Nunca foi!

Resmunguei entre dentes todas as obscenidades que eu sabia em francês e em inglês.

Fui andando um pouco rápido demais para Stirling. Mas chegamos juntos às portas da frente.

Rajada de ar quente e agradável. A noite estava ronronando e chiando com as

pererecas e as cigarras. Desafio um fantasma a conseguir me distrair disso tudo! O céu estava rosado e continuaria assim a noite inteira. Fechei os olhos e deixei o ar cálido me dar um abraço apertado, amoroso e completo.

O ar cálido não se importava se eu era ou não um cavalheiro, o que eu não era.

— O que você está fazendo com Rowan? — perguntou Stirling.

— E você é o quê? Irmão mais velho dela? — retruquei.

Cruzamos o pátio calçado e saímos para a entrada da garagem. Fragrância da grama. Ronco do trânsito da River Road, delicado como o sibilar da água.

— Talvez eu seja irmão dela — disse ele, abruptamente, — mas estou falando sério. O que você está fazendo?

— Puxa vida, cara! — respondi. — Anteontem à noite, você contou a Quinn que Mona estava morrendo. Qual foi sua motivação? Você não estava tentando Quinn a ir procurá-la? Acabou que ele não foi, mas você o tentou, sim, procurou induzi-lo a usar seus poderes, para trazê-la para nosso lado. Não negue! Você o provocou. Você, com todos os seus registros. Seus volumes. Seus estudos. Quinn já tinha se alimentado de você, quase lhe tirou a vida. Eu te salvei, cara. Você, que sabia de tudo. E agora você vem me pôr contra a parede por causa de uma Conversinha de nada com uma mortal que me odeia?

— Está bem — disse ele —, quer dizer que bem no fundo de mim eu considerava abominável Mona estar morrendo, Mona estar em desespero, Mona ser tão jovem e acreditei em contos de fadas sinistros e no sangue mágico! Mas essa mulher não está morrendo. Ela é a pessoa mais importante da família. E ela sabe que há algo de profundamente errado com você. E você está brincando com ela.

— Não mesmo! Me deixa em paz!

— Não deixo. Você não pode seduzi-la...

— Eu não a estou seduzindo!

— Você viu Stella? — perguntou ele. — É ela que o está assombrando?

— Não venha com esse tom cortês para cima de mim — protestei. — Vi Stella, sim. Você achou que era tudo parte de algum jogo? Eu a vi no vestidinho de gola marinheira e ela pulou para o meu colo. Os dois, Julien e Stella estavam na minha casa na Rue Royale, com um monte de gente. Julien também estava ali fora no seu belo jardim de inverno, a me provocar. Mas na última noite em que passei em casa, eles me fizeram ameaças. Ameaças. Ai, não sei por que estou lhe contando tudo isso.

— Sabe, sim.

— Preciso voltar para os andarilhos intrépidos. — Respirei fundo. — Ameaças? Que tipo de ameaça eles lhe fizeram?

— Ai, meu Deus do Céu! Se eu ao menos fosse Juan Diego.

— Quem é Juan Diego?

— Pode ser que não seja ninguém — respondi, entristecido. — Mas também pode ser que ele seja alguém, talvez alguém muito, muito importante! — E fui embora.



## CAPÍTULO 11



Subi muito alto no céu. Desloquei-me veloz, mais rápido que um fantasma ou foi o que me pareceu. Parei acima da cidade de Nova Orleans, embalado por suas luzes e por suas vozes. Perguntei-me como Mona lidaria com esse poder, se ela estaria chorando de novo. Deixei-me acreditar que não havia fantasmas que pudessem me tocar aqui ou em qualquer lugar se eu usasse todos os meus poderes consideráveis, nenhum fantasma que me provocasse medo.

Disse Não à fome. Mandeí a sede se acalmar.

Fui deslizando em silêncio para dentro do universo dos meus companheiros.

Avistei Quinn na Rue Royale, puxando um pilha de malas, todas pousadas sobre uma enorme bolsa retangular equipada com rodinhas excelentes. Ele assobiava uma melodia de Chopin e andava bem acelerado. Fui acertando o passo com ele.

— Você é o homem mais deslumbrante da rua, Irmãozinho — disse eu. — Qual é a dessas malas todas?

— Você vai deixar a gente ficar no apartamento, Amado Chefe? — perguntou ele. Seus olhos estavam acesos de amor. Em nosso curto relacionamento, eu nunca o vira tão feliz. Na realidade, eu nunca o tinha visto feliz antes, de modo algum. — O que você acha? — perguntou ele. — Nós o estamos incomodando? Quer que a gente saia?

— Nem pense nisso. Quero vocês lá — respondi. — Eu já deveria ter feito o convite. — Seguíamos juntos, eu tentando acompanhar o ritmo dos seus passos largos. — Sou uma negação como anfitrião e como Chefe de Covil, para usar o jargão antigo. Não sou um cavalheiro, mas sim um perfeito Rasputin. Instalem-se. Você pediu a Clem para trazer roupas para o Ritz? (Pedi.) Inteligente de sua parte. Onde está a Princesa Mona neste momento?

— No quarto, trabalhando no computador que compramos assim que anoiteceu, a primeira coisa que ela precisou de verdade — disse ele, com um gesto afetado. — Está registrando todas as experiências, sensações, cada distinção sutil, cada revelação...

— Entendi. Então, vocês dois já se alimentaram.

— Com voracidade — ele fez que sim —, em meio a uns miseráveis desgraçados. Se bem que eu precisei de certo modo supervisionar a operação. Mona entra em estados de paralisia total. Talvez se eu não estivesse lá, ela não tivesse se alimentado. Fisicamente, ela é mais forte que eu. Acho que fica confusa. Foi um par de vagabundos sem importância, os dois bêbados, nada de especial.

— Mas foi a primeira vítima humana de Mona — disse eu. — Quero detalhes.

— Os homens estavam inconscientes, foi moleza para ela. Ela ainda há de enfrentar o tipo vivo, que respira e se debate.

— Tudo bem, isso pode esperar. Quanto ao fato de Mona ser mais forte que você, você sabe que posso deixar os dois no mesmo nível — expliquei, tranqüilamente. — Não compartilho o dom do meu sangue com muitos. Mas estou disposto a compartilhar com você mais uma vez. — Será que havia alguma coisa neste mundo que eu não teria feito por Quinn?

— Sei disso — respondeu ele. — Meu Deus, eu adoro Mona. Meu amor por ela é tamanho que ultrapassa tudo o mais que ocupava minha mente. Nem penso mais no desaparecimento de Goblin. Eu imaginava que, quando Goblin realmente se fosse, eu passaria a sentir algum tipo de vazio paralisante. Tinha certeza disso. Parecia algo impossível de impedir. Mas Mona é a companheira da minha alma, Lestat, exatamente como eu sonhei quando nos conhecemos, quando ainda éramos crianças, antes que o Sangue se colocasse entre nós.

— É assim que deve ser, Quinn. E a Fazenda Blackwood? Alguma notícia de lá?

Era divertido andar novamente pelas ruas. Os pés na calçada de verão, de onde o calor do sol ainda se irradiava.

— Tudo perfeito por lá — respondeu Quinn. — Tommy vai ficar esta semana. Vou poder vê-lo antes que ele volte para a Inglaterra. Bem que eu gostaria de que ele não precisasse estudar lá. É claro que eles estão telefonando para qualquer pessoa que imaginem ter alguma ligação com Patsy. É a porcaria da medicação. Eu devia ter apanhado a medicação toda e jogado no pântano junto com ela. Desse jeito, eles teriam imaginado que ela simplesmente fugiu. Eu lhes disse mais uma vez que a assassinei. Jasmine só deu uma risada e disse que gostaria de poder assassinar Patsy agora mesmo. Acho que a única pessoa que ama Patsy, realmente a ama, é Cyndy, a Enfermeira.

Refleti sobre a questão, talvez pela primeira vez desde que Quinn cometera o ato apenas algumas noites antes. Um corpo não é capaz de sobreviver se é lançado no Pântano de Sugar Devil graças ao grande número de jacarés. Dei um sorriso irônico, forçado pela lembrança de que, no passado, outros tinham tentado livrar-se de mim exatamente dessa forma. Mas a coitadinha da falecida Patsy não tinha os mesmos recursos que eu, quando tombou mergulhando na escuridão. E claro que sua

alma havia escapado num vôo para a Totalidade da Salvação.

Seguimos em frente em meio a uma multidão de turistas intrépidos. O calor estava escaldante.

Na semana anterior, àquela mesma hora, eu era um ser solitário, que caminhava a esmo irremediavelmente sem companheiros e, de repente, Quinn invadiu minha vida, com uma carta no bolso, pedindo minha ajuda, e Stirling entrou sorrateiro no meu apartamento, num desafio para que eu o descobrisse. E num instante toda a Mansão Blackwood havia se materializado em torno de mim; Stirling tornou-se um ator na minha vida; tia Queen foi perdida cruelmente na mesma noite em que a conheci; depois, nossa querida Merrick também se foi e agora eu estava sendo atraído para o conhecimento dos Mayfairs e eu estava o quê? Apavorado?

Ora, Lestat. A mim você pode contar a verdade. Sou seu próprio eu, está lembrado?; De um jeito sinistro e apaixonado, eu estava empolgadíssimo com tudo isso e senti de novo aqueles calafrios, só de pensar em Rowan a me repreender com toda aquela fúria, havia apenas uma hora.

E ainda havia Julien, que simplesmente não iria aparecer nesse momento e correr o risco de ser visto por Quinn. Procurei em meio às multidões do início da noite. Onde está você, seu covarde desgraçado, fantasma barato de segunda categoria, seu trapalhão idiota?

Quinn virou a cabeça só um pouco, sem desacelerar o passo.

— O que foi isso? Você estava pensando em Julien.

— Vou lhe contar toda a história depois — disse eu e era o que eu pretendia mesmo. — Mas deixe-me fazer uma pergunta, sabe, sobre aquela vez era que você viu o fantasma de oncle Julien.

— Tudo bem.

— Que tipo de vibração você sentiu nas profundezas da alma? Fantasma bom? Fantasma maligno?

— Humm, bem, obviamente bom. Tentou me dizer que eu tinha genes dos Mayfairs. Tentou salvar Mona de mim, para impedir que nós dois gerássemos algum tipo de mutação apavorante, que ocorre de vez em quando na família Mayfair. Um fantasma bondoso. Já lhe contei a história toda.

— É claro que contou. Um fantasma bondoso e uma mutação apavorante. Mona mencionou a mutação? A criança perdida?

— Amado Chefe, o que o está perturbando?

— Nada.

Aquela simplesmente não era a hora certa para eu lhe contar...

Chegamos à casa. Os guardas nos cumprimentaram com um gesto simpático de cabeça. Dei-lhes uma gorjeta generosa. Para mortais em camisa de manga comprida, estava fazendo um calor insuportável.

Dava para ouvir o estalido das teclas do computador enquanto subíamos pela escadaria de ferro. Depois, o tagarelar discreto da impressora.

Mona saiu impetuosa do quarto, vestida nos trajes brancos da noite anterior, com uma folha de papel em uma das mãos.

— Prestem atenção — disse ela. — “Embora esta experiência seja inegavelmente maléfica, na medida em que envolve a predação de outros seres humanos, ela é sem a menor dúvida uma experiência mística.” E aí, o que vocês acham?

— Foi só isso que você escreveu? — perguntei. — Só um parágrafo? Escreva mais um pouco.

— Está bem. — Ela voltou correndo para o quarto. O teclado começou a estalar. Quinn foi atrás, com a bagagem. Ele piscou um olho para mim, sorrindo.

Entrei no meu quarto, que era em frente ao deles, fechei a porta, apertei o interruptor para a luz do teto e fui tirando minhas roupas com um estremecimento de pura repulsa. Joguei-as no fundo do armário. Vesti um blusão de malha marrom de gola rulê, calça preta e um paletó preto, leve, de mescla de linho e seda, com a trama bastante visível, um par de sapatos pretos perfeitamente lisos, que nunca tinham sido usados e pareciam uma escultura moderna, penteei o cabelo até tirar toda a poeira e então fiquei ali, parado, mergulhado num momento de total tranquilidade.

Estirei-me então na cama, observando o dossel de cetim hasteado lá em cima, sentindo a colcha de cetim por baixo de mim. Bastante sombrio. Virei o rosto para o meio dos travesseiros de plumas, dos quais sempre tenho uma quantidade considerável e, com todos os meus músculos, me encolhi para me proteger do mundo moderno.

Não foi um ato tipicamente masculino, muito menos atitude típica de machão; nem uma exibição de força para entidades do outro mundo. De modo algum, uma atitude de quem se encarrega de tudo.

Eu me consolava com o som de Mona clicando no teclado, com o tom grave da voz de Quinn. Passos no assoalho.

Mas nada conseguia suavizar as palavras iradas de Rowan, aqueles olhos que lembravam hematitas, todo o seu corpo tremendo de emoção enquanto ela me acusava. Como Michael Curry conseguia ficar tão perto daquela chama sem se queimar?

De repente, surgiu em mim uma agitação tão grande que só poderia ser abrandada se eu ficasse ali deitado, sozinho, todo enroscado na cama. Dormir, dormir, mas eu não conseguia. Eles não eram perversos o suficiente para mim, Quinn e Mona. Ninguém era. Eu mesmo não era perverso o suficiente para mim!

E eu precisava ver se os fantasmas viriam.

O tiquetaque de um relógio em algum lugar. Um relógio com o mostrador

pintado e os ponteiros com arabescos. Não era um relógio enorme. Um relógio que, com toda a sua alma conseguia apenas tiquetaquear e poderia fazê-lo pelos séculos afora, talvez já tivesse tiquetaqueado havia séculos, um relógio que as pessoas consultariam, do qual tirariam pó, ao qual dariam corda com uma chave e que as pessoas poderiam vir a amar. Um relógio em algum lugar deste apartamento, talvez na sala de estar dos fundos, a única peça de toda essa mobília que conseguia falar. Eu o ouvia. Sabia o que ele estava dizendo. Seu código era lindo para mim.

Uma batida na porta. Estranho. A impressão era de uma batida bem junto do meu ouvido.

— Pode entrar — ordenei. Idiota que sou. Mas não me deixei enganar pelos sons que ouvi. Aquilo não era a porta se abrindo. Aquilo não era a porta sendo fechada de leve.

Julien estava parado ao pé da cama. Veio se aproximando pela lateral. Julien, em sua sobrecasaca preta com gravata branca, o cabelo muito branco à luz do lustre. Os olhos eram negros. Eu havia achado que eram cinzentos.

— Por que bateu? — perguntei. — Por que não chega simplesmente e destrói meu mundo em mil pedaços?

— Não quis que você se esquecesse das boas maneiras mais uma vez — disse ele, num francês perfeito. — Você consegue ser atroz quando deixa de lado as boas maneiras.

— O que você quer? Me fazer sofrer? Você não está sozinho. Já fui atormentado por criaturas muito mais fortes que você.

— Você nem de longe compreende o que eu sou capaz de fazer. — Você cometeu um “erro desastroso”. Qual foi esse erro? — perguntei. — Fico imaginando se você sequer faz idéia.

Ele empalideceu. O rosto plácido encolerizou-se visivelmente.

— Quem o manda vir aqui para brincar com os vivos? — Você não faz parte dos vivos! — retrucou ele.

— Genioso, genioso — disse eu, em tom de deboche.

Ele estava sentindo raiva demais para que pudesse falar. Isso o deixava ainda mais nítido, embora estivesse branco de raiva. Ou seria de arrependimento? Eu não conseguia suportar pensar em arrependimento. Já tinha arrependimentos suficientes.

— Você quer Mona? — perguntei. — Então diga isso a ela, você mesmo.

Ele não respondeu.

Dei de ombros da melhor forma que consegui, já que estava todo enrolado na colcha.

— Eu é que não posso contar para ela — disse eu. — Quem sou eu para dizer: “Julien mandou você se expor ao sol e, com isso, ir para a Totalidade da Salvação?” Ou será possível que minhas perguntas de ontem à noite sejam bem mais do que

pertinentes e você não saiba mesmo de onde vem? Pode ser que não haja nenhuma Totalidade da Salvação. Nenhum São Juan Diego. Vai ver que você só quer que Mona lhe faça companhia num mundo espiritual por onde você vaga, à espera de alguém que consiga vê-lo, alguém como Quinn, a própria Mona ou eu mesmo. É isso? Espera-se que ela queira ser um fantasma? Eu o estou tratando com a maior cortesia. Este é meu tom mais educado. Minha mãe e meu pai ficariam felizes de me ouvir.

Houve uma batida real na porta.

Ele desapareceu. Achei que vi alguma coisa com o canto do olho. Será que Stella havia estado sentada ali à minha esquerda o tempo todo? Mon Dieu! Eu estava enlouquecendo mesmo.

— Covarde — murmurei.

Pus-me sentado na cama e cruzei as pernas, como um indiano.

— Entre — disse eu.

Mona irrompeu pelo quarto adentro, usando um vestido novo de seda de mangas compridas, de um rosa forte, com sapatos de salto altíssimo, forrados de cetim rosa forte, mais uma vez segurando no ar uma folha trêmula de papel.

— Manda ver — incentivei.

— “É meu objetivo final transmutar esta experiência num nível de participação na vida que esteja à altura dos imensos poderes que me foram legados por Lestat, um nível de experiência de vida que não conheça o recuo moral diante das questões teológicas mais óbvias, embora dolorosas, que meu estado transfigurado tornou absolutamente inevitáveis, a primeira das quais é, evidentemente, a de como Deus encara meu ser essencial. Sou ser humano e vampiro? Ou somente vampiro? Ou seja, a condenação eterna, e agora estou falando, não de um Inferno literal com labaredas, mas de um estado definido pela ausência de Deus... a condenação eterna está implícita no que eu sou e é inerente ao que eu sou ou será que eu ainda existo num universo relativista no qual posso atingir a graça nos mesmos termos pelos quais os humanos a atingem, pela participação na Encarnação de Cristo, um acontecimento histórico no qual acredito totalmente, apesar do fato de ele não estar na moda em termos filosóficos, muito embora seja discutível o que questões de moda possam ter a ver comigo agora nesta minha condição transcendente e com frequência luminosa?” — Ela olhou para mim. — O que você acha?

— Bem, acho que você escorregou quando começou a tratar dessa “questão de moda”. Para mim, você deveria eliminar toda essa parte a respeito de “moda” e tentar um desfecho mais sólido, talvez com alguma afirmação muito concisa sobre o grau da fé que você possui na Encarnação de Cristo. E sempre poderá usar adjetivos como “transcendente” e “luminoso” em outra frase. Além disso, você se equivocou no uso de “legar”.

— Maneiro! — Ela saiu apressada do quarto. Naturalmente, deixou a porta aberta. Fui atrás.

Ela já estava batucando no teclado, com o computador zumbindo leve numa das minhas muitas escrivaninhas em estilo Luís XV; com as sobrelanceiras ruivas franzidas, os olhos verdes grudados no monitor, quando assumi minha posição em pé, de braços cruzados, olhando de cima para ela.

— E aí, o que foi, Amado Chefe? — perguntou ela, sem parar de escrever. Quinn estava confortavelmente estirado na cama, olhando para o dossel. O apartamento inteiro estava cheio de camas com dosséis. Bem, pelo menos os seis quartos, três de cada lado do corredor.

— Ligue para Rowan Mayfair e diga que você está bem. O que acha? Vai conseguir fazer isso? A mulher está sofrendo.

— Que pena! — Mona não parou de digitar.

— Mona, se você tivesse condição de fazer isso... por eles, é claro. Michael está sofrendo.

Ela me lançou um olhar ferino e parou. Então, sem tirar os olhos de mim, pegou o telefone que estava à sua direita em cima da mesa e digitou o número tão rápido com o polegar que eu não consegui acompanhar. Típico dessa geração, dos telefones de teclas. Grande coisa! Eu sei escrever com uma pena, fazendo um monte de arabescos incríveis. Vamos ver se ela consegue. E ainda por cima não deixa pingar uma gota de tinta que seja no pergaminho.

— Oi, Rowan, é Mona. — Choro histérico do outro lado. Mona assume o controle. — Estou bem. Estou aqui com o Quinn. Olha, não se preocupe comigo. Estou muito melhor, totalmente. — Tempestade de perguntas explícitas. Mona assume o controle mais uma vez. — Rowan, presta atenção. Estou me sentindo ótima. É, como se fosse um milagre. Depois ligo para você. Não, não, não (ela continua no controle), estou usando roupas de tia Queen. Estão perfeitas em mim, é mesmo. E os sapatos dela são muito maneiros, têm toneladas deles de salto alto. Verdade, e eu nunca usei sapatos como esses antes. É, tudo certo, não, não, pára com isso, Rowan, e Quinn gosta de me ver com eles. Eles estão novos, sem uso. São lindos mesmo. Amo você. Abração para o Michael e todo o mundo. Tchau. — Mona desligou o telefone com Rowan ainda aos gritos.

— Pronto. Era isso aí. Muito obrigado — disse eu, dando de ombros.

Ela continuou ali sentada, o rosto muito branco, o sangue tendo desaparecido das bochechas, com o olhar vazio.

Tive a sensação de ser um tirano. Eu estava sendo um tirano. Sempre fui um tirano. Todos os que me conhecem me consideram um tirano. Talvez, com exceção de Quinn.

Quinn sentou-se na cama.

— O que foi, Ofélia? — perguntou ele.

— Você sabe que eu preciso ir procurá-los — respondeu ela, com as sobrancelhas franzidas. — Não tenho escolha.

— O que você está querendo dizer? — disse eu. — Eles só querem se livrar da situação. Agora... é preciso admitir que se trata de uma situação muito complexa.

— Não, não, não, é por minha causa. — De repente, a voz de Mona e sua expressão estavam implacáveis. — Pelo que preciso descobrir — ela prosseguiu, com frieza, com um tremor que atravessava seu corpo inteiro, como se um vento houvesse passado pelo quarto. — Sei que ela mentiu para mim. Ela mente para mim há anos. Tenho medo do quanto ela possa ter mentido para mim. Vou fazer com que me conte.

— Foi um erro eu forçar você a falar com ela? — perguntei.

— Ofélia — disse Quinn —, não se apresse. Você tem todo o tempo do mundo.

— Não, tinha que acontecer. Você estava certo — disse-me ela. Mas estava tremendo. Os olhos cheios de lágrimas. Emoções sobrenaturais.

— É sobre a Criança Mulher — disse eu, em voz muito baixa. Eu tinha permissão para fazer essa revelação a Quinn? O que eu tinha visto: seu monstruoso bebê-mulher? — Minha bonequinha, por que vamos continuar a ter segredos agora?

— Pode contar qualquer coisa para ele. — Ela fez esforço para não chorar. — Meu Deus, eu... eu... eu vou encontrá-los! Se ela souber onde eles estão, se ela tiver me escondido essa informação...

Quinn observava tudo isso, sem se intrometer. Mas, anos atrás, ela lhe falara de ter tido uma filha, de ter sido forçada a renunciar à criança. Contara a ele que se tratava de uma mutação, mas nunca explicou a natureza daquele ser.

E, para recapitular, no Sangue eu havia visto uma mulher adulta, algo decididamente não humano. Algo sem dúvida tão monstruoso quanto nós.

— Você não quer expor a situação toda para nós? — perguntei com delicadeza.

— Não agora, não estou pronta, ainda não. — Ela fungou. — Odeio essa história, tudo isso.

— Acabei de ver Rowan Mayfair — comuniquei. — Eu a vi na Casa de Retiro da Talamasca. Há algo de profundamente errado com ela.

— E claro que há algo de errado com ela — disse Mona, com ar de exasperação. — Não me importo com o que aconteça com ela quando me vir. Quer dizer que ela vai ver uma coisa que não faz nenhum sentido humano para ela. E daí? Eu não preciso morar com eles como Quinn mora com a família. Agora me dou conta disso. É impossível. Não posso fazer o que Quinn fez. Preciso de um nome oficial. Preciso de dinheiro...

— Pense mais um pouco — aconselhei. — Não há necessidade de tomar essa decisão neste exato momento. Consegui me livrar de Rowan e Michael por esta



noite, em vez de perturbá-los, em vez de criar dúvidas que poderiam prejudicá-los. Foi difícil. Eu queria fazer perguntas. Mas tive de desistir.

— Por que você se importa tanto? — perguntou ela.

— Porque me importo com você e com Quinn. Você está me ofendendo. Não sabe que a amo? Eu não a teria feito se não pudesse amá-la. Antes que eu a visse pela primeira vez, Quinn já havia me falado tanto em você e depois eu me apaixonei, é claro.

— Preciso saber umas coisas com eles — disse ela. — Coisas que eles não me contam e depois vou ter que procurar minha filha por minha conta. Mas, por enquanto, não posso falar nisso.

— Sua filha? — perguntou Quinn.

— Você quer dizer a Criança Mulher, que ela está viva...

— Parem com isso! Agora não! — gritou Mona. — Deixem-me com minha filosofia, vocês dois!

Mudança enorme e forçada. Os olhos voltaram para o computador. Ela recomeçou a bater no teclado.

— Uma palavra melhor do que “legados”?

— Concedidos — respondi.

Quinn aproximou-se por trás dela e prendeu um camafeu no seu pescoço, sem atrapalhar sua digitação feroz.

— Você não está tentando transformá-la em tia Queen, está? — perguntei. Ela continuou a batucar.

— Ela é Ofélia Imortal — disse ele, sem se ofender.

Nós a deixamos. Seguimos pelo corredor, saímos para a sacada dos fundos, descemos para o pátio e encontramos um par de cadeiras de ferro. Percebi que nunca havia usado essas cadeiras.

De certo modo, elas eram bonitas, vitorianas, enfeitadas. Eu não possuía nada que não fosse bonito de algum modo ou decididamente lindo, se pudesse escolher.

O jardim nos encerrava, com suas bananeiras altas e suas flores noturnas. A música da água no chafariz se mesclava com o som distante de Mona escrevendo e murmurando enquanto escrevia. Eu conseguia ouvir o zumbido das bandas nas boates da Rue Bourbon. Conseguiria ouvir a droga da cidade inteira, se tentasse. O céu agora estava de um leve tom de lilás, encoberto e refletindo o clarão da cidade.

— Não pense nisso — disse Quinn.

— Em quê, Irmãozinho? — perguntei, despertando da escuta de sons distantes.

— Que eu a vejo como herdeira de tia Queen. Você não entende? Tudo o que tia Queen quis dar das suas roupas, jóias, todas essas coisas, tudo o que ela quis dar para Jasmine ela já tinha dado, e ainda tem muita coisa em cofres de bancos para a futura mulher de Tommy ou para a do pequeno Jerome, quem quer que venha a ser

(permitam-me lembrar-lhes que Jerome era filho de Quinn com Jasmine). Quer dizer que fiz de Mona herdeira de talvez um décimo dos vestidos de seda mais exagerados. Seja como for, Jasmine nunca usou esses vestidos. E os sapatos cintilantes que ninguém quer mesmo. E os camafeus de madrepérola, que são comuns. Se, de algum modo, tia Queen soubesse o que realmente aconteceu comigo, no que eu me tornei, como sempre dizemos com tanta delicadeza. Se ela soubesse que Mona estava comigo, finalmente, que Céus e Terra tinham sido movidos e Mona estava comigo, ela haveria de querer que eu desse essas coisas para Mona. Ela ficaria feliz de saber que Mona anda por aí com esses sapatos.

Escutei tudo isso e entendi o que ele queria dizer. Deveria ter entendido antes. Mas a filha de Mona, quem é o que era a filha de Mona?

— Ela está adorando as roupas e os sapatos — disse eu. — O mais provável é que tenha estado doente tanto tempo que acabou perdendo todas as roupas. Quem sabe?

— O que você viu no Sangue quando a transformou? O que era essa Criança Mulher?

— Foi o que eu vi — respondi. — Uma filha dela que era uma mulher adulta, um monstro aos próprios olhos da mãe. Nasceu dela. E lhe foi arrancada. Mona a amava. E a amamentava. Isso eu vi. E depois ela simplesmente a perdeu, exatamente como contou a você. A filha foi embora.

Ele ficou consternado. Não captara nada de semelhante nos pensamentos de Mona. Mas no Sangue a gente chega aonde ninguém quer ir. É nisso que está o horror. É nisso que está a beleza.

— Será que poderia ter sido assim tão apavorante, tão anormal? — perguntou ele. Seus olhos ficaram distantes. — Sabe, há alguns anos, eu lhe contei... Fui jantar na casa da família Mayfair. Rowan me mostrou a casa toda. Havia algum segredo, alguma história sinistra escondida por lá o tempo todo. Dava para eu ver no silêncio de Rowan e no seu jeito distraído. Mas não percebi nada em Michael. E até mesmo agora Mona se recusa a nos contar.

— Quinn, você também não vai querer contar para ela por que matou Patsy. A medida que passamos de um ano para outro nesta vida, aprendemos que contar não significa necessariamente um expurgo. Às vezes, contar é só reviver a situação e é um tormento.

A porta dos fundos abriu-se com um estalo.

Mona desceu a escada batendo com os saltos; nas mãos, duas folhas de papel.

— Meu Deus, eu simplesmente adoro esses sapatos! — Ela deu uma volta no pátio. E, então, ficou ali parada diante de nós, parecendo uma boneca de cera à luz das janelas do andar de cima, com um dedo apontando para o alto, como o de uma freira na escola:

— “Embora eu tenha existido neste estado exaltado há apenas duas noites, devo confessar que já se tornou inegavelmente claro para mim que a própria natureza dos meus poderes e meio de existência indica que a supremacia ontológica de uma filosofia sensualista tomou residência em mim, à medida que prossigo de um momento para outro, de uma hora para outra, a apreender tanto o universo em torno de mim como o microcosmo do meu próprio eu. Isso exige de mim uma imediata redefinição do conceito do místico, que até o momento mencionei como se incluísse um estado tanto enaltecido como totalmente carnal, tanto transcendental como orgásmico, que me transporta, quando bebo sangue ou contemplo uma vela acesa, para muito além de todas as restrições epistemológicas do ser humano.

“Embora a hermenêutica da dor tivesse no passado me convencido perfeitamente de minha própria salvação pessoal, na realidade; embora no passado eu tivesse elaborado uma abrangente Prece do Silêncio em que abraçava Cristo e suas Cinco Chagas para poder suportar a Finalidade que me parecia inevitável, eu agora me descubro abordando Deus por um caminho totalmente indefinido.

“Será possível que, por eu ser vampiro e ter alma de vampiro tanto quanto uma alma humana, seja eu por isso afastada das obrigações humanas e de todas as condições ontológicas humanas? Creio que não.

“Pelo contrário, creio que agora sou responsável pela suprema obrigação humana: a de investigar o uso mais elevado de meus poderes, pois sem dúvida, embora eu seja vampiro por meu próprio livre arbítrio bem como pelo Batismo do Sangue, por nascimento, pela maturidade, por meu físico subjacente, sou humana e devo, portanto, compartilhar da condição humana apesar do fato de que, no esquema normal das coisas, eu não vá envelhecer nem morrer.

“Voltando à questão inevitável da Salvação, sim, continuo enraizada num universo relativista, por mais que eu tenha me tornado espetacularmente definida no que diz respeito à forma e à função, e me encontro na mesma dimensão em que existia antes da minha transformação. Devo, portanto, perguntar se estou, por força das circunstâncias, excluída da economia da graça estabelecida por Nosso Divino Salvador pelo próprio fato de sua Encarnação, mesmo antes de Sua Crucificação, dois fatos que acredito firmemente terem ocorrido na história e na cronologia humana, serem passíveis de conhecimento por ambas e exigirem uma resposta tanto em uma como na outra?

“Ou podem os Sacramentos da Santa Madre Igreja me redimir em meu estado atual? Num primeiro momento, devo concluir, a partir de minha breve experiência, a partir do êxtase e abandono que substituíram de modo tão descomedido toda a dor e o sofrimento no organismo que sou eu, devo supor que estou excomungada do Corpo de Cristo por minha própria natureza.

“Poderia ser, porém, que eu jamais tenha a resposta para essa pergunta, por

mais que me dedique a investigar o mundo e a mim mesma, e esse exato desconhecimento não me aproxima ainda mais da plena participação existencial na humanidade?

“Parece prudente aceitar, com a mais profunda humildade e com um objetivo de alcançar uma validação da perfeição espiritual desde o início, que eu talvez, em nenhum instante nas minhas perambulações, sejam elas por séculos sem conta, sejam por apenas alguns breves anos de êxtase quase insuportável, jamais possa esperar saber se compartilho da Redenção do Salvador, e que esse próprio desconhecimento talvez seja o preço que eu deva pagar por minha sensibilidade extra-humana e pelo triunfo inerentemente sangüinário sobre a dor que no passado sofri, sobre a morte iminente que no passado me tiranizou, sobre a ameaça onipresente do tempo humano.”

— O que vocês acham?

— Está muito bom — disse eu.

— Adorei o “por força das circunstâncias” — acrescentou Quinn.

Ela foi correndo até ele e começou a golpeá-lo em torno da cabeça e dos ombros com as folhas de papel, dando-lhe chutes com os sapatos de salto alto. Ele ria baixinho e se defendia descuidadamente com um braço só.

— Veja bem, é melhor do que chorar — disse ele.

— Você não tem jeito — protestou ela, irrompendo numa cascata de risos. — Menino incorrigível, impossível! Está evidente que você não é digno de todas as considerações filosóficas que desperdicei com você! E posso lhe perguntar o que você escreveu desde seu Batismo no Sangue? Ora, a própria tinta está ressecada nos circuitos desse seu cerebrozinho sobrenatural.

— Ei, silêncio, esperem um instante — ordenei. — Tem alguém discutindo com os guardas no portão. — Eu já estava em pé.

— Meu Deus, é Rowan — disse Mona. — Droga, eu nunca deveria ter ligado para o celular dela.

— Celular? — perguntei. Mas era tarde demais.

— Identificador de chamadas — murmurou Quinn, enquanto se erguia e levantava Mona nos braços.

Era Rowan, sim, sem a menor dúvida — ofegante e fora de si. E, seguida pelos dois guardas, que protestavam com violência, ela veio correndo pela entrada de carros e parou de repente, olhando para Mona, do outro lado do pátio.

## CAPÍTULO 12



O choque de ver Mona, de captá-la à luz que vinha das janelas do andar superior e ao clarão inevitável do céu iluminado, foi tamanho que Rowan parou como se tivesse batido numa parede invisível.

Michael a alcançou de imediato e ele também experimentou uma surpresa imensa.

Enquanto os dois estavam ali, perplexos, sem saber como entender o que seus sentidos lhes mostravam, dei ordens aos guardas para recuar e deixar a questão comigo.

— Vamos subir para o apartamento — disse eu, com um gesto na direção da escada de ferro.

Era inútil dizer qualquer coisa naquela situação. Não era um vampiro que eles acabavam de ver. Eles não sabiam nem suspeitavam de nada de origem sobrenatural ali. O que os deixou era total incredulidade era a espetacular “recuperação” de Mona.

Em sua essência, foi um momento apavorante. Porque, embora um sorriso largo e franco de alegria sem disfarces tivesse iluminado o rosto de Michael Curry, o semblante assombrado de Rowan estava repleto de algo assemelhado à cólera. Toda a sua história pessoal estava escondida por trás dessa cólera e eu sentia fascínio por ela, como havia sentido por todas as suas emoções até então.

Foi só com relutância e até certo ponto como se fosse uma sonâmbula que Rowan me permitiu segurar seu braço. Seu corpo inteiro estava tenso. Mesmo assim, levei-a até a escada de ferro e depois fui à sua frente, para conduzir o grupo inteiro. E Mona fez um gesto para que Rowan me acompanhasse e, jogando o cabelo para trás sobre os ombros, com um ar de enorme infelicidade, seguiu atrás dela.

A sala de estar dos fundos era a melhor para esse tipo de reunião, por não ter estantes. Havia ali um confortável sofá de veludo e uma quantidade de cadeiras razoáveis, em estilo Queen Anne. E claro que havia ouroel e trabalho em marchetaria por toda parte, assim como um papel de parede novo e chamativo de listras de cor vinho e bege; as guirlandas de flores no tapete pareciam estar em

convulsões e os quadros impressionistas na parede, com suas grossas molduras incrustadas, eram como janelas que davam para um universo muito, muito melhor, todo ensolarado. Mas era uma boa sala.

Desliguei imediatamente o lustre do teto e acendi dois dos abajures menores, de canto. Agora estávamos numa penumbra delicada, mas não desagradável, e convidei todos a se sentarem.

Michael estava radiante com Mona.

— Querida, você está simplesmente linda — disse ele, de uma vez, como se estivesse fazendo uma prece. — Minha bela, bela menina.

— Obrigada, tio Michael. Amo você — respondeu Mona, em tom trágico, enxugando os olhos com ferocidade, como se aqueles dois de algum modo fossem conseguir fazê-la voltar à sua desgraçada condição mortal.

Quinn estava petrificado. E suas piores suspeitas estavam acertadamente dirigidas para Rowan.

Ela também aparentava estar paralisada, com exceção dos olhos, que, de repente, se afastaram de Mona e se fixaram em mim.

Era preciso agir rápido.

— Tudo bem, vejam por si mesmos — disse eu, passando os olhos de Rowan para Michael e de volta para ela. — Mona está curada de não importa o que a tenha atingido e toda aquela enfermidade devastadora foi revertida. Ela está totalmente independente e inteira. Se acham que vou lhes explicar como isso se deu, ou qualquer coisa a esse respeito, estão enganados. Podem me chamar de Rasputin ou de nomes piores. Não dou a mínima.

Os olhos de Rowan estremeceram, mas sua expressão não se alterou. A turbulência dentro dela era impossível de interpretar; na realidade, era incompreensível. E, se eu captava algo definitivo, era um terror aguçado que remontava a fatos ocorridos no passado. Não consegui vislumbrar o que era. Não havia tempo para esse tipo de prospecção mental. E sua confusão estava resistindo com unhas e dentes.

Eu precisava prosseguir.

— Daqui vocês não vão sair com nenhuma resposta. Podem ficar com raiva de mim. Nenhum problema. Uma noite dessas, talvez daqui a muitos anos, Mona resolva explicar o que aconteceu, mas por enquanto vocês terão de aceitar o que seus olhos viram. Não precisam mais se preocupar com Mona. Ela é dona do próprio nariz.

— Não que eu seja ingrata — disse Mona, com a voz embargada e os olhos começando a se encher de sangue. Ela imediatamente secou as lágrimas com o lenço. — Vocês sabem que sou grata. É que é tão gostoso ser livre.

Rowan fixou a atenção nela mais uma vez. Se Rowan estava encontrando a mais

ínfima qualidade nesse milagre, o plano frontal de sua mente não deixava transparecer.

— Sua voz não é a mesma — observou Rowan. — Seu cabelo, sua pele... — Ela voltou o olhar para mim. — Há algo de errado. — E, então, olhou fixamente para Quinn.

— Esta reunião está encerrada — disse eu. — Não quero ser grosseiro; não quero, mesmo. Mas vocês já sabem o que precisam saber. Está óbvio que vocês sabem o número do telefone daqui. Foi assim que nos encontraram. Vocês sabem onde estamos.

Pus-me de pé.

Quinn e Mona me acompanharam, mas Rowan e Michael não se mexeram. Michael estava seguindo o exemplo de Rowan, mas logo se levantou, relutante, porque, não importava o que Rowan fizesse, essa era a atitude cortês. Esse homem era tão adorável que, mesmo naquelas circunstâncias, não queria ofender ninguém, muito menos Mona, nem queria causar absolutamente nenhum constrangimento.

Ele simplesmente não nos via do mesmo modo com que Rowan. Michael não olhava para as pessoas, mas olhava no fundo dos olhos delas. Ele estudou a expressão de Quinn, mas não seu aspecto físico. Nem mesmo se importava com toda a altura do rapaz. Ele buscava a bondade nas pessoas e invariavelmente a encontrava e sua própria bondade envolvia todo o seu corpo, permeando seus consideráveis dotes físicos. Era uma beleza vigorosa à de Michael e ele deixava atrás de si uma segurança tranqüila que somente pode brotar de uma força imensa.

— Minha querida, você está precisando de alguma coisa? — perguntou ele a Mona.

— Vou precisar de dinheiro — respondeu ela, sem dar atenção ao olhar fixo de Rowan. — É claro que não sou mais a Herdeira. Quando eu estava morrendo, ninguém queria tocar nesse assunto, mas sei disso há anos. E eu me afastaria agora de qualquer modo, se não fosse esse o caso. A Herdeira da fortuna da família Mayfair tem obrigação de procriar. Todos nós sabemos que eu não tenho mais como fazer isso. Mas quero pedir uma compensação. Nada que chegue nem perto dos bilhões da Herança. Não, nada desse nível. Estou falando em algum valor suficiente para eu não ser pobre. Isso não vai ser um problema, certo?

— Nenhum problema, querida — disse Michael, com um sorriso muito carinhoso e um dar de ombros. O homem era uma sedução só. Ele estava com vontade de abraçar Mona. Mas estava acompanhando a atitude de Rowan, que não havia se mexido da cadeira. — Não é problema, não é, Rowan? — perguntou Michael. Os olhos dele passearam pela sala, um pouco contrafeitos. Por alguns segundos, ele se deteve no luminoso quadro impressionista acima do sofá, diante do qual eu estava em pé, e me lançou um olhar simpático.

Ele não fazia a menor idéia de no que Mona havia se transformado. Mas não lhe ocorria nada sinistro ou maléfico. Era espantosa a intensidade com que aceitava a transformação e somente agora, enquanto eu vasculhava sua mente, nesse momento em que ele estava confuso com a atitude de Rowan e se apresentava sem suas defesas costumeiras, somente nesse momento eu compreendi. Ele aceitava Mona como ela estava porque era imensa sua vontade de que a recuperação fosse real. Ele chegou a acreditar que Mona estava condenada. Agora um milagre acontecera com Mona. Ele não precisava saber quem havia operado o milagre. São Juan Diego? São Lestat? Não fazia diferença! Por ele, tudo bem.

Eu poderia ter lhe contado uma história mal alinhavada de como nós bombeamos lipídios e água de nascente para dentro de Mona e ele teria engolido sem pestanejar. Nos tempos de escola, havia sido péssimo aluno de “Ciências”.

Rowan Mayfair, porém, não conseguia deixar de ser um gênio científico. Ela não tinha como descartar o fato de a recuperação de Mona ser uma impossibilidade física. E em sua mente havia memórias tão dolorosas que não incluíam cenas nem pessoas. Eram apenas sentimentos toldados, rudimentares e uma culpa assombrosa.

Ela continuava sentada, imóvel e em silêncio. Seus olhos, acusadores e irados, passavam de Mona para mim, para voltar e voltar ainda mais uma vez.

Tive uma impressão, talvez ilusória, de que ela estava se inclinando para uma curiosidade audaciosa, mas...

Mona se aproximou dela. Não era a melhor das idéias.

Fiz um sinal para Quinn, que tentou deter Mona, mas ela se desvencilhou dele. Estava determinada.

Contudo, Mona demonstrava cautela, como se Rowan fosse um animal que arranhasse. Eu não estava gostando nem um pouco daquilo. Mona estava entre Rowan e todas as outras pessoas na sala. Eu não conseguia mais ver Rowan, mas sabia que apenas alguns centímetros separavam Mona de Rowan e isso não era nada bom.

Mona curvou-se com os braços abertos. Parecia que pretendia beijar ou abraçar Rowan.

Rowan recuou tão rápido para livrar-se de Mona, que derrubou a cadeira na qual tinha estado sentada, bem como a mesa e o abajur ao lado, com estrondo e ruídos prolongados, até ir se grudar na parede. Michael entrou em alerta total, disparando para se postar a seu lado. Mas o que havia para ver?

Mona voltou para o centro da sala, murmurando “Ai, meu Deus” entre dentes. E Quinn veio por trás, abraçou-a e beijou seu rosto.

Rowan não conseguia se mexer. Seu coração batia forte, sua boca estava aberta e ela fechou os olhos como se estivesse prestes a berrar. Havia passado direto pelo estágio do pavor e o que sentia agora era uma repulsa total, como se tivesse visto



um inseto gigante. Foi a reação mais explosiva de um mortal diante de um vampiro que eu já vira. Foi pânico.

Eu sabia que poderia encantá-la porque já o fizera antes, transpondo a barreira entre as espécies sem jamais provocar aquele pânico, e decidi transpor essa barreira agora com toda a minha audácia. E isso realmente exigia uma audácia tremenda.

— Tudo bem, querida, tudo bem, meu amor — disse eu, aproximando-me de Rowan com a maior velocidade que ousei. — Meu tesouro, minha querida. — Passei os braços por trás e por baixo dela, a levantava do chão e a carregava diante do espanto de Michael, na direção da porta. Seu corpo perdeu a tensão (graças a Deus). — Estou com você, benzinho — murmurei em seu ouvido, beijando sua orelha. — Eu a estou segurando, minha querida. — Enquanto a carregava para fora e descia a escada, com seu corpo agora totalmente sem forças. — Estou aqui, meu amor. Nada pode feri-la. Pronto. Pronto. — Sua cabeça estava caída encostada no meu peito e sua mão fraca tentava segurar minha camisa. Ela arquejava. — Eu entendo, meu benzinho. Mas você está em segurança. De verdade. Eu nunca deixaria nada de mal lhe acontecer. Eu lhe garanto. Essa é minha promessa. E Michael está aqui. Está aqui com você. Está tudo bem, querida. Você sabe que estou dizendo a verdade, que no fundo não há nada de errado com essas coisas.

Dava para eu ver essas palavras penetrando, afundando em sua mente, atravessando as camadas de culpa, lembrança e fuga do presente e tudo o que havia percebido e não conseguia negar e diante do que só conseguia recuar e todas as verdades que tinha temido.

Michael estava logo atrás de mim e, assim que chegamos ao piso de lajes do pátio, ele a apanhou sem esforço e ela se deixou cair nos seus braços do mesmo modo.

Audacioso, beijei seu rosto, deixando que meus lábios se demorassem um pouco, e sua mão procurou a minha e seus dedos se enroscaram nos meus. Olha, tu és formosa, meu amor, és formosa. Seu pânico ainda era tão forte que ela não conseguia falar.

— “Jardim fechado é minha irmã, minha noiva, sim, nascente lacrada, fonte selada” — murmurei em seu ouvido. Beijei repetidas vezes seu rosto macio. Afaguei seu cabelo. Seus dedos ainda me prendiam, mas com menos força, da mesma forma com que ela estava menos tensa.

— Estou com você, minha querida — disse Michael, exatamente no mesmo tom. — Rowan, meu amor. Estou aqui, benzinho. Vou levar você para casa.

Quando me afastei, os olhos dele me examinaram profundamente e sem inimizade. Percebi algo no seu amor por Rowan, que era imenso e estava acima de qualquer mesquinhez. Que ele não reivindicava nenhuma posse sobre ela, que a adorava. Para mim, era difícil realmente entender um amor assim.

Rowan perdeu os sentidos. A cabeça caiu para a frente, contra o peito de Michael. Ele se deu conta, totalmente alarmado.

— Está tudo bem — eu o acalmei. — Você só precisa levá-la para casa, deitar-se ao seu lado e não a deixar sozinha.

— Mas afinal o que houve? — murmurou ele para mim, enquanto a aninhava.

— Não importa. Lembre-se disso. Não faz diferença. O que importa é que Mona está salva. — Voltei para o andar superior.

Naturalmente, Mona estava soluçando.

Estava atravessada na cama do quarto deles, onde o computador chiava baixinho e ela soluçava. Quinn, sentado ao seu lado, como estava se tornando o costume.

— O que eu fiz de errado? — perguntou Mona, olhando para mim. — Diga, o que eu fiz de errado?

Sentei à mesa do computador. Ela se pôs sentada na cama, com o rosto raiado de sangue.

— Não posso viver com eles do jeito como Quinn vive na Mansão Blackwood. Dá para você entender, não dá? Eu não fiz nada de errado.

— Ora, pare de mentir para si mesma — disse eu. — Você sabe muito bem que está com raiva dela, com uma raiva profunda. Suas intenções não eram puras quando você se aproximou dela. Ela lhe fez alguma coisa, ela a enganou ou algo assim, algo que você não tem como perdoar. Você praticamente nos contou bem aqui neste quarto. Você tinha de mostrar para ela seu poder, precisava esfregar...

— É isso mesmo o que você acha? — perguntou ela.

— É o que eu sei. Você acha que ela esconde segredos de você. Segredos mágicos, segredos que você não explicou para Quinn nem para mim. Todos esses anos, você sentiu rancor por Rowan por ela ser a médica, a cientista louca, é, isso mesmo, a cientista louca, a guardiã das chaves da magia, entrando e saindo da sua câmara da morte, prescrevendo essa ou aquela medicação sem nunca lhe dizer realmente o que estava acontecendo; mas outros segredos, segredos mais sinistros, segredos que você, ela e Michael conhecem, não é mesmo?

— Eu amo Rowan.

— E aqui e agora você sabia que dispunha da magia poderosa. Você tinha as chaves de um segredo arrasador. Você foi condescendente com ela. E ela enxergou toda a sua duplicidade, essa demonstração de afeto de quem se sente superior, e o pânico a atingiu quando ela se deu conta de que você não estava mais viva, exatamente como você queria que ela estivesse. Você quis que ela reconhecesse seu poder, reconhecesse que, em comparação com você, como você é agora, ela não era nada.

— É isso o que você acha? — lágrimas. Fungadas.

— Sei que é assim. E você não terminou com ela. Não mesmo.

— Calma aí, Lestat — Quinn resolveu participar da conversa —, você está sendo injusto. Mona confessou que tinha contas a acertar. Mas sem dúvida ela não estava pensando em tudo isso, não quando foi na direção de Rowan.

— Estava, sim — insisti.

— Você está apaixonado por ela — disse Quinn.

— Apaixonado por quem? Por Mona? Já lhes disse que amo vocês dois.

— Não — retrucou Quinn. — Você sabe que não estou falando de Mona. Você está totalmente apaixonado por Rowan de um jeito diferente de seu fascínio por nós. Você se ligou a alguma coisa profunda em Rowan e nós não temos condições de competir com isso. Começou ontem à noite. Mas Rowan não pode ser sua. Simplesmente não pode.

— Mon Dieu! — murmurei.

Atravessei o corredor, entrei no meu quarto e tranquei a porta.

Lá estava Julien, alinhado em sua casaca com gravata branca, os braços cruzados numa postura presunçosa enquanto ele me contemplava, encostado na cabeceira alta da cama de mogno.

— É verdade, ela não pode ser sua — disse Julien, rindo discretamente. — Observei enquanto você ia caindo como uma mosca numa tigela. Adorei. Isso de ela apanhá-lo tão desprevenido. Ah, sim, você ter provado aquele cerne de malevolência com seus sentidos tão requintados, beijos na penumbra, isso mesmo, e acabar se apaixonando por ela com tanta despreocupação, com tanta ternura, para alguém com todos os seus poderes odiosos. E ela não pode ser sua. Não, jamais. Não Rowan Mayfair. Nunca mesmo. Não a Poderosa, não a Criadora da maior empresa da família, não a defensora dos sonhos públicos da família, a maravilha filantrópica da família, a estrela-guia da família! Ela jamais poderá ser sua. E você terá todo o prazer de observá-la de longe, sem nunca saber o que poderia acontecer com ela. Velhice, doença, acidente, tragédia. Não será algo digno de contemplar? E você sem jamais poder interferir. Não se atreva!

Ali ao lado dele a pequena Stella, com oito ou nove anos de idade, num lindo vestido branco, de cintura baixa, um laço branco no cabelo preto.

— Não seja tão cruel com ele, oncle Julien! — ela ralhou. — Coitadinho! — Ah, mas ele é uma criatura cruel, Stella, meu amor — disse Julien. — Ele levou nossa Mona, muito amada. Ele não merece nada a não ser o pior.

— Escute aqui, seu fantasma barato de segunda, não sou nenhum devasso sentimental saído de algum poema fraco de Byron. Não estou apaixonado por sua querida Rowan Mayfair. O amor que sinto por ela é algo que você não tem como conhecer em suas perambulações rasas. E Rowan está com mais problemas do que você jamais conseguiria imaginar. Agora, por que você não me conta qual foi o erro

desastroso que cometeu com todas as suas aparições e maquinações inteligentes? Ou devo extrair essa informação de Mona, Rowan ou Michael? Você não foi um sucesso angelical, foi? Pegue sua menininha no colo e suma daqui. Deus lhe deu o poder de se contorcer e cuspir de raiva?

Batidas fortes na porta. Mona chamando meu nome sem parar. Eles tinham desaparecido, os fantasmas. Ela se jogou nos meus braços.

— Não conseguirei suportar se você estiver com raiva de mim. Diga que não está. Amo você com toda a minha alma.

— Não, não, nunca com raiva — disse eu. — Deixe-me abraçá-la com força, minha cria, minha querida, minha recém-nascida. Adoro você. Vamos dar um jeito nisso tudo. Vamos deixar tudo perfeito para todos. De algum modo.

## CAPÍTULO 13



Corredores de hotel. Vozes abafadas. Incessantes. Tapete azul-escuro. Lâmpadas elétricas com o formato de chama de vela. Uma porta atrás da outra. Mesa bonita aquela. Ora, seu materialista consumado, acabe com essa história de mesas e trate de cumprir sua missão imunda. E se algum indivíduo implacável, cheio de iniciativa, fizesse um catálogo com toda a mobília que você mesmo descreveu nas suas Crônicas Vampirescas? E então? Vou lhe dizer o que aconteceria. Isso haveria de envergonhá-lo, seu bandido avaro, imprudente, ganancioso, sempre voraz, praticante dos Sete Pecados Capitais. O que foi mesmo que Louis uma vez disse para você, que você transformava a eternidade num brechó? Trate de andar!

Dentro do quarto. Espelhos e mogno. Destroços do serviço de copa. (Olha, mamãe, sem mesa!) Mulher morena, cabelos escuros, quase inconsciente nos travesseiros. Cheiro de gim. Cortinas abertas para a noite lotada de prédios altos, cintilantes. Copo cheio de cubos de gelo e gim-tônica, captando a luz em bolhas congeladas.

Ela se virou de costas, apoiada nos cotovelos. Camisola de cetim bege, reta, mamilos marrons.

— Quer dizer que mandaram você, não é? — perguntou, pálpebras semicerradas, olhar desdenhoso, boca pintada, inflexível. — E então como você vai fazer? Hein? Uma beleza, esse seu cabelo louro!

Deitei na cama, ao seu lado, apoiado no cotovelo esquerdo. Cama impregnada com seu doce perfume humano. Lençóis e travesseiros de hotel de luxo.

— Você é um assassino e tanto — disse ela, debochada. Apanhou o copo belíssimo. — Você não se importa de eu tomar um gole antes de morrer, não é mesmo? — Entornou até a última gota do gim-tônica. Para mim, o cheiro era de veneno.

Aaaaah, dívidas de jogo, milhões, como uma pessoa faz uma coisa dessas? Mas era só a ponta do iceberg: havia se envolvido muito mais fundo, sempre em vôos para a Europa, acumulando uma fortuna para o homem errado. Quando disparava uma arma, ela a esvaziava. Ganhava a vida. O parceiro desapareceu. Ela sabia que

seria a próxima. Não se importava mais. Todo aquele dinheiro jogado fora. Agora passava o tempo todo embriagada. Cansada de esperar. O cabelo preto, fino e oleoso. Um desses rostos que a maturidade transforma por completo. Muita coisa ali, mas quem se importa?

— Então, me mata de uma vez, seu filho-da-mãe — murmurou. Ou melhor, engrolou, deixando-se cair de volta no travesseiro.

— Você é quem manda, querida. — Eu a cobri e beijei seu pescoço. Hummm. Fragrância de ninguém.

— O que é isso? Estupro? — Risinho abafado. — Será que você não consegue encontrar uma puta de duzentos dólares nesta cidade de merda? Você sabe a minha idade? Precisa pôr algum tempero no trabalho, um cara bonito como você? — Tapei sua boca. Ela cedeu só um pouco à pressão dos meus lábios. — E um beijoqueiro, ainda por cima — continuou, com a fala arrastada. — Cuide dos movimentos lá embaixo, seu machão.

— Tenho uma coisa melhor, benzinho. Você está me subestimando.

Aconcheguei o rosto no seu pescoço, beijei a artéria, ouvi o jorro do sangue, abri a boca lentamente, sentindo de novo o sabor de sua pele, finquei os dentes e suguei rápido, tanto que ela desmaiou antes de chegar a sentir a dor da picada. Ai, Meu Deus, isso vem do Paraíso de Alguém.

Foi fácil.

Sem peso, fora do tempo, apocalíptico. Ai, meu bem, você não mentiu. Não espere que eu vá dar a mínima para as coisas que fiz, nunca, como eu poderia, não sou Deus, meu docinho, bem, então, afinal quem, ai, que bom, eu lhe disse, não disse, não acredito em você, eu te odeio, não pára, estou, estou, tanto quanto eu possa desprezar alguém, adoro isso! Hummm, é, e eu não sei? E depois, o que é que foi? Eu quase, se você quiser me entregar, vá em frente, mas se não quiser, não estou precisando, é do que você precisa, amarelinha na calçada, giz colorido, odeio esse pessoal, me larga, pular corda, a porta de tela fechada com força, nunca pude, crianças chorando, só preciso do sangue, ah, mas espere aí, estou vendo, nunca soube que podia ser assim — lá no fundo do corredor, não, bem, sabe do que mais? Não é. Risos, luz e risos, eu devia ter...

Seu coração não conseguia bombear mais nada. Eu a levantei, suguei mais forte, o coração parou, as artérias estouraram, cego de tanto sangue, o corpo aos poucos se enchendo de peso, o deslizar do cetim, o choque das luzes do centro da cidade, o faiscar dos cubos de gelo, o Milagre dos Cubos de Gelo.

Sangue para o cérebro. Meu Senhor e Meu Deus, vou sair daqui. Não te deitarás junto ao corpo de tua vítima. Pelo Pecado Capital do Orgulho, estilhacei a janela enorme, com os braços estendidos, o vidro voando para todos os lados. Levem-me, ó, Luzes Relampejantes da Cidade, levem-me! — o vidro caindo sobre o

telhado de cascalho do poço de ventilação e as poderosas máquinas de ar modernas, tão sem romantismo, girando sem parar.

O assassino de aluguel não deveria ficar surpreso?

## CAPÍTULO 14



Na noite seguinte, quando acordei, descobri que o National Catholic Reporter havia chegado pelo correio. Tratei de abri-lo, ansioso por notícias de São Juan Diego.

A cobertura extensa incluía uma maravilhosa foto em preto e branco do Papa, com sua mitra branca, adernando fortemente para a direita mas, fora isso, se saindo muito bem, a observar “dançarinos indígenas” na missa de canonização na Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe, na Cidade do México. Uma multidão enorme. Naturalmente, o artigo TINHA de mencionar o fato de algumas pessoas duvidarem de que Juan Diego houvesse um dia existido!

Mas que importância isso tinha para os fiéis como eu?

Só depois que devorei todos os artigos sobre as viagens do Papa foi que percebi um bilhete na escrivaninha, deixado por um dos guardas, com a informação de que Michael Curry passara por ali durante a tarde e pedido que eu ligasse para ele. Ninguém estava atendendo ao telefone.

Voltei para casa tão tarde na noite anterior que não vi Mona e Quinn e os dois ainda não tinham se levantado.

O apartamento estava num silêncio ameaçador. Aparentemente, estava cedo demais para Julien e Stella também. Ou talvez meu último discurso tivesse afastado Julien por um tempo. Mas eu achava que não. Muito pelo contrário, era bem provável que ele estivesse mais cheio de energia e aguardando o momento certo para atacar.

Eu estava prestes a apanhar o telefone e discar o número que Michael havia dado ao guarda quando me dei conta de que Michael acabava de chegar à entrada de carros lá embaixo.

Desci para recebê-lo. O anoitecer estava luminoso e repleto do aroma das cozinhas do Quarter.

Fiz um gesto para que os guardas deixassem Michael entrar para os fundos.

Ele estava nervosíssimo. Usava o mesmo terno branco de colete do dia anterior, com a camisa agora aberta e sem gravata. Estava todo amarfanhado e com manchas



de terra e o cabelo estava desarrumado.

— Qual é o problema, amigo? — perguntei, enquanto estendia a mão para segurar seu braço.

Ele abanou a cabeça. Estava engasgando com as palavras que queria dizer. Os pensamentos estavam emaranhados. Em algum nível inconsciente, ele me impedia de ler seus pensamentos, ao mesmo tempo em que me pedia ajuda.

Levei-o até o pátio. Ele transpirava muito. Fazia simplesmente calor demais no jardim. Eu precisava levá-lo para onde sopravam os ventos artificiais.

— Vamos — disse eu. — É melhor lá em cima.

Mona apareceu à porta no instante em que chegamos à sala de estar dos fundos, num bonito vestido de seda azul, sapatos altos amarrados no tornozelo, só o cabelo ainda despenteado.

— Tio Michael, o que houve? — Instantaneamente ela ficou aflita.

— Oi, querida. — Michael a cumprimentou, sem forças. — Você sem dúvida está com ótima aparência. — Ele se deixou cair no sofá de veludo, pôs os cotovelos nos joelhos e a cabeça nas mãos.

— O que foi, tio Michael? — insistiu ela, obviamente constrangida de tocar nele, pousada sem firmeza na beira de uma cadeira próxima.

— É Rowan — disse ele. — Ela perdeu a razão, e não sei se vamos conseguir trazê-la de volta desta vez. Está pior do que nunca. — Ele olhou para mim. — Vim aqui para lhe pedir, sem rodeios, se você se dispõe a ajudar. Você exerce algum poder sobre ela. E conseguiu acalmá-la ontem à noite. Talvez consiga mais uma vez.

— Mas o que está acontecendo com ela? — perguntou Mona. — Ela está catatônica como da outra vez?

Captei apenas imagens embaralhadas da mente de Michael. Parecia que ele não havia registrado a pergunta de Mona. Tive de me contentar com suas palavras.

— Stirling está agora com ela — explicou Michael —, mas ele não consegue se comunicar. Hoje de manhã, ela insistiu que queria ir à Confissão. Chamei o padre Kevin. Os dois ficaram a sós por cerca de uma hora. É claro que ele não pode contar a ninguém o que ela disse. Se vocês querem saber, para mim o padre Kevin também está à beira de um colapso. Não se pode apanhar um padre normal como o padre Kevin, enfiá-lo numa família como a nossa e esperar que ele sobreviva, esperar que ele represente alguma coisa, que exerça suas funções sacerdotais. Não é justo.

— Michael — perguntei —, o que Rowan está fazendo? Ele pareceu não me ouvir. E prosseguiu:

— No Centro Médico Mayfair, todo o trabalho dela por lá sempre foi frenético, você sabe disso ou pelo menos sabia. — Ele olhou para Mona. — Mesmo assim ninguém mais realmente se dá conta de que ela trabalha até a exaustão, de tal modo que não exista vida interior, vida tranqüila, nenhuma vida mental a não ser a que

esteja vinculada ao Centro Médico Mayfair. É uma vocação total... é... algo maravilhoso, mas também uma fuga total.

— Uma mania — disse Mona, baixinho. Estava muito abalada.

— Isso — concordou Michael. — Sua persona pública é a única que ela tem. A Rowan interior está totalmente desintegrada. Ou talvez tenha a ver com os segredos do Centro Médico Mayfair. E agora esse colapso, esse desligamento total, essa loucura. Você tem noção de quantas pessoas pegam carona na energia dela? No exemplo que ela dá? Ela criou um mundo que depende dela: membros da família de toda parte vêm para cá para estudar medicina; a nova ala está em construção no hospital; tem o Programa de Estudos do Cérebro; ela está orientando quatro projetos de pesquisa, não chego a saber nem da metade do que acontece por lá. Somando a isso, minhas próprias necessidades egoístas e ainda por cima tem toda aquela...

— O que realmente aconteceu? — insisti.

— Ontem à noite, ela ficou deitada na cama horas a fio, murmurando. Não consegui ouvir o que era. Ela se recusava a falar comigo. Não queria sair daquele estado. Não quis trocar de roupa, nem aceitou nada para comer ou beber. Deitei-me ao seu lado, como você havia recomendado. Fiquei abraçado com Rowan. Cheguei a cantar para ela. Os irlandeses fazem isso, sabe? Nós cantamos quando estamos entristecidos. É estranhíssimo. Eu achava que era o único que fazia isso. Depois, percebi que todos os Mayfairs agem assim. É o sangue de Tyrone McNamara descendo direto através de oncle Julien. Cantei para ela essas canções melancólicas e adormeci. Quando acordei, ela não estava lá. Fui encontrá-la no jardim dos fundos, no gramado à sombra do carvalho. Ela estava descalça lá fora, com seu elegante costume de seda, cavando sem parar no lugar onde os restos tinham estado. — Ele olhou para Mona. — Estava descalça e cavava com uma pá grande de jardineiro. Falava sozinha sobre Emaeth e Lasher e se amaldiçoava. Quando tentei impedi-la de continuar, ela me agrediu. Tentei fazer com que se lembrasse de ter mandado remover os restos. Assim que terminou a construção do Centro Médico Mayfair, ela mandou uma equipe dar uma busca total pelos restos.

— Emaeth e Lasher? — perguntei.

— Eu me lembro — Mona assentiu. — Eu estava lá quando aconteceu.

— Naquele dia, ela estava enlouquecida — disse Michael. — Não parava de se repetir. Dizia que seu lugar era na Talamasca. Eles examinaram toda aquela terra como um bando de arqueólogos. É, você os viu. E aquele perfume, era tão forte.

Mona lutava para conter as lágrimas de hábito. Meu coração se enternecia com aqueles dois. Esses segredos os aprisionavam.

— E o que mais? — indagou Mona.

— Tentei falar com ela. Eles tinham escavado toda aquela parte do terreno. Tinham levado tudo para o Centro Médico Mayfair. Parecia que ela não me

entendia. Disse-lhe o que ela me havia contado na ocasião. Era cartilagem, cartilagem de uma espécie infinitamente mais elástica... que aquilo ali nem chegava a ser a cena de um crime! Mas ela não me escutava. Não parava de andar de um lado para o outro, falando sozinha, dizendo que eu não sei quem ela é. Ela sempre me disse isso. Começou a falar mais uma vez em fazer parte da Talamasca, em se recolher entrando para a Ordem. Como se fosse um convento. Disse que seu lugar era lá. Na Talamasca. No passado, quando uma mulher havia cometido alguma atrocidade, era possível mandá-la para um mosteiro. Ela disse que faria uma doação para a Talamasca e que eles a aceitariam, aceitariam a Cientista Louca, porque era isso o que ela era realmente. Mona, ela não acredita na minha compreensão. Não acredita na minha capacidade para perdoar.

— Eu sei, tio Michael.

— Para ela, sou uma criança em termos morais — continuou Michael, com a voz trêmula. — E depois ela disse o pior de tudo.

— O que foi? — perguntou Mona.

— Ela disse que você... que você estava morta. Mona não respondeu.

— Eu não parava de dizer que você estava bem. Que nós tínhamos acabado de ver você. Que tudo estava certo, que você estava curada. E ela só fazia que não. “Mona não está mais viva”, foi o que ela disse.

Michael olhou para mim, com uma pergunta.

— Lestat, você vem?

Senti uma leve surpresa. Aquele homem era extremamente intuitivo, mas só via em mim o que queria ver.

— Você quer falar com ela? — perguntou ele. — Você conseguiu tranquilizá-la tanto. Isso eu vi com meus próprios olhos. Se você e Mona pudessem vir. Tragam Quinn. Rowan adora Quinn. Rowan não percebe muita gente. Mas sempre adorou Quinn. Talvez porque Quinn consiga ver espíritos, não sei. Talvez porque Quinn e Mona se amam, sei lá. Ela gostou de Quinn desde a primeira vez em que ele veio visitar Mona anos atrás. Ela sempre confiou em Quinn. Mas Lestat, se você pudesse falar com ela... e Mona, se você pudesse vir e mostrar que está viva, mostrar que está bem, só dar-lhe um abraço\_\_

— Michael, preste atenção — disse eu. — Quero que você vá para casa. Quinn, Mona e eu precisamos conversar sobre isso tudo. Nós iremos ter com vocês ou ligaremos assim que pudermos. Fique tranquilo. Estamos muito preocupados com Rowan. Neste momento, não há nenhuma outra preocupação na nossa cabeça, a não ser Rowan.

Ele se recostou no sofá, fechou os olhos e respirou fundo. Parecia derrotado.

— Eu tinha a esperança de que vocês viessem comigo.

— Acredite em mim. Nossa conversa não será demorada. Temos fortes

obrigações. Nós ligaremos ou iremos com a maior rapidez possível — hesitei um pouco antes de prosseguir. — Nós amamos Rowan.

Ele se levantou, suspirou forte e se encaminhou para a porta. Perguntei se precisava de um carro para voltar para casa e ele murmurou que havia vindo ao centro da cidade dirigindo.

Ele olhou para trás, para Mona. Ela estava em pé, mas com medo de lhe dar um abraço. Isso era evidente.

— Tio Michael, amo você — murmurou ela.

— Ai, meu benzinho, se eu pudesse viver minha vida de novo e conseguisse apagar aquela noite.

— Nem pense nisso, tio Michael. Quantas vezes vou precisar repetir? Fui eu que entrei pela janela dos fundos, pelo amor de Deus. Foi tudo culpa minha, do princípio ao fim.

— Eu me aproveitei de você, querida — murmurou ele, sem se deixar convencer.

Eu estava perplexo.

— Michael, foi oncle Julien também — disse Mona. — Foi um encantamento de oncle Julien. Um erro enorme dele. Além do mais, agora não faz diferença, você não entende?

De novo, eu estava estupefato.

Ele olhou fixamente para ela, espremendo os olhos. Não consegui descobrir se queria um foco mais definido ou mais indefinido. Era como se estivesse vendo sua beleza mais uma vez.

— Ai, você está tão bonita. — Michael suspirou. — Meu benzinho. — Ele se aproximou dela e a abraçou por inteiro, um urso a envolvê-la. — Minha queridinha.

Fiquei com medo.

Os dois ficaram ali unidos, ela totalmente encerrada nos braços dele. Michael de nada suspeitou. Estava sendo levado como num sonho. E ela, recém-nascida como era, estava se sentindo o máximo.

Por fim, ele se afastou dela e disse, exausto, que precisava voltar para Rowan e eu lhe garanti mais uma vez que ligaríamos em breve.

Ele olhou para mim por algum tempo, como se estivesse me enxergando com outros olhos, mas era apenas consequência do cansaço. Em mim, ele estava vendo o que queria ver e me agradeceu novamente.

— Ela o chamou de Rasputin quando estava com raiva — disse ele. — Pois bem, eu lhe digo, Lestat, você tem mesmo esse tipo de poder e isso é bom. Consigo sentir o bem em você.

— Como é possível que você consiga uma coisa dessas? — perguntei. Fazer essa pergunta sincera me deu uma sensação de ternura extraordinária. Esse era sem

dúvida um dos mortais mais desconcertantes que eu já conhecera. E imaginar que ele fosse marido dela. Que eu o tivesse considerado o marido perfeito para ela, quando nos conhecemos.

Ele estendeu a mão e segurou a minha antes de que eu pudesse impedi-lo. Será que ele não sentia como minha mão era dura? Somente uma finíssima camada de carne era permeável. Eu era um monstro. E no entanto ele me encarava nos olhos como se estivesse sondando em busca de algo diferente dos Pecados Mortais que predominavam em mim.

— Você é bom — disse ele, confirmando a impressão para si mesmo. — Você acha que eu o deixaria abraçar minha esposa se não tivesse essa sensação? Acha que o deixaria beijar o rosto dela? Acha que eu viria lhe implorar que acalmasse minha esposa, quando eu mesmo não consegui, se não soubesse que você era bom? Não cometo erros desse tipo. Já estive com os mortos. Os mortos me procuraram e me cercaram. Conversaram comigo. Me ensinaram coisas. Eu sei.

Fiquei firme. Concordei.

— Eu também estive com os mortos. Eles me deixaram confuso.

— Pode ser que você tenha pedido muito deles — disse ele, com delicadeza. — Acho que, quando nos procuram, os mortos estão incapacitados. E recorrem a nós para se sentir completos.

— É — concordei. — Acho que é verdade. E, sem dúvida, eu os decepcionei. Mas estive com anjos também e eles pediram demais de mim e eu me neguei.

Um ar de espanto tranquilo passou pelo seu rosto.

— É, você disse isso antes. Anjos. Não consigo imaginar como deve ser estar com anjos.

— Não dê atenção às minhas palavras. Eu falo demais dos meus próprios ferimentos e fracassos. Com Rowan, pode-se fazer alguma coisa e eu lhe prometo que vamos nos encarregar disso.

Ele concordou.

— Basta que venham à casa, por favor, todos vocês. — Você e Rowan estão sozinhos lá? — perguntei.

— Stirling Oliver está lá, mas...

— Tudo bem. Ele pode ficar. Logo, logo, estaremos lá. Pode esperar por nós.

Ele fez que sim com um meio sorriso que revelava confiança, gratidão e gentileza. E saiu pela porta.

Fiquei ali parado, tremendo, escutando seus passos escada abaixo e pela entrada de carros. Fechei os olhos.

Um silêncio solene tomou conta da sala. Eu sabia que Quinn havia chegado à porta. Fiz um esforço para conseguir controlar meu coração. Um esforço enorme. Mona chorava baixinho direto no lenço.

— Mona das Mil Lágrimas — disse eu. Eu mesmo lutei contra as minhas e as derrotei. — Como é possível que ele tenha se equivocado tanto a meu respeito?

— Mas ele não se equivocou — disse Quinn.

— Ah, mas é claro que sim — insisti eu. — Às vezes, acho que os teólogos entendem as coisas de trás para a frente. O maior problema não é explicar a existência do mal neste mundo e sim explicar a existência do bem.

— Você não acredita nisso — disse Quinn.

— Acredito, sim.

Caí num súbito estado de transe, pensando no Papa na Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe, na Cidade do México, com os “indígenas” dançando com cocares de plumas. Eu me perguntava se os espanhóis teriam assassinado aqueles índios com seus cocares de plumas por estarem agindo daquele modo em recinto consagrado dois séculos atrás, ou três, ou quatro. Ora, ora, não fazia diferença. São Juan Diego protegeria todos agora.

Sacudi-me para clarear os pensamentos.

Sentei-me no sofá. Eu precisava refletir sobre o que havia chegado ao meu conhecimento.

— Quer dizer que foi Michael o pai da sua criança — disse eu a Mona com a maior delicadeza possível.

— Foi. — Ela veio sentar-se ao meu lado e pôs a mão sobre a minha. — São tantas as coisas que não tenho o direito de contar. Mas, na ocasião, Rowan não estava lá. Rowan... Rowan fez uma coisa terrível. Não posso falar do que ela fez. Rowan abandonou Michael. Rowan era a décima terceira bruxa. Não posso falar nisso. Mas Rowan abandonou Michael no Dia de Natal.

— Prossiga. Você estava falando de Michael — disse eu.

— Foi algumas semanas depois. A casa estava totalmente escura. Entrei pela janela. Todos imaginavam que Michael estivesse mal. Ele estava chorando por Rowan. Fui sorrateira até o quarto dele. Eu soube que ele não estava mal no instante em que toquei nele. — Quinn se sentou ali perto de nós. Percebi que ele tinha ouvido nossa conversa com Michael. Não lhe agradava o que Mona estava me contando. Foi para ele um choque tremendo Michael ter sido o pai da criança da qual ele sabia tão pouco. Mas ele permaneceu calado.

— E então oncle Julien lançou um encantamento sobre nós dois — Mona continuou. — Ele nos uniu. Ele estava tentando ajudar Michael a parar de chorar por Rowan. Ele queria provar para Michael que ele não estava mal de verdade. Mas eu quis. Quis mesmo. Naquela época, eu estava sendo a Super-Piranha. Eu mantinha no computador uma lista de todos os primos que seduzi. Seduzi meu primo Randall e acho que ele estava com uns oitenta anos. Ele quase deu um tiro em si mesmo por causa disso. Por eu ter só treze anos e tudo o mais. Foi totalmente revoltante.

Precisei confessar à tia Bea que eu havia seduzido Randall e pedi a ela que trouxesse os paramédicos. Bem, deixa para lá. Agora ele está ótimo. Imaginem. Gosto de pensar que ele chegou aos noventa anos graças a mim.

— É, sem dúvida — concordou Quinn, secamente. — Mas, com Michael, você concebeu a criança.

— É verdade — Mona assentiu. — A criança que arrancaram de mim.

— Foi o parto dessa Criança Mulher — disse eu — que provocou essa doença devastadora, que foi impossível deter.

— Sim — respondeu Mona. — De início, não sabíamos o que estava acontecendo. Ela começou bem devagar. Eu ainda tive um pouco de tempo. De que adianta falar sobre essas coisas agora? Rowan desencavou os restos debaixo da árvore porque estava tentando descobrir alguma coisa que pudesse me ajudar. Pelo menos em parte essa foi a razão. Mas agora não faz diferença. O que vamos fazer?

— Mas quem eram as criaturas enterradas debaixo da árvore? — perguntei. — Michael as chamou de Emaeth e Lasher.

— Esses são segredos deles — insistiu Mona. — Olhem, eu escapei de tudo isso graças a vocês, a vocês dois. Mas para Rowan não existe saída, existe? A não ser o Centro Médico Mayfair. A não ser um projeto atrás do outro. Não. Mas eu preciso exigir que ela me diga a verdade. Ela tentou encontrar minha filha ou não? Ela mentiu?

— Por que haveria de mentir? — perguntou Quinn. — Qual teria sido seu motivo? Você não percebe, Mona? Lestat e eu só vamos conseguir compreender isso tudo se você nos disser qual é o significado.

O rosto de Mona se anuviou. Ela era tão bonita que sua expressão nunca era desagradável, por mais terríveis que fossem seus pensamentos.

— Não sei — disse, jogando a cabeleira para trás. — Só tive às vezes a impressão de que, se Rowan conseguisse capturar um deles... a mutação, a outra espécie... ela trancafiaria a criatura no Centro Médico Mayfair até realizar todos os testes possíveis para ver o que sua carne, seu leite materno ou seu sangue poderiam fazer pelos seres humanos.

— A outra espécie? — perguntei. Ela suspirou.

— Especialmente o leite materno deles tinha propriedades de cura. Eu costumava ficar lá deitada no escuro e imaginava que minha filha estava trancada em algum lugar do prédio. Era uma fantasia. Era hábito de Rowan me forçar a tomar líquidos. Eu imaginava que o leite da minha filha estivesse misturado nas vitaminas. Tudo está envolvido com a mutação. Mas agora não faz diferença. O que realmente importa agora é que precisamos ajudar Rowan e eu ainda preciso extrair a verdade dela: o que devo fazer para encontrar minha filha por mim mesma.

— Você ainda quer encontrá-la? — repetiu Quinn, como se não tivesse

entendido direito. — Mesmo agora, depois do que lhe aconteceu?

— Quero — respondeu Mona. — Especialmente agora que não sou mais humana, certo? Agora, somos iguais, Morrigan e eu, vocês não percebem? Morrigan viverá por séculos e eu também! Quer dizer, se Rowan me disse a verdade todos esses anos, se ela realmente não sabe onde minha filha está, se minha filha ainda estiver viva....

— Outra espécie — disse eu —, não uma mutação de verdade. Bebês que atingem a maturidade logo após o nascimento.

— A maldição da família... Não posso explicar — protestou Mona. — Vocês não estão entendendo? Somente um número muito reduzido dos Mayfairs sabe o que aconteceu. Todos os demais estão numa inocência abençoada. E aí está a ironia. A família é tão vasta e tão boa, boníssima. Eles realmente não fazem idéia do que houve. Nunca viram, nunca vivenciaram, nunca souberam...

— Compreendo sua lealdade a eles — disse eu. — Mas você não entende que agora Quinn, você e eu somos uma família?

Ela fez que sim.

— Sou uma Mayfair. O que posso fazer para mudar isso? Nada. Nem mesmo o Sangue das Trevas altera esse fato. Sou uma Mayfair e é por isso que precisamos ir lá. Não tenho escolha.

— Quando oncle Julien apareceu para Quinn — disse eu —, para informar a Quinn que o sangue Mayfair corria em suas veias, oncle Julien sabia da espécie? Ele temia que Quinn tivesse os genes da tal espécie?

— Por favor — pediu Mona —, não me faça mais nenhuma pergunta. Tantas coisas horríveis aconteceram! Àquela altura, oncle Julien sabia porque nós sabíamos. Ele queria manter Quinn separado de mim. Mas o nascimento de Morrigan havia me prejudicado tanto que não fazia diferença. Eu não poderia ter outra gravidez de qualquer espécie que fosse.

— Morrigan — disse eu —, você amou essa criatura? Ela era provida de intelecto? Ela sabia falar?

— Vocês não podem imaginar como é dar à luz a uma dessas criaturas — explicou Mona. — Elas falam com a mãe mesmo de dentro do útero, elas conhecem a mãe e a mãe as conhece. E ainda vêm programadas com todo o conhecimento da sua espécie... — Ela se interrompeu como se tivesse desrespeitado um voto solene.

Enlacei-a com um braço e a beijei. Afastei o véu formado por sua cabeleira, que se interpunha entre nós, e beijei seu rosto outra vez. Ela se acalmou. Eu adorava a textura da sua pele. Adorava a sensação dos seus lábios quando os tocava com meus dedos.

Quinn observava tudo isso, mas não se ofendia, da mesma forma com que Michael não se ofendera com Rowan. Afastei-me.



— Quer que eu vá lá sozinho? — perguntei.

— Não, de modo algum — protestou Mona. — Quero ver Rowan. Quero que ela me diga se é verdade que minha filha nunca, nem uma vez tentou me procurar. Preciso saber.

— Acho que vocês dois me disseram o que vamos fazer — disse eu, em tom sóbrio. — Trocaremos segredos. Essa vai se tornar a estrutura da nossa conversa. Nós diremos a Rowan e Michael exatamente o que nós somos. E eles nos falarão da Criança Mulher e nos dirão se sabem alguma coisa, qualquer coisa, que possa ajudar Mona em sua busca. Eles nos revelarão o que Mona não pode revelar.

Mona olhou para cima. Seus olhos pareceram ter um foco mais nítido. Olhei para ela.

— Você está disposta, minha querida?

— Estou. No fundo, a história é deles, não minha.

— Mona, você quase morreu nessa história — disse eu. — Como ela poderia não ser sua também?

— Ah, é que eu forcei minha participação na história. Eu desejava Michael. E ela o tinha abandonado. Todas aquelas noites no hospital, eu me perguntava, se ela teria realmente me perdoado. E minha filha tinha sobrevivido e... — Ela abanou a cabeça e levantou a mão como que para espantar um espectro.

Afaguei seu cabelo para trás. Ela se inclinou na minha direção e eu a beijei na testa.

— Precisamos ir lá, Amado Chefe! — murmurou ela. — Nós prometemos a Michael. Rowan vai ter de me contar a verdade.

— Tudo isso está errado — disse Quinn, discordando. Estava claro que ele não gostava nem um pouco da idéia. Ninguém na Fazenda Blackwood conhecia os segredos de Quinn. Até mesmo a esperta tia Queen morrera na crença de que ele fosse aquele seu menino inocente.

— E a única maneira de salvar a sanidade de Rowan Mayfair — disse eu. — Ela já sabe, mas não tem certeza e isso vai corroê-la e obcecá-la. E por causa de seu laço com Mona, ela e Michael nunca se livrarão disso. O mal está feito. Somente algum tipo de verdade há de repará-lo.

-Você tem razão — concordou Mona. — Mas, se eles se abrirem com você e Quinn sobre os Taltos, se eles confiarem em vocês, contando coisas que até mesmo a maioria dos Mayfairs desconhece, será criado um vínculo e pode ser que esse vínculo consiga de algum modo salvar todos nós.

Taltos.

Quer dizer que esse era o nome da espécie. Esse era o nome da criatura da fragrância estranha, dos túmulos no jardim dos fundos e do útero devastado.

— Está evidente que Michael e Rowan conseguiram guardar um terrível

conjunto de segredos — disse eu. — Estão aptos a guardar outro. E os Mayfairs inocentes acabarão recebendo Mona. E sua existência não terá de ser vivida nas sombras. Ela terá liberdade de ir e vir, como você, Quinn. É assim que vai funcionar.

Quinn ficou olhando para mim em silêncio, respeitoso. E então falou: — Você está apaixonado por Rowan?

— Não faz diferença se estou ou não.

Lampejo de Mona, o sangue subindo ao seu rosto, muito quente, os olhos febris.

Momento de dor intensa. Por que minha alma não ficava recoberta de cracas a cada vida que eu havia tirado? Falei com as palavras de um mortal.

— Nós vamos lá para salvar Rowan, não é mesmo? — disse eu. — Quinn, faça o favor de chamar um carro.

Deixei-os, abri a porta e saí para a sacada dos fundos. A brisa havia aumentado. As bananeiras dançavam batendo nos muros de alvenaria. Eu conseguia ver as rosas brancas no escuro. Um fogo ilícito ardia dentro de mim.

— “A rosa de Sharon e o lírio dos vales” — murmurei. — “És toda formosa, meu amor, não há mácula em ti.” Como o vento recebeu essas palavras estranhas com reverência!

Eu teria preferido o caminho mais longo — uma caminhada fora do centro da cidade, por ruas largas e estreitas, o rugido escancarado do bonde ou seu fragor pesado ao seguir por Chrondelet Street, a visão dos carvalhos se acotovelando na parte baixa da St. Charles Avenue, as flores em decomposição do Garden District e o musgo lustroso nas lajotas.

Mas não havia tempo para isso, a não ser na minha lembrança. Meu coração batia forte. E, no coração de Quinn, o meu estava sendo julgado.

— Vocês sabem? — disse Mona enquanto esperávamos à beira da calçada pela limusine. — Não vejo a casa da esquina de First e Chestnut há dois anos. No dia em que a ambulância veio, achei que estaria de volta dentro de uma semana ou duas, como sempre. Hummm. Queria saber se oncle Julien está à espreita nos quartos antigos.

Não, querida, pensei, embora não dissesse em voz alta. Ele está ali do outro lado da rua, nas sombras de uma loja fechada durante a noite, o espírito desonrado, olhando para mim com ar ameaçador. Que se dane! Mas quem sabe? Talvez ele nos acompanhe.

## CAPÍTULO 15



O amor. Quem sabe alguma coisa sobre o amor de outra pessoa? Quanto mais se ama, quanto mais se conhece a extinção da perda do amor, mais se respeita o silêncio de nada saber diante da servidão espiritual do outro.

Contemplem a casa, que Quinn descreveu em dias de verão há muitos anos, quando ele vinha visitar sua amada Mona, a casa com extremosas comprimidas contra a cerca preta e os dois famosos carvalhos sentinelas, com suas raízes irrompendo por baixo das lajes quebradas do calçamento.

Colunas brancas no andar superior e no térreo, porta lateral para o hall, janelas compridas, cadeiras de balanço na varanda da frente, balaustradas de ferro fundido por baixo das exuberantes guirlandas de trepadeiras floridas. E o enorme pátio lateral, cheio de segredos, que se estendia para os fundos, numa escuridão particular e oculta. Foi para o interior dessa voragem ensolarada que oncle Julien atraía o jovem Quinn, para lhe falar de seu sangue Mayfair e lhe ordenar que jamais se casasse com Mona. Alguns fantasmas nunca desistem! Avistei o cintilar das águas da piscina ao longe, lá nos fundos e quem sabe o que mais adiante. A cova dos misteriosos Taltos?

Levado até o salão duplo por Michael, todo confiante, com um sorriso de alívio, senti de imediato uma fragrância reveladora. Espécie desconhecida. Leve, porém real. Mona também a captou, com o nariz erguido naquele gesto rápido quase vampiresco.

Uma senhora sala.

Espelhos que se elevavam altíssimos sobre lareiras gêmeas de mármore branco. Espelhos dispostos em cada extremidade, multiplicando ao infinito o recinto longo e sombrio com seus lustres. Tapetes de Aubusson, não são mesmo? E a mobília esparsa, ao mesmo tempo simples e refinada, violando a divisão natural das duas salas com um enorme agrupamento de sofá e poltronas abaixo do arco central, e, mais adiante, o piano Bösendorfer, longo e negro, sob um simpático véu de poeira. Na parede, quadros de antepassados, pois que outra coisa poderiam ser? Uma mulher vigorosa, de cabelos pretos, num elegante traje de equitação; e, desse outro

lado, adivinhem só quem, com os olhos brilhantes e um sorriso que eu nunca veria: Monsieur Julien Mayfair, é claro, e o grande relógio alemão, tiquetaqueando e balançando o pêndulo pontualmente.

Farfalhadas, como se a casa estivesse cheia de fantasmas. Relance do Julien real e odioso, com o canto do olho. Foi Michael que se virou. E então Julien do outro lado e o ruído de tafetá como se fosse de um vestido antiquado que arrastava no chão. Michael voltou-se novamente. Murmúrio.

— Onde é que eles estão?

— Eles não gostam de nós — retruquei.

— Eles não tomam decisões por nós! — disse Michael, com raiva. Primeira vez em que eu via essa emoção nele. Ela chegou e foi embora bem rápido. Existe uma palavra difícil para isso: “evanescente”.

— Quem? — perguntou Mona. — O que você está querendo dizer? — Ela se sacudiu para se livrar de seu próprio encantamento. Olhos vidrados de emoção. Viveu ali, amava a casa, foi arrancada, perdida, o hálito da morte na nuca, tudo acabado, o chão, o contato.

Preciso ler seu pensamento para saber isso? Não. Leio isso nos olhos de Quinn e ele, filho de uma grande mansão, tem aqui uma sensação de conforto assombroso, apavorado como está com a possibilidade de perder o amor de todo o clã Mayfair, como se eles estivessem investindo contra nós, vindo pela estrada sinuosa morro acima, com archotes de filme B nas mãos.

Os olhos azuis de Michael grudados em mim. Estava exausto e ainda assim era imensuravelmente forte. Tinha orgulho da casa e estava levemente satisfeito com meu jeito de olhar para ela.

— Eu apliquei o reboco, pinte, troquei a fiação, lixei os assoalhos e passei o verniz — murmúrio melodioso. — Aprendi essas técnicas lá na costa oeste e todo o tempo em que morei por lá nunca me esqueci desta casa. Costumava passar por ela quando era pequeno e naturalmente nunca imaginei que um dia eu seria dono da casa — risinho abafado —, quer dizer, se é que algum homem pode ser dono desta casa. O que ela tem é uma dona, ou até mesmo duas, e, por um tempo, por muito tempo... — Ele perdeu o fio do que estava dizendo. — Venha, deixe-me lhe mostrar a biblioteca.

Só o acompanhei bem devagar.

A noite lá fora batia forte nas janelas, o canto das criaturas aladas, o latejar das rãs, com a plena autoridade do grande jardim.

Corredor estreito, paredes altíssimas. Escada maléfica. Reta demais, longa demais. Novamente a fragrância desconhecida. Mas, ainda mais que isso, o cheiro da morte de humanos. Como acabei chegando a isso? A mão ao tocar no balaústre do pé da escada, foi dali que veio a informação. O tombo vertiginoso de algum

mortal. Escada feita para a expressão “de ponta-cabeça”. Essas portas como portas de algum templo erguem-se em protesto diante dessa constrição doméstica.

— ...acrescentada em 1868 — disse Michael —, tudo só um pouco menor neste aposento, mas é o melhor trabalho em estuque da casa inteira, parede de livros, couro antigo.

— Ah, sim, um teto magnífico — elogiei. — Rostinhos minúsculos lá em cima no medalhão de estuque.

Mona deu uma volta pelo aposento, os saltos altos silenciados pelo tapete vermelho, foi até a janela comprida que dava para a pequena varanda lateral e espiou lá para fora como se estivesse medindo o mundo especificamente por essas cortinas de renda. Pavões nas cortinas de renda. Deu meia-volta então e encarou Michael.

Ele fez que sim. Lampejo de ameaça a ela nas lembranças dele. Algo medonho, algo mortífero havia chegado à janela. Hinos de morte e dos que morrem. O fantasma da família que se torna de carne e osso. Negação. Depressa. Rowan espera. Rowan apavorada. Rowan muito perto.

— Vamos, meu benzinho — disse ele a Mona.

Eu dava tanta impressão de intimidade quando a chamava assim? Por um instante, senti vontade de pôr meu braço em torno dela só para afirmar meus direitos. Minha cria, agora. Minha filhota. Que vergonha.

A sala de jantar, um quadrado perfeito com uma mesa perfeitamente redonda. Cadeiras em estilo Chippendale. Tudo cercado por murais dos tempos áureos de uma grande fazenda. Lustre de modelo exótico. Mas não sei o nome. Havia sido instalado baixo, como uma iluminação com velas.

Rowan estava sozinha à mesa, seu reflexo impecável no verniz.

Usava um roupão roxo escuro, com lapelas de cetim, masculinizado, só que, com seu rosto instigante e nu e seus ombros diminutos, ela era a perfeita criatura feminina. Via-se um pouco da camisola branca. O cabelo neutro destacava os grandes olhos cinzentos e a boca virginal. Ela olhou para mim como se não me conhecesse. A pressão do conhecimento por trás dos seus olhos era tão imensa que tanto faria se fosse cega.

Olhou então para Mona e se levantou da cadeira, com o braço direito estendido, um dedo acusador.

— Pegue essa criatura! — sussurrou ela, como se a garganta estivesse se fechando. Ela correu em volta da mesa. — Vamos enterrá-la debaixo da árvore! Michael! Você está me ouvindo? — Ela arquejava, sem fôlego. — Pegue, ela está morta, você não está vendo? Não a deixe fugir! — Ela correu na direção de Mona e Michael, consternado, a segurou nos braços. — Vou enterrá-la eu mesma — disse Rowan. — Michael, vá apanhar a pá. — Berros roucos, histéricos, mas abafados.

Mona mordeu fortemente o lábio inferior e se encolheu num canto, com os olhos em brasa. Quinn lutava para segurá-la.

— Vamos cavar muito, muito fundo — disse Rowan, com as sobrancelhas franzidas. — Vamos enterrá-la para que ela nunca volte! Você não está vendo que ela morreu? Não lhe dê ouvidos! Ela está morta. Ela sabe que está morta.

— Bem que você queria que eu estivesse morta! — Mona soluçava. — Sua criatura odiosa, odiosa! — A raiva partia dela como uma grande língua de fogo. — Sua mentirosa nojenta. Você conhece o homem que levou minha filha! Sempre conheceu. Você deixou que acontecesse. Estava com ódio de mim por causa de Michael. Você tinha ódio porque ela era filha de Michael! Você deixou aquele homem levar minha filha.

— Mona, pare com isso — ordenei.

— Querida, por favor, meu amor, por favor! — Michael implorava a Rowan por todos e também por seu próprio ser exausto e desnorteado, segurando Rowan sem nenhum esforço, enquanto ela lhe arranhava os braços.

Fui até ela, soltei-a de seu legítimo marido, amparei-a e olhei fundo nos olhos tresloucados.

— Fiz isso porque ela estava morrendo. O pecado foi meu — expliquei. E ela me viu. Viu de verdade. O corpo rígido como se fosse de madeira. Michael, atrás dela, olhava com espanto. — Vocês dois prestem atenção — prossegui. — Falarei agora sem emitir nenhum som.

Tema de lendas, nomes vulgares, caçadores da noite, para sempre excluídos da luz do dia, vivem de sangue humano, caçam apenas os malfeitores, alimentam-se do lixo da vida humana, se é que isso existe, sempre se nutrindo da humanidade, desde o início dos tempos, passam por humanos, corpo transformado pelo Sangue, aperfeiçoado dentro do seu potencial pelo Sangue: Quinn, Mona e eu. Você está certa, você compreende. Ela está morta, mas morreu *apenas* para a vida humana. Eu operei a magia. Eu a preenchi com o Sangue reanimador. Aceitem. O que está feito está feito. E irreversível. Sou responsável. Uma menina agonizante definhada pela dor e pelo medo não teria condições para consentir realmente. Há dois séculos, eu não consenti. Há um ano, Quinn não concordou. Pode ser que no fundo ninguém chegue a consentir. Foi minha a capacidade de convencer e meu o poder. O pecado foi meu. E assim ela prossegue. E assim ela caça o sangue imundo. Mas ela é Mona de novo. A noite lhe pertence e durante o dia o sol não consegue encontrá-la. Sou culpado. Ponham toda a culpa em mim.

Calei-me.

Rowan fechou os olhos. Arquejava como se estivesse exorcizando dos pulmões algum horror coagulado, invisível, profundo.

— Filha do Sangue — murmurou. Estava toda apoiada em mim. Sua mão

esquerda subiu para agarrar meu ombro. Eu a abracei forte, com os dedos entrando em seu cabelo.

Michael olhava para baixo como se, tendo a janela se fechado, ele precisasse se recolher com seus pensamentos. Deixando que eu cuidasse de Rowan, ele parecia perdido na sala. Mas havia captado toda a minha revelação e ela lhe caíra fundo. Estava exausto e triste.

Mona foi até ele e abriu os braços. E Michael a recebeu com a maior ternura. Beijou seu rosto como se a verdade houvesse liberado de dentro dele uma comunhão poderosa e casta. Beijou sua boca, seu cabelo.

— Minha queridinha, minha menina bonita, meu geniozinho. — Foi quase como o abraço que ele lhe havia dado meia hora antes, só que, dessa vez, eu realmente consegui entender. E o conhecimento da sua natureza surtiu um efeito nele, transformando lentamente seu modo de tocar nela. É claro que havia desejo nele, sim, em cada fibra do corpo e alimentado ao longo de muitos anos, um desejo vital, prático, que fazia parte da sua constituição, de sua visão, mas por Mona ele não sentia nada disso. Os seis anos passados cuidando dela já tinham castigado o suficiente esse desejo e agora essa verdade aberrante deixava as coisas de um modo que ele podia afagá-la de novo e beijá-la à vontade, dizer-lhe palavras de carinho e alisar seu cabelo com as mãos, sim. E ela estava com ele novamente, pai da sua filha, pai da sua morte.

— Como os Taltos — murmurou ela, abrindo seu sorriso doce, sadio. A intrépida juventude. E, sem dúvida, na penumbra da sala, ele via com mais fidelidade a pele reluzente, o cintilar artificial dos olhos e o volume dos cabelos ruivos, a circundar o rosto radiante.

Ela não captou a tristeza que o invadia, a dor enorme. Ele a soltou com um tato incrível, puxou uma cadeira e sentou-se à mesa. Debruçou-se e passou as mãos pelo cabelo.

Quinn ocupou a cadeira à sua frente e olhou para Michael. E, então, Mona foi tranqüila para o lado de Quinn. E assim eles se acomodaram.

Eu continuava em pé, abraçando Rowan. Onde estava meu desejo? A tormenta de sangue que arrasta para seu vórtice todo o desejo de conhecer, absorver, tolerar, possuir, matar, amar? Dentro de mim, a tempestade era inescapável. Mas sou tão forte. Isso todos já sabem, não é mesmo? E, quando se ama o outro como eu amava Rowan, não se procura ferir. Jamais. As operações triviais do coração extinguem-se em plena quietude. Extinguem-se na humildade de eu poder sentir isso, saber isso e conter tudo dentro da minha alma prudente.

Ergui seu rosto, com o polegar apertando sua bochecha, um gesto que eu não conseguiria tolerar se alguém fizesse comigo; mas eu estava hesitante e pronto para recuar se ela tivesse demonstrado a menor resistência. Ela apenas olhou para mim,

com uma compreensão abafada. E todo o seu corpo cedeu diante de mim e a mão que segurava meu ombro fechou-se carinhosa atrás do meu pescoço.

— E assim — disse ela, com aquela voz suave, extraordinária, aquela voz profunda, sedosa —, nós, os Mayfairs do círculo mais íntimo, temos mais um segredo sacrossanto: mais uma espécie de imortal chega a nós.

Leve e delicada, ela saiu do meu abraço e, beijando minha mão em segredo, foi até Michael, pôs as mãos nos ombros do marido e olhou para Mona do outro lado da mesa.

— E eu de algum modo hei de despertar desta revelação — prosseguiu ela — e no decorrer dos acontecimentos, é... no decorrer vital dos acontecimentos protegerei totalmente essa verdade. E voltarei a me inserir no mundo que fiz com que precisasse tanto de mim.

— Querida, você já voltou — murmurou Michael. Essa era a criatura que eu adorava.

E, quando nossos olhos se encontraram, vi seu pleno reconhecimento, respeito e compreensão da minha devoção, tão profundos que não pude encontrar palavras no silêncio vertiginoso.

E assim a poesia alça vôo, ultrapassando a literalidade: És formosa, meu amor, terrível como um exército com estandartes, desvia de mim teus olhos porque eles me ofuscam, um jardim fechado é minha irmã, minha noiva: nascente lacrada, fonte selada.



## CAPÍTULO 16



Por que eu a amava tanto? Sem dúvida alguém que leia essas páginas há de se perguntar: o que havia de tão adorável nela? O que fez com que você, logo você, a amasse tanto? Você, amante de homens e mulheres, vampiro, destruidor de almas inocentes, amasse tanto assim? Você, alvo de tanto afeto fácil, que sempre se pavoneou de seu encanto instigante e promissor... por que sentiu amor por ela?

Como eu deveria responder? Eu desconhecía sua idade. Não tenho como escrevê-la aqui. Não consigo descrever seu cabelo a não ser para dizer que era cortado curto, com as pontas voltadas para dentro. Seu rosto ainda era liso, sem o menor traço dos sulcos da idade. E seu corpo, como o de um menino.

Mas esses detalhes a gente absorve, na esteira fervilhante do reconhecimento de um amor desses. Em si e por si, eles não são nada. Ou então, caso se acredite que uma mulher tão forte tenha moldado as feições do seu rosto, o desenho das sobrancelhas, a linha reta da postura, a franqueza dos seus gestos, a própria forma com que o cabelo lhe emoldura o rosto, o comprimento de seu passo, o som das pisadas... nesse caso, talvez eles signifiquem tudo.

Ao lado da cabeleira flamejante de Mona, Rowan era da cor de cinzas, uma mulher desenhada com carvão, com um olhar penetrante e assexuado, e uma alma tão imensa que parecia preencher cada fibra do seu corpo e ainda emanar dele em direção ao infinito, com seu conhecimento do mundo ao redor se agigantando em comparação com o de todas as pessoas que ela um dia tinha conhecido e haveria de conhecer.

Imaginem só, um isolamento desses.

Ela não falava com as pessoas como se fosse superior a elas. Simplesmente não falava. Só Deus sabia o número de vidas que Rowan salvara. E só ela sabia o número de pessoas que havia assassinado.

No Centro Médico Mayfair, ela mal começava a realizar seus sonhos imensos. Era uma enorme máquina de cura constante. Mas o que a fazia avançar pelo mundo eram os projetos, ainda não revelados, para os quais possuía os recursos financeiros, o conhecimento, a visão penetrante como o laser, a ousadia e a energia pessoal.

O que ameaçava essa criatura colossal que, através da tragédia e da herança, havia encontrado para si o objetivo perfeito? Sua sanidade. De vez em quando, ela se entregava à loucura como se fosse alguma bebida forte e, nesses períodos de embriaguez, fugia dos seus propósitos sublimes, afogando-se em lembranças e culpas, perdendo todo o juízo e sentido de proporção, murmurando confissões de indignidade e planos de fuga mal estudados que acabariam por excluí-la para sempre de todas as expectativas.

Naquele momento precioso, ela encarou a sanidade como seu Estado de Graça e me considerou o Gênio que havia conseguido trazê-la de volta para esse estado.

Para ela, eu fazia a ligação entre os dois mundos. E isso significava que ela poderia fazer o mesmo.

Filho do Sangue.

Ela me desejava. Tudo o que eu era — quer dizer, tudo o que ela havia percebido em nossos três encontros e o que agora sabia ser a verdade, tanto por eu ter afirmado, como por ela ter apreendido.

Rowan me queria por inteiro. Era um desejo enraizado em todas as suas faculdades, que superava e aniquilava seu amor por Michael. Isso eu sabia. Como poderia não saber? Mas ela não tinha a menor intenção de ceder a esse desejo. E sua determinação? Era de ferro. Pode-se atrair o ferro com carvão também, não é mesmo?

## CAPÍTULO 17



Esse segredo não pode sair daqui — disse Mona, com a voz trêmula. Ela segurava firme a mão de Quinn. — Se vocês conseguirem guardá-lo de todos, com o tempo eu vou poder estar com eles. Quer dizer, com os outros membros da família. Posso estar com eles por algum tempo.

Como Quinn se relaciona com todos na Fazenda Blackwood. Posso ter algum tempo para me despedir. O que você quis dizer quando me chamou de Filha do Sangue?

Rowan olhou para ela, do outro lado da mesa redonda. E então, com uma impaciência repentina e impessoal, arrancou o grosso roupão roxo e saiu dele, como que de uma concha quebrada, uma silhueta tensa numa camisola de algodão branco sem mangas.

— Vamos lá para fora — disse ela, com mais segurança na voz delicada e grave, a cabeça levemente inclinada. — Vamos aonde os outros estavam enterrados. Stirling está lá. Sempre adorei aquele lugar. Vamos conversar no jardim. — Ela começou a andar e só então percebi que estava descalça. A bainha da camisola mal roçava no chão.

Michael levantou-se e a acompanhou. Parecia que seus olhos evitavam os nossos. Ele alcançou Rowan e pôs um dos braços em torno dela. Mona foi a primeira a seguir atrás deles.

Passamos por uma copa clássica, com altos guarda-louças envidraçados, lotados de porcelana brilhante e, depois de uma cozinha moderna, saímos por portas duplas para descer alguns degraus de madeira pintada que levavam a um amplo pátio de lajes de pedra.

Lá adiante estava a enorme piscina octogonal, tremeluzindo com luzes submersas em profusão, e mais além uma cabana alta e imponente.

Longas balaustradas de pedra calcária cercavam os canteiros do jardim, que estavam apinhados de plantas tropicais. E de repente o ar se encheu com o forte perfume do jasmim-da-noite.

Da esquerda, derramavam-se sobre nós os enormes galhos em arco da

quereutéria. E as cigarras chiavam alto a partir das numerosas árvores que ali se acotovelavam. Do mundo lá fora, não chegavam ruídos de trânsito. O próprio ar era abençoado.

Mona arfou, deu um sorriso, sacudiu a cabeleira e se voltou para o tranqüilizador abraço de Quinn, murmurando rápido, como a batida das asas do beija-flor.

— Tudo está igual, tão bonito, mais do que eu me lembrava. Nada mudou.

Rowan parou e olhou para o alto para as nuvens em movimento, como se estivesse permitindo a Mona algum tempo para absorver tudo aquilo. Por um segundo, ela fixou o olhar em mim. Filho do Sangue. Arquivo repleto de fatos. Então em Mona. Depois de novo nas nuvens.

— Quem haveria de querer mudar um lugar desses? — perguntou delicadamente, com sua voz baixa e melodiosa, em resposta a Mona.

— Somos apenas os guardiães — disse Michael. — Um dia, outros Mayfairs virão morar aqui, muito depois de que nos formos.

Ficamos esperando, ali reunidos. Quinn, muito ansioso. Mona, deliciada.

Procurei o fantasma de Julien. Não estava por perto. Era por demais arriscado, com Michael tendo a capacidade de vê-lo.

De um portão de ferro preto à esquerda, Stirling veio nos encontrar, sempre o perfeito cavalheiro em seu terno de linho de corte impecável, e estranhamente calado. Rowan seguiu em frente, descalça e destemida, e indicou o jardim de onde Stirling acabara de sair.

Os olhos de Stirling grudaram nos de Mona para uma rápida coleta de informações e ele então seguiu atrás de Rowan e Michael pelo mesmo caminho por onde viera. Todos nós os acompanhamos, entrando num mundo diferente, totalmente fora das medidas de balaustradas italianas e de lajes perfeitamente quadradas.

Ali atrás, uma exuberância de taiobas e bananeiras, além de um largo gramado à sombra de um enorme carvalho antigo, e uma mesa de ferro com cadeiras modernas do mesmo material, mais confortáveis, suspeitei, do que as relíquias do meu pátio. Um muro alto de tijolos cercava o local em frente ao portão e uma fileira de teixos ocultava a garagem aberta à esquerda. A direita, um alojamento antigo de dois andares, para criados, fechava o espaço para os olhos do mundo, sendo também essa construção em sua maior parte escondida por uma sebe densa e alta de alfeneiros.

Havia alguém lá nos alojamentos de criados. Dormindo. Sonhando. Criatura idosa. Deixa para lá.

Terra molhada, flores a esmo, misturadas, folhas chocalhando no ar úmido de verão, todas as canções da noite, o cheiro do rio a apenas oito quarteirões daqui, passando pelo Irish Channel, onde o apito de um trem cortou a noite, conduzindo o

ronco suave e distante de vagões fechados.

As cigarras de repente pararam, mas a música dos sapos continuou forte; e havia ainda os pássaros noturnos que somente um vampiro conseguia ouvir.

Luzes baixas ao longo do caminho de concreto forneciam uma iluminação fraca. E havia outros sinalizadores semelhantes espalhados pelos cantos mais remotos do jardim. Dois holofotes instalados no alto do carvalho derramavam uma luminescência suave sobre o local. Quanto à lua, era cheia mas estava escondida por trás do escudo rosado das nuvens. E assim estávamos numa tênue escuridão rósea e penetrável e, em toda a nossa volta, o jardim estava vivo, perfumado e procurava se alimentar de nós com incontáveis bocas minúsculas.

Quando pisei no gramado, captei a leve fragrância da espécie diferente, o cheiro que Quinn sentiu quando chegou ali, menino, conduzido pelo fantasma de oncle Julien. Vi o cheiro atingir Mona, com seus dons acentuados.

Ela se empertigou, como se tivesse sentido repugnância, e depois respirou fundo. Quinn se abaixou para beijá-la.

Stirling fez o papel de anfitrião, organizando as cadeiras em torno da mesa. Ele tentou disfarçar seu espanto diante da visão de Mona. O milagre de Quinn como vampiro, ele tinha visto em circunstâncias apavorantes e, depois, mais uma vez, na noite em que fomos lhe contar que Merrick Mayfair já não existia. Mas Mona... ele praticamente não conseguia se conter.

A camisola alvíssima de Rowan vinha se arrastando na lama. Ela não se importava. Estava murmurando ou cantarolando. Eu não conseguia discernir se era uma coisa ou outra, nem captava palavras ou significado algum. Michael olhava fixamente para o carvalho como se estivesse conversando com ele. Depois tirou o paletó branco amarrotado e o pendurou no encosto de uma cadeira. Mas permaneceu em pé, olhando para a árvore, como se estivesse terminando um monólogo. Era um homem e tanto, uma perfeição.

Stirling segurou uma cadeira para Mona e convidou Quinn a se sentar ao lado dela. Eu esperei por Rowan e Michael.

De repente, Rowan se virou e me abraçou com força. Grudou-se a mim tanto quanto uma mulher mortal conseguiria, uma sensação divina de tanta maciez e seda, murmurando palavras febris que eu não conseguia captar, os olhos me percorrendo velozes enquanto eu me mantinha ali totalmente imóvel, com o coração em louca disparada. E ela então começou a me apalpar, as mãos abertas no meu rosto, no meu cabelo, agarrando então minhas mãos e enfiando seus dedos entre os meus. Por fim, empurrou minha mão entre suas pernas e se afastou estremecendo, largando-me sem deixar de encarar meus olhos.

Cheguei muito perto de enlouquecer. Será que alguém fazia alguma idéia de toda a tormenta que se passava dentro de mim? Tranquei o cofre do meu coração.

Castiguei-o. Resisti.

Durante todo esse tempo, Michael em nenhuma ocasião olhou para nós. A certa altura, ele se sentou, de costas para o carvalho, de frente para Mona e Quinn, e agora conversava com Mona, entoando novamente a ladainha paternal, com uma voz tranqüilizadora, repetindo como ela era um amor, como era bonita, que era sua filha do coração. Tudo isso eu percebia com o canto do olho e então, num momento de pura fraqueza, a represa dentro de mim se rompeu e tudo se soltou. Levantei os braços macios de Rowan, beijei a pele dura e doce da sua testa, os lábios macios e submissos e soltei os braços, observando enquanto ela deslizava para cair sentada na cadeira ao lado de Michael. Silêncio. Terminou.

Fui ao outro lado da mesa e me sentei junto de Mona. Meu desejo por ela era implacável. Era indescritível precisar de alguém dessa maneira. Fechei os olhos e tentei escutar a noite. Criaturas vorazes, repugnantes, num canto magnífico. E, trabalhando a terra macia e fértil, criaturas tão nojentas que eu não conseguia me deter nelas. E o fragor incessante do trem à beira do rio. E, depois, a canção absurda do órgão a vapor na barcaça que levava os turistas para cima e para baixo pelo canal navegável enquanto eles se banquetavam, riam, dançavam e cantavam.

— O Jardim Selvagem — murmurei. Olhei para o outro lado como se sentisse ódio por todos eles.

— O que você disse? — perguntou Rowan. Por um instante, seus olhos cessaram o movimento desassossegado.

Todos se calaram, com exceção dos monstros que cantavam. Monstros com asas e seis ou oito patas ou sem nenhuma.

— É apenas uma expressão que eu costumava usar para falar sobre a Terra — expliquei — nos velhos tempos em que eu não acreditava em nada, em que eu acreditava que as únicas leis eram as leis da estética. Mas, naquela época, eu era jovem e recente no Sangue, além de ser tolo, por esperar por mais milagres. Antes de que eu soubesse que nós sabíamos mais a respeito de nada e nada mais. Às vezes, penso mais uma vez nessa expressão quando a noite está assim, com essa beleza tão accidental.

— E agora você acredita em alguma coisa? — perguntou Michael. — Você consegue me surpreender — disse eu. — Achei que você fosse imaginar que eu soubesse tudo. E o que os mortais costumam pensar.

— Acho que tenho a impressão — ele abanou a cabeça — de que você vai descobrindo as coisas passo a passo, como todos nós. — Ele deixou os olhos vagarem pelas bananeiras atrás de mim. Parecia distraído pela noite e profundamente ferido por coisas que eu não podia ter esperanças de extrair dele. Não era sua intenção exhibir essa dor. Ela simplesmente era grande demais para ele ocultar e por isso ele deixava sua mente ir à deriva, quase por cortesia.

Mona fazia um esforço enorme para não chorar. Esse lugar, esse quintal secreto, tão escondido do mundo das ruas do Garden District, com suas casas apinhadas, era obviamente sagrado para ela. Ela enfiou a mão direita na minha esquerda. A sua esquerda estava na direita de Quinn e eu sabia que ela apertava a mão dele com tanta força quanto a minha, pedindo repetidamente por uma confirmação de nossa presença reconfortante.

Quanto a meu amado Quinn, estava profundamente inquieto e inseguro com tudo. Observava Rowan e Michael com preocupação. Nunca havia estado com tantos mortais que soubessem o que ele era. Na realidade, nunca estivera com mais de um e esse era Stirling. Além disso, Quinn percebia a presença da pessoa idosa na casa dos fundos. E não gostava nem um pouco.

E Stirling, tendo concluído acertadamente que a revelação havia sido feita, que Rowan agora estava controlada e imersa em pensamentos, parecia também estar apavorado, embora de um modo contido. Ele estava à minha esquerda e tinha os olhos voltados para Rowan.

— Em que você acredita agora? — Mona me perguntou, com a voz frágil, porém insistente. — Quer dizer, se a antiga resignação do Jardim Selvagem estava errada, o que tomou seu lugar?

— A crença no Criador — respondi —, que engendrou tudo isso com amor e propósito. No que mais?

— E eu digo amém — Michael suspirou —, alguém melhor que nós, tem que ser... alguém melhor do que todas as criaturas que andam pela Terra, alguém que demonstre compaixão....

— Você vai demonstrar compaixão por nós? — perguntou Quinn, cortante, olhando direto para Michael. — Quero que meu segredo seja mantido tanto quanto o de Mona.

— O seu problema é que você acha que ainda é humano — respondeu Michael. — Seu segredo está em total segurança. Vai ser exatamente como você quer. Esperem um tempo que pareça seguro. Depois, Mona poderá voltar a ver a família. Não é tão difícil assim.

— Parece espantosamente fácil para você — respondeu Quinn, com suspeitas. — Por que será?

Michael deu uma risada curta e amarga.

— Você precisa entender o que os Taltos eram e o que fizeram com a gente.

— E o que eu fiz com um deles, rápido demais, sem pensar — disse Rowan, com a voz baixa. Seus olhos se perderam em lembranças.

— Não sei nem entendo — disse Quinn. — Acho que o que Lestat pretendia era uma troca de segredos. Existem coisas que Mona simplesmente não consegue explicar. Doem demais. Vocês estão envolvidos. Ela fica enredada numa teia de

lealdades e não consegue falar com franqueza. Mas uma coisa está clara: ela quer encontrar a filha, Morrigan.

— Não sei se temos como ajudar — disse Michael.

— Agora eu mesma posso procurar Morrigan — protestou Mona. — Estou forte de novo. — A mão dela apertou mais a minha. — Mas vocês têm de me dizer tudo o que sabem. Passei dois anos confusa e enlouquecida naquela cama. Ainda estou um pouco atrapalhada. Não sei por que vocês não encontraram minha filha.

— Nós vamos lhes contar tudo em detalhes — disse Michael, em tom tranquilizador.

Rowan murmurava muito baixo. Depois, saiu do transe, com os olhos sem foco, incertos, passando-os velozes pela mesa como se não fosse nada.

— Eu sabia de vocês. — A voz era contida e as palavras fluíam harmoniosamente. — Quer dizer, sabia o que vocês são... Filhos do Sangue, Caçadores de Sangue, Vampiros. Eu sabia. Não era uma questão simples. Michael sabia. O conhecimento surgiu aos poucos.

Ela olhou direto para mim pela primeira vez, enquanto prosseguia.

— Um dia, eu vi um da sua espécie, no French Quarter. Era homem, de cabelo preto, muito bonito e destacava-se de tudo que o cercava. Parecia que estava procurando alguém. Senti um conflito paralisante: atração e, ao mesmo tempo, medo. Você conhece meus poderes. Eles não estão desenvolvidos como deveriam. Sou uma bruxa que não quer ser bruxa; uma Cientista Louca que não quer ser Louca. Tive vontade de saber algo sobre ele. Quis acompanhá-lo. Isso foi há muito tempo. Nunca me esqueci: saber que ele não era humano e que não era fantasma. Acho que não falei com ninguém a respeito dessa criatura. E, então, uma mulher desapareceu da Talamasca. Seu nome era Merrick Mayfair. Eu não a conhecia, mas sabia de sua existência. Ela era uma Mayfair de cor, descendente de uma ramificação da família que morava no centro da cidade. Não consigo me lembrar. Acho que foi Lily Mayfair, é, ou teria sido Lauren? Desprezo Lauren. Lauren tem a mente voltada para o mal. Talvez tenha sido Lauren quem me falou da grande quantidade de Mayfairs de cor, mas essa Merrick não era muito íntima de nenhum deles. Essa Merrick tinha poderes psíquicos tremendos. Ela sabia de nós, a turma de First Street, mas no fundo não queria contato. Passou a maior parte da vida na Talamasca e nós nunca chegamos a ouvir falar nela. Os Mayfairs detestam quando acontece de não terem conhecimento de outros Mayfairs. Lauren disse que, uma vez, essa Merrick Mayfair tinha vindo aqui, quando a casa estava aberta para visitação, sabe? Um evento beneficente para os preservadores do patrim nio hist rico, depois de que Michael restaurou a casa inteira, depois de que se encerrou o tempo da desgraça e antes de que Mona adoecesse para valer. Essa pessoa, essa Merrick, percorreu a casa de First Street com os turistas, imaginem, só para ver o núcleo. E nós não estávamos



aqui. Não sabíamos de nada.

Essas palavras foram como uma espada fincada em mim. Olhei de relance para Stirling. Ele também estava sofrendo. Tive um lampejo da visão de Merrick subindo no altar em chamas, levando consigo para a Luz o espírito que havia atormentado Quinn a vida inteira. Não revelar. Não reviver. É mais forte do que eu.

Mas Rowan estava falando de um tempo muito antes daquela outra noite em que Merrick desapareceu para sempre. Rowan estava falando de quando Merrick recorreu a nós.

— Ela então desapareceu — continuou Rowan — e a Talamasca mergulhou em confusão. Merrick sumida. Rumores de maldições. Foi quando Stirling Oliver veio para o sul. — Ela olhou para Stirling. Ele a observava, com temor, mas calma.

Ela voltou a baixar os olhos, com a voz ainda baixa e grave, mal conseguindo dominar uma histeria ameaçadora.

— Ah, é verdade, eu sei. De vez em quando, eu achava que estava perdendo a razão. Construí o Centro Médico Mayfair, não para ser a Cientista Louca. A Cientista Louca é capaz de atos execráveis. A dra. Rowan Mayfair tem de ser boa. Criei esse imenso Centro Médico para vincular a dra. Rowan Mayfair ao bem. Uma vez que esse plano estivesse em andamento, eu não teria condições de me entregar a devaneios sobre os Taltos e aonde eles teriam ido, sonhos com criaturas estranhas que eu havia visto e que sumiram sem deixar vestígios. A filha de Mona. Fizemos tudo o que podíamos para encontrá-la. Mas eu não poderia viver num mundo de sombras. Eu precisava estar presente para todas aquelas pessoas comuns, assinando contratos, desenrolando plantas, telefonando para médicos do país inteiro, voando para a Suíça e Viena para entrevistar profissionais que desejavam trabalhar no centro médico ideal, o centro médico que ultrapassava qualquer outro em equipamentos, laboratórios, equipe, conforto, protocolos e projetos. Esse projeto deveria me fixar no mundo da sanidade, deveria levar minhas próprias visões da medicina aos seus limites...

— Rowan, foi magnífico o que você fez — disse Quinn. — Você fala como se não acreditasse no centro médico quando não está lá dentro. O mundo inteiro acredita nele.

Ela prosseguiu na mesma torrente baixa de palavras, como se não tivesse ouvido as palavras de Quinn.

— Pessoas de todos os tipos recorrem ao centro — as palavras saíam da boca de Rowan como se ela não pudesse detê-las —, pessoas que nunca pariram um Taltos, pessoas que nunca viram fantasmas, pessoas que nunca enterraram corpos num Jardim Selvagem, que nunca viram Filhos do Sangue, que nunca sequer esperaram encontrar o extraordinário sob forma alguma. Ele ajuda todos os tipos de seres humanos, ele os acolhe. É real, real para eles. E isso o que é importante. Eu

não poderia deixá-lo de lado. Não poderia jamais me recolher a pesadelos ou escrevinhações no meu quarto. Não podia abandonar meus internos e residentes, meus técnicos de laboratório, minhas equipes de pesquisa; e, vocês sabem, com meus antecedentes, por ser neuro-cirurgiã, no fundo uma cientista, eu trazia para cada aspecto desse organismo gigantesco uma abordagem pessoal. Eu não podia fugir. Não podia fracassar. Não posso falhar agora, não posso me ausentar, não posso...

Ela não resistiu. Fechou os olhos, a mão direita formando um punho sobre a mesa.

Michael olhava para ela com uma tristeza tranqüila.

— Prossiga, Rowan — incentivei. — Estou escutando.

— Você está me irritando — queixou-se Mona, com a voz baixa, cortante. — Acho que estou com ódio de você.

Fiquei perplexo.

— Ah, é mesmo, você sempre me odiou. — Rowan ergueu a voz, mas não os olhos vagos. — Porque não consegui curá-la. E por não ter conseguido encontrar Morrigan.

— Não acredito em você! — disse Mona.

— Rowan não está mentindo — Quinn a censurou. — Lembre-se do que acabou de dizer. Durante anos, você esteve doente, confusa.

— Mona, meu benzinho, nós não sabemos onde Morrigan está — disse Michael.

Mona encostou-se em Quinn e ele pôs um braço em torno dos seus ombros.

— Conte-nos, Rowan, conte-nos o que tiver a dizer — insisti. — Eu quero ouvir.

— Ótimo! — disse Mona. — Prossiga com a Saga de Rowan.

— Mona — murmurei, inclinando-me para segurar sua cabeça e trazê-la para perto de mim, com meus lábios no seu ouvido —, eles são mortais e, com mortais, nós temos uma certa paciência eterna. Nada é como era antes. Contenha sua força. Contenha sua antiga inveja e rancor de quando era mortal. Não há lugar para essas emoções aqui. Você não se dá conta do poder que possui agora para procurar Morrigan? O que está em jogo aqui é o resto da família.

Relutante, ela fez que sim. Mas não me compreendia. Sua doença mortal havia gerado um distanciamento entre ela e essas pessoas. Somente agora eu me dava conta da extensão do seu isolamento. Muito embora eles entrassem em seu quarto no hospital provavelmente todos os dias e a qualquer hora, ela sempre estava sedada, sentindo dor, sozinha.

Um leve farfalhar interrompeu minha concentração. A pessoa no alojamento de criados havia acordado e vinha descendo apressada a escada de madeira. A porta de

tela bateu com força e lá vinham os passinhos leves fazendo chocalhar a folhagem.

Poderia ter sido um pequeno gnomo essa criatura que surgiu do meio das taiobas e samambaias, mas era simplesmente uma velhinha, um ser minúsculo com o rosto pequeno totalmente enrugado, olhos negros e o cabelo branco preso em duas tranças compridas e bem-feitas, com fita cor-de-rosa prendendo as pontas. Estava usando um roupão florido de tecido engomado e desajeitados chinelos peludos cor-de-rosa.

Mona correu para cumprimentá-la, aos gritos.

— Dolly Jean! — Ela levantou a pequena criatura nos braços e começou a girar com ela.

— Meu Deus do Céu — exclamou a senhora —, não é verdade que é mesmo Mona Mayfair? Minha menina, trate de me pôr no chão agora mesmo e me diga o que deu em você. E esses sapatos? Rowan Mayfair, por que você não me disse que essa menina estava aqui? E você, Michael Curry, me dando todo aquele rum? Acha que sua mãe lá no Céu não sabe o que você anda fazendo? Achou que tinha me nocauteado direitinho, eu sei. Não pense que sou boba. E olhem só para Mona Mayfair, o que vocês deram para essa menina?

Mona não havia percebido que, com sua força vampiresca, ela estava segurando a mulher no alto, o que causava uma impressão totalmente anormal. Os espectadores estavam pasmos.

— Ai, Dolly Jean, faz tanto tempo, tanto, tanto. — Mona soluçava mais uma vez. — Nem consigo me lembrar de quando vi você pela última vez. Eu estava trancada, toda presa e sonhando. E, quando me disseram que Mary Jane Mayfair tinha fugido de novo, acho que simplesmente entrei em choque.

— Eu sei, meu benzinho — disse Dolly Jean —, mas eles não quiseram me deixar entrar no quarto, tinham lá suas normas; mas você nem por um instante pense que não rezei um rosário por você todos os dias. E um belo dia desses o dinheiro de Mary Jane vai acabar e ela voltará para casa ou aparecerá morta no necrotério com uma etiqueta no dedo do pé. Nós vamos encontrá-la.

A essa altura, todos tínhamos nos levantado, com exceção de Rowan, que continuava mergulhada em seus pensamentos como se nada disso estivesse acontecendo. E Michael apressou-se a tirar Dolly Jean, que aparentava não ter peso algum, dos braços de Mona para sentá-la numa cadeira entre ele e Rowan.

— Dolly Jean, Dolly Jean! — soluçava Mona, enquanto Quinn a conduzia de volta para seu lugar à mesa.

Rowan nem por um instante havia olhado para Mona ou para Dolly Jean. Estava murmurando, com a narrativa prosseguindo sem interrupção na sua cabeça, e os olhos sondando a escuridão em busca de nada.

— Muito bem, acomode-se Dolly Jean, e você também Mona, e deixem Rowan

falar — disse Michael.

— E, afinal de contas, quem é você? — perguntou Dolly Jean a mim. — Santa Mãe de Deus, de onde é que você apareceu?

Rowan virou-se de repente e olhou para Dolly Jean, demonstrando assombro. Voltou então para sua solidão e suas reminiscências apinhadas. A velha calou-se e ficou imóvel. E então resmungou:

— Ai de mim, coitada da Rowan, está desligada de novo. — E, fixando mais uma vez o olhar em mim, exclamou: — Sei quem você é!

Sorri para ela. Não consegui me conter.

— Por favor, Dolly Jean — pediu Michael —, nós temos questões a acertar aqui.

— Jesus, Maria e José! — exclamou Dolly Jean, dessa vez fixando o olhar em Mona, que estava enxugando apressadamente suas últimas lágrimas. — Minha menina, Mona Mayfair, é uma Filha do Sangue! — E então seus olhos descobriram Quinn, o que provocou mais um enorme suspiro de espanto, e ela gritou: — É o de cabelos negros!

— Não é, não! — protestou Rowan, num murmúrio rouco e furioso, voltando-se novamente para a velha. — É Quinn Blackwood. Você sabe que Mona sempre foi o amor dele — disse ela como se essa fosse a resposta para todas as perguntas do universo.

Dolly Jean deu uma pequena virada trêmula na cadeira e, balançando muito de leve a cabeça, deu uma boa examinada em Rowan, que olhava para ela com os olhos reluzentes como se nunca a tivesse visto antes:

— Ai, minha menina, minha pobre menininha. — Dolly Jean pôs as mãos minúsculas em Rowan e afagou seu cabelo. — Minha menina querida, não fique assim tão triste, sempre tão triste por causa de todos. Pronto, pronto.

Rowan olhou para ela por um bom tempo como se não entendesse nem ao menos uma única palavra do que Dolly Jean dizia; e depois voltou a desviar o olhar, na direção de ninguém, perdida entre o sonho e os pensamentos.

— Às quatro da tarde de hoje mesmo — disse Dolly Jean, ainda afagando o cabelo de Rowan —, essa pobre criatura estava cavando a própria cova aqui neste quintal. Percebi como você cobriu tudo direitinho, Michael Curry, você acha que pode esconder tudo. E, quando desci para perguntar o que ela estava fazendo no meio de um buraco de lama, ela me pediu para apanhar a pá e enterrá-la enquanto ainda estava respirando.

— Cale-se, fique quieta — murmurou Rowan, olhando para longe como se contemplasse os sons da noite. — Chegou a hora de uma visão maior. Os Iniciados se multiplicaram e este é o círculo secreto. Esteja à altura dele, Dolly Jean. Cale-se.

— Está bem, minha menina — assentiu Dolly Jean —, continue então a falar

como estava falando. E você, minha Mona esfuziante, vou rezar meu rosário o dia inteiro por você e por você também, Quinn Blackwood. E você, seu louro, linda criatura! Você acha que eu não o conheço, mas conheço, sim!

— Obrigado, senhora — disse eu, discretamente.

— Quer dizer que todos vocês manterão nosso segredo? — manifestou-se Quinn. — A cada instante, isso está ficando mais perigoso para nós. O que pode resultar disso tudo?

— O segredo pode ser mantido — disse Stirling. — Vamos esgotar a questão. De qualquer modo, agora não há como voltar atrás.

— Ora, você acha que nós vamos tentar fazer todo o clã Mayfair acreditar em Filhos do Sangue?! — Dolly Jean ria e batia na mesa com as duas mãos. — É de morrer de rir! Nós não conseguimos que eles sequer acreditem nos Taltos! Essa médica brilhante aqui, nem ela consegue fazer com que acreditem na hélice gigante. Não consegue fazer com que se comportem para evitar o risco de mais um Bebê Que Anda! E você acha que eles iam nos dar ouvidos se nós lhes falássemos dos Filhos do Sangue? Querido, eles simplesmente tiram o telefone do gancho quando a gente liga.

Por um instante, achei que Rowan fosse ter um chique. Ela olhou furiosa para Dolly Jean. Tremia violentamente. Seu rosto estava branco e seus lábios se mexiam mas não formavam palavras.

E então brotou de Rowan uma risada estranhíssima. Uma risada livre e solta. Seu rosto se tornou infantil e cheio de prazer.

Dolly Jean era pura alegria.

— Você não sabe? — gritou ela para Rowan. — Não se consegue fazer com que acreditem na pneumonia! Não se consegue fazer com que acreditem na gripe!

Rowan concordou e a risada aos poucos e com delicadeza morreu num sorriso. Obviamente, eu nunca havia visto esse tipo de expressão em Rowan e era algo maravilhoso de contemplar.

Mona chorava e tentava falar ao mesmo tempo.

— Dolly Jean, controle-se por favor — pediu Mona. — Nós precisamos chegar a alguma conclusão aqui.

— Então vá buscar um rum para mim — disse Dolly Jean. — Pelo amor de Deus, vá com suas próprias pernas jovens. Você sabe onde é. Não, vou lhe dizer uma coisa, traga o Amaretto, num copinho. Com isso, vou ficar bem satisfeita.

Mona partiu imediatamente, disparando pelo gramado na direção da piscina, com os saltos altos estalando quando chegaram ao piso de lajes, e fez a curva pelo canto da casa para cumprir sua missão.

Michael refletia e abanava a cabeça.

— Se você for beber isso por cima de todo o rum que já bebeu, vai passar mal

— murmurou ele.

— Já nasci passando mal — respondeu a velha.

Stirling olhava espantado para Dolly Jean como se ela fosse absolutamente horrível. Eu quase caí na risada.

Rowan continuava a sorrir para Dolly Jean. Era um sorriso terno, misterioso e franco.

— Vou derramar a garrafa de Amaretto pela sua goela abaixo — disse Rowan, delicada, com a voz rouca e sigilosa. — Vou afogar você com o Amaretto.

Dolly Jean não parava de dar pulinhos na cadeira, com guinchos de riso. Ela agarrou Rowan pelo rosto e a segurou firme.

— Agora, eu fiz você rir. Fiz, sim. Você está bem, minha médica, meu gênio, chefe, senhora, dona da casa. Amo você, menina. Sou a única em todo o clã Mayfair que não tem medo de você. — Ela beijou Rowan na boca e a soltou. — Você trate de continuar a cuidar de todo o mundo. Foi para isso que Deus pôs você aqui, entendeu? Trate de cuidar de todo o mundo.

— E eu vivo fracassando — disse Rowan.

— Não é verdade, não, querida — contrapôs Dolly Jean. — Construa mais uma ala naquele hospital. E nada de ficar se queixando, minha querida.

Rowan afundou na cadeira. Parecia atordoada. Fechou os olhos.

Atravessando o gramado, Mona vinha voando, com a bandeja de prata na mão, diversas garrafas de licor e copos cintilantes. Dispôs tudo na mesa de ferro.

— Bem, vejamos. Temos três humanos. — Ela pôs os copos diante de Stirling, Michael, Dolly Jean e Rowan. — Ai, não, são quatro humanos. Pronto, certo, todos os humanos têm copos.

Achei que Quinn fosse sucumbir de tanta mortificação ali mesmo. Eu apenas me encolhi.

Michael apanhou a garrafa de Irish Mist e serviu uma pequena dose. Dolly Jean se apoderou da garrafa de Amaretto e bebeu um bom gole. Stirling serviu uma reluzente pepita de conhaque e começou a bebericar. Rowan não deu nenhuma atenção ao que se passava.

Seguiu-se um silêncio no qual Mona voltou a assumir seu lugar.

— Rowan — disse eu —, você estava tentando explicar como sabia da nossa existência. Estava falando sobre Merrick Mayfair, sobre quando ela desapareceu da Talamasca.

— Ah, essa é boa. — Dolly Jean serviu-se de mais uma dose de Amaretto. — Mal posso esperar. Vamos, Rowan, se pelo menos desta vez você está disposta a falar, quero ouvir. Continue como se eu não estivesse aqui para incentivar.

— Vocês precisam entender o que a Talamasca significava para nós — Rowan fez uma pausa e depois continuou, em voz baixa, preenchendo totalmente o silêncio.

— A Talamasca conhece a família Mayfair por todas as suas treze gerações. Mona entende. Quinn, não sei se você algum dia entendeu, mas nós podíamos contar qualquer coisa para eles. Eles sabiam de tudo sobre os Taltos. Sabiam. Procurá-los era como fazer uma Confissão. Eles têm a solidez e a eterna autoconfiança da Igreja Romana. E Stirling era tão paciente. Mona o adorava.

— Não fale de nós como se não estivéssemos presentes — Mona a interrompeu.

— Mona, tenha paciência — ordenei.

Rowan continuou como se não tivesse ouvido nada.

— E então veio Dolly Jean, nossa querida Dolly Jean Mayfair da Fazenda de Fontevrault, e disse que Merrick Mayfair havia se tornado uma Filha do Sangue. “Pode ter certeza! Foi isso o que aconteceu com ela!” Dolly Jean sabia. Tinha ligado para tante Oscar. Tante Oscar lhe contou. — Rowan sorriu para Dolly Jean, que fez que sim com a cabeça e tomou mais um gole enorme de Amaretto. Rowan inclinou-se um pouco e Dolly Jean também. Suas testas se tocaram e elas se beijaram na boca, com ternura. Era como se essas duas mulheres fossem amantes.

— Trate de ser justa comigo agora — retrucou Dolly Jean. — Ou eu grito até abafar sua voz. A verdade é que não me lembro do que aconteceu.

— Ora, cala a boca — disse Rowan delicadamente, com outro sorriso carinhoso.

Dolly Jean fez que sim e tomou mais um gole. Rowan recostou-se na cadeira e prosseguiu:

— Dolly Jean disse a Henri que levasse a ela e a mim até o centro da cidade no carrão, para visitar tante Oscar. Era no French Quarter, bem fora de mão. Tante Oscar é uma Mayfair idosa, de cor, que mora no alto de três lances de escada num apartamento com uma sacada de onde dá para ver o rio. Tante Oscar tinha mais de cem anos de idade. Ainda tem.

As palavras de Rowan estavam ganhando velocidade.

— Tante Oscar estava usando pelo menos três vestidos diferentes, um por cima do outro, e no mínimo quatro cachecóis trabalhados em torno do pescoço. Por cima de tudo, um casaco comprido, de um castanho-avermelhado com pele dourada na gola. Acho que eram raposas, pequenas raposas com a cabeça e a cauda, não sei, e ela usava um anel em cada dedo ossudo. Seu rosto era comprido e oval, com o cabelo preto como carvão e olhos amarelos enormes, com o formato de ovos. E o apartamento tinha mobília que cobria cada centímetro da área, três aparadores enfileirados e três escrivaninhas e mesas de jantar em três cômodos e sofás e poltronas por toda parte, e tapetes estendidos por cima de outros tapetes e mesinhas com bibelôs, estatuetas de biscuit e fotografias em porta-retratos e serviços de chá de prata de lei onde quer que se olhasse. Os guarda-roupas lotados de roupas

estavam todos meio tortos.

Tomando mais um gole, Dolly Jean caiu em risinhos incessantes enquanto Mona reprimia uma risada. Rowan prosseguiu como se não as estivesse ouvindo.

— Lindos mulatinhos de seus doze anos de idade corriam por toda parte, apanhando café e bolo para nós, apanhando a correspondência ou descendo a escada correndo para buscar os jornais. Em cada cômodo, havia uma televisão ligada e um ventilador de teto girando. Nunca vi crianças tão bonitas quanto as de Nova Orleans. A cor da pele de cada uma é simplesmente indescritível. — Tante Oscar foi até a geladeira, que ela chamava de ‘conservadora’, embora fosse novinha em folha, e a abriu para mostrar que o telefone estava ali dentro porque ela nunca falava nele. E lá estava mesmo o telefone, como ela disse, bem no meio do leite, dos iogurtes e potes de geléia. Mas, quando Dolly Jean ligou, tante Oscar ouviu a campainha através da porta da geladeira porque era Dolly Jean e atendeu. Tante Oscar nos contou que Filhos do Sangue viviam no Quarter havia duzentos anos, alimentando-se do sangue da ralé, e Merrick Mayfair agora fazia parte do grupo deles. Era seu destino. O velho oncle Vervain de Merrick Mayfair havia previsto que sua queridinha Merrick Mayfair um dia haveria de caminhar com os Filhos do Sangue e tinha contado isso a tante Oscar e a mais ninguém. Oncle Vervain havia sido um importante curandeiro do vodu, respeitado por todos; mas, quando ele fez essa previsão, ficou de coração partido. Tante Oscar disse que agora Merrick Mayfair viveria para sempre.

Fiquei todo arrepiado. Se ao menos eu tivesse visto aquela Luz... Mas quantas chances Deus iria me dar?

— É claro que oncle Julien tentou impedir essa catástrofe... Acho que oncle Julien está pagando por seus pecados, gastando seu tempo aqui na Terra...

— Essa idéia me agrada muito — disse eu antes de que pudesse me conter. As palavras de Rowan prosseguiram incessantes:

— ...Tante Oscar nos explicou. Oncle Julien apareceu em sonho à Grande Nananne de Merrick Mayfair, quando ela estava morrendo, e disse a Grande Nananne para dar Merrick Mayfair para a Talamasca. Mas tante Oscar disse que a maldição que atingia oncle Julien era a de que sua interferência no mundo dos vivos nunca eram bem-sucedidas.

— E ela realmente disse uma coisa dessas? — perguntei.

Michael sorriu e abanou a cabeça. Olhou para Mona e Mona estava olhando para ele.

Rowan continuou sua história:

— Quando descrevi o de cabelos pretos, o que eu vira andando, tante Oscar o conhecia. Ela o chamou de Louis. Disse que o Sinal da Cruz o afugentaria, embora não tivesse nenhum poder sobre ele. Ele simplesmente o respeitava. Disse que quem se deveria temer era o louro que tinha um nome estranho e que “falava como um



gângster e tinha a aparência de um anjo”. Nunca esqueci essas palavras. Achei que eram tão estranhas.

Ela me fixou em seu olhar. Eu estava perdido.

— E então anos depois e há apenas alguns dias, você entrou no salão duplo da Fazenda Blackwood e Jasmine o chamou de Lestat. E você falava como um gângster e parecia um anjo. Eu sabia o que você era, bem no fundo da minha mente, onde eu não queria saber. Eu sabia. Lembrei-me do cheiro de cânfora no apartamento de tante Oscar e de como ela disse: “O de cabelos pretos nunca sugará o sangue se isso exigir uma luta; mas o louro, esse fará coisas terríveis com você. É ele que você deve temer.”

— Não é verdade — disse eu, baixinho. — Até mesmo os condenados podem aprender. Não é como está nos nossos breviários. Até mesmo vampiros e anjos podem aprender. Deus tem de ser todo-misericordioso. Ninguém está fora do alcance da redenção.

— Redenção! — murmurou ela. — Como é possível que eu um dia seja redimida?

— Meu amor, não diga uma coisa dessas — pediu Michael.

— Por mais que se ame essa garota, nunca é suficiente — comentou Dolly Jean. — Todos os dias ela acorda, toma o café da manhã e mergulha no inferno, posso jurar que é isso mesmo.

Rowan sorriu para mim. À luz fraca, ela parecia quase uma menina, com as feições tão refinadas e suaves, os olhos cinzentos pousados por um instante antes que recomeçassem sua busca febril.

*Ai, conhecer o beijo da tua boca, pois teu amor é melhor que o sangue.*

Uma pausa. Seu marido legítimo distraído, sem nada perceber, e os olhos de Rowan, fixos nos meus.

Me perdoa.

— Mas estou dando saltos no tempo. Não está saindo uma história bem organizada, está? — Ela olhou ao redor, como se estivesse surpresa ao ver o jardim e a escuridão, com as garrafas reluzindo e o bonito brilho dos copos.

— Prossiga, Rowan, por favor — insisti.

— É. Deixem-me voltar à época em que Merrick Mayfair desapareceu, isso mesmo — ela concordou. — Mas, acima de tudo, vejam bem, eu havia visto e ouvido tudo isso e tinha contado para Michael. E Michael só escutou essas coisas terríveis, como ele sempre escuta, com aquela sua encantadora, embora sinistra, melancolia celta, que cresce mais dentro dele a cada ano que passa; entretanto, quando falei com Stirling, pude ver no seu rosto que ele compreendia tudo. Ele quis conhecer tante Oscar. E conheceu. Ele, porém, só se dispunha a dizer que sentiam falta de Merrick e nada mais que isso. Foi então que Lauren Mayfair, vocês sabem, a

grande advogada da firma Mayfair & Mayfair, que sabe tudo a respeito das leis e, portanto, não sabe nada... Lauren enfiou na sua cabecinha árida o objetivo de descobrir os fatos que cercavam esse estranho desaparecimento de uma Mayfair que talvez estivesse simplesmente precisando da sua família branca. Uma grande besteira.

— Dá-lhe, Rowan. — Dolly Jean tomou mais um bom gole da garrafa. — Lauren só estava mordida por descobrir que uma Mayfair, não importava de que cor, estava na Talamasca. Foi isso o que a incomodou.

— Ela conhecia a casa em que Merrick Mayfair havia nascido — disse Rowan — e foi verificar e descobriu que Merrick Mayfair ainda era a proprietária. Foi até o centro da cidade e ficou assustada com o que viu. Ligou, então, para mim dizendo que a casa estava reformada como um palácio bem no meio de uma área perigosa e que todos os vizinhos tinham pavor de se aproximar do lugar. Queria que eu fosse com ela. E eu disse que iria. Eu ainda estava rindo daquele estranho encontro com tante Oscar e pensei: por que não ir ao centro? Eu só tenho um hospital e um centro de pesquisas para terminar. Quem sou eu para dizer que estou ocupada demais para acompanhá-la? Dolly Jean disse que era loucura nossa fazer uma coisa dessas... Não se chega perto de um Filho do Sangue, principalmente quando se sabe o que ele é. Mas, se estávamos decididas, o melhor era ir depois de que anoitecesse. Um Filho do Sangue só caminha no escuro e Dolly Jean ainda recomendou que chegássemos pelo portão da frente, com muita formalidade, que batêssemos na porta e que não fizessemos nada de esquisito que pudesse dar a um Filho do Sangue motivos legítimos para nos ferir. (Durante todo esse relato, Dolly Jean fazia que sim e ria baixinho.) Ligamos então para tante Oscar, que ouviu o telefone tocar dentro da geladeira e fez exatamente as mesmas recomendações. Lauren Mayfair estava subindo pelas paredes, como se costuma dizer. Ela disse que, antes do seu aniversário de vinte e um anos, já estava “por aqui” com a insanidade congênita na família Mayfair. Se mais uma pessoa usasse as palavras “Filho do Sangue” ao falar com ela, Lauren disse que abriria um processo. E então eu perguntei com naturalidade: “Pois bem, por que não os chamamos de vampiros?”

Mona caiu na gargalhada e, com isso, Dolly Jean passou a rir com tanta força que precisou socar a mesa com o punho esquerdo. Quase se sufocou. Finalmente, a risada de Mona se dissolveu em risinhos. Michael fez um gesto para que se calassem. Era óbvio que Rowan estava esperando.

Rowan continuou, de início com o olhar fixo em mim, para afastá-lo logo em seguida.

— Fomos lá. Era o buraco mais desolado que vi na minha vida. Até as lajes das calçadas tinham sido carregadas pela lama, madeira amontoada no lugar de prédios desmoronados e o mato crescido por toda parte formava um manto como um

trigal. E lá estava o clássico chalé elevado do chão, com sua pintura branca recente e o jardim bem cuidado. Havia uma cerca alta de estacas, um portão e uma campainha. Nós a tocamos e, lá em cima, na varanda da frente, uma mulher alta abriu a porta e ficou ali, descalça, com a luz do hall por trás dela. Era Merrick Mayfair. Ela sabia quem nós éramos. Foi espantoso. Deu-me parabéns pelo Centro Médico e agradeceu a Lauren sua presença no velório de Grande Nananne tantos anos antes. Foi muito simpática conosco, mas não nos convidou a entrar. Estava muito bem, disse ela. Na verdade, não havia desaparecido, mas apenas se tornado eremita. Lembro-me de ter usado até a última gota de toda a vidência que eu possa ter quando olhei para ela e fui dominada por um profundo encantamento. Eram o timbre da sua voz e seu jeito de andar que a tornavam diferente. O centro da gravidade não estava nos quadris, como deveria estar numa fêmea humana. E sua voz apresentava uma rica dimensão musical. Quanto aos outros aspectos, ela era uma sombra lá no alto. E claro que Lauren conseguiu satisfazer sua incrível cabecinha jurídica com a visão de que tudo estava bem. Como é superficial sua idiotice. E seu próximo ataque teve como alvo a Talamasca, que ela se propôs a “expulsar da Louisiana”. Mas, quando se deparou com a lista interminável de escritórios de advocacia da ordem em Londres e Nova York e com o fato de que todo um contingente da família se rebelou contra ela, e eu e Michael estávamos entre eles, ela se contentou rapidamente com uma divisão na firma, disse que eu era “insensata” e que ia “internar tante Oscar num asilo”. Eu a agarrei e a sacudi. Não pretendia fazer isso. Nunca havia agido assim com ninguém. Foi uma atitude terrível. Mas, quando ela disse o que ia fazer com tante Oscar, perdi a paciência. Não me controlei. Disse-lhe que, se ela ousasse fazer uma coisa daquelas com qualquer Mayfair, de cor ou branco, em qualquer lugar, a qualquer hora, eu a mataria. Foi como se eu perdesse a razão. Como ela poderia imaginar que eu tinha o poder para fazer uma coisa daquelas? Recuei para me afastar de Lauren. Eu receava que... eu temia fazer com ela alguma coisa ainda mais medonha. E todo o assunto foi abandonado ali mesmo. E depois disso ela nunca mais chegou nem perto de mim. E eu estava tão ocupada com o Centro Médico que, na verdade, não quis passar a noite inteira conversando com Dolly Jean sobre Filhos do Sangue e o que eles faziam ou não faziam. Se bem que não pude resistir a fazer mais uma visita ao apartamento de tante Oscar com Dolly Jean. Mas, quando elas começaram a falar nos “Bebês que Andam”, nascidos lá nos pântanos, e eu sabia que estavam se referindo a bebês Taltos de verdade e como os Mayfairs dos pântanos, apavorados, os matavam a golpes de facão, achei que ia entrar numa espécie de transe e fui embora. E agora avançamos quase até o presente e, de repente, morre a srta. McQueen, a querida tia de Quinn, que todos adoravam até mesmo no enterro da tia Quinn onde nos reunimos, e Mona está doente demais para receber a notícia. E a

cerimônia fúnebre é no grande estilo de Nova Orleans e lá no banco da igreja de Santa Maria, diante de mim, eu vejo vocês... Quinn, Lestat... e uma mulher alta com a echarpe em volta da cabeça e vejo Stirling aproximar-se dela e chamá-la de Merrick e eu soube, soube que era a mesma mulher que eu havia visto antes e dessa vez tive certeza de que não era humana. Só que não conseguia me concentrar no que seria. A certa altura, ela se voltou, levantou os óculos escuros e olhou diretamente nos meus olhos.

E eu pensei no que aquilo tinha a ver comigo. Ela sorriu. Depois disso, fiquei com sono e me senti incapaz de me concentrar em qualquer pensamento específico, além de que tia Queen havia morrido e todos sentiriam sua falta. Não quis olhar para Quinn. Não quis pensar na mudança na voz de Quinn ao telefone... em como havia mais de um ano sua voz e todo o seu comportamento verbal tinham mudado. Afinal, essa poderia ser uma impressão equivocada. Que diferença fazia saber esse tipo de coisa? E daí, se o cara louro de pele bronzeada ao lado de Quinn no banco da igreja tinha a aparência de um anjo? Como eu haveria de adivinhar que, quando eu o encontrasse novamente no salão duplo da Mansão Blackwood daí a somente um dia ou dois, ele teria “capturado” Mona e falaria como um gângster? — ela riu baixinho, um risinho destinado apenas para si mesma.

— Eu tinha o Centro Médico Mayfair como minha vida, minha missão no mundo real. E aquela era uma missa fúnebre. Fechei meus olhos e rezei. E então Quinn foi ao púlpito e disse palavras bonitas e carinhosas sobre tia Queen e com ele estava o jovem Tommy Blackwood. Ora, será que alguém que não está vivo faria uma coisa dessas? E eu precisava voltar ao Centro Médico e encontrar Mona no seu leito de agulhas, ataduras e esparadrapo a lhe rasgar a pele e de algum modo convencê-la de que Quinn estava bem de saúde, forte e vigoroso e crescera dez centímetros desde a viagem à Europa tanto tempo atrás, seu amado...

Ela parou de novo como se tivesse esgotado todas as palavras. Tinha os olhos fixos no nada à sua frente.

— Nada disso tem utilidade para nós — disse Mona, ríspida. Fiquei chocado.

— Por que você está nos contando tudo isso? — prosseguiu Mona. — Você não é a personagem principal do que houve aqui! Tudo bem, por muitos anos você tentou me ajudar a não morrer! Se não tivesse sido você, teria sido algum outro médico. E você desenterrou os corpos dos Taltos aqui fora e daí...

— Pare com isso! Não! — murmurou Rowan. — Você está falando dos meus pecados, da minha filha!

— É essa a questão! Não sei o que dizer! — protestou Mona. — É por isso que cabe a você falar. Mas você fica se alongando...

— Quer dizer que você também deu à luz um deles — disse eu a Rowan, com delicadeza. Estendi o braço por cima da mesa e cobri sua mão com a minha. A mão

estava fria, mas imediatamente agarrou meus dedos.

— Traidor! — Mona me acusou.

— Minha pobre queridinha — Dolly Jean estava, então, embriagada e quase caindo de sono —, tendo aqueles Bebês que Andam e com isso se dilacerando por dentro.

Rowan sufocou um grito ao ouvir essas palavras. Ela recolheu a mão e seus ombros se curvaram como se ela estivesse se fechando numa concha. Michael ficou profundamente assustado e Stirling também.

— Dolly Jean, feche a matraca — ordenou Michael.

— Rowan, você está em condições de continuar? — implorei. — Entendo tudo o que você disse. Você está nos contando exatamente como e por que pode guardar nossos segredos.

— Isso mesmo — concordou Quinn. — Rowan está nos dizendo que consegue aceitar o que nós somos.

Os olhos de Michael faiscaram com uma mágoa profunda, pessoal e quase solitária.

— É a pura verdade. — A voz dele era quase inaudível.

— Dei à luz dois — continuou Rowan. — Permiti a entrada do mal depois de doze gerações. É isso o que Mona quer ouvir. Esse é o segredo que temos de revelar em troca do seu...

— Ah, é mesmo! — exclamou Mona, com sarcasmo. — Vamos ouvir um pouco mais da saga de Rowan! Quero saber da minha filha! E do homem que a levou daqui.

— Quantas vezes vou precisar lhe dizer que não consigo encontrá-los! — disse Rowan. — Procurei sem parar até desistir.

Fiquei furioso com Mona. Tive de respirar fundo. Estendi o braço e a arranquei do abraço protetor de Quinn para que ficasse de frente para mim.

— Agora, quero que você preste atenção — disse eu, com a voz contida. — Pare de abusar dos seus poderes. Pare de se esquecer que você dispõe deles. Pare de se esquecer das inevitáveis limitações dos seus parentes aqui presentes! Se você quiser sair em busca da sua filha agora, você tem recursos que Rowan e Michael nem conseguem imaginar! Quinn e eu estamos aqui para descobrir o que são os Taltos, porque você não quer nos contar! — Ela olhou para mim com os olhos arregalados e ligeiramente apavorada. — Todas as vezes em que lhe fazemos alguma pergunta sobre o assunto, você se desmancha em lágrimas. Na verdade, nas últimas trinta e seis horas você chorou mais do que qualquer outro filhote que cheguei a conhecer em todos os meus anos e tudo isso está se tornando um aborrecimento ontológico, existencial, epistemológico e hermenêutico!

— Como você se atreve a me ridicularizar! — disse ela, entre dentes, respirando fundo. — Trate de me soltar agora mesmo. Você acha que vou lhe

obedecer em pensamentos, palavras e obras?! Nem em sonho. Não sou a Super-Piranha que você imagina que eu seja. Fui a Herdeira do Legado de toda a família Mayfair. Sei o que significa ter autocontrole e poder. Para mim, você não tem a aparência de um gângster e sem dúvida você não tem o charme de um gângster autêntico!

Fiquei estupefato e a soltei.

— Eu desisto! Você é atrevida e petulante! Não conte comigo. Quinn a enlaçou e olhou no fundo dos seus olhos.

— Acalme-se, por favor — ele pediu a Mona. — Deixe Rowan falar do jeito como quiser. Se você um dia quiser voltar a ser Mona Mayfair, é preciso permitir que isso aconteça.

— Mona, essa é a pura verdade. — Stirling tomou a palavra. — Lembrem-se, esta é uma exposição de almas, uma troca de revelações extraordinárias.

— Bem, deixe-me ver se entendi direito — disse Mona. — Eu consigo vencer a morte e nós nos reunimos aqui para escutar as memórias particulares de Rowan Mayfair?

Dolly Jean, que estava cochilando com a garrafa na mão, de repente acordou com um salto, pulando na cadeira e, debruçando-se para a frente, espremeu os olhinhos, fixando-os em Mona.

— Mona Mayfair, trate de ficar calada — ela ordenou. — Por pior que tenha sido seu estado, você sabe perfeitamente que Rowan praticamente não fala nunca. E, quando fala, é porque tem algo a dizer. Você e seus amigos fantásticos estão conhecendo fatos sobre a família Mayfair. Agora, como é que isso pode prejudicar você é o que eu gostaria de saber. Você não quer que seus belos acompanhantes a compreendam? Então, cale a boca.

— Ai, você só está se juntando a todos eles! — retrucou Mona, com grosseria. — Vá beber seu Amaretto e me deixe em paz!

— Mona — disse Quinn, com a maior gentileza possível —, há coisas que precisamos saber para o seu bem. Dói tanto assim escutar o que Rowan diz?

— Está bem. — Mona deu-se por vencida, aparentemente, recostando-se na cadeira. Enxugou o rosto com um dos seus milhares de lenços e me olhou com ódio.

Só olhei para ela de relance e me virei para Rowan.

Rowan observava tudo isso com uma expressão distante, com o rosto menos tenso do que estivera a noite inteira. Dolly Jean tomou mais um gole do Amaretto, afundou-se na cadeira e fechou os olhos. Michael estava analisando a nós três. Stirling aguardava, mas nossas palavras irritadas o deixaram fascinado.

— Rowan — disse eu —, você pode nos dizer o que são os Taltos? Falta-nos esse conhecimento básico. Isso você pode nos dar?

— Posso — respondeu ela, em tom resignado. — Não há quem possa lhes dizer

mais do que eu.

## CAPÍTULO 18



Sua expressão permaneceu tranqüila, embora olhasse para longe, concentrando seu foco interior.

— Um mamífero — explicou ela — que evoluiu totalmente separado do Homo Sapiens, numa ilha vulcânica no Mar do Norte, milhares de anos antes de nós. Talvez nós tenhamos em comum com eles cerca de quarenta e cinco por cento dos genes. As criaturas são parecidas conosco, mas costumam ser mais altas e ter os membros mais longos. Sua estrutura óssea é quase totalmente o que chamaríamos de cartilagem. Quando criaturas de puro-sangue copulam, a fêmea ovula naquele momento e o feto se desenvolve em questão de minutos ou horas. Esse ponto não está claro para mim. Mas, não importa qual seja o caso, é tremendo o estresse imposto à mãe. O parto vem com dores fortíssimas, o bebê nasce como um pequeno adulto e começa a crescer imediatamente para atingir a maturidade.

Toda a atitude de Mona mudou com essas palavras. Ela se aproximou mais de Quinn e ele pôs o braço em torno dela mais uma vez, dando-lhe um beijo em silêncio.

— Os Taltos têm necessidade do leite da mãe para poder crescer — continuou Rowan. — E sem esse leite eles não têm como se desenvolver direito. Na primeira hora após o nascimento, eles correm o risco de ficar atrofiados para sempre. Com esse leite e com a plena nutrição telepática da mãe, o bebê atinge sua altura plena no prazo dessa hora. O comum é um metro e noventa e cinco. Os machos podem chegar a dois metros e dez. Eles continuarão a mamar o leite da mãe tanto tempo quanto for possível. Semanas, meses, anos. Mas isso acaba prejudicando a mãe.

Rowan parou. Ela levou a mão à testa, para dar apoio, deixando escapar um suspiro profundo.

— O leite... — disse ela. — O leite possui propriedades medicinais. O leite consegue operar curas em seres humanos. — A voz dela tornou-se embargada. — Ninguém sabe ao certo o que esse leite poderia fazer...

Lampejo deliberado de imagens. Um quarto com uma cama de dossel de duas colunas e Rowan na cama, sentada, sugando o leite do seio de uma jovem. Bloqueio.



Disparos. Alguns tiros. Relance de Rowan cavando neste mesmo quintal. Michael a acompanha. Rowan se recusa a lhe entregar a pá. Corpo da jovem jazendo sem vida na terra úmida. Sofrimento profundo.

Rowan recomeçou, com a voz forte, automática:

— Ninguém sabe quanto tempo dura a vida de um Taltos puro. Poderia perdurar por milênios. As fêmeas naturalmente podem se tornar estéreis com o tempo. Vi uma que havia passado do seu apogeu. Era uma pateta. Foi encontrada numa região rural da Índia. Machos? Só sei da existência de um... o que levou Morrigan. Pode ser que se mantenham potentes até a morte. Em seu estado natural, os Taltos têm a tendência a ser extremamente ingênuos e infantis. Antigamente, muitos morriam por serem desajeitados e pelos acidentes que sofriam. — Ela parou por um momento.

— O Taltos é telepata, curioso por natureza e programado com um volume tremendo de conhecimentos intelectuais e históricos básicos. Como dizem, ele nasce “sabendo” tudo sobre a própria espécie, o continente-ilha de onde vieram e os locais nas Ilhas Britânicas para onde migraram depois de que sua ilha foi destruída pelo mesmo vulcão que a criou. O vale de Donnelaith, na Escócia, foi um desses redutos. Talvez um dos últimos. Era isso o que o Taltos era... quando era puro, antes que tivesse conhecimento da humanidade ou qualquer mistura com ela. A população era selecionada por acidentes, por uma peste eventual; as fêmeas, pelo excesso de gestações.

— O que quer dizer “programado”? — perguntei. — Quero ter certeza de estar entendendo tudo o que você diz.

— Nós não somos programados — explicou ela. — Não chegamos a este mundo sabendo construir uma casa ou falar uma língua. Mas um passarinho é programado para construir seu ninho, para emitir um chamado para a fêmea ou para fazer uma dança de acasalamento. Uma gata vem programada para caçar alimento, cuidar dos filhotes, até mesmo para comê-los se forem fracos ou deformados.

— Certo, entendi — disse eu.

— O Taltos é um primata altamente inteligente que nasce programado com uma tremenda reserva de conhecimento. Esse fato e sua extraordinária vantagem reprodutiva são o que o torna tão perigoso. Sua ingenuidade, simplicidade e falta de agressividade são seus pontos vulneráveis. Ele também é extremamente sensível a ritmos e melodias. É quase possível paralisar um Taltos quando se declama um poema longo ou se entoa uma canção ritmada.

— Compreendo. Como eles acabaram se misturando com humanos? — perguntei.

— Em termos médicos — Rowan parecia incapaz de encontrar uma explicação —, não sei a resposta. Só sei que aconteceu.

— Seres humanos inevitavelmente chegaram às Ilhas Britânicas — disse Michael. — E há uma longa tradição que fala da “gente alta” e de sua luta contra os invasores mais agressivos. Ocorreram cruzamentos. Para as fêmeas humanas, quase sempre era fatal. A mulher concebe e depois sofre um aborto natural, sangrando até morrer. Pode-se imaginar o ódio e o medo que isso inspirou. Quanto à outra possibilidade, um macho humano produziria uma hemorragia insignificante numa Taltos fêmea. Nada de importante por esse lado. Só que, se acontecer repetidamente ao longo de anos e anos, acabará esgotando os óvulos da fêmea. — Ele fez uma pausa para recuperar o fôlego.

— Alguns cruzamentos tiveram êxito — Michael prosseguiu — e a prole resultou tanto em “pequenos” deformados e Taltos com genes humanos, como em humanos com os genes dos Taltos. E, com o passar dos séculos, tudo isso se tornou uma questão de superstição e lendas.

— Não foi tão simples assim — Rowan o interrompeu. A voz dela estava mais firme do que antes, apesar de os olhos ainda se mexerem febrilmente. — Houve guerras e massacres terríveis e uma carnificina indescritível. Os Taltos, por ser, graças à sua natureza, muito menos agressivos que os humanos, foram derrotados pela nova espécie. Os Taltos foram dispersados. E passaram a se esconder. Fingiam ser humanos. Ocultavam seus rituais de parição. Mas, como Michael disse, cruzamentos com humanos chegaram a acontecer. E, sem que fosse do conhecimento dos primeiros habitantes humanos das Ilhas Britânicas, desenvolveu-se um tipo de humano que possuía uma hélice gigante de genes, com o dobro do número de um humano normal, capaz de, a qualquer momento, gerar um Taltos ou uma criança pequena e atrofiada, no esforço de se tornar um Taltos. Quando dois humanos desse tipo copulavam, era ainda mais provável o nascimento de um Taltos.

Rowan parou de falar. Michael hesitou e, quando ela escondeu o rosto nas mãos, ele continuou o relato.

— Os genes secretos foram transmitidos pelos Condes de Donnelaith, na Escócia, e por sua parentela. Disso temos certeza. E surgiam lendas supersticiosas a respeito de nascimentos eventuais de Taltos naquele clã. Enquanto isso, uma orgia durante uma festa de primavera resultou numa união desigual entre um conde e uma mulher do povo do vale, que levou em três gerações à fundação da família Mayfair. Foi assim que os genes dos Taltos foram transmitidos para o que mais tarde se tornaria um importante clã colonial, de início na ilha caribenha de Saint-Domingue e depois aqui, na Louisiana. Mas, mesmo antes de que a família Mayfair tivesse um nome, a Talamasca já estava intimamente envolvida com suas origens, registrando a história de uma bruxa chamada Suzanne, que invocara um espírito totalmente por acaso, um espírito que parecia ser o de um homem de olhos castanhos que respondia pelo nome de Lasher, um espírito que haveria de assombrar a família até a geração

de Rowan. O fantasma, assim como os Mayfairs, tinha por origem o vale de Donnelaith.

— Veja bem — Rowan o interrompeu. — Nós achávamos que se tratava do fantasma de um ser humano ou de algum ser astral sem história entre a humanidade. Eu acreditava nisso até mesmo quando ele estava me seduzindo e procurei controlá-lo.

— E era o fantasma de um Taltos — concluí.

— Era — ela assentiu — e estava aguardando a hora certa, geração após geração, até surgir uma bruxa que gerasse um filho Taltos, uma bruxa com poderes de vidência suficientes para ajudá-lo a possuir aquele feto Taltos antes do nascimento, para que ele pudesse renascer nele.

— E eu não sabia — comentou Michael — que eu tinha genes dos Mayfairs no meu sangue. Nunca nem em sonho imaginei isso. Foi um namorico entre oncle Julien e uma menina irlandesa da beira-rio e a criança nascida foi para um orfanato católico irlandês. E essa criança foi antepassada minha.

— Ah, esse Lasher era um fantasma esperto. — Rowan abanou a cabeça, com um sorriso amargo. — Ao longo das gerações, ele trouxe para a família enorme prosperidade de todas as formas possíveis. Em várias gerações, apareceram bruxas fortes que realmente sabiam usá-lo. E os homens, ele desprezava e castigava se o atrapalhassem. Com exceção de Julien. Julien foi o único homem da família Mayfair com força suficiente para extrair o máximo de Lasher. E Julien considerava Lasher uma criatura maléfica, mas até mesmo Julien achava que, no passado, Lasher havia sido humano.

— O próprio Lasher tinha essa impressão — disse Michael. — O fantasma não entendia perfeitamente quem era ou o que queria, além da vontade de renascer. Ele conduziu tudo para essa finalidade: a de fazer a passagem, voltar a ser de carne e osso. Eu via o fantasma desde quando era bem pequeno e passava pela cerca lá fora. Costumava vê-lo no jardim. Nunca imaginei que um dia viria a morar nesta casa. Nunca imaginei que um dia... — Ele parou, nitidamente incapaz de prosseguir.

— O Legado foi estabelecido bem no início — Mona tomou a palavra. — Não importava se você se casasse com alguém de fora da família ou não, era preciso que você mantivesse o sobrenome Mayfair se quisesse ter alguma ligação com o Legado.

— E desse modo o clã se manteve unido — disse Rowan — e houve muita endogamia.

— E há somente uma Herdeira em cada geração — Mona assoou o nariz com o lenço — e essa Herdeira mora nesta casa e deve ser capaz de gerar filhos.

— Era um matriarcado de fato em termos legais e morais — completou Rowan, baixinho. — E Michael e eu... nós nos encaixávamos perfeitamente no projeto de Lasher. É claro que meu filho não era um Taltos puro. Ele era Taltos misturado com

humano. Talvez sua gestação tenha durado uns cinco meses. E, na noite de seu nascimento, lá veio Lasher com toda a sua força, invadindo o corpinho do bebê, fazendo-o crescer e me implorar para usar todos os meus poderes. Rowan, a Cientista Louca, conhecia os circuitos nervosos e as células! Rowan, a Cientista Louca, sabia orientar o rebento monstruoso. — Ela fechou os olhos. Voltou o rosto para longe, como se a lembrança fosse demais para ela.

Relance nítido *do* Bebê Homem, alto, escorregadio, com o rosto demonstrando assombro, membros rosados, desajeitados. Rowan vestindo-o enquanto a criatura ria, deliciada. Relance dele agarrado *ao* seu seio, bebendo. Rowan caindo ao chão, inconsciente. A criatura bebendo voraz também do outro seio. Minha Querida, que segredos terríveis, de verdade.

Silêncio.

No rosto de Michael um ar de puro tormento. Como eu compreendia bem sua dor agora, que ele tivesse gerado essas criaturas e aparentemente nenhuma outra.

Como antes, Stirling deixava transparecer algum medo e, no entanto, não disfarçava sua fascinação. Mona, de olhos fechados, estava apoiada em Quinn enquanto ele observava Rowan. Sons do jardim — delicados, inevitáveis, neutros, agradáveis.

— Bebês que Andam, coisas terríveis — disse Dolly Jean, sem acordar. — Se eu ao menos tivesse calculado que o fantasma era um Bebê que Anda... mas essa idéia nunca passou pela minha cabeça...

— Não a minha menina — murmurou Mona. — A minha menina não era uma coisa terrível. O pai dela foi o demônio, mas ela não.

Michael lutando contra a criatura chamada Lasher. Neve e gelo. A criatura tremendamente escorregadia, astuciosa, flexível e invulnerável aos seus golpes. A criatura rindo e zombando de Michael. A criatura fazendo Michael cair na piscina gelada, Michael indo direto para o fundo. Sirenes, caminhões, Rowan e a criatura correndo na direção do carro.

— Fui embora com ele — murmurou Rowan. — Esse Homem Criança, essa coisa sem outro nome além do nome de um fantasma. Abandonei Michael. Levei embora a criatura. A Cientista Louca pensou antes de mais nada em salvar a criatura daqueles que a pudessem destruir e a criatura havia se apoderado do corpo do filho de Michael e mandado para o céu a verdadeira alma da criança. E eu sabia que Michael não sossegaría enquanto não a matasse. Por isso fugi com a criatura. Foi um erro tremendo.

Silêncio.

Rowan continuava voltada para o outro lado, como se quisesse se isolar de tudo o que dissera, os olhos fechados, as mãos largadas em cima da mesa. Tive vontade de envolvê-la num abraço. Não fiz nada.

Michael permaneceu imóvel. Pai desse monstro? Não. Tinha mandado para o céu a verdadeira alma da criança. Pai somente do corpo misterioso, do veículo para o mistério.

— O Taltos — disse eu a Rowan —, ele gerou uma filha com você? Você deu à luz duas dessas criaturas?

Rowan fez que sim. Abriu os olhos e olhou para mim, firme. Era como se não houvesse mais ninguém ali.

— O macho era uma atrocidade. Um monstro em termos espirituais. Ele tinha dois objetivos: lembrar-se do que havia sido, à medida que era inundado por recordações dos Taltos, e gerar uma fêmea com quem pudesse procriar. Perdi o controle dele quase de imediato. Sofri abortos repetidos enquanto ele esgotava todo o meu leite. Só bem no princípio consegui atraí-lo para laboratórios ou hospitais, onde, usando minha autoridade, consegui realizar alguns exames e em segredo encaminhar o material para um laboratório em San Francisco. Como Herdeira do Legado, eu podia sacar todo o dinheiro de que precisasse de nossas contas no exterior, desde que me mantivesse um passo adiante da família, que estava à minha procura. Portanto, a criatura tinha recursos para me arrastar numa volta ao mundo. No vale de Donnelaith, ocorreu-lhe uma enxurrada de lembranças. Mas logo ele estava louco para voltar para os Estados Unidos. Escolhi Houston como uma cidade onde poderíamos nos instalar e onde eu poderia estudar a criatura. Em meio a hospitais e centros médicos, achei que pudesse encomendar o equipamento para um laboratório sem ser descoberta. Sem que eu me desse conta disso, a cidade era perfeita para o monstro. Como não teve sorte comigo, logo ele estava me deixando amarrada, esfaimada e quase enlouquecida. Só muito mais tarde fui saber que ele estava fazendo a curta viagem até Nova Orleans para copular com mulheres da família Mayfair, escolhidas ao acaso. É claro que suas vítimas sofriam abortos fatais e eram encontradas mortas em poças do próprio sangue. A família vivia em pânico. Mulheres da família Mayfair começaram a morrer uma atrás da outra. E ninguém conseguia encontrar Rowan, que havia abandonado Michael pelo monstro. E Rowan agora estava em cativeiro. Logo, por toda parte, as mulheres da família começaram a viver cercadas de seguranças armados. A criatura veio à casa de First Street e quase teve acesso a Mona. Mas Mona, na época em que abandonei Michael, havia feito amor com ele e já estava carregando um bebê Taltos, embora ela não soubesse. Por fim, quando eu quase tinha desistido da esperança de viver, concebi outra criança. E a criança falava comigo. Ela disse a própria palavra “Taltos”. Ela me disse seu nome: Emaeth. Falou de tempos dos quais seu pai não tinha como se lembrar. Com a voz secreta e telepática, eu lhe disse que, quando ela nascesse, deveria procurar Michael, em Nova Orleans. Falei da casa de First Street. Caso eu morresse, ela deveria levar a Michael a notícia da minha morte. Nós conversávamos em silêncio.

Lasher ficou exultante quando ouviu a voz do bebê! Ele logo teria sua noiva. Foi nessa época, quando ele se enterneceu comigo, que consegui escapar. Com as roupas imundas no corpo, parti para a estrada. Não consegui chegar em casa. Fui encontrada em estado de coma, num parque à beira da rodovia, sangrando do que aparentava ter sido um aborto. Ninguém imaginou que eu tivesse dado à luz Emaeth e que ela, pobre órfã, incapaz de me reanimar e de sugar mais leite de mim, tivesse iniciado o longo trajeto até Nova Orleans a pé. Trouxeram-me de volta às pressas. No hospital, tiveram de remover meus órgãos para parar a hemorragia. É provável que isso tenha me salvado da enfermidade devastadora que mais tarde quase destruiu Mona. Mas meu cérebro havia sofrido graves lesões. Eu permanecia em coma profundo. Eu estava inconsciente no andar de cima quando Lasher, disfarçado de padre, conseguiu passar pelos guardas e entrar nesta casa, para fazer à Talamasca e a Michael um apelo para que lhe poupassem a vida. Afinal de contas, ele não era um espécime de valor inestimável? Ele confiou na Talamasca para se salvar. Contou toda a história de sua vida anterior. É um estudo fascinante sobre a inocência dos Taltos. Mas Lasher não era inocente. Lasher havia provocado mortes. Michael lutou contra ele e o matou. E, assim, seu longo domínio sobre a família Mayfair chegou ao fim. Eu ainda estava em coma quando Emaeth chegou e se curvou para me dar seu leite medicinal. Quando acordei e vi a filha de Taltos que eu havia dado à luz, quando me dei conta de estar tomando seu leite, fiquei horrorizada. Aquela criatura desconjuntada com rosto de bebê me apavorou. Foi um momento de lucidez perturbada. Cá estava eu mamando o leite daquela criatura, como se fosse um bebê indefeso. Apanhei a arma da mesinha-de-cabeceira e a matei. Fiz isso. Eu a destruí. Um piscar de olhos e ela não existia mais.

Rowan balançou a cabeça. Olhava para longe como fazemos quando mergulhamos no passado. Culpa, perda... sua dor parecia fora do alcance dessas palavras.

— Não precisava ter acontecido — murmurou. — O que Emaeth havia feito além de se encaminhar para a casa como eu lhe ensinara? O que fizera além de me trazer de volta à consciência com seu leite generoso? Uma fêmea Taltos solitária. Como ela poderia ter me ferido? Foi o ódio de Lasher que perturbou meus pensamentos. Foi a repulsa a essa espécie desconhecida e meu próprio comportamento atávico. E, assim, ela morreu, a minha menina. E havia duas covas à sombra deste carvalho. E eu, levantando-me do coma, agora eu também um monstro, a enterrei. Ela suspirou. “Minha menina perdida”, disse ela. Eu a trai.

Silêncio. Até mesmo o jardim estava quieto. O ronco baixo de um carro que passava parecia tão natural como uma brisa a mexer com as folhas.

Eu estava paralisado com a tristeza de Rowan.

Os olhos de Stirling estavam úmidos e reluzentes na penumbra enquanto ele

examinava Rowan. Michael não disse nem uma única palavra.

E então Mona falou com muita delicadeza:

— Houve problemas dentro da Talamasca. Tudo, relacionado aos Taltos. Alguns membros tinham tentado exercer controle sobre Lasher. Chegaram a cometer assassinato. Michael e Rowan viajaram para a Europa para tentar investigar a corrupção no interior da Ordem. Eles sentiam ter laços de família com a Talamasca. Todos nós tínhamos. E, durante esse período, eu percebi que estava grávida. Minha filha começou a crescer inesperadamente. Ela começou a falar comigo. E me disse que seu nome era Morrigan. — A voz de Mona tornou-se embargada. — Eu estava encantada, alucinada. Fui para o sul para a sede da fazenda de Fontevrault, onde Dolly Jean morava, e ela e Mary Jane Mayfair, minha prima, minha amiga, que depois fugiu, ela e Dolly Jean me ajudaram a dar à luz Morrigan. Senti muita, muita dor mesmo. E foi mais do que assustador. Mas Morrigan era alta e linda. Ninguém conseguia olhar para Morrigan e não dizer que ela era linda. Era seu brilho, seu frescor e sua magia.

Dolly Jean soltou um risinho, meio cochilando:

— Ela sabia sobre um monte de assuntos humanos, era uma ferinha, de verdade!

— Naquela época, você a adorava — disse Mona —, você sabe que sim.

— Não estou dizendo que não — protestou Dolly Jean, olhando para Mona com os olhos semicerrados —, mas o que vocês achariam de alguém que lhes dissesse que ela vai dominar a família inteira e transformá-la num clã de Bebês que Andam? Eu devia me entusiasmar com a idéia?

— Ela era uma recém-nascida — disse Mona, em voz baixa. — Nem sabia o que estava dizendo. Tinha minha ambição, meus sonhos...

— Pois eu não sei onde ela está — interrompeu Rowan, com sua voz grave, sincera. — Não sei se está viva ou se está morta.

Mona estava profundamente infeliz, mas eu a envergonhara tanto falando de suas lágrimas que ela as reprimia com um esforço enorme. Tentei segurar sua mão. Ela a recolheu.

— Mas você conhecia o Taltos que chegou e a levou embora! — disse Mona a Rowan. — Você o conheceu na Europa. Ele tinha ouvido sua história com Lasher em suas perambulações. — Ela se voltou para mim. — Foi o seguinte o que aconteceu: ele os tinha encontrado. É, mais um, um sobrevivente antiquíssimo. Ele se tornou amigo de Rowan e Michael. É claro que não contaram para mim, nem para Morrigan. Nem pensar, nós éramos crianças! Guardaram o segredo para si! Imagine, um dos antigos. Eu já não tinha sofrido o suficiente para ser informada da sua existência? E, quando ele chegou aqui, os dois deixaram que ele levasse embora minha filha.

— Como eu poderia ter impedido? — perguntou Rowan. — Você estava

conosco. Morrigan ficou alucinada com o cheiro do macho nas nossas roupas, nos presentes que recebemos dele. E por que ele veio, nunca vamos saber. Tudo o que sabemos é isso. Ele estava lá fora, no jardim. Ela foi até a janela. Saiu correndo em sua direção. Não houve como deter nenhum dos dois. Nunca mais os vimos.

— Mona, recorremos a todos os meios concebíveis para procurá-lo — disse Michael. — Sem dúvida, você tem que acreditar em nós.

— Quero os arquivos — ordenou Mona —, toda a papelada. O nome dele, o nome de cada empresa dele em Nova York. Ele era rico, poderoso, esse ser antigo e sábio. Isso vocês admitiram.

— Vou lhe entregar tudo, com prazer — disse Rowan —, mas, por favor, você precisa entender que ele liquidou tudo. Simplesmente desapareceu.

— Se ao menos vocês tivessem começado a procurar na mesma hora — comentou Mona, em tom amargo.

— Mona, você concordou conosco na época — disse Rowan. — Nós esperaríamos até que eles entrassem em contato conosco. Nós respeitamos a escolha dos dois de se unirem. Não pensamos que eles fossem simplesmente desaparecer. Não podíamos imaginar uma coisa dessas.

— Tínhamos medo de ouvir notícias deles — completou Michael. — Não fazíamos idéia de como poderiam se multiplicar ou sobreviver no mundo moderno, como Ash poderia controlá-los.

— Ash era o nome do homem — concluí.

— Isso mesmo — Michael assentiu. Sua dor tornou-se evidente quando ele falou. — Ash Templeton. Ash era antiqüíssimo. Estava sozinho havia tanto tempo que era inimaginável. Vira sua espécie tornar-se extinta. Foi ele quem nos contou a história dos Taltos. Ele era da opinião de que os Taltos não conseguiriam sobreviver no mundo dos humanos. Afinal de contas, ele havia visto sua espécie ser dizimada. Era uma tragédia a história dele. Naturalmente, enquanto escutávamos seus relatos, não fazíamos idéia de que Morrigan sequer existisse. Deixamos Ash em Nova York. Nós o adoramos. Juramos amizade eterna. E, quando chegamos em casa, descobrimos Morrigan.

— Talvez tenha sido algum sentido telepático que o guiou até Morrigan — arrisquei.

— Não sabemos — disse Rowan. — Mas ele veio aqui, entrou pelo jardim lateral e a viu pelas janelas. Ela captou seu cheiro e correu na direção dele.

— Passamos anos sentindo medo — continuou Michael. — Vasculhávamos os serviços de notícias em busca de qualquer reportagem que pudesse envolver os Taltos. Estávamos em alerta, assim como a Talamasca. Mona, você precisa voltar a pensar naquele tempo antes de você adoecer. Você deve se lembrar. Nós sentíamos medo porque sabíamos que a espécie poderia causar um mal enorme aos seres



humanos.

— Palavras acertadas! — exclamou Dolly Jean. — E Morrigan toda incensada para dominar o mundo, com discursos de que sua visão lhe havia sido passada pelo pai e pela mãe humanos. Quando não estava olhando para o passado, estava vislumbrando o futuro ou dando voltas dançando ou ainda farejando o ar em busca de cheiros. Era uma ferinha selvagem.

— Ora, por favor, Dolly Jean, cale a boca — murmurou Mona, mordendo o lábio inferior. — Você sabe que a adorava. E todos vocês... eu quis começar a procurar por eles muito antes de vocês. Durante anos, vocês se recusaram a me dizer esse nome. Ora, deixe conosco. Deixe nas mãos da Mayfair & Mayfair. E agora vocês o pronunciam como se não fosse nada. Ash Templeton. Ash Templeton. — Ela começou a chorar.

— Não é verdade — retrucou Michael —, eu reconheci essa criatura como minha filha. Você sabe que reconheci. Nós começamos a procurar muito antes de lhe dizer alguma coisa. Não sabíamos como sua doença seria devastadora. — A voz dele estava embargada, mas ele engoliu em seco, Umedeceu os lábios com a língua e prosseguiu. — Ainda não sabíamos que você haveria de precisar tanto do leite de Taltos. Só fomos saber com o tempo. Mas tentamos entrar em contato com Ash e descobrimos que ele havia vendido todos os seus bens. Desapareceu dos bancos, das bolsas de valores, dos mercados mundiais.

— Quaisquer que tenham sido seus sentimentos por nós — explicou Rowan —, ele preferiu desaparecer. Preferiu manter seu futuro era segredo.

Mona soluçava encostada em Quinn. Ver aquilo estava deixando Michael arrasado. Stirling resolveu falar, com sua voz assumindo um tom de autoridade respeitosa:

— Mona, a Talamasca começou quase imediatamente a procura por Ash e Morrigan. Tentamos ser discretíssimos, mas procuramos. Encontramos alguns indícios de eles terem visitado Donnelaith. Mas, depois disso, o rastro desapareceu. E, por favor, acredite em mim quando lhe digo mais uma vez: nunca encontramos o menor sinal deles em parte alguma.

— Isso é realmente surpreendente — comentei.

— Eu não estou falando com você — protestou Mona, lançando-me um olhar furioso e depois se aconchegando a Quinn, como se estivesse com medo de mim.

— Algum sinal deles deveria ter surgido — observei —, não importa o que lhes tivesse acontecido.

— Foi o que sempre achei — Michael assentiu. — Durante dois ou três anos, vivemos com pavor de que eles viessem à tona de algum modo catastrófico. Não tenho como lhe falar de todos os meus medos. Eu pensava: e se os jovens procriassem fugindo ao controle? E se eles se rebelassem contra Ash? E se

cometessem assassinatos? E, então, quando paramos de viver atemorizados e começamos a busca, nada encontramos.

Dolly Jean reprimiu mais um risinho, levantando os ombros e deixando a cabeça afundar entre eles enquanto balançava para a frente e para trás:

— Os Bebês que Andam podem matar seres humanos com a mesma facilidade com que os humanos podem matar os Bebês que Andam. Eles poderiam estar proliferando em algum lugar, espalhando-se como o fogo, em todas as direções, escondendo-se nos vales e montes, nas montanhas e planícies, viajando por terra e por mar, para depois chegar a hora em que ouçam um sino forte e todos eles investirão contra o mundo ao mesmo tempo, atirando cada um em um ser humano, bang! E acabarão dominando o planeta inteiro!

— Guarde essa para tante Oscar — disse Rowan, entre dentes, erguendo as sobrancelhas com frieza.

(Pisquei um olho para Dolly Jean. Ela fez que sim e agitou um dedo na minha direção.)

Michael olhou direto para Mona e se debruçou sobre a mesa enquanto dirigia a palavra a ela.

— Espero que tenhamos lhe dado o que você precisa. Quanto aos arquivos, vou providenciar uma cópia de tudo, a ser entregue onde você quiser. Eles comprovarão nossos esforços de seguir todas as pistas. Nós lhe daremos cada pedaço de papel que possamos ter a respeito de Ash Templeton.

— É claro — disse Dolly Jean — que os dois poderiam estar mortos, duros como pedra no túmulo como Romeu e Julieta! Dois Bebês que Andam, bem abraçados um ao outro, em algum lugar, só se decompondo até virar pura cartilagem. Vai ver que ele não conseguiu suportar toda aquela conversaria dela e todos os planos e simplesmente amarrou uma meia de seda no pescoço dela e...

— Pare com isso, Dolly Jean! — gritou Mona. — Não me diga nem mais uma palavra ou vou começar a berrar!

— Você já está aos berros. Acalme-se! — murmurou Quinn. No fundo do coração, travei um debate comigo mesmo e então falei, baixinho:

— Vou encontrá-los.

Todos se espantaram. Mona voltou-se para mim, ressentida.

— E exatamente o que você quer dizer com isso?! — perguntou, autoritária. Seu lenço estava encharcado de lágrimas de sangue.

Lancei-lhe um olhar o mais desdenhoso possível, considerando-se como ela era jovem e bonita e como eu era perverso e demoníaco, e então olhei para Rowan, do outro lado da mesa.

— Quero agradecer a todos vocês terem compartilhado seus segredos conosco. — Olhei então para Michael. — Vocês confiaram em nós e nos trataram como se

fôssemos bondosos e livres de pecado e isso sei que não somos. Mas sei que tentamos ser.

Um largo sorriso iluminou lentamente o rosto de Rowan, algo extraordinário de se ver.

— Bondosos e livres de pecado — repetiu ela. — Como essas palavras são maravilhosas. Se eu ao menos pudesse incluí-las num hino para cantarolar baixinho, o dia inteiro, a noite inteira...

Olhamos um para o outro.

— Peço-lhes um pouco de tempo. Se eles ainda existirem, se tiverem gerado uma colônia, se estiverem em algum lugar deste vasto mundo, conheço quem saberá onde eles estão, sem a menor dúvida.

Rowan ergueu as sobrancelhas e afastou o olhar, pensativa. E o sorriso voltou, um clarão de beleza. Ela concordou...

Michael aparentou estar levemente estimulado pelas minhas palavras e Stirling estava cheio de curiosidade e respeito.

— Realmente — disse Dolly Jean, sem abrir os olhos —, vocês não estavam pensando que ele é o mais antigo Filho do Sangue no mundo inteiro, certo? E você, dê atenção às minhas palavras — ela virou-se para mim —, você, criatura grande, velha e famosa, sem dúvida você é bonito como um anjo e tem charme suficiente para ser um gângster. Vi três vezes todos os filmes de gângster que já fizeram e sei do que estou falando. E só passar um pouco de graxa no seu cabelo e você poderia fazer o papel de Bugsy Siegel.

— Obrigado — respondi, em tom neutro. — Na verdade, sempre foi minha ambição fazer o papel de Sam Spade. Eu estava totalmente só e melancólico quando a revista Black Mask publicou pela primeira vez O falcão maltês. Li o romance à luz da lua. Sam Spade conquistou minha ambição.

— Ora, não surpreende que você fale como um gângster — disse Dolly Jean. — Mas Sam Spade é fichtinha. Tente Bugsy Siegel ou Lucky Luciano.

— Parem com isso! — berrou Mona. — Dolly Jean, você não se dá conta do que ele acabou de dizer? — Era terrível a confusão em que se encontrava, procurando engolir os soluços, procurando reprimir sua raiva de mim. — Você pode mesmo fazer uma coisa dessas? — perguntou ela, com a voz miúda, desorientada. — Você tem como encontrar Ash e Morrigan?

Não respondi. Que passasse uma noite em sofrimento.

Levantei-me da mesa. Curvei-me para beijar Rowan no rosto. Minha mão encontrou a dela e a apertou firme por um instante rápido, caloroso. Um jardim precioso, fechado para mim, é minha irmã, minha noiva amada. Seus dedos prenderam os meus e os seguraram com toda a força.

Os cavalheiros se levantaram para se despedir de mim. Murmurei fórmulas

superficiais e só então o aperto secreto me soltou.

Segui devagar para o jardim formal além da piscina e teria subido direto para as nuvens exuberantes, para me sentir tão distante da Terra quanto me fosse possível. Mas o grito lamentoso de Mona ecoou atrás de mim.

— Lestat, não me abandone!

Ela vinha atravessando o gramado, correndo, com o vestido de seda enfunado.

— Ai, você, sua menina desgraçada! — disse eu, rangendo os dentes de propósito. Consegui recebê-la num abraço, delicado aglomerado de membros ofegantes. — Você, sua bruxa intolerável. Filha do Sangue maléfica, indisciplinada. Aluna desprezível. Pior das criaturas, cria rebelde e teimosa.

— Adoro você do fundo da minha alma. Você é meu criador, meu mentor, meu guardião. Adoro você! — exclamou ela. — Você tem de me perdoar.

— Não tenho, não. Mas vou perdoar. Vá se despedir decentemente da sua família. Nos vemos amanhã à noite. Agora, preciso ficar só.

Parti para o canto mais escondido do jardim...

...e de lá para as nuvens e as estrelas impiedosas e inocentes, até chegar à maior distância possível do mundo dos mortais.

— Maharet — invoquei a mais antiga de todos —, Maharet, fiz promessas a quem amo. Ajuda-me a cumpri-las. Emprasta teu ouvido poderosíssimo a quem amo. Emprasta teu ouvido poderosíssimo a mim.

Onde ela estava, a torre de marfim? A grande ancestral. Aquela que, de vez em quando, vinha nos socorrer. Eu não fazia idéia, porque nunca me curvei para procurá-la. Mas eu sabia que em seus séculos de perseverança, ela havia adquirido poderes que ultrapassavam todos os meus sonhos e temores. E que ela poderia me ouvir se assim quisesse. Maharet, nossa guardiã, nossa mãe, escuta meu apelo.

Entoei a canção dos altos, dos que estavam extintos havia tanto tempo, reunidos novamente para formar uma colônia, perdidos em algum canto no mundo moderno. Seres mansos, fora do seu tempo, fora do seu lugar e talvez sem sorte. E tinha uma importância tão trágica para minha cria e para seus parentes humanos. Não me faça dizer tanto que outros imortais possam captar minha intenção e usá-la para o mal. Escuta-me, Doce Maharet, onde quer que estejas. Sem dúvida, conheces este mundo como nenhuma outra criatura. Já vislumbraste essas crianças altas? Não me atrevo a pronunciar seu nome.

Envolvi-me então em fantasias reconfortantes, perambulando com os ventos para meu próprio bem, dissolvendo-me aqui e ali na poesia do amor e visualizando nichos de amor, locais de divina segurança predeterminados para além do Bem e do Mal, onde eu e aquela que cobiço poderíamos nos demorar. Era uma visão fadada ao fracasso e disso eu sabia, mas era minha e me dava prazer.

## CAPÍTULO 19



Depois do entardecer. Primeiro sabor do outono no calor do ar. Mona e Quinn apareceram às portas do jardim cinco minutos depois de que os chamei. Todos os homens na penumbra daquele terraço de hotel se voltaram para apreciar a bela atrevida, com a ondulante cabeleira ruiva. Uau, vestidinho de lantejoulas, de alças, com a bainha acima dos joelhos, e os saltos audaciosos retesando os músculos das pernas, é isso aí, hummm, e Quinn, num terno cáqui de corte primoroso, camisa social e gravata vermelha, deslumbrava como seu acompanhante.

Eu vinha me mantendo meio na periferia do grupinho denso e sinistro, varrendo uma mente após a outra, deixando o burburinho me atingir, sentindo o perfume da fumaça dos cigarros, do sangue quente e da colônia masculina. E, de quando em quando, curtindo a pura avareza e o cinismo do grupo.

Alto-falantes por todos os lados derramavam uma música baixa de ritmo marcado de uma banda de metais, que dava a impressão de batimentos cardíacos coletivos.

O assunto era mulheres, mulheres russas, importadas através do jovem gigolô arrogante — cabelos castanhos e lisos, muito magro como está na moda, paletó Armani, rosto brilhante e entusiasmado, que estava trabalhando seus convidados, todos compradores, espasmodicamente sob o efeito de metanfetaminas, gabando-se da “pele branca, do cabelo louro, do frescor, da classe” que ele estava trazendo de seus contatos em Moscou e São Petersburgo. “Vocês nunca viram tanta racha branca.”

A oferta era tamanha que eles poderiam substituir as garotas duas vezes por ano. Não se preocupem que nós nos encarregamos de passá-las adiante. O que acham desse tipo de garantia? “Estou falando do melhor que existe; garotas que faturam mil dólares em meia hora. Podem vir com roupas ou sem. Estou falando de um fluxo ininterrupto desde o ponto de compra...” Choque. Ele viu Mona.

Ela e Quinn me alcançaram. Os cochichos sobre ela aumentando. Era a única mulher no terraço. Qual era? Ia ser sorteada entre os presentes?

Fui me aproximando do gigolô e do guarda-costas presunçoso, grande e

esquelético, que estava sempre por perto dele, um malandro num smoking de corte deselegante, com traços de pó branco nas lapelas. Uns drogados relaxados. Todos eles drogados e relaxados.

— Vai ser aqui mesmo — disse eu, num sussurro. Mona deu uma risada tranqüila. Olhem esses braços nus. Um leve cheiro de cedro no vestido. Os armários de tia Queen. Quinn apenas sorriu, concentrando-se na caçada.

A música latejava e enveredou pelo samba-jazz brasileiro.

Até mesmo os garçons de paletó branco, que passavam por toda parte oferecendo pedacinhos ridículos de comida e borbulhantes taças de champanhe, estavam alterados. O careca de Dallas abriu caminho para chegar ao gigolô: quanto quer pela ruiva? Ele queria o direito de cobrir o valor oferecido por qualquer outro: “você está me ouvindo?” Todos estavam lhe dizendo algo semelhante em sussurros rápidos e ele agora não tirava os olhos de mim. Em murmúrios, um cara de Detroit com belas mãos brancas estava lhe dizendo como iria instalá-la num apartamento em Miami Beach e lhe dar o que ela quisesse, uma menina daquelas, não se pode permitir que esse negócio deixe o sujeito tão idiota a ponto de...

Dei um sorriso para o gigolô. Estava com os cotovelos apoiados no gradil de ferro preto atrás de mim, com o calcanhar enganchado na travessa inferior, os óculos cor-de-violeta baixos. Gola rulê roxa, terno de corte social, de couro negro macio como manteiga... Como adoro minhas roupas. Mona e Quinn estavam dançando só um pouco, de um lado para o outro, Mona cantarolando com a música.

O gigolô veio de lado, lançando sorrisos forçados, altamente pessoais, aqui e ali, como contas baratas jogadas no desfile de Mardi Gras. A minha direita (ela estava à minha esquerda), ele falou comigo:

— Dou-lhe cem mil por ela agora, sem perguntas, a grana está aqui comigo.

— E se ela não estiver a fim? — perguntei, com os olhos passeando pelo grupo estridente, em constante movimento. Súbito aroma de caviar, queijos, frutas frescas, hummm.

— Disso eu me encarrego — disse ele, com um riso desdenhoso. — Você só precisa levar o outro cara e deixar a garota aqui.

— E depois? — perguntei.

— Não existe depois. Você não sabe quem eu sou? — Ele sentiu pena de mim. — Você é elegante, mas não tem inteligência. Duzentos mil por ela. E pegar ou largar. Cinco segundos. Não mais que isso.

Comecei a rir baixinho.

Olhei fundo nos seus olhos frenéticos, impiedosos. Pupilas enormes. Faculdade de Direito em Harvard, tráfico de drogas, tráfico de escravas. Quanto mais alto, mais baixo. Ele me deu um sorriso brilhante com seus dentes primorosamente clareados.

-Você deveria ter se informado melhor sobre mim — ele continuou. — Quer um

emprego? Vou lhe ensinar tanta coisa que as pessoas vão pensar que você é esperto.

— Vamos ao que interessa, querido. — Passei minha mão por baixo do seu braço esquerdo e fiz com que girasse discretamente até atingir o gradil entre mim e Mona. Debrucei-me e cobri sua boca com minha mão esquerda antes de que ele pudesse emitir um som que fosse. Ela girou e grudou os lábios no seu pescoço, a cabeleira criando uma perfeita cortina de privacidade.

Senti que a vida se esvaía dos seus membros frágeis, ouvi os goles longos que ela tomava, enquanto o corpo inteiro do homem se contraía em um forte espasmo.

— Deixe-o vivo — murmurei. A quem eu estava enganando?

Mão no meu ombro. Olhei para cima. O guarda-costas grandalhão, de olhos estúpidos, quase chapado demais para saber por que estava com suspeitas ou o que fazer nesse caso, isso mesmo, mas Quinn já o estava puxando para trás e o imobilizou. O cara com as costas largas e encurvadas voltadas para o grosso da festa e Quinn sugando seu sangue, em silêncio, sem pressa. Que impressão isso deve dar, a de que ele está murmurando no ouvido do cara? Bem provável.

A multidão continuava a rir, engolir, beber. Um garçom quase pisou em mim com sua bandeja mal equilibrada.

— Não, obrigado. Não quero bebida — disse eu, o que era verdade.

Mas eu gostava do amarelo claro do champanhe naquelas taças. E gostava dos respingos, das borbulhas e da dança da água no chafariz no meio da multidão. E gostava das luzes em perfeitos retângulos de todas as janelas do hotel, subindo sempre e sempre, em harmoniosas fileiras paralelas acima de nós até o céu rosado. E gostava do saxofone grave e rouco do samba-jazz dançando consigo mesmo. E gostava das folhas trêmulas nas árvores plantadas em vasos enormes, que ninguém mais no terraço via, além de mim. Gostava...

O guarda-costas atordoado cambaleou. Um subalterno o agarrou pelo braço, já maquinando e orgulhoso por ter o outro em situação de desvantagem. O gigolô estava morto. Foi sem querer. Uma carreira tão brilhante jogada por cima do gradil. Os olhos de Mona estavam elétricos. Drogas no sangue.

— Apanhe uma cadeira para o dono da festa — disse eu ao primeiro garçom que consegui atrair. — Acho que foi uma overdose, mas ele está agüentando.

— Ai, meu Deus! — Metade dos copos na bandeja colidiu com a outra metade. Clientes virando para olhar, murmurando. Afinal de contas, o anfitrião havia escorregado até o piso de cerâmica. Isso não era nada bom para o tráfico de escravas.

Saí dali.

Penumbra opulenta no mezanino do hotel, mármore e luzes douradas, elevador com espelhos, o sopro das portas se abrindo, luminosos campos atapetados, loja de suvenires cheias de monstros de pelúcia cor-de-rosa, vidro blindado, calçadas lá

fora, imundície, risadas estridentes de turistas, pessoas seminuas, inocentes e desodorizadas, de todas as idades, em trajes de cores vivas que mais pareciam farrapos, de tecido que não é preciso passar, lixo de papel nas sarjetas, um calor esplêndido, o ronco e o guincho do bonde lotado de St. Charles fazendo a curva para entrar na Canal. Tanta... tanta gente boa... tão feliz.



## CAPÍTULO 20



Estávamos novamente no apartamento. Sala de estar dos fundos. Meus queridos no sofá. Durante a caminhada de volta, o efeito das drogas havia se exaurido do sangue deles. Eu à escrivaninha, mas de frente para eles.

Disse a Mona para mudar de roupa. Aquele vestido curto, de lantejoulas, simplesmente não me deixava concentrar a atenção. E nós tínhamos assuntos graves a tratar imediatamente.

— Você está falando sério?! — perguntou ela. — Francamente, você não está querendo me dizer o que posso e o que não posso usar. Nem por um instante pense que vou dar ouvidos a uma coisa dessas. Não estamos no século XVIII, meu querido. Não sei em que castelo você cresceu, mas posso lhe garantir que não mudo o estilo dos meus trajes para senhores feudais, por mais...

— Amado Chefe, será que você não poderia apenas pedir a Mona que trocasse de roupa, em vez de dar uma ordem? — sugeriu Quinn, contendo a exasperação.

— E, e se fizesse isso? — disse ela, inclinando-se para a frente, o que acentuou o busto, comprimido pela faixa transversal de lantejoulas.

— Mona, meu benzinho — disse eu, com perfeita sinceridade —, ma chérie, minha lindinha, por favor troque de roupa para alguma que seja menos sedutora. É uma dificuldade eu conseguir pensar, com você assim tão adorável nesse vestido. Peço que me perdoe. Ponho a seus pés meus vergonhosos impulsos omnisensuais. Como um tributo. Eu, tendo passado dois séculos no Sangue, deveria possuir uma sabedoria e poder de controle que tornassem esse pedido desnecessário, mas, infelizmente, dentro do meu coração eu alimento uma chama humana para que ela nunca se apague por completo e é o calor dessa chama que me distrai agora e me deixa tão indefeso em sua presença.

Ela Semicerrou os olhos e franziu a testa, procurando em mim o menor sinal de zombaria. E, não encontrando nenhum, seu lábio inferior começou a tremer.

— Você tem mesmo como me ajudar a encontrar Morrigan? — perguntou ela.

— Não vou falar com você enquanto não mudar de vestido — respondi. — Você é um tirano mandão! E me trata como se eu fosse uma criança ou uma

vagabunda. Não vou trocar o vestido. E você vai ou não vai me ajudar a encontrar Morrigan? Agora trate de se decidir.

— É você quem tem de se decidir. Você age como uma criança e como uma vagabunda. Você não tem dignidade, nem um ponto de apoio! Nenhuma misericórdia! Temos assuntos a discutir antes de chegar a encontrar Morrigan. Você não se comportou muito bem ontem à noite. Agora, mude de roupa antes que eu faça isso por você.

— Você que se atreva a tocar em mim! Bem que você gostou quando todos os seres humanos na festa se voltaram para olhar para mim. O que não o agrada mais no vestido?

— Quero que o tire! — disse eu. — Ele atrai a atenção desnecessariamente.

— E, se você pensa que vai me passar um sermão sobre meu comportamento com minha família...

— É exatamente essa a questão: agora eles não são simplesmente a sua família. Está envolvida uma infinidade de outros aspectos e você sabe disso. Você está abandonando sua inteligência por explosões emocionais baratas. Você abusou dos seus poderes ontem à noite, dos seus privilégios singulares. Agora vá mudar de roupa.

— E o que você vai fazer se eu não obedecer? Seus olhos chispavam.

Eu estava embaçado.

— Esqueceu-se de que este apartamento é meu? — perguntei. — De que fui eu quem a acolheu aqui? De que você existe por minha causa?

— Vá em frente, pode me expulsar! — exclamou ela, com o rosto todo vermelho. Ela se pôs de pé de um salto e se inclinou por cima de mim, com os olhos em brasa. — Sabe o que eu fiz ontem à noite depois que você nos deixou e foi embora só porque estava tão, ai, tão apaixonado por Rowan? Ai, tão apaixonado por La Médica Dolorosa? Adivinhe só! Li seus livros, suas Crônicas Vampirescas melancólicas, lamurientas, sentimentalóides. E agora entendo por que suas crias o desprezam! Você tratava Claudia como uma boneca só porque ela estava no corpo de uma criança! E, para começo de conversa, que história foi aquela mesmo, transformar uma criança em vampiro?!

— Pare com isso! Como se atreve?

— E sua própria mãe, você lhe dá o Dom das Trevas e depois tenta impedir que ela corte o cabelo e use roupas de homem. Tudo isso no século XVIII, quando as mulheres precisavam andar vestidas como bolos de noiva! Você é de um autoritarismo monstruoso!

— Você está me insultando, está me agredindo! Se não parar...

— E eu sei por que você está tão entusiasmado com Rowan. Ela é a primeira mulher adulta, além da sua própria mãe, que conseguiu prender sua atenção por mais

do que cinco minutos. Isso mesmo! Vejam! Lestat Descobre o Sexo Oposto! E verdade, as fêmeas vêm também em tamanho adulto! E por acaso eu sou uma delas e isso aqui não é o Jardim do Éden e eu não vou tirar este vestido!

— Lestat, espere, por favor! — pediu Quinn, pondo-se de pé.

— Fora! — rugi. Levantei-me. Meu coração estava tão ferido que eu mal conseguia falar. Eu sentia os agulhões da dor em toda a minha pele, a mesma dor que senti quando Rowan me criticou com tanta dureza na Casa de Retiro, uma dor irritante, imobilizante.

— Fora da minha casa, sua ingrata desgraçada — gritei. — Fora daqui, antes que eu a atire pela escada abaixo! Você não passa de uma Piranha Ambiciosa, é o que você é, recorrendo a todas as vantagens que seu sexo ou sua juventude lhe conferem, uma liliputiana em termos morais usando sapatos de adulta, uma adolescente de carreira, uma criança profissional! Você desconhece o significado do insight filosófico, do compromisso espiritual, do verdadeiro crescimento... Fora, fora daqui agora, Herdeira do Legado da família Mayfair, que belo fiasco não deve ter sido! Vá bater na porta da sua família mortal lá em First Street. Demonstre sua fúria contra eles até deixá-los tão enlouquecidos que acabem lhe dando uma enxadada na cabeça e a enterrando viva no quintal dos fundos!

— Lestat, eu lhe imploro... — Quinn estendeu as mãos. Mas eu estava com raiva demais.

— Leve-a para a Fazenda Blackwood!

— Ninguém vai me levar para lugar nenhum! — protestou ela. Saiu correndo pela porta, com o cabelo em turbilhão, as lantejoulas cintilando, e fechou a porta com violência. Passos ruidosos descendo a escada de ferro.

Quinn balançou a cabeça. Chorava em silêncio.

— Isso simplesmente não deveria ter acontecido — murmurou. — Era perfeitamente evitável. Você não compreende. Ela nem mesmo está acostumada a sair do leito de hospital, a pôr um pé na frente do outro, a encadear as palavras...

— Era inevitável. — Eu tremia. — Foi por isso que eu quis lhe dar o Dom das Trevas, em vez de você, para que a raiva se voltasse contra mim, não está entendendo? Mas como ela pôde atacar com tanta violência as coisas que me aconteceram? Ela não dispõe de modulação moral, ritmo moral, paciência moral, generosidade moral. É um diabrete implacável. Não sei o que estou dizendo. Vá atrás dela. Ela é imprudente de um modo tão óbvio e arrogante! Vá de uma vez!

— Por favor, por favor — insistiu ele —, não permita que isso represente uma distância entre nós.

— Não entre nós dois — disse eu —, não, nunca. Agora vá.

Dava para eu ouvir os soluços de Mona lá do pátio. Saí para a sacada, furioso.

— Você trate de sair da minha propriedade! — gritei para ela lá embaixo. Ela

refulgia no escuro. — Não se atreva a ficar aí choramingando no meu pátio. Não vou tolerar. Fora! — Comecei a descer a escada.

Ela fugiu de mim descendo pela entrada de carros.

— Quinn! — gritava, chorando. — Quinn! — Como se eu a estivesse assassinando. — Quinn, Quinn — repetia, ganindo.

Ele roçou em mim quando passou.

Dei meia-volta e subi a escada. Agarrei-me ao gradil da sacada por um bom tempo, forçando-me a me acalmar, com as mãos trêmulas, mas não adiantou muito.

Assim que fechei a porta, com o canto do olho vi Julien. Mais uma vez, tentei dominar meu coração disparado. Eu me recusava a tremer. Consegui me controlar, com os olhos passeando pelo teto, pronto para a próxima diatribe barata a ser lançada na minha cara.

— Eh bien — disse ele, prosseguindo em francês, com os braços cruzados, o smoking muito preto era contraste com o papel de parede de listras adamascadas. — Belo serviço esse seu, Monsieur, não é mesmo? Você se apaixonou profundamente por uma mortal que jamais cederá a você, conseguindo com isso somente fincar um cravo em seu coração, que o marido inocente não deixará de detectar mais cedo ou mais tarde. E agora minha sobrinha inocente, que você com tanta esperteza trouxe para seu mundo, está correndo desenfreada pelas ruas com um namoradinho que não tem noção de como confortá-la ou conter sua loucura crescente. Você é um ótimo exemplo do Ancien Régime, Monsieur. Ah, mas eu o deveria chamar pelo título de Chevalier, não é mesmo? Ou qual era o seu título exatamente, faça o favor de me dizer? Existia algum inferior?

Suspirei e depois sorri devagar. Eu não estava tremendo demais.

— Les bourgeois sempre me decepcionaram — disse eu, em voz baixa. — O título do meu pai não significa nada para mim. O fato de significar tanto para você é entediante. Por que não deixa para lá essa questão?

Sentei-me na minha cadeira da escrivaninha, pus o salto do sapato na travessa e fiquei simplesmente olhando para o fantasma, com admiração.

Camisa branca impecável. Sapatos de verniz. Ora, ele sabe se vestir, não sabe? Na minha exaustão e tristeza pelo que havia acontecido com Mona, encarei-o nos olhos e rezei em silêncio para São Juan Diego. O que há que pode advir disto que seria bom?

— Ah, quer dizer que você começou a gostar de mim? — perguntou ele.

— Onde está Stella? — indaguei. — Quero ver Stella.

— Quer? — Ele ergueu as sobrancelhas e inclinou levemente a cabeça.

— Não gosto de ficar sozinho — disse eu — tanto quanto demonstro. E, neste momento, não quero ficar sozinho.

Ele perdeu seu ar de superioridade resoluta. Um olhar implacável. Havia sido

um homem bonito no seu tempo, cabelos brancos curtos e cacheados, olhos negros perspicazes.

— Lamento decepcioná-lo — continuei. — Mas, como você vem e vai a seu bel-prazer, parece que devo me acostumar à sua presença.

— Você acha que eu gosto do que faço? — perguntou ele, com um rancor repentino.

— Acho que você não tem muito conhecimento sobre o que faz — respondi. — Vai ver que temos isso em comum. Andei ouvindo histórias a seu respeito. Coisas bastante sinistras, aparentemente.

Expressão vazia e depois uma lenta entrega a avaliação.

Ouvi passos Saltitantes no hall, decididamente uma criança pulando. E ela entrou na sala, num vestido branco como a neve, com as meias brancas e os sapatos boneca pretos, um amor de menina.

— Olá, queridinho, essa sua casa é um assombro — disse ela. — Simplesmente adorei seus quadros. É a primeira vez que tenho oportunidade de olhar para eles. Adoro as cores suaves. Adoro os barcos a vela e todas as pessoas simpáticas, pessoas em belos vestidos longos. Esses quadros têm uma delicadeza. Se eu não fosse uma menininha, suspeitaria de que eles acalmam os nervos.

— Não posso reivindicar o crédito de tê-los escolhido pessoalmente. Foi outra pessoa que o fez. Mas, de quando em quando, acrescento um ou mais de um ao acervo. Gosto das cores vivas, mais fortes. Gosto da força maior, mais selvagem.

— O que você pretende fazer a respeito disso tudo? — perguntou Julien, nitidamente irritado com essa conversa.

Meu coração havia começado a retomar seu ritmo normal.

— Tudo isso o quê? — perguntei. — E permita-me dizer-lhe que sua interferência no assunto não é um bom prognóstico, pelo que ouvi dizer. Parece que alguns dos seus descendentes mortais acreditam que você está fadado ao insucesso em todas as suas visitas à Terra, sabia disso? Parece que é uma maldição especial que se abateu sobre você ou foi o que ouvi dizer.

Stella tinha se jogado numa cadeira Luís XV, com o vestido branco formando uma nuvem em toda a sua volta. Ela olhou para Julien, alarmada.

— Você está sendo tremendamente injusto comigo — disse ele, com frieza. — Você não tem como saber das minhas realizações. E somente muito poucos dos meus descendentes têm conhecimento delas. Agora, voltemos à nossa obrigação atual. Decerto, você não pretende deixar minha sobrinha sair por aí, desenfreada, com os poderes que lhe transmitiu.

— Já lhe disse — retruquei, dando uma risada — que, se você a quer, terá de falar com ela. Por que sente tanto medo dela? Ou será que ela não o reconhece? Que ela lhe é totalmente arredia? Que ela está numa farra sobrenatural e você não tem

nenhuma importância para ela agora, hein?

Sua expressão endureceu:

— Você não está me enganando, nem por um instante. Você foi atingido profundamente pelas palavras de Mona; você foi atingido profundamente por Rowan, por ela não poder ser sua, não importa quanto mal você tente lhe fazer. Você está pagando pelos seus pecados. Está pagando agora durante esta nossa conversa. Está apavorado, com medo de nunca mais ver nem uma nem a outra. E pode ser que não veja. E talvez, se vir, elas lhe exibam uma atitude de desafio que há de desmoralizá-lo com ainda mais certeza do que você está desmoralizado agora. Venha, Stella. Vamos deixar esse paspalho com seus pesadelos. Cansei-me da companhia dele.

— Oncle Julien, não quero ir embora — retrucou Stella. — Estou com sapatos novos e estou adorando. Além disso, acho Lestat um charme. Queridinho, você precisa perdoar oncle Julien. A morte teve sobre ele um efeito extremamente opressivo. Se estivesse vivo, nunca teria dito esse tipo de coisa.

Ela pulou para o chão, correu para mim, me abraçou com os bracinhos macios e me deu um beijo no rosto. — Tchau, Lestat — despediu-se.

— Au revoir, Stella.

E a sala ficou vazia. Perfeitamente vazia.

Virei-me, desconsolado e trêmulo, e baixei a cabeça sobre o braço, como se pudesse adormecer sobre a escrivaninha.

— Ah, Maharet — disse eu, mais uma vez repetindo o nome da nossa grande ancestral, nossa mãe, alguém que, ao que me fosse dado saber, estava no outro lado do planeta. — Ah, Maharet, o que eu fiz e o que posso fazer? Ajuda-me! Permite que minha voz atravessasse a vastidão e chegue a ti. — Fechei os olhos. Mais uma vez, recorri ao meu poder telepático mais forte. Tenho tanta necessidade de ti. Venho a ti envergonhado dos meus fracassos. Venho a ti como o Príncipe Moleque dos Bebedores de Sangue. Não afirmo ser nada melhor nem pior do que isso. Escuta-me. Ajuda-me. Ajuda-me pelo bem de outros. Eu te imploro. Ouve minha prece.

Eu estava nesse estado de espírito sombrio, sozinho com esta mensagem, que ocupava totalmente minha alma, quando ouvi passos na escada de ferro lá fora.

Batida à porta.

Era meu guarda do portão.

— Clem da Fazenda Blackwood está lá fora.

— Como foi que ele conseguiu este endereço? — perguntei.

— Bem, ele está procurando por Quinn, diz que precisam de Quinn lá na fazenda imediatamente. Parece que ele esteve na casa da família Mayfair, perguntando por Quinn e que o mandaram vir aqui.

Era como se eu tivesse pendurado um belo letreiro de néon em minha fachada.

Agora, eu tinha um uso imediato e prático para minha telepatia: varrer os

quarteirões ao redor em busca do Duo Deslumbrante e transmitir esse recado para Quinn.

Num segundo. Sem esforço.

Quinn e Mona estavam num pequeno café em Jackson Square, Mona soluçando numa pilha imensa de guardanapos de papel, Quinn a abraçando, para escondê-la do mundo.

Entendido. Diga a Clem para vir me encontrar na esquina de Chartres e St. Ann. E por favor, Lestat, eu lhe imploro que venha comigo.

Nos encontramos na Fazenda Blackwood, meu menino.

Eh bien, e assim, depois de transmitir os devidos recados a Clem, que estava no comando da limusine que engasgava, chiava e bufava lá fora na Rue Royale, pelo menos eu tinha um momento de tranqüilidade no qual poderia pensar. E depois tinha um destino.

E eu não ia atravessar o lago dentro do carro com aquela imperdoável Valquíria em sua camisola de lantejoulas! Muito obrigado, mas preferi o caminho das nuvens.

Fui lá fora.

Novamente aquela fisgada de outono no calor que eu amava. Não é que eu gostasse tanto. A chegada do inverno é que me aborrecia. Mas o que significava tudo isso para mim, com meu coração partido e a alma ilegítima? E o que eu tinha provocado em Rowan com meus murmúrios furtivos, desgraçados? E Michael, aquele Michael poderoso, de voz suave, que me havia confiado o coração de sua mulher, o que eu tinha feito com ele?

E como Mona pôde dizer coisas tão ferinas, como pôde? E como eu pude me comportar de modo tão infantil em reação a elas?

Fechei os olhos.

Expurguei da minha mente todas as distrações e imagens aleatórias.

Mais uma vez, falei só para Maharet ouvir. Onde quer que estejas, preciso de ti.

E, então, recorri a algum artifício — para descrever novamente minhas necessidades sem lançar aos quatro ventos detalhes desnecessários que qualquer outro imortal que captasse minha mensagem pudesse usar para descobrir a exata natureza do que eu buscava. Descobrir uma tribo de seres altos, de ossos delicados, antigos, simples, envolvidos com minha cria, desconhecidos do universo de registros; história e localização essencial para a sanidade mental de quem eu amo. Orientação. Cometi erros com minha cria, que está fugindo totalmente ao meu controle. Dá-me tua sabedoria, tua audição aguda, tua visão. Onde estão as criaturas altas? Sou teu súdito leal. Mais ou menos. Com amor.

Ela responderia? Eu não sabia. Com toda a franqueza (é, como se tudo o que disse até agora fosse um monte de mentiras...) apenas uma vez, muitos anos atrás, eu

a tinha invocado pedindo ajuda, e ela não me respondera. No entanto, naquela época eu era culpado da trapalhada mais ridícula. Havia trocado de corpo com um mortal, que depois me abandonou. Idiotice. Precisei sair atrás do meu próprio corpo sobrenatural para recuperá-lo. E sozinho... bem, quase sozinho... encontrei uma solução para o problema. E, assim, tudo terminou bem.

Mas eu ainda vi essa antepassada misteriosa depois disso, quando ela veio me socorrer por vontade própria e não mediu esforços por mim. Perdoou minhas palavras violentas e impensadas, bem como meu gênio. Eu a descrevi nos meus escritos e ela foi tolerante. De mim, ela tolerou muita coisa.

Talvez tivesse me ouvido na noite anterior. Talvez estivesse me ouvindo agora.

Se nada resultasse desse chamado, eu tentaria de novo. E de novo. E, se o silêncio persistisse, eu recorreria a outros. Chamaria Marius, meu mentor de tempos idos e sábio Filho dos Milênios. E, se isso também falhasse, eu varreria a Terra sozinho em busca dos Taltos, fossem eles muitos ou apenas um.

Eu sabia que precisava cumprir minha promessa de encontrar os Taltos — por Michael e por Rowan, minha querida Rowan, mesmo que Mona me abandonasse totalmente, o que era a hipótese mais provável.

É, eu sentia meu coração se encolher. De algum modo, já havia perdido Mona. E logo seria a vez de Quinn. E exatamente como eu fizera aquilo, eu de fato não conseguia atinar.

Em algum ponto bem no fundo do meu consciente, estava tomando corpo a horrenda conclusão de que uma cria de mente moderna era tão complexa quanto um reator nuclear, um satélite de telecomunicações, um computador Pentium, um forno de microondas, um celular e todas as outras criações intrincadas, modernas, massacrantes que eu não conseguia compreender. É claro que tudo era uma questão de sofisticação arrasadora.

Ou de mistificação.

Víbora. Eu a odiava. Era por isso que estava vertendo minhas próprias lágrimas de sangue, não era mesmo? Pois bem, ninguém estava vendo.

Eh bien. Direto para a Fazenda Blackwood. E, enquanto subia, rezava para Maharet. Maharet foi minha prece aos ventos por todo o caminho.



## CAPÍTULO 21



A Mansão Blackwood estava toda iluminada, como uma lanterna na escuridão rural, as portas escancaradas na varanda da frente, os holofotes acesos. Jasmine sentada na escada, chorando com um lenço branco, os joelhos mais para cima, sapatos pretos de salto alto, um tubinho azul-marinho, a pele da cor de chocolate e os cachos oxigenados, linda como de costume; seu choro, sentido, cansativo e terrivelmente triste.

— Ai, Les-Dot, me ajude, me ajude! — gritou ela. — Onde está Quinn? Onde está o Patrãozinho? Preciso dele. Estou enlouquecendo! E aquele menino está fora de controle. Nash não acredita em fantasmas. Tommy morre de medo deles. E Vovó mandou chamar o padre para expulsar o Demônio de dentro de mim. Como se fosse culpa minha!

Fui até ela, apanhei-a no colo, com sua entrega total, macia e sedosa e a levei para dentro. Ela encostou a cabeça no meu peito.

A sala da frente estava cheia de gente.

— O carro está chegando — informei. — O que houve?

Sentamos no sofá da sala de estar, ela no meu colo. Eu a afagava. Estava realmente esgotada e aflita.

— Fico tão feliz por você estar aqui. — Ela chorava. — Ficamos tão sozinhos por aqui.

O pequeno Tommy Blackwood, de treze anos de idade, tio de sangue de Quinn, estava sentado numa das poltronas diante de nós e me observava de um jeito realmente formal, com os dedos pousados num braço da poltrona. Era um rapazinho realmente maravilhoso, exatamente como Quinn descrevera, e, das suas viagens com tia Queen e com Quinn, na época totalmente humano, pela Europa, ele havia absorvido toda uma atitude diante da vida que sempre lhe haveria de ser muito útil.

Legal vê-lo de novo.

Nash Penfield, seu preceptor, também estava ali, trajando um terno impecável, um homem que parecia ter nascido para exercer um efeito tranquilizador sobre os outros, embora eu não soubesse ao certo por que motivo ele não conseguia acalmar

Jasmine. Ele parecia intrigado, ali em pé perto da poltrona de Tommy, contemplando Jasmine com profunda preocupação e me lançando um cumprimento respeitoso.

Grande Ramona, a avó de Jasmine, estava sentada, carrancuda, perto do sofá, num vestido escuro de gabardine vinho, com um vistoso broche de diamantes logo abaixo do ombro direito. O cabelo de Grande Ramona estava puxado primorosamente, formando um coque na parte de trás da sua cabeça. Ela estava usando meias de seda e elegantes sapatos pretos.

— Ora, cale a boca, menina! — Grande Ramona ordenou de imediato a Jasmine. — Você só está querendo chamar a atenção dos outros. Sente-se direito! Pare de falar como uma idiota!

Dois dos Homens do Barracão, ainda com a roupa de trabalho, estavam parados, constrangidos, atrás dela. Um era Allen, o bem-humorado, de cara redonda e cabelos brancos. Eu não sabia o nome do outro. Certo. Eu sabia. Era Joel.

E ninguém disse nada depois de que Grande Ramona passou o sermão em Jasmine. Antes de que eu pudesse começar uma pesquisa nas mentes, Quinn entrou na sala e Mona, a megera de lantejoulas, prosseguiu pelo hall como uma faísca de luz prateada e entrou no quarto de tia Queen. O quarto de tia Queen era o único do térreo.

Uma leve onda de interesse e assombro percorreu o grupo ali presente em razão da presença de Mona e da sua aparência; mas ninguém chegou a dar uma boa olhada nela. A monstrinha insolente.

Era Quinn que importava aqui. Ele se sentou diante de mim, bem junto da enorme porta que dava para o corredor. Sua inocência característica aos poucos foi se transformando num cavalheiresco ar de comando, enquanto ele passava os olhos pelos ali reunidos. Ele então se levantou rapidamente quando Cyndy, a Enfermeira, entrou, bonita como ela só em seu uniforme branco engomado e também toda chorosa e triste. Ela foi se sentar numa cadeira distante, junto do piano.

Em seguida, apareceu o xerife, um ser humano gorducho e brincalhão que eu conhecera na noite da morte de tia Queen, seguido de uma pessoa que identifiquei imediatamente como Grady Breen, o advogado da família, idoso, corpulento, enfiado num terno de colete de risca-de-giz, cuja descrição Quinn tinha me passado quando me contou a história da sua vida.

— Epa, parece que o assunto é sério — comentei, entre dentes. Jasmine tremia encostada em mim, agarrando-se a meu corpo.

— Não me solte, Lestat — ela implorou. — Não me solte. Você não sabe o que está me perseguindo.

— Meu docinho de coco, nada pode atingir você enquanto estiver comigo — murmurei. Com mãos carinhosas, procurei distraí-la do fato de meu corpo dar a impressão de ser um pedaço de mármore.

— Jasmine, saia já do colo desse homem — ordenou Grande Ramona, baixinho — e comece a se comportar como a Governanta desta casa, posição que você deveria estar ocupando! Eu lhe digo, a única coisa que está refreando algumas pessoas é a própria consciência de cada um!

Jasmine não obedeceu.

Os dois cavalheiros oficiais encontraram cadeiras nas sombras, bem perto de Cyndy, a Enfermeira, como se não quisessem invadir a roda da família. A pança do xerife se derramava por cima do cinto, que era tomado por armas e um walkie-talkie ruidoso, que ele silenciou rapidamente com constrangimento.

Jasmine passou o braço esquerdo em torno de mim e se segurou como se eu estivesse tentando soltá-la, o que eu não estava fazendo. Afaguei suas costas e beijei sua cabeça. Ela era uma pessoinha deliciosa. Suas pernas longas e sedosas estavam esticadas à esquerda de mim.

O fato de Quinn no passado ter feito amor com Jasmine, ter gerado o pequeno Jerome com ela, de repente ficou em primeiro plano em minha mente malévola, esquentada, sempre ativa, meio humana, meio vampírica. Na realidade, os encantos das pessoas não deveriam ser desperdiçados. Esse é meu lema: espero que nunca tenha conseqüências horrendas para o mundo mortal.

— Se ao menos eu não tivesse sido tão perversa com ela. Ela nunca vai me deixar em paz. — Jasmine esmagou a testa no meu peito. Apertou mais a mão. Fechei meu braço totalmente em volta dela.

— Está tudo bem, meu docinho — disse eu.

— O que você pode estar querendo dizer? — perguntou Quinn, profundamente perturbado de ver Jasmine sofrendo. — Jasmine, o que está acontecendo? Alguém por favor quer me pôr a par dos acontecimentos?

— Quer dizer que há notícias de Patsy? — perguntei. Pois estava evidente que essa era a preocupação de todos e eu a estava captando em ondas e crepitações, quer procurasse pela informação quer não.

— Pois bem, parece que sim — informou Grady Breen. — Mas, na minha opinião e na de Grande Ramona, bem... tendo em vista que Jasmine não consegue falar, talvez Grande Ramona deva contar a história.

— Quem disse que não consigo falar?! — protestou Jasmine, com a cabeça ainda abaixada, o corpo estremecendo. — Vocês acham que não posso lhes contar o que vi com meus próprios olhos, vindo direto à janela do meu quarto, toda encharcada, molhada, com água e plantas do pântano escorrendo pelo corpo? Vocês acham que não sei o que vi? Que era Patsy? Acham que não reconheci a voz de Patsy quando ela disse: “Jasmine, Jasmine”, sem parar de repetir? Acham que eu não sei que era uma morta que dizia “Jasmine, Jasmine”, sem parar de repetir? E eu naquela cama com o pequeno Jerome e eu morta de medo de ele acordar e ela

riscando a janela com as unhas vermelhas, repetindo “Jasmine, Jasmine”, com aquela voz de dar pena?

Chocado, Quinn empalideceu.

Cyndy, a Enfermeira, irrompeu a chorar.

— Ela precisa ser enterrada em terreno consagrado. Não me importa o que as pessoas digam.

— Enterrada em terreno consagrado! — exclamou Grande Ramona. — Tudo o que temos dela é um pouco de cabelo que tiramos da escova. Do que você está falando, Cyndy? Vamos enterrar uma escova? Pelo amor de Deus!

Nash Penfield estava tão frustrado que consegui sentir, nem precisei ler seus pensamentos. Havia algum tempo que ele estava com vontade de assumir o comando, para o bem de todos. Mas sua impressão era a de que não tinha autoridade para falar ali.

Os passos de Mona vieram estalando pelo piso de mármore do hall e ela apareceu à porta, trajada sobriamente num vestido preto e curto de gola alta com mangas compridas e punhos apertados e sapatos pretos, as panturrilhas mais uma vez magnificamente retesadas. Ela se acomodou à esquerda de Quinn. Sua expressão era muito séria e delicada. Fingida!

Todos olharam imediatamente para ela, até mesmo Jasmine, com uma virada dissimulada da cabeça, mas ninguém entendeu absolutamente nada. Eu me recusei a sequer olhar de relance para ela. Possuo excelente visão periférica.

— Quando esse fantasma apareceu? — perguntei de imediato para desviar a atenção de todos de Mona e das inevitáveis perguntas sobre sua transformação.

— Agora, contem a história do início — pediu Grady Breen, em tom franco e sem rodeios — já que estamos tratando do que constituem documentos com valor legal.

— Que documentos de valor legal? — perguntou Quinn, paciente.

— Pois bem. — Grande Ramona tomou a palavra, avançando apenas um pouquinho na poltrona, com o rosto escuro muito autoritário. — Creio que todos os presentes sabem que durante anos o fantasma de William Blackwood apareceu com frequência, exatamente nesta sala, apontando para essa escrivaninha francesa ali entre as janelas e ninguém jamais conseguiu entender o que ele queria. Quinn, você viu esse fantasma um monte de vezes e você, Jasmine, também viu. E devo confessar, Deus é testemunha de que vi também, mas eu sempre rezava uma Ave-Maria e o fantasma desaparecia num piscar de olhos, como quando se apaga uma vela com as pontas dos dedos. E, quando abríamos a escrivaninha, bem, nunca encontrávamos nada. Absolutamente nada. E guardávamos a chave de novo na xícara na cozinha, se bem que eu não sei explicar por que continuávamos fechando com tanto cuidado um móvel que não tinha nada dentro. Mas o que você não sabe,

Quinn, é que logo depois de você levar Mona Mayfair daqui, ou seja, logo depois de sua mãe sumir deixando para trás todos os remédios, o fantasma começou a aparecer de novo, a qualquer hora da noite ou do dia! Estou lhe dizendo, bastava que eu entrasse nesta sala e lá estava Vovô William em pé apontando para a escrivaninha! E o mesmo acontecia com minha neta Jasmine. Jasmine, se sente direito!

(A escrivaninha em questão era em estilo Luís XV, rebuscada, com uma gaveta central, pernas trabalhadas em curvas e muita ornamentação com ouropel.)

— Pois bem, finalmente, Jasmine vem me dizer que não agüenta mais. Não conseguia entrar em contato com Quinn e não conseguia trabalhar direito. Eu também não conseguia. E, então, meu filho, Clem, entra aqui e até ele vê o fantasma. Bem, com isso resolvemos que íamos vasculhar essa escrivaninha mais uma vez, estando Quinn presente ou não para dar a permissão. Mas, antes de tomarmos a decisão de que íamos fazer isso, Jasmine estava deitada na cama dormindo com seu filhinho querido, Jerome, quando quem chega à sua janela? E, é o que estou dizendo, Patsy, toda molhada com água do pântano e gritando: “Jasmine, Jasmine” e arranhando a vidraça com as unhas compridas, pintadas, e Jasmine agarra o pequeno Jerome e sai correndo da casa aos berros!

Jasmine fez que sim, batendo a cabeça furiosamente, enquanto se enroscava como uma bolinha no meu colo.

— A verdade — continuou Grande Ramona — é que Jasmine foi a única pessoa nesta propriedade que chegou a ser gentil com Patsy! Com exceção de você, Cyndy, querida, mas você não morava aqui! E como o fantasma de Patsy ia sair se arrastando do pântano para descobrir você lá para os lados de Mapleville? E então nós dissemos a Grady Breen que íamos abrir a escrivaninha, que era melhor ele vir aqui, porque ela estava trancada e a chave não estava na xícara na cozinha depois de todos esses anos em que a chave sempre esteve na xícara na cozinha e que nós precisávamos usar uma faca para arrombar a escrivaninha.

— Uma decisão perfeita — disse Quinn, em tom simpático.

Grande Ramona olhou na direção de Grady Breen, homem respeitável, que então tirou da pasta de couro marrom o que parecia ser um maço de papéis manuscritos numa pasta de plástico transparente.

— E, quando abrimos a gaveta da escrivaninha — prosseguiu Grande Ramona —, o que fomos encontrar se não cartas escritas por Patsy de próprio punho, dizendo que “quando vocês encontrarem isso, já estarei morta” e depois vinha a descrição de como ela pretendia se embrenhar no Pântano de Sugar Devil, se debruçar sobre a borda da piroga e dar um tiro no lado direito da cabeça para poder cair na água e que nem um fiapo dos seus restos sobraria para ser posto no túmulo da família ao lado do pai, porque ela o odiava, o que todos nós sabíamos.

— Ela estava tão mal — lamentou-se Cyndy, a Enfermeira. — Sofria muito.

Não sabia o que estava fazendo. Que Deus a ampare.

— É, isso mesmo — assentiu Grady. — E, por felicidade... bem, não por felicidade, mas de modo conveniente... bem, não de modo conveniente, mas por coincidência, Patsy havia sido detida muitas vezes por posse de drogas e suas impressões digitais estavam arquivadas. Com isso, pudemos comparar as impressões nessas folhas com as dela. Além disso, essa é a letra dela... — Grady se levantou e atravessou rápido a sala, entregando a pasta de plástico a Quinn que estava desnorteado, em silêncio — ... e ela fez uns dez rascunhos da carta, porque parece que não estava satisfeita, até chegar ao último de todos, quando parece que queimou a... quer dizer, quando finalmente decidiu ir lá para executar o plano.

Quinn segurou a pasta como se fosse um embrulho prestes a explodir, simplesmente com o olhar fixo na carta que podia ver através do plástico. E, então, estendeu a mão e depositou a pasta na famosa escrivaninha mal-assombrada, onde havia sido descoberta.

— É a letra dela — disse ele, baixinho.

Todos fizeram que sim, resmungaram, concordaram, com os Homens do Barracão murmurando que Patsy adorava escrever recados do tipo: “Encha o tanque da minha caminhonete agora mesmo!” e “Lave meu carro, mas lave direito.” E eles também reconheceram que aquela era a letra dela.

E então o xerife pesadão, homem de grande devoção à própria ignorância, pigarreou antes de se manifestar.

— E é claro que encontramos provas conclusivas na piroga.

— E quais foram? — perguntou Quinn, franzindo de leve a testa.

— O cabelo dela — disse o xerife — que é idêntico ao cabelo nas escovas dela lá em cima. E todo o mundo sabia que Patsy nunca foi para aqueles lados por nenhum motivo. Quer dizer que só podia ser para se suicidar lá longe, porque, se não fosse para isso, para que ela teria ido parar na piroga?

— Vocês fizeram um exame de DNA assim tão rápido? — perguntou Quinn, com frieza.

— Não precisamos. Deu para todo o mundo ver que era o mesmo cabelo, todo grudento com o laquê que ela usava, dava para sentir o cheiro — explicou o xerife —, mas o resultado do DNA vai chegar se você pretende enterrar esses fios naquele seu cemiteriozinho, onde vocês gostam de enterrar coisas e realizar sessões com fogueiras enormes e coisas desse tipo.

— Xerife, por favor, um pouco de cortesia com o rapaz — pediu Cyndy, a Enfermeira, com uma voz delicada. — É da mãe dele que estamos falando.

— É, por favor, se pudéssemos nos ater aos fatos — disse Nash Penfield, com sua voz grave e autoritária. Sua frustração acabara por dominá-lo. Ele sentia a necessidade de proteger praticamente todo o mundo, mas em especial Tommy.

— Quer dizer que o legista se convenceu? — perguntou Quinn. — E declarou que foi suicídio?

— Bem, sim, é claro que se convenceria — protestou o xerife —, se você parasse de andar pela casa dizendo que assassinou sua mãe e a jogou para os jacarés, Quinn Blackwood! E se nossa Jasmine parasse de contar para todo o mundo que Patsy veio se arrastando até sua janela, toda coberta de plantas do pântano, implorando ajuda, pelo amor do Senhor nosso Deus.

— Ela veio. Veio, sim — disse Jasmine, num grito abafado. — Lestat, não saia de perto de mim.

— Não vou sair — murmurei. — Fantasma nenhum vai chegar até você, Jasmine.

— Mas, Jasmine — perguntou Quinn —, quando você viu esse fantasma? Foi depois de que vocês encontraram esse bilhete?

— Não, vovó acabou de lhe dizer. Eu vi Patsy antes de que tivesse conhecimento das cartas. Ela veio à janela, chorando e arranhando o vidro. E ela fez isso outra vez! E eu estou apavorada até mesmo de ir dormir lá fora. Não sei o que ela quer, Patrãozinho. O que posso fazer por ela? O pequeno Jerome está aqui em cima no quarto de Tommy, jogando videogame neste momento. Fico apavorada até de deixá-lo na casa dos fundos. O que posso fazer? Quinn, você vai precisar fazer outra sessão para Patsy!

De repente, Mona levantou a voz e foi como se uma luz tivesse sido acesa naquele canto da sala.

— E provável que a pobre criatura não saiba que morreu — disse Mona, com ternura. — Alguém tem de contar a ela. Ela precisa ser conduzida para entrar na Luz. E comum isso acontecer com as pessoas, especialmente se elas morrem subitamente. Eu posso falar com ela.

— Ai, você poderia fazer isso, por favor? — pediu Jasmine. — E isso, você captou direitinho. Ela não sabe e está perambulando por aí, abandonada e perdida, saindo dos pântanos por trás da minha casa sem saber o que aconteceu com ela.

O xerife estava com um sorriso de zombaria, com as sobrancelhas erguidas e os olhos semicerrados. Nash estava se sentindo cada vez mais incomodado enquanto observava o homem.

— Foi isso o que aconteceu com Goblin, não foi? — perguntou Grande Ramona. — Vocês todos disseram a ele que ele tinha morrido e ele seguiu em frente. Pois bem, vão precisar fazer tudo de novo. É preciso.

— Foi, sim — disse Quinn. — Vou dizer a ela para seguir adiante. Acho que não vai ser necessária uma sessão completa.

— Bem, pessoal, tratem de providenciar isso imediatamente — ordenou o xerife agora em pé e prestes a ir embora, puxando seu cinturão pesado. — Mas vou

lhes dizer, é incrível que, cada vez em que vocês têm uma morte por aqui, bem no meio de tudo pode ter certeza de que vai aparecer um fantasma. Pode apostar! Vocês vêem o fantasma da srta. McQueen aprontando desse jeito? Não, não vêem. Ela não anda arranhando vidraça nenhuma. Aquela sim era uma dama!

— Do que você está falando?! — perguntou Quinn, em voz baixa, olhando furioso para o xerife. Eu nunca havia visto uma expressão daquelas no rosto de Quinn. Nunca ouvira Quinn falar com uma voz daquelas. — Você está tentando nos ensinar quem é um bom morto e quem não é? Parece que você é que devia ficar esperando do lado de fora da janela de Jasmine para dar essa aula a Patsy. Ou então por que não volta para a delegacia e dita um livro de boas maneiras para os recém-falecidos?

Grande Ramona sufocou um risinho. Eu engoli minha gargalhada. Nash ficou preocupadíssimo. Tommy, com medo.

— Não fale desse jeito comigo! — O xerife, inclinou-se para cima de Quinn. — Você não passa de um menino biruta, Tarquin Blackwood. É o maior escândalo para nosso município você ter herdado a Fazenda Blackwood! Vai ser o fim deste lugar aqui e todos sabem disso. E, além de outras coisas que você fez que escandalizam todo o povo, agora deu para andar por aí dizendo que assassinou sua mãe. Eu devia pôr você atrás das grades.

Uma cólera gelada dominou Quinn. Eu vi o que ia acontecer.

— Eu a matei, sim, xerife — disse ele, com a voz inflexível. — Eu a arranquei do sofá lá em cima, quebrei seu pescoço, carreguei-a até a piroga lá fora e me embrenhei muito no pântano escuro, até enxergar o dorso dos jacarés à luz da lua. Foi então que joguei seu corpo no lodaçal. E lhes ordenei: “Devorem mamãe.” Foi o que fiz.

A sala inteira ficou consternada, com Grande Ramona e Jasmine gritando: Não, não, não; Nash murmurou em segredo palavras desesperadas para tranquilizar Tommy; Tommy olhava furioso para Quinn; um dos Homens do Barracão ria, e Cyndy, a Enfermeira, garantia que Quinn nunca faria uma coisa daquelas de verdade. Grady Breen estava pasmo, balançando a cabeça e remexendo papéis em sua pasta sem nenhum motivo, e até mesmo Mona estava chocada, fixando em Quinn seus olhos verdes vidrados, num vago assombro.

— Vai me prender, Xerife? — perguntou Quinn, com um olhar glacial.

Silêncio total na sala.

O xerife estava sem palavras, com os olhos semicerrados.

Nash, temeroso, estava preparado para agir.

Quinn foi se desdobrando da poltrona até assumir sua altura plena e olhou de cima para o xerife. A mera combinação do rosto jovem de Quinn com sua altura imponente já era assustadora, mas a ameaça que emanava dele era palpável.



— Vamos, cara — murmurou Quinn, para que todos ouvissem. — Trate de me algemar!

Silêncio.

O xerife ficou paralisado. Depois virou a cabeça para o outro lado, recuou meio metro, foi se afastando de lado para a porta e saiu para o hall e pela porta da frente, resmungando que ninguém na Fazenda Blackwood tinha o menor juízo e que era uma pena enorme que a casa agora fosse acabar em ruínas... é, isso mesmo, EM RUÍNAS! A porta da frente bateu com violência. E nada mais do xerife.

— Bem, acho melhor eu ir andando — disse Grady Breen, numa voz alta e animada. — Vou providenciar uma cópia do relatório do médico-legista o mais rápido possível. — Ele seguiu para a porta da frente com tanta velocidade que poderia ter sofrido um ataque cardíaco mais tarde no carro. (O que não ocorreu.)

Enquanto isso, Tommy correu até Quinn e lhe deu um grande abraço. Nash observava, sem saber o que fazer.

Isso pegou Quinn muito desprevenido, mas ele no mesmo instante começou a tranquilizar o garoto:

— Não se preocupe com nada disso. Volte para Eton. E, quando vier para casa, a Fazenda Blackwood estará aqui, sempre, linda e em perfeita segurança como agora, e continuará a trazer felicidade a muitas pessoas, com Jasmine, Grande Ramona e todo o mundo, igual ao que acontece hoje.

Os Homens do Barracão murmuraram que sem dúvida era esse o caso. E Cyndy, a Enfermeira, afirmou que era verdade.

— Que seja essa a vontade do Senhor — disse Grande Ramona.

Agora Jasmine via que precisavam dela e, acabando de enxugar o rosto com o lenço, ela me soltou, eu lhe dei um pequeno bombardeio de beijos e ela foi dar um abraço em Tommy.

— Você venha para a cozinha comigo, Tommy Blackwood — ordenou ela. — Você também, Nash Penfield, estou com uma panela de frango ensopado no fogão. Você também, Cyndy...

— Você está com uma panela de frango ensopado no fogão? Quem será esse “você”? — perguntou Grande Ramona. — Essa panela de frango ensopado é minha. E olhem só para essa Mona Mayfair... puxa, a menina está perfeitamente recuperada.

— Não, não, vocês todos podem ir. — Mona levantou-se e fez um gesto para que eles nos deixassem. — Quinn, Lestat e eu temos que conversar.

— Patrãozinho — disse Jasmine —, não vou dormir no térreo daquela casa. Já me mudei para o andar de cima com Jerome e Vovó. E estou fechando as persianas de todas as janelas. Patsy está atrás de mim.

— Vou encontrá-la lá fora — Quinn a tranquilizou. — Não se preocupe.

— Ela costuma vir a uma hora determinada? — perguntou Mona, toda gentil.

— Por volta das quatro da manhã — respondeu Jasmine. — Sei porque ela pára o relógio.

— Foi mais ou menos nessa hora — disse Quinn.

— Agora, não me comece com essa história de novo! — O tom de Jasmine era de repreensão. — Agora que encontraram todas aquelas cartas e acham que ela se matou, você não está mais sob suspeita. Trate de aquietar o facho! — E ela puxou Tommy para que a acompanhasse.

— Mas, esperem um instante — pediu Tommy, ao mesmo tempo se encrespando e perdendo um pouco da dignidade máscula na pura tristeza de criança. — Eu quero saber de verdade. — Engoliu em seco. — Quinn, você não a matou, não é mesmo? — Foi de cortar o coração.

Depois de um bom tempo, em que todos ficaram calados, Quinn falou:

— Não, Tommy, não matei. É importante que você acredite em mim, que eu jamais faria uma coisa dessas. É só que... eu não era gentil com ela. E agora ela não está mais aqui. E eu fico triste por isso. Quanto ao xerife, não gosto muito dele e por isso disse essas maldades.

Foi a mais rematada mentira, apresentada com tanta determinação, que refulgia na escuridão dos pensamentos de Quinn enquanto ele pronunciava as palavras. Sua luz era alimentada pelo amor vibrante que Quinn sentia por Tommy. Seu ódio a Patsy continuava forte como sempre. Estava furioso com as andanças do fantasma da mãe.

— Isso mesmo — disse Jasmine. — Simplesmente todos nós queríamos ter tratado Patsy melhor. Ela era uma pessoa independente, você não diria isso agora, Patrãozinho? E às vezes nós não a entendíamos.

— Muito bem explicado — Quinn assentiu. — Não nos esforçamos o suficiente para entender o jeito dela de ser.

— E claro que Tommy entende — disse Nash. — Todos nós entendemos. Talvez eu possa dar uma explicação um pouco melhor, se Quinn permitir. Venha, Tommy, vamos fazer um lanche na cozinha. Agora que Quinn chegou, não há mais nada com que nos preocuparmos. E, senhorita Mayfair, se me permite, você está absolutamente encantadora. É maravilhoso vê-la de novo e tão bem.

— Obrigada, sr. Penfield — Mona agradeceu, como se não fosse uma fera indomável.

No entanto, a expressão de Quinn estava muito sombria. E, assim que a sala ficou vazia, com exceção dos três monstros disfarçados, nós nos reunimos.

— Vamos subir — disse Quinn. — Preciso muito de seus conselhos neste momento, Lestat. Preciso compreender melhor algumas coisas. Tenho algumas idéias.

— Você sabe que farei o que puder — respondi.

Propositadamente, não dei atenção a Mona, que subiu a escada em espiral à nossa frente, em seus contritos trajes negros.

## CAPÍTULO 22



A imponente suíte de Quinn — quarto e sala de estar divididos por um arco enorme — havia sido limpa com esmero desde a transformação de Mona Mayfair num demoniozinho irresponsável. E a cama em que ocorrera a transmissão do Dom das Trevas estava toda arrumada com suas belas cortinas e edredom de veludo azul-escuro.

Lá estava a mesa de centro em torno da qual Quinn e eu havíamos passado horas enquanto ele me relatava a história de sua vida e Mona e eu nos sentamos, mas Quinn pareceu atordoado com a visão do aposento e por um bom tempo ficou simplesmente avaliando o ambiente como se tivesse um significado totalmente novo para ele.

— Qual é o problema, Irmãozinho? — perguntei.

— Refletindo, Amado Chefe. Só refletindo.

Eu não ia olhar para a megerinha. Estava feliz por ela estar sentada à minha direita em vez de perambular pelo mundo toda vulnerável e lacrimosa no vestidinho de lantejoulas? Estava, mas eu não tinha nenhuma obrigação de dizer isso para alguém que havia me rejeitado com tanta fúria. Tinha?

— Vamos, fale com a gente — pedi a Quinn. — Sente-se.

Afinal, ele veio, assumindo seu lugar de costume, de costas para a mesa do computador e bem de frente para mim.

— Lestat, não sei ao certo o que fazer.

— Posso ir me encontrar com ela às quatro da manhã. — Mona se ofereceu. — Não tenho medo dela. Posso tentar entrar em contato.

— Não, querida — disse Quinn. — Não estou pensando em Patsy por enquanto. Não dou a mínima para Patsy, a não ser pelo bem de Jasmine. Estou pensando na Mansão Blackwood. Estou pensando no que vai acontecer com ela. Vejam bem. O tempo todo que passamos na Europa, tia Queen e eu estávamos no comando por telefone, por fax, por algum meio. E depois, todo este último ano estivemos aqui, figuras de segurança e autoridade. Agora, tudo isso mudou. Tia Queen se foi, simplesmente se foi e eu não sei se quero estar aqui com muita

frequência. Acho que não vou poder estar.

— Mas Jasmine e Grande Ramona não podem se encarregar disso tudo, como fizeram enquanto vocês estavam na Europa? — perguntou Mona. — Achei que Jasmine era excelente nisso. E Grande Ramona era um gênio da culinária.

— É verdade — Quinn assentiu. — Elas têm como fazer tudo, sem dúvida. Sabem cozinhar e limpar e sabem receber bem os hóspedes que aparecem. Elas conseguem se encarregar do Banquete de Páscoa e da Ceia de Natal e de qualquer outro evento imaginável. Jasmine tem um talento extraordinário como gerente e como guia. A verdade é que todos eles podem fazer muito mais do que acreditam que podem. E todos têm bastante dinheiro, dinheiro suficiente para ir embora daqui e se instalar com conforto onde quer que queiram estar. Isso lhes dá uma sensação de segurança e um ar de independência. Mas querem estar aqui mesmo. Aqui é a casa deles. Só querem que haja uma presença, alguém da família Blackwood, e sem isso eles se sentem inseguros.

— Entendi — disse ela. — Não dá para fazer com que pensem como se fossem donos da propriedade.

— Isso mesmo. Já lhes dei todas as oportunidades possíveis. Todo tipo de estímulo e participação nos lucros também, mas eles querem que eu resida aqui. Querem minha autoridade. E Tommy também quer isso. E depois temos que pensar na irmã de Tommy, Brittany e em Terry Sue, a mãe deles. Elas deverão vir aqui muitas vezes para fazer visitas. Elas se tornaram parte da Fazenda Blackwood por causa de Tommy. Alguém precisa estar bem no coração desta casa para recebê-las. E Jasmine quer que eu seja esse coração, não só para ela mas para meu filho, Jerome. E eu não tenho certeza de que posso continuar a ser o senhor da Fazenda Blackwood como teria sido se não...

— A solução é simples — disse eu.

— E qual é? — perguntou Quinn, espantado.

— Nash Penfield. Basta você nomeá-lo curador residente, com a missão de gerir e manter esta propriedade em seu nome e em nome de Tommy e Jerome.

— Curador residente! — A expressão de Quinn se iluminou. — Ah, isso me parece brilhante. Mas ele aceitaria o emprego? Ele terminou o doutorado. Está pronto para começar a ensinar.

— É claro que aceitará — disse eu. — O homem passou anos na Europa com você e tia Queen. Você disse que foi uma viagem luxuosa.

— É verdade, tia Queen mandou ver — Quinn assentiu. — E sem dúvida Nash pareceu aproveitar tudo ao máximo da melhor maneira.

— Exato. Suspeito de que Nash esteja totalmente despreparado para a vida normal. Não existe nada de que ele gostasse mais do que ser o curador aqui, manter as tradições da Páscoa e do Natal para o bem da comunidade e qualquer outra coisa

que você queira, ao mesmo tempo em que recebe um alto salário, com um belo aposento e tempo à vontade para escrever alguns livros na área de sua especialização acadêmica.

— Perfeito — disse Quinn. — E ele tem o estilo e a cortesia para se sair bem. Ah, essa poderia ser a solução.

— Tente apresentar-lhe a idéia. Sugira que em seu tempo ocioso ele comece a criar uma biblioteca adequada em estantes instaladas nas paredes internas do salão duplo. E ele poderia escrever um breve relato histórico da Fazenda Blackwood, a ser impresso para distribuição aos turistas, com detalhes arquitetônicos, plantas, lendas e informações desse tipo. Acrescente a limusine com motorista à disposição as vinte e quatro horas do dia e um carro novo só para ele de dois em dois anos, bem como uma verba generosa para despesas e férias pagas em Nova York e na Califórnia e creio que você o conquistará.

— Sei que ele vai querer — concordou Mona. — Lá embaixo, ele estava louco para interferir quando o xerife estava agindo como um idiota. Só que ele achou que não tinha o direito de intervir.

— Exatamente — disse eu, sem olhar para ela. — É o cargo ideal para um homem com os talentos que ele possui.

— Ai, se ao menos ele se dispusesse — a empolgação de Quinn, era crescente —, seria uma maravilha. E eu poderia ir e vir, com você e com Mona, quando eu quisesse.

— É muito mais interessante que qualquer coisa que Nash possa encontrar em outro lugar — disse eu. — E ele pode desempenhar o papel de anfitrião com Terry Sue, a mãe de Tommy, e exercer uma influência norteadora sobre o pequeno Jerome, talvez ser seu preceptor, na realidade, e ninguém precisa lhe ensinar como tratar Jasmine e Grande Ramona, porque ele já sabe. Ele as adora. Nasceu no Texas, ou seja, no sul. Não é nenhum ianque ignorante que não sabe dizer duas palavras gentis a uma pessoa negra. Ele as respeita totalmente.

— Acho que você acertou na mosca — concordou Quinn. — Se ele estiver refestelado na Fazenda Blackwood, daria certo. Daria certo por muito tempo. Jasmine ia ficar exultante. Ela adora Nash.

Fiz que sim e dei de ombros.

— É uma idéia esplêndida — disse Quinn. — Com o tempo, vou contar a eles que Mona e eu nos casamos na Europa. Eles não reclamarão. Vai ser perfeito. Mona, você realmente acha que ele vai aceitar?

Eu me recusava a olhar para ela.

— Quinn, ele já faz parte da Fazenda Blackwood — ela respondeu. Quinn foi até o telefone.

— Jasmine. Preciso de você aqui em cima.

Quase imediatamente ouvimos a vibração da escada enquanto Jasmine subia correndo e depois abria a porta, ofegante.

— O que houve, Patrãozinho? — ela arfava. — O que está acontecendo?

— Sente-se, por favor — ele pediu.

— Você quase me mata de susto, seu desgraçado! — protestou ela, ocupando uma cadeira. — Agora, o que lhe passou pela cabeça para me chamar desse jeito? Você não sabe que esta casa inteira está passando por uma crise? E agora é Clem que está dizendo que não quer mais dormir no bangalô, porque está apavorado, com medo de que Patsy apareça para ele também.

— Nada disso tem importância. Você sabe perfeitamente que Patsy não tem como feri-la!

Ele voltou a se sentar e lhe descreveu todo o plano, de como Nash seria o curador; mas, antes que tivesse chegado à metade do que pretendia dizer, ela jogou as mãos para o alto e declarou que era um milagre. Todo o mundo ficaria feliz. Nash Penfield tinha sido posto na Terra especialmente para a Fazenda Blackwood.

— Ora, foi tia Queen quem pôs essa idéia na sua cabeça, Patrãozinho. Ela está olhando lá do céu — disse Jasmine. — Sei que está. E Mamãe também, Mamãe, que morreu bem ali naquela cama. Deus nos abençoe. Você sabe o que as pessoas daqui de perto acham? Elas acham que a Fazenda Blackwood pertence a todo o mundo!

— Todo o mundo? — perguntou Mona. — Todo o mundo, quem?

— Todos os moradores das redondezas — explicou Jasmine. — O telefone simplesmente não pára de tocar desde que tia Queen faleceu. Nós ainda vamos fazer a Ceia de Natal? Ainda vamos ter o Festival das Azaléias? É o que estou lhe dizendo, eles acham que esta casa pertence ao município inteiro.

— Pois sabe que eles estão com a razão? — disse Quinn. — Ela realmente pertence a todos. Quer dizer que tenho seu consentimento para convidar Nash Penfield a assumir o posto?

— Tem, mesmo! — disse Jasmine. — Vou contar a Vovó. Ela não vai ter nada contra. É só você falar com Nash Penfield. Ele e Tommy estão lá embaixo, no salão. Quis que eles tocassem piano. Nash sabe tocar. Tommy sabe só uma música. Mas Tommy diz que não se toca piano durante algumas semanas depois da morte de alguém. Ora, nós nunca respeitamos isso por aqui porque sempre funcionamos como hospedaria. E eu disse que Tommy podia tocar aquela música.

Quinn levantou e saiu com Jasmine.

Desci a escadaria atrás deles. Queria ver essa história até o fim. Fingi não perceber que Mona veio atrás, comportando-se com tanta discrição e decoro. Uma dissimulação total.

Os sábios não devem se deixar enganar por manobras desse tipo.

Tommy estava no salão duplo, sentado ao piano de cauda, uma antigüidade que

parecia ainda funcionar. Estava chorando só um pouco e Nash estava em pé, debruçado sobre ele. Conseguia sentir o puro amor de Nash por Tommy.

— Tommy — disse Quinn —, no tempo de Beethoven, havia uma mulher que tinha perdido o filho. Ela estava desconsolada. Beethoven costumava entrar na casa dela, sem se fazer anunciar, e tocava piano para ela. Deitada no andar superior, enlouquecida de dor, ela o ouvia tocar lá na sala de estar, e a música era o presente dele para ela, para confortá-la. Toque o piano se quiser. Ofereça a música para tia Queen. Pode tocar. Abra os portões dos Céus com sua música, Tommy.

— Diga ao Patrãozinho o que pretende tocar — pediu Jasmine.

— É uma composição de Patsy — explicou Tommy. — Enquanto estávamos na Europa, Patsy nos mandou o CD e eu escrevi pedindo a partitura. Tia Queen se certificou de que sempre tivéssemos suítes com pianos para eu poder aprender a música. É muito irlandesa, muito triste. Eu queria tocá-la para Patsy, para ver se traria paz à sua alma.

Quinn não disse nada. Seu rosto ficou pálido.

— Pode tocar, meu filho — eu o incentivei. — Foi uma boa idéia. Tia Queen vai gostar e Patsy também. Patsy há de ouvi-lo. Toque a música.

Tommy levou as mãos às teclas. Começou uma balada simples, que parecia ter muitas influências celtas. Havia também um som do Kentucky. Bluegrass. E, então, surpreendendo a todos nós, ele começou a cantar a letra num soprano grave de menino, que era tão lamentoso quanto a música.

*Digam a meus amigos  
Que não vou voltar.  
Digam ao pessoal  
Que não posso mais dançar.  
Digam a quem eu amo  
Que segui para casa.  
Caminho pelo cemitério  
E estou tão só.  
E não estarei mais aqui  
Quando as folhas voltarem a cair.  
Eles correm pela escada  
A cama é larga e macia.  
Mas eu não me mexo, com tanto frio.  
Porque minha mãe se foi.  
Será que verei seu rosto tão simples?  
Não tenho sonhos nem fé.  
Queria conseguir fazer uma canção*



*Para dizer como foi bom.  
Eu tinha o palco.  
E tinha a luz.  
A música era a história.  
Mas agora tudo ficou meio violeta  
E eu toco essas notas tristes.  
Espero que o outono chegue  
E não estarei mais aqui.*

Estávamos todos ali em pé, juntos, unidos pela tristeza da música, como se fosse um encantamento profundo.

Quinn se inclinou para beijar Tommy no rosto. Tommy olhava fixamente para a partitura à sua frente. Jasmine estava com o braço no ombro dele.

— Puxa, foi lindo — disse ela. — E foi Patsy que escreveu. Ora, ela sabia o que ia acontecer. Sabia, sim.

Nesse momento, Quinn levou Nash dali para a sala de jantar. Mona e eu fomos com ele, mas realmente nossa presença não era necessária.

Percebi isso no momento em que se sentavam para conversar.

Vi que Nash compreendeu tudo a partir das primeiras palavras, que desejava totalmente aquele cargo que Quinn lhe descrevia. Vi que aquele havia sido o sonho secreto de Nash. Ele estava apenas esperando pelo momento propício para apresentar a Quinn uma proposta semelhante.

Enquanto isso, no salão, Jasmine pedia a Tommy que tocasse a música de novo.

— Mas você não viu de verdade esse fantasma horrível de Patsy, viu? — perguntou Tommy.

— Não, não — Jasmine tentou tranquilizar Tommy. — Eu estava só exagerando. Não sei o que deu em mim. Não tenha medo do fantasma de Patsy. Nem pense nisso. Além do mais, quando se vê um fantasma, é só fazer o Sinal da Cruz e pronto. Agora, cante de novo a música. Eu canto com você...

— Toque a música mais uma vez, Tommy — pedi. — Continue a tocar e a cantar. Se o espírito de Patsy estiver vagando por aí, ela a ouvirá e isso vai reconfortá-la.

Pela porta da frente destrancada, saí para o ar quente e úmido, desci a escada e me afastei da luz. Fui para os fundos da casa e me dirigi para a extrema direita onde ficava o bangalô em que moravam Jasmine, Grande Ramona e Clem.

Estava profusamente iluminado. E somente Clem estava lá, sentado na varanda da frente, balançando e fumando um charuto muito perfumado. Fiz um gesto para que ele não se levantasse por minha causa e passei por trás da casa, ao longo da margem mole e traiçoeira do pântano.

Eu conseguia ouvir Tommy cantando. Cantei a letra junto com ele, baixinho, em não mais do que um sussurro. Tentei imaginar Patsy como havia sido em seu apogeu como estrela da música country, com sua jaqueta de couro com franjas, saias e botas, com o cabelo ericado e armado, soltando a voz em suas composições. Era a imagem que Quinn me havia passado. Com relutância, ele disse que ela realmente sabia cantar. Até mesmo tia Queen mencionara, com certa reserva, o fato de que Patsy sabia cantar de verdade. Ai, não havia uma única criatura no mundo da Fazenda Blackwood que tivesse sentido amor por Patsy.

E tudo o que eu havia visto de relance foi a Patsy doente, rancorosa, cheia de ódio, sentada no sofá com sua camisola branca, sabendo que nunca mais se sentiria bem o suficiente para uma apresentação, chamando Cyndy, a Enfermeira, aos berros, para que lhe desse mais uma injeção. Aquela alma aflita e torturada, Patsy, que pegara a peste com as drogas, agulhas contaminadas e que não se importava em saber quantas vezes a havia passado adiante.

E Quinn acabara com sua vida exatamente do modo como descreveu ao xerife.

Prossigui, com o pântano ao meu lado. Deixei que minha audição vampírica vagasse. Nash havia começado a tocar a canção de Patsy, com mais notas e uma expressão mais vigorosa. Ele e Tommy estavam cantando juntos. Tristeza. Jasmine chorava. Jasmine murmurava: “Ah, é de dar dó.”

A escuridão do campo caiu em torno de mim. Abandonei a música.

O pântano parecia um lugar extremamente selvagem e devorador, sem nenhuma harmonia ou simetria pastoral. O que vivia bem ali era voraz, em luta de vida ou morte, e nunca encontraria para si um porto seguro — uma paisagem que devorava a si mesma em vida. Quinn me dissera que era assim, mas como seria possível que eu já não soubesse?

Séculos atrás, eu havia sido jogado no pântano, dado por morto, por minhas crias, Claudia, a assassina, e Louis, o covarde. E eu, medonho e ganancioso como era, sobrevivera naquelas águas poluídas e estagnadas, sobrevivido para voltar e operar minha vingança clichê e amorfa, aguçada por outros até um ponto fatal.

Não ligo para isso.

Não sei por quanto tempo caminhei.

Dei tempo ao tempo.

Patsy. Patsy.

Os sons noturnos eram individuais e ao mesmo tempo um zumbido grave na brisa quente e a lua estava alta, às vezes entrando por uma brecha no pântano que somente revelava com mais impacto seu caos odioso e agressivo.

De vez em quando, eu parava.

Olhava para as estrelas esparsas, que possuíam um brilho tão atraente na noite do campo. E as detestava, como de costume. Que consolo podia haver em estar

perdido no universo sem fim, um paspalho num ponto minúsculo de poeira em rotação, cujos antepassados tinham atribuído desenhos e significados a esses pontos incontáveis e incognoscíveis de luz branca e gélida, que somente riam de nós com sua indiferença imutável?

Que brilhassem sobre as vastas pastagens à minha direita, sobre os agrupamentos de carvalhos ao longe, sobre as casas aconchegantemente iluminadas que eu agora havia deixado para trás. Nesta noite, minha alma estava com o pântano. Minha alma estava com Patsy.

Continuei andando.

Eu não sabia que a Fazenda Blackwood tinha tanta terra à beira do pântano. Mas queria saber. E me mantinha o mais perto possível da água, sem cair direto dentro dela.

Logo percebi que Mona estava em algum lugar por perto. Estava fazendo o possível para se ocultar, mas eu ouvia os pequenos sons que ela fazia e sentia um leve perfume que estava impregnado nos vestidos de tia Queen, uma fragrância que eu não havia percebido antes.

Pouco tempo depois, dei-me conta de que também Quinn estava conosco, permanecendo atrás de mim, com Mona. Por que me acompanhavam com tanta precisão, eu não sabia.

Recorri à minha visão mais aguçada para perscrutar a escuridão malcheirosa à minha esquerda.

Senti um forte calafrio percorrer minhas costas, um calafrio semelhante ao que senti quando conheci Rowan Mayfair e ela usou seu poder para me examinar, um calafrio vindo do exterior.

Parei e me virei para o pântano e de imediato percebi que uma figura feminina estava bem diante de mim. Estava tão perto que eu poderia tê-la *tocado sem estender minha mão mais do que alguns centímetros*.

Estava enredada no musgo e em trepadeiras, imóvel e sem vida como o cipreste que parecia lhe dar sustentação, e estava totalmente encharcada, o cabelo caindo em pequenos riachos sobre a camisola branca imunda, reluzindo levemente com uma luz que olhos mortais não poderiam ter enxergado, e olhava fixamente para mim.

Era Patsy Blackwood.

Fraca, muda, em sofrimento. ‘

— Onde ela está? — murmurou Quinn, junto ao meu ombro esquerdo. — Onde? Patsy, onde você está?

— Cale-se — ordenei. Mantive meu olhar nela, em seus olhos enormes e tristíssimos, nos veios de cabelo que escorriam pelo seu rosto, na boca entreaberta. Tanto anseio, tanta agonia.

— Patsy — disse eu —, menina querida, estão terminadas todas as suas

aflições neste lugar.

Vi suas sobranceiras se franzirem lentamente num ar desanimado. Tive a impressão de ouvir dela um suspiro longo e profundo.

— É melhor você seguir em frente, menina linda — continuei. — Siga para a glória. Não fique vagando por esse reino lúgubre, Patsy. Não faça dessa escuridão seu lar quando você pode se voltar para a Luz. Não perambule por aqui, em busca, aos gemidos. Vá em frente. Dê as costas a esse tempo e a esse lugar e implore que os portões se abram.

Seu rosto se reanimou de algum modo. O cenho ficou tranqüilo e ela pareceu estremecer.

— Vá, meu amor — disse eu. — A Luz quer você. E aqui neste mundo, Quinn recolherá todas as suas canções, cada uma que você tenha gravado, Patsy, e reunirá todas elas. E elas serão divulgadas por toda parte, cada uma, velhas e novas, para sempre. Não é uma herança esplêndida a deixar, todas essas canções maravilhosas que as pessoas adoram? É a sua doação, Patsy.

A boca se abriu, mas ela não falou. O rosto muito branco reluzia com a água do pântano. A camisola, rasgada; os braços arranhados, com laivos imundos; os dedos lutando para se fechar, mas sem conseguir.

Ouvi Mona dar um grito. Senti uma força movimentar o ar úmido em torno de mim. Quinn estava jurando num murmúrio baixo e constante que, tendo pecado ao tirar-lhe a vida, ele haveria de dar vida às suas canções para sempre.

No entanto, nada mudou na aparição agoniada e exausta, a não ser que Patsy ergueu a mão direita, só um pouco, e seus lábios entreabertos formaram só um pequeno fragmento de uma palavra, que não consegui ouvir. Tive a impressão de que ela se inclinava na minha direção. E eu me inclinei na dela...

...sinta amor por mim, ame do jeito que o amor deve ser, um amor sem restrições, ame Patsy!...

...atravessei o vazio perigosíssimo, como se estivesse saindo do próprio mundo, e beijei sua boca, molhada e com o mau cheiro da água imunda. E senti uma enorme corrente brotar de dentro de mim, um vento saído das minhas raízes mais profundas que soprava inexoravelmente para dentro dela e a carregava muito, muito longe, para muito alto, com sua forma tornando-se tênue, imensa e brilhante...

— Entre na Luz, Patsy! — uivou Mona, com suas palavras sendo levadas pelo vento e engolidas por ele...

...vaqueira adolescente dedilhando a guitarra, cantando a plenos pulmões, Gloria! Batendo com o pé, a multidão aos berros, um lampejo ofuscante de anjos, inúmeros monstros invisíveis, aquelas asas, não, não vi, certo, vi, escapar daqui! Gloria! Não vi... Gloria! Estou me agarrando com unhas e dentes ao capim, tentando me fincar na Terra... oncle Julien sorridente, acenando para eu ir. Gloria! Este é um

jogo perigosíssimo. Você não é nenhum São Juan Diego, sabia? Não, não, não vou com você! Patsy em couro cor-de-rosa, os braços levantados, a luz ofuscante, a gritar Gloria in Excelsis Deo!

Escuridão. Terminou. Estou separado. Estou aqui. Sinto o capim por baixo de mim.

— Laudamus te. Benedicimus te. Adoramus te. In Gloria Dei Patris! — murmurei.

Quando abri os olhos, estava deitado no chão e, a não ser por Mona, que aninhava minha cabeça em suas mãos, e Quinn, que estava ajoelhado ao seu lado, a noite estava serena e vazia.

## CAPÍTULO 23



De quando em quando, exijo ser tratado como o herói sobrenatural que realmente sou.

Voltei para a casa, a passos largos, sem dar atenção a Quinn e Mona (especialmente a Mona), abri a porta da cozinha e disse a Jasmine que o espírito de Patsy havia partido definitivamente da Terra; que eu estava exausto e precisava dormir no quarto de tia Queen, não importava o que os outros achassem disso.

Desobediente, o pequeno Jerome se levantou de um salto da sua mesinha, aos gritos.

— Mas eu nem consegui ver o fantasma! Mamãe, eu nem vi o fantasma.

— Depois eu faço um desenho para você. Agora trate de se sentar! — ordenou Jasmine e, com a incontestável autoridade de guardiã das chaves, ela me conduziu pelo hall e me admitiu imediatamente no aposento sacrossanto, queixando-se de que Mona havia deixado os closets totalmente desarrumados só duas horas antes, mas que agora tudo estava nos devidos lugares. E eu me joguei dramaticamente na cama de cetim rosa-escuro, sob o dossel de tecido idêntico, aninhando o rosto nos travesseiros do mesmo material, e fiquei ali deitado, mergulhado no perfume de chantilly, deixando que Jasmine arrancasse minhas botas sujas porque isso a deixava satisfeita e protegia a cama, até que fechei os olhos.

De imediato, Quinn falou, com uma voz baixa e respeitosa.

— Lestat, Mona e eu podemos ficar aqui em vigília? Estamos tão gratos pelo que você fez.

— Sumam da minha frente. Jasmine, por favor acenda todos os abajures e depois faça com que eles saiam daqui. Patsy se foi e minha alma está fraca! Vi as asas emplumadas dos anjos. Não mereço dormir um pouquinho?

— Fora daqui vocês dois, Tarquin Blackwood e Mona Mayfair! — ordenou Jasmine. — Graças a Deus, Patsy se foi! Dá para eu sentir. Aquela criança estava perdida e agora está subindo para seu lar, sem necessidade de mais buscas. Vou levar essas botas para o Allen. Allen é o especialista em botas nesta propriedade. Ele vai poder limpá-las. Agora, vocês dois vão andando. Vocês ouviram o que o

homem disse. A alma dele está fraca. Agora vamos deixá-lo em paz. Lestat, vou apanhar um cobertor para você.

Melhor assim.

Deixei-me levar.

Julien estava no meu ouvido, falando num francês acalorado:

— Hei de segui-lo até o fim do mundo, acompanhando todas as suas iniciativas até que você seja destruído pela loucura! Vaidade das vaidades, tudo é vaidade. Tudo o que você faz é vaidade e é para seu próprio orgulho e glorificação! Você acha que os anjos não sabem o que você faz e em prol de quem você age?!

— Ah, sim! — murmurei. — Seu fantasma desprezível, achou que tinha me apanhado entre os mundos, não foi? É ali que você vive eternamente, observando os que passam e se vão? Você não se importou nem um pouco com a alma de Patsy, não é mesmo? E ela não é sua descendente tanto quanto Quinn? E tanto quanto Mona? A safadeza que você fez nesta casa foi com a antepassada de Patsy também, não é mesmo? Ora, você não reconhece seus descendentes quando eles não são do seu agrado, seu mendigo astral impiedoso...

Fui me deixando levar mais fundo, com o cérebro mergulhando na doçura da exaustão humana — longe do retinir da bigorna entre os mundos, longe da torrente dos Céus. Adieu, minha pobre Patsy, malfadada. É, e eu tinha conseguido com um beijo e, sim, com um passo. E, é verdade, ela teve sua ascensão, e não foi bom? Eu não tinha feito o bem? Alguém poderia negar que foi bom? Hein, Juanito, não foi bom? O exorcismo de Goblin não foi bom? Voltei a mergulhar na segurança do sono que nada sabe. E, ao meu redor, o quarto de luzes douradas me protegia.

O que eu poderia fazer que fosse bom para Mona e Quinn?

Duas horas depois, fui despertado pelas batidas de um relógio. Eu não sabia em que lugar da casa ele estava ou que aparência tinha e não me importava com isso. O quarto era saudável e reconfortante, como se a pureza e generosidade de tia Queen o tivesse impregnado por inteiro.

Eu estava revigorado. As malignas microcélulas no meu corpo tinham cumprido sua tarefa suja e inevitável. E, se eu havia tido sonhos horríveis, não me lembrava deles.

Lestat voltava a ser Lestat. Como se alguém se importasse. Você se importa?

Sentei-me na cama.

Julien estava sentado à mesinha redonda de tia Queen, a mesa à qual ela fazia suas refeições, a mesa entre a cama e as portas do closet. Estava com seu smoking elegante. Fumava um pequeno cigarro preto. Stella estava no sofá com seu bonito vestido branco, brincava com uma das bonecas de pano do boudoir de tia Queen.

— Bonjour, Lestat — cumprimentou-me Stella. — Até que enfim você acordou, meu belo Endimião.

— Tudo o que você faz — disse Julien em francês —, você faz por seus próprios objetivos egocêntricos. Você quer que esses mortais o amem. Você se delicia com a adoração cega que lhe dedicam. Você a devora como se fosse sangue. Está cansado de matar e destruir?

— Você não está dizendo coisa com coisa — retruquei. — Estando morto, você deveria ter uma compreensão melhor. Os mortos deveriam ter uma vantagem. Você não tem. Fica por aí nos becos do outro mundo. Eu vi o que você é de verdade.

Ele deu um sorrisinho maldoso.

— E exatamente qual é seu plano chinfrim? — perguntou ele, em francês. — Talvez me despachar pelos Céus cheios de nuvens como fez com Patsy Blackwood?

— Hummm, por que eu haveria de me incomodar com sua salvação? Como já lhe disse, estou me acostumando com você. Sinto-me privilegiado, por termos esses pequenos bate-papos, não importa de onde você venha. E depois tem também Stella. Ver Stella é sempre um prazer.

— Ai, você é um amor — disse a pequena Stella, segurando a boneca no alto pelos braços. — Sabe, queridinho, você representa um problema estranhíssimo.

— Faça o favor de explicar — pedi. — Nada me agrada mais do que crianças que discorrem sobre filosofia.

— Não tenha certeza de que eu seja capaz de uma observação filosófica. — Ela franziu as sobrancelhas e sorriu para mim ao mesmo tempo. Deixou a boneca cair molenga no colo. Levantou os ombros e então relaxou aos poucos. — Veja só o que penso a seu respeito, Queridinho. Você possui uma consciência sem uma alma para lhe dar sustentação. É perfeitamente extraordinário, na minha opinião.

Um calafrio sinistro passou por mim.

— Onde está minha alma, Stella? — perguntei. Ela pareceu não ter a resposta, mas depois falou.

— Enredada! Apanhada numa teia! Mas sua consciência alça vôo, livre da alma. É simplesmente maravilhoso.

— Vamos descobrir um jeito de cortar essa teia — disse Julien, com um sorriso.

— Ah, quer dizer que você pretende salvar minha alma? — perguntei.

— Não me importa para onde ela vá, uma vez que deixe esta Terra — respondeu Julien. — Já não lhe disse isso? É a casca de carne que eu odeio, o sangue maligno que lhe dá vida, o apetite que a impulsiona e o orgulho corrosivo que o motivou a levar minha sobrinha.

— Você está transtornado — disse eu. — Lembre-se da criança. Você deve ter tido alguma intenção ao trazê-la como testemunha. Comporte-se com decência em sua presença.

A maçaneta na porta que dava para o hall girou.



Eles desapareceram. Criaturas tão tímidas e reservadas.

A boneca tombou no sofá e, por não ter cotovelos nem joelhos, parecia totalmente desamparada enquanto seus grandes olhos pintados olhavam espantados para o aposento ao redor.

Quinn e Mona entraram. Quinn estava usando agora um suéter grande de ponto trançado e calças simples, porque o ar-condicionado na Fazenda Blackwood era algo a ser levado em conta, e Mona ainda estava com seu fantástico vestido preto, com o rosto pálido e as mãos refulgindo. Agora havia em sua gola um broche de camafeu muito grande e bonito de sardônia branca e azul.

— Podemos conversar agora? — perguntou Quinn, num tom muito cortês. Olhou para Mona com uma preocupação enorme e depois voltou os olhos para mim.

Compreendi que Quinn estava totalmente certo em sua descrição inicial de seu amor por Mona. A infelicidade de Mona — na realidade, a própria Mona, feliz ou triste — continuava a suplantar todas as dores e tristezas de Quinn em seu próprio coração. Ela continuava a aliviá-lo misericordiosamente, pelo menos por enquanto, da perda de tia Queen e da perda de seu duplo, Goblin. Não importava o que a pequena víbora me fizesse, o amor de Quinn por ela era uma bênção.

De que outro modo seria possível explicar a facilidade com que ele aceitou o fato de eu usurpar o magnífico leito de tia Queen num momento de, como direi, vaidade?

Empurrei o corpo para trás contra os travesseiros até me sentir firmemente plantado numa posição ereta, com as pernas confortavelmente esticadas e um tornozelo por cima do outro, e fiz que sim.

Era raro que eu visse meus pés em meias pretas. Eu pessoalmente não sabia quase nada sobre meus pés. Eles me pareciam bastante pequenos para o século XXI. Falta de sorte. Mas um metro e oitenta ainda era uma boa altura.

— Quero que você saiba que eu adorava tia Queen — murmurei. — Dormi por cima da colcha. Eu estava abalado.

— Amado Chefe, você compõe bem o quadro aí — disse Quinn, com delicadeza. — Pode tornar este quarto seu lugar nesta casa. Você conheceu minha tia. Ela dormia o dia inteiro. Cada janela dispõe de um forro corta-luz por baixo do veludo decorado.

Essas palavras surtiram em mim um efeito imensamente tranquilizante. Em silêncio, fiz com que ele soubesse disso.

Ele se sentou no banco diante da penteadeira de tia Queen, de costas para o grande espelho redondo e para a luz suave do abajur. Mona se sentou no sofá, muito perto da boneca que o fantasma de Stella acabara de deixar ali.

— Está descansado agora? — perguntou Mona, fingindo ser uma criatura de comportamento razoável.

— Faça algo de útil — ordenei, com desdém. — Apanhe essa boneca de pano e a arrume direito para ela não parecer tão desolada.

— Ah, sem dúvida que sim — disse ela, como se não fosse um espectro escandaloso vindo dos infernos. Ela encostou a boneca no braço acolchoado da poltrona, cruzou-lhe as pernas e pôs as mãozinhas no colo. A boneca olhou para mim com gratidão.

— O que aconteceu com você lá fora, Lestat? — perguntou Quinn, muito solícito.

— Não sei ao certo. Alguma força querendo me levar junto com ela, talvez. Nós estávamos ligados quando ela começou a ascensão. Mas eu consegui escapar. Não tenho certeza. Às vezes vejo anjos. E apavorante. Não posso falar sobre isso. Não quero reviver a situação. Mas Patsy seguiu em frente. Isso é que importa.

— Eu vi a Luz. Vi com total certeza, mas não consegui ver o espírito de Patsy. — Era tão sincero aquele jeito de Quinn, sem nada de artificial.

— Eu também a vi — disse a pequena megera. — E você estava lutando contra alguém e praguejando era francês. E gritou alguma coisa sobre oncle Julien.

— Agora não importa. — Mantive os olhos fixos em Quinn. — Como eu disse, prefiro não reviver a situação.

— Por que você se encarregou? — perguntou Quinn, respeitoso.

— Afinal, o que você quer saber? — retruquei. — Era o que tinha de ser feito, não era?

— Entendo — Quinn assentiu. — Mas por que você? Fui eu que assassinei Patsy. E você foi lá fora sozinho e atraiu o espírito dela. Você fez com que a Luz descesse para ela. Houve uma luta. Por que resolveu fazer isso?

— Por você, imagino. — Dei de ombros. — Pode ser que eu tenha pensado que mais ninguém conseguiria realizar essa proeza. Ou por Jasmine, porque prometi a ela que o fantasma não a apanharia. Ou por Patsy. E, por Patsy. — Refleti e logo em seguida segui em frente. — Vocês dois são tão jovens no Sangue. Viram tão pouco. Eu já vi o vento uivante dos Mortos Presos à Terra. Vi as almas no vazio entre os reinos. Quando Mona disse que Patsy não sabia que estava morta, para mim isso bastou. Saí lá para o pântano e fiz o que tinha de ser feito.

— E também havia a música — acrescentou a pequena insuportável, olhando para Quinn. — Tommy tocou a canção irlandesa e ela era tão lamentosa.

— Por falar nas canções, estou cumprindo a promessa — disse Quinn. — Ou pelo menos comecei. Liguei para o empresário de Patsy e o tirei da cama. Vamos relançar todas as suas gravações, fazer um comunicado especial para a imprensa: tudo o que ela poderia ter desejado. O empresário ficou tão feliz por ela ter morrido, que mal conseguiu se conter.

— O quê?! — protestou Mona.

— Ora, você sabe, gravações de astros mortos geram muito dinheiro — respondeu Quinn, encolhendo de leve os ombros. — Ele vai divulgar ao público a morte trágica. Promover sua carreira. Criar um pacote especial.

— Eu sabia que você cumpriria a promessa — disse eu. — E teria me encarregado disso, se você não tivesse, quer dizer, se você me desse permissão. Assunto encerrado, certo?

— A voz dela era maravilhosa — comentou Quinn. — Se eu pudesse tê-la assassinado, sem matar sua voz...

— Quinn! — disse Mona.

— Bem, Irmãozinho, acho que foi isso o que você fez — observei. Ele riu baixinho.

— Acho que você está com a razão, Amado Chefe. — Ele riu de Mona e de seu espanto inocente. — Uma noite dessas, vou lhe contar tudo a respeito dela. Quando eu era pequeno, achava que ela era feita de plástico e cola. Estava sempre aos berros. Chega de Patsy.

Mona abanou a cabeça. Ela gostava demais dele para pressioná-lo. Além disso, tinha outras coisas na cabeça.

— Mas, Lestat, o que você viu lá fora? — perguntou ela.

— Você não está prestando atenção — protestei com exasperação. — Já lhe disse, sua patifezinha enervante, não quero reviver a situação. Assunto encerrado. Além do mais, dê-me uma única razão razoável para eu sequer lhe dirigir a palavra. Por que estamos no mesmo aposento?

— Lestat — pediu Quinn —, por favor dê mais uma oportunidade a Mona. Fiquei furioso... não com Mona, eu não ia cair novamente na mesma armadilha... mas simplesmente furioso. Eram tão lindos aqueles dois. E...

— Muito bem — disse eu, pensando enquanto falava. — Vou estabelecer a lei para vocês. Se quiserem que eu permaneça com vocês, será como seu Senhor. E me recuso a dar provas de quem sou a vocês. Não vou passar meu tempo com vocês sob questionamento constante quanto a meu direito à autoridade!

— Entendo. Entendo mesmo, entendo, sim! — Mona soava aparentemente tão sincera e comovida.

— Um exemplo — continuei. — Não importa o que quer que eu tenha visto por lá, decidi esquecer. E vocês terão de esquecer também.

— Certo, Amado Chefe — assentiu Mona, toda séria. Pausa.

Eu não estava engolindo aquilo.

Quinn não estava olhando para ela. Olhava atento para mim!

— Você sabe o quanto eu o amo.

— Amo você também, Irmãozinho — disse eu. — E uma pena que meus desentendimentos com Mona tenham criado uma distância entre nós.

Ele se voltou para Mona:

— Diga o que tem a dizer.

Mona baixou os olhos. Tinha as mãos cruzadas uma por cima da outra no colo e, de repente, pareceu desamparada e cheia de calor humano. A cor da pele ainda mais intensa em razão do vestido preto, o cabelo magnífico, totalmente por acaso.

(Grande coisa! E daí?)

— Eu o agredi com impropérios — confessou ela. Sua voz estava mais suave e mais profunda como nunca tinha ouvido antes. — Foi um erro enorme. — Olhou então para mim. Eu nunca vira seus olhos verdes tão plácidos. — Foi errado falar de suas outras crias como falei, comentar suas tragédias do passado distante com tanta brutalidade e intenção de ferir. Eu jamais deveria ter falado com ninguém com tanta insensibilidade, muito menos com você. Foi uma grosseria em termos morais e espirituais. E não é essa minha natureza. Por favor, acredite em mim quando digo isso. Não é minha natureza. Foi decididamente odioso.

Dei de ombros, mas por dentro fiquei impressionado. Ela até que se expressava bem.

— E então por que agiu daquele modo? — perguntei, fingindo desinteresse. Ela deu a impressão de estar pensando na resposta, período durante o qual Quinn a observava com óbvia preocupação.

— Você está apaixonado por Rowan — disse ela, então. — Eu vi. Isso realmente me deixou assustada, muito assustada.

Silêncio.

Uma dor inexprimível. Nenhuma imagem de Rowan em meu coração. Simplesmente um vazio, um reconhecimento de que ela estava longe, muito longe. Talvez para sempre. “Antes que se rompa o fio de prata ou se despedace o copo de ouro.”

— Assustada? — perguntei. — Como assim?

— Eu queria que você me amasse. Queria que você continuasse interessado por mim. Queria que ficasse ao meu lado. Eu... eu não queria que você fosse arrebatado por ela. — Mona hesitou. — Senti ciúme. Eu era como um presidiário que é solto da solitária depois de dois anos e, tendo encontrado tesouros ao meu redor, tive medo de perder tudo.

Novamente fiquei secretamente impressionado.

— Não havia risco algum — respondi. — Absolutamente nenhum.

— Mas sem dúvida você compreende — disse Quinn — o que significou para Mona ser inundada com nossos dons e incapaz de modular seus sentimentos. Lá estávamos nós naquele mesmo jardim nos fundos da casa de First Street, exatamente no lugar em que os corpos dos Taltos tinham sido enterrados.

— É — assentiu Mona. — Estávamos falando de coisas que me torturavam

havia anos e eu... eu...

— Mona, você precisa confiar em mim — disse eu. — Precisa confiar nos meus princípios. Esse é o nosso paradoxo. Nós não deixamos para trás a Lei Natural quando recebemos o Sangue. Somos criaturas providas de princípios. Nunca deixei de amar você, nem por um instante. O que quer que eu tenha sentido por Rowan na reunião da família de modo algum afetou meus sentimentos por você. Como poderia afetar? Eu lhe recomendei duas vezes que você tivesse paciência com sua família porque sabia que o certo era que você agisse assim. E, então, na terceira vez, tudo bem, exagerei um pouco na zombaria. Mas eu estava tentando coibir seus insultos e sua agressividade para com aqueles que você amava. Só que você não quis me dar ouvidos.

— Vou dar agora, juro — ela disse. Mais uma vez, a voz segura, uma voz que eu não tinha ouvido na noite anterior nem mais cedo naquela mesma noite. — Quinn me passou instruções por horas a fio. Ele me recomendou cautela quando tivesse de lidar com Rowan, Michael e Dolly Jean. E me disse que simplesmente não posso chamá-los de “seres humanos” bem na cara deles. Um vampiro fazer isso é falta de educação.

— É mesmo — concordei, fulminante. (Só pode ser brincadeira!)

— Ele me explicou que precisamos ter paciência com o jeito deles e agora eu percebo. E entendo por que Rowan precisou falar como falou. E que eu não tinha o direito de interrompê-la. Já entendi. Não vou mais fazer aquele tipo de comentário desastrado. Preciso encontrar minha maturidade no Sangue. — Ela fez uma pausa e prosseguiu: — Um lugar onde a serenidade e a cortesia se encontrem. É, é isso mesmo. E estou longe de chegar lá.

— Correto — disse eu. Examinei-a, a imagem que ela passava. Eu não estava totalmente convencido desse perfeito Ato de Contrição. E como seus pulsos tão pequenos estavam lindos nos punhos apertados do vestido preto. E naturalmente os sapatos, com seus saltos assassinos e tiras sinuosas como serpentes. Mas gostei das suas palavras: “Um lugar onde a serenidade e a cortesia se encontrem.” Gostei muito e eu sabia que as palavras provinham dela. Tudo o que Mona dissera vinha dela mesma, não importava o que Quinn lhe houvesse ensinado. Dava para eu saber só pelo jeito com que Quinn reagia a ela.

— Quanto ao vestido de lantejoulas — ela tirou-me de surpresa daquela linha de pensamento —, agora, eu entendo.

— Entende? — perguntei em tom neutro.

— É claro. — Ela deu de ombros. — Todos os homens ficam obviamente mais estimulados pelo que vêem do que as mulheres. E por que nós, o povo da noite, haveríamos de ser uma exceção? — Um lampejo de olhos verdes, enormes. Boca rosada. — Você não queria ser perturbado por toda aquela nudez e exibição de seios

e foi franco a respeito.

— Eu deveria ter manifestado meus desejos com mais tato e respeito — disse eu, sem alterar a voz. — Serei mais cavalheiresco no futuro.

— Não, não. — Sacudiu a cabeleira vermelha com sinceridade. — Todos nós sabíamos que o vestido era um lixo vistoso. Era o que deveria ser. Por isso eu o usei para ir ao terraço do hotel. Ele era abertamente sedutor. Foi por esse motivo que, quando entrei nesta casa, fui diretamente trocar de roupa para alguma coisa mais apresentável. Além do mais, você é o Criador. Foi essa a palavra que Quinn usou. O Criador ou o Senhor. O Mestre. E você tem a autoridade para me dizer: “Vá tirar esse vestido” e eu sabia do que você estava falando. Mas, veja bem, passei uma parte importante da minha vida doente. Quando menina mortal, nunca soube o que era usar um vestido como aquele. É que eu nunca fui mulher quando era mortal, você me entende.

Uma enorme tristeza me dominou.

— Simplesmente passei de criança para inválida — ela continuou. — E ainda por cima esse, esse leque de poderes que você me confiou. E o que eu fiz a não ser investir contra você porque achei que você... achei que você estava amando Rowan? — Parou, intrigada, com o olhar distante. — Acho que, com aquele vestido, eu queria lhe mostrar... que eu era uma mulher também... — disse ela, sonhadora. — Talvez tenha sido isso. Que eu era tão mulher quanto ela.

Essas palavras me atingiram na alma. Aquela alma que supostamente eu não possuía, a alma enredada.

— Irônico, não é? — disse ela, com a voz embargada pela emoção. — O que significa ser mulher? O poder de ser mãe, o poder de seduzir, o poder de deixar para trás esses dois aspectos, o poder de... — Ela fechou os olhos e murmurou: — E aquele vestido, um emblema tão insultuoso disso tudo!

— Não se aflija mais com isso. — Essa foi minha primeira manifestação carinhosa para com ela. — Você disse tudo logo da primeira vez, de verdade. Você disse.

Ela sabia. E olhou para mim.

— Piranha Ambiciosa — murmurou ela. — Foi disso que você me chamou. E estava certo. Eu estava embriagada com o poder. Estava girando a mil. Estava...

— Ai, não, não continue...

— E nós podemos transcender, somos tão abençoados, mesmo que seja uma bênção das trevas. Somos milagres, somos livres sob tantos aspectos maravilhosos...

— E minha tarefa — disse eu — orientá-la, instruí-la, permanecer ao seu lado, até você ser capaz de existir bem por sua própria conta, e não me descontrolar como me descontrolei. Eu errei. Recorri ao poder tanto quanto você, minha querida. Eu deveria ter tido muito mais paciência.

Silêncio. E essa tristeza também há de passar. Tem de passar.

— Mas você ama Rowan de verdade, não é mesmo? — perguntou ela. — Você realmente a ama.

— Aceite o que lhe estou dizendo. Sou um cara muito cruel. E estou sendo bonzinho.

— Ora, você não é nem um pouco cruel. — Ela soltou um risinho. Seu rosto entristecido se iluminou com um belo sorriso. — Eu simplesmente adoro você.

— Não, eu sou cruel — insisti. — E espero ser adorado. Lembre-se das suas próprias palavras. Sou o mestre.

— Mas por que você ama Rowan?

— Mona, não vamos nos aprofundar demais nisso — disse Quinn. — Acho que conseguimos uma enorme reconciliação aqui e agora Lestat não nos abandonará.

— Eu nunca iria embora — sussurrei. — Eu nunca abandonaria nenhum de vocês dois. Mas, agora que estamos reunidos, acho que podemos prosseguir. Tenho outros assuntos em mente.

Silêncio.

— É, devíamos prosseguir — repetiu Mona.

— Que outros assuntos? — perguntou Quinn, um pouco temeroso.

— Ontem à noite, falamos sobre uma certa busca. Fiz uma promessa. E pretendo cumpri-la. Mas preciso esclarecer alguns pontos... a respeito da busca e do que esperamos ganhar com ela.

— Certo — Quinn assentiu. — Não sei bem se entendo perfeitamente tudo acerca dos Taltos.

— É informação demais para conseguirmos entender — disse eu. — Tenho certeza de que Mona concorda comigo.

Vi a perturbação voltar ao seu rosto brilhante, o franzir das sobrancelhas, a leve tensão dos lábios. Mas, mesmo nestes gestos simples, percebi uma nova maturidade, uma nova segurança.

— Tenho algumas perguntas... — comentei.

— Está bem — disse Mona. — Vou tentar responder. Refleti um pouco e então mergulhei de cabeça.

— Você tem certeza absoluta de que quer mesmo encontrar essas criaturas? — Ah, eu preciso encontrar Morrigan, isso você sabe! Lestat, como você poderia... você disse que...?

— Vou reformular a pergunta. — Levantei a mão. — Não importa o que você tenha dito no passado. Agora que você teve tempo para pensar... para se acostumar ao que você é, agora que sabe que Rowan e Michael não estavam mentindo para você, que você realmente sabe tudo e que não há nada a saber... você quer continuar a procurar Morrigan simplesmente para saber se ela está sã e salva ou para se

revelar a ela numa verdadeira reunião?

— É, essa é a questão essencial — disse Quinn. — Qual é o motivo?

— Bem, é óbvio que é para uma verdadeira reunião — respondeu Mona sem hesitar. — Nunca pensei em outra possibilidade. — Ela estava desnorreada. — Eu... eu jamais cogitei de apenas saber se ela estava bem. Sempre... sempre achei que ficaríamos juntas. Quero tanto abraçá-la, segurá-la... — Sua dor era tanta que o rosto perdeu toda a expressão. E ela se calou.

— Você se dá conta — perguntei com o máximo de tato possível — de que, se ela quisesse essa reunião, teria voltado para você há muito tempo?

Certamente esses pensamentos teriam lhe ocorrido antes. Deveriam ter ocorrido. No entanto, agora enquanto eu a observava, tive minhas dúvidas. Talvez ela houvesse se agarrado a fantasias e mentiras: que Rowan tinha conhecimento do paradeiro de Morrigan e o mantinha em segredo; que Rowan lhe administrara o leite mágico e ele não havia surtido efeito.

Independentemente de qual fosse o caso, Mona agora estava abalada. Profundamente abalada.

— Pode ser que ela não tenha conseguido vir me procurar — murmurou Mona. — Pode ser que Ash Templeton não a tenha permitido. — Ela abanou a cabeça e levou as mãos à testa. — Não sei que tipo de criatura ele é! Naturalmente, Michael e Rowan acharam que Ash era um... herói, um grande observador dos séculos, sábio e onisciente. Mas e se... Não sei. Eu quero vê-la. Quero conversar com ela. Quero ouvir o que ela tem a dizer, o que deseja, você não entende? Por que ela não veio me ver todos esses anos, por que nem mesmo... Lasher, ele era cruel, mas, no fundo, era uma aberração, um... — Ela cobriu a boca com a mão direita, os dedos tremiam. Quinn estava fora de si. Não suportava vê-la tão infeliz.

— Mona, você não pode dar o Sangue para ela — disse eu, com delicadeza. — Não importa as circunstâncias em que ela se encontre. O Sangue não pode ser passado para essa espécie de criatura. Ela é desconhecida demais para nós sequer cogitarmos uma coisa dessas. É muito provável que o Sangue não possa ser transmitido para eles. Mas, mesmo que isso fosse possível, nós não podemos criar uma nova espécie de Imortal. Acredite em mim quando digo que existem seres antiqüíssimos da nossa natureza que jamais tolerariam que uma coisa dessas acontecesse.

— Ah, eu sei. Não foi isso que pedi. Eu não iria... — Ela se calou, obviamente impossibilitada de falar.

— Você quer saber se ela está viva e bem — disse Quinn, no mais suave dos tons. — Você não diria que isso é crucial? Mona fez que sim, com o olhar distante.

— É... que existe em algum lugar uma comunidade deles e que eles são felizes. — Mona franziu o cenho. Lutava contra a dor. Respirou fundo, com o rosto se



avermelhando. — Não é muito provável, não é mesmo? — Ela olhou para mim.

— Não, não é provável — concordei. — Era isso o que Rowan e Michael estavam tentando nos dizer.

— Então, eu preciso saber o que aconteceu com eles! — murmurou, determinada. — Preciso!

— Vou descobrir — disse eu. — Você está mesmo falando sério?

— Estou. Eu não lhe faria uma promessa semelhante se não pretendesse cumpri-la. Vou descobrir o que houve e, se eles tiverem sobrevivido, se tiverem uma comunidade em algum lugar, você então poderá decidir se quer ou não quer ir se encontrar com eles. No entanto, uma vez que ocorra esse encontro, eles saberão tudo sobre você, sobre o que você é, tudo. Quer dizer, isso se eles possuírem os poderes que Rowan lhes atribuiu.

— Ah, eles têm esses poderes, sim. — Mona fechou os olhos. Ela respirou fundo, cheia de dor. — É horrível eu admitir isso, mas tudo o que Dolly Jean disse era verdade. Não posso negar. Não posso esconder de você e de Quinn a verdade. Não posso. Morrigan era... quase insuportável.

— Como assim, insuportável? — perguntou Quinn.

Percebi que essa admissão era radical. O que ela dissera antes era exatamente o contrário.

Mona jogou o cabelo para trás, com os olhos passeando pelo teto. Estava encarando um fato que sempre havia negado.

— Obsessiva, incessante, enlouquecedora! Ela simplesmente não parava de falar a respeito de suas máquinas, planos, sonhos e recordações. E ela disse mesmo que os Mayfairs se transformariam numa família de Taltos. E, uma vez que captou o cheiro do Taltos macho em Rowan e Michael, ela se tornou absolutamente intolerável. — Mona fechou os olhos. — A idéia de uma comunidade de criaturas desse tipo é algo quase além da minha imaginação. Esse velho, Ash Templeton, o que Rowan e Michael conheceram... ele havia aprendido a fingir que era humano, aprendeu isso séculos atrás. Essa é a questão. Essas criaturas podem viver indefinidamente! São imortais! A espécie é totalmente incompatível com a espécie humana. Morrigan era jovem e inexperiente. — Ela olhou para mim, como que implorando.

— Vá mais devagar. — Eu nunca a vira sofrer tanto. Em todas as suas crises de choro, havia uma generosidade e um altruísmo que as tornavam plenas de desafios. Quanto à sua raiva, ela decididamente apreciava o sentimento! Mas, agora, estava num tormento verdadeiro.

— É como eu, você não percebe? — disse ela. — Morrigan era um Taltos recém-nascido. E eu sou uma recém-nascida como Filha do Sangue ou não importa como você queira me chamar. E nós temos os mesmos defeitos. Ela era incontrollável

e colidia com tudo o que estivesse por perto! E foi assim que eu me comportei, falando enfurecida com você sobre suas confissões escritas, eu... ela... presumindo, pressupondo, até mesmo correndo para o computador como ela corria, registrando minhas reações como ela registrava e falando sem parar como ela fazia; mas Morrigan, ela nunca parava. Ela... eu... ela... Não sei. — As lágrimas vieram e ela não pôde continuar. — Ai, meu Deus do Céu, qual é o segredo sórdido por trás de tudo isso? — murmurou ela. — Qual é? Qual será?

A expressão de Quinn estava dilacerada.

— Eu sei o segredo — disse eu. — Mona, você a detestava tanto quanto a amava. Como seria possível que isso não ocorresse? Aceite esse fato. E agora você precisa saber o que aconteceu com ela.

Ela fez que sim, vigorosamente, mas não conseguia falar. Também não conseguia olhar para mim.

— E em tudo isso precisamos nos portar com enorme cuidado — continuei — nessa busca pelos Taltos, mas juro mais uma vez que a empreenderemos. E eu hei de encontrá-los ou descobrir o que houve com eles.

Silêncio.

Finalmente ela olhou para mim.

Estava dominada por uma imobilidade entristecida. Não estava tentando me encarar até eu desistir. Creio que nem mesmo percebeu que eu retribuía seu olhar. Ficou me olhando por um período extremamente longo e seu rosto se tornou suave, generoso e terno.

— Nunca mais serei cruel com você — disse ela.

— Acredito em você — assenti. — Arrumei um lugar para você no meu coração desde o primeiro instante em que a vi.

Quinn estava ali sentado, com o olhar fixo e paciente, o espelho redondo atrás de sua cabeça como uma enorme auréola.

— Você realmente me ama de verdade — ela afirmou.

— Amo — confirmei.

— O que posso fazer para provar que o amo? — perguntou ela.

— Não precisa fazer nada — disse eu, depois de pensar por um bom tempo, com a mente fechada para ela e para Quinn. — Mas há um pequeno favor que eu poderia lhe pedir.

— Qualquer coisa.

— Nunca mais mencione meu amor por Rowan.

Ela fixou em mim os olhos tão cheios de angústia, que eu mal consegui suportar:

— Só mais uma vez, para dizer o seguinte: Rowan caminha com Deus. E o Centro Médico Mayfair é sua montanha sagrada.

— É — disse eu com um suspiro. — Você está perfeitamente correta. E nunca pense que eu não sei disso.

## CAPÍTULO 24



Uma hora antes de surgir a primeira claridade. Mona e Quinn já tinham se recolhido ao quarto de Quinn. Confirmou-se que eu ocuparia o quarto de tia Queen sempre que visitasse a Fazenda Blackwood. Quanto a Jasmine, ela estava tão grata por eu ter conseguido livrar todos do fantasma de Patsy, que me considerava infalível e se sentiu felicíssima com o arranjo.

Eu ocupar aquele quarto era um pecado! Mas ocupei. E Jasmine já fechara as cortinas que tia Queen usava durante o dia para impedir a entrada do sol, arrumara as cobertas e enfiara debaixo do travesseiro um exemplar de *A* velha loja de curiosidades de Dickens, como Quinn a havia instruído.

Chega disso tudo.

Eu estava sozinho no pequeno cemitério da Fazenda Blackwood. Eu gostava de estar só? Não, detestava. Mas o cemitério me atraía, como eles sempre me atraem.

Invoquei Maharet, como fizera mais cedo naquela mesma noite. Nem mesmo sabia se era noite no lugar onde ela se encontrava. Sabia apenas que ela estava muito longe e que eu precisava dela. Mais uma vez, expus com toda a minha força a história das crianças altas e dos jovens que eu não podia chamar pelo nome. Disse o quanto eu precisava da sabedoria e da orientação de Maharet.

À medida que a aurora se avizinhava dos céus úmidos da Louisiana, senti um vago pressentimento. Encontrar os Taltos sozinho? É, eu poderia fazer isso. Mas o que aconteceria?

Estava prestes a me recolher, para poder apreciar o processo de adormecer em vez de me apagar de uma vez como uma lâmpada elétrica que se quebra, quando ouvi um carro virar a esquina da entrada de automóveis orlada por nogueiras-pecãs e seguir com firmeza e confiança para a frente da casa.

Quando subi na parte mais alta do gramado, vi que era um carro esporte antigo, um venerável MG TD inglês, um desses automóveis irresistíveis que não se vêem mais, a não ser em exposições de carros. Bem baixo, junto do chão, no verde dos tradicionais carros de corridas britânicos, a capota dobrável de lona, repleta de dobras. E a pessoa que o fez estacionar era Stirling Oliver.

Por ser dotado de uma telepatia apenas ligeiramente inferior à de uma cria de vampiro, ele me viu imediatamente e nós nos aproximamos para os cumprimentos.

A luz da manhã ainda estava muito abaixo do horizonte.

— Achei que você tivesse me prometido manter-se longe desta casa — disse eu — e deixar Quinn em paz.

— E eu cumpri essa promessa. Estou aqui por sua causa e, se não o tivesse encontrado, o que me parecia improvável, eu teria dado isto aqui a Jasmine.

Ele tirou do paletó de linho uma única folha dobrada, na qual alguém tinha escrito meu nome.

— E o que é isso? — perguntei.

— Um e-mail que recebi para você, aos meus cuidados, há uma hora. Chegou de Londres. Estou na estrada desde então para trazê-lo às suas mãos.

— Então, isso quer dizer que você o leu? — Tomei-o pelo braço. — Vamos para dentro de casa.

Subimos pela escada da frente. A porta nunca estava trancada. E parecia que as lâmpadas no salão nunca eram desligadas. Sentei-me no sofá. — Você leu ou não? — perguntei, olhando fixamente para o papel.

— Li. Teria sido difícil evitar isso. A mensagem também foi lida por nosso homem em Londres, que a enviou para mim. Ele não sabe de onde ela se originou e realmente não sabe o que significa. Fiz com que se comprometesse a um sigilo absoluto.

— Por que estou com medo de abri-la? — perguntei, enquanto desdobrava a folha.

Para: Lestat de Lioncourt

Nova Orleans, Louisiana

a/c Stirling Oliver

Talamasca

Entregar em mão, sem demora

Meu querido incansável,

Se a necessidade for absoluta: uma ilha particular, St. Ponticus, a sudeste do Haiti, no passado um balneário, aparentemente assumido há seis anos por aqueles a quem você procura. Porto, pista de pouso, heliporto, hotel, casas de praia fechadas ao público. População dos que você procura numerosa no passado, cautelosa, misteriosa. Forte presença humana desde o início. Estado atual extremamente obscuro. Percebo conflito, perigo, atividade rápida e confusa. Aproxime-se com cuidado pela costa leste, sem benfeitorias. Proteja suas crias. Avalie a prudência de intervir se por acaso for possível. Pondere a questão da inevitabilidade. Situação aparentemente confinada ao local. E s'il vous plaît, Monsieur, dedique o tempo

necessário para aprender a usar o e-mail! Suas duas crias possuem esse conhecimento! Que vergonha! Tenha certeza do meu amor e do amor dos que estão aqui.

M.

Fiquei pasmo e li a carta mais uma vez.

— E isso aqui, todas essas informações confusas, é desse modo que posso alcançá-la pelo e-mail? — perguntei, indicando os outros dados contidos na folha.

— Isso mesmo — disse Stirling. — E você pode entrar em contato com ela instantaneamente. Mostre essa mensagem a Mona ou a Quinn. Dite sua resposta a um deles. Eles a enviarão.

— Mas por que ela deixaria transparecer sua localização com tanta facilidade?

— Ela não deixou transparecer nada. Tudo o que você está vendo é o nome que ela usa. E é provável que a mensagem tenha sido retransmitida por diversos pontos. Pode acreditar em mim, ela é esperta o suficiente para não deixar rastros.

— Não precisa me dizer como ela é esperta. Mas imagino que eu deverei fazer essa pergunta, não é mesmo?

Eu ainda estava estupefato. Segurava na mão uma resposta à minha comunicação telepática da maior seriedade.

Ele me entregou um mapa, que havia dobrado até mostrar o setor apropriado, com um círculo em torno da ilha. Imediatamente guardei-o na memória.

— Por que acha que ela enviou essa mensagem através de vocês? — perguntei.

— Por conveniência, é evidente. Ela colheu as informações. Quis que você recebesse um resumo exato. Além disso, sua escolha demonstra uma espécie de confiança em nós. Ela está reconhecendo que a Talamasca não é inimiga sua, nem dela.

— Sem dúvida, é verdade — assenti. — Mas o que ela pode querer dizer com toda essa história de intervenção e inevitabilidade?

— Lestat, peço que me perdoe, mas está óbvio. Ela está lhe pedindo que não se envolva em algo em que forças darwinianas possam estar em atuação. E ela está lhe dizendo que acontecimentos dramáticos estão se desenrolando numa ilha isolada, onde o mundo talvez nada perceba.

— Não foi isso o que ela disse. Ela disse que não sabia ao certo o que estava acontecendo por lá. Essa mensagem é extremamente provocante. Bem, pelo menos, para mim. Acho que não vai causar a mesma impressão em Mona.

— As duas interpretações estão corretas — ele suspirou. — O que você vai fazer?

— Vou lá, meu velho, o que você achava? — disse eu, deliciado. — Mal posso esperar. Quer dizer, sou forçado a esperar. Mas parto para lá assim que o sol se

puser.

Dobrei a carta e a guardei dentro do paletó. Fiz o mesmo com o mapa.

— Amanhã ensino a Mona nosso dom mais assustador. Andei postergando esse momento... não queria sobrecarregá-la. Quinn e eu podemos levá-la até a ilha em menos de meia hora.

— Vai precisar ensinar-lhe mais do que a arte de voar — disse Stirling. — Os Taltos talvez sejam muito mais fortes do que você imagina.

— Sob que aspecto específico? Ele pensou por um bom tempo.

— Você conheceu humanos com a capacidade telecinética de matar.

— Conheci. Você está falando de Rowan. Não precisa ser tão cauteloso comigo, Stirling. Já procurei sua hospitalidade. Na casa de First Street nós nos sentamos juntos em volta de uma mesa. Para mim, isso se assemelha ao costume humano de compartilhar o pão. E agora veio esse e-mail de Maharet. Enfim, aonde você está querendo chegar?

— Que o poder de Rowan, por formidável que seja, não funcionou para ela com Lasher. Por isso, ele conseguiu abusar dela e mantê-la prisioneira. Os Taltos são simplesmente fortes, resistentes e flexíveis demais.

— É bom lembrar isso, mas sem dúvida você não imagina que essas criaturas tenham condições de me enfrentar. Você não faz idéia da máquina maligna que se esconde por trás desta minha bela aparência. Não se preocupe. Mas vou dedicar algum tempo à descoberta das plenas habilidades de Mona. A força que ela possui é incalculável. Passamos tanto tempo atentos ao seu estado de espírito que não desenvolvemos aqueles talentos. Obrigado por vir trazer isso. Agora preciso lhe dizer au revoir. Por que não fica um pouco por aqui? Estou sentindo o cheiro de bacon fritando na cozinha.

— Tenha cuidado — disse ele. — Adoro vocês, todos vocês. Enquanto não tiver notícias suas, ficarei ansioso por sua causa.

Dirigi-me então para o quarto de tia Queen.

Grande Ramona, de uniforme preto de algodão, com avental branco, veio a toda a velocidade pelo corredor.

—Você não ofereceu um café àquele inglês? Bastava uma palavra na cozinha, Lestat. Você já é de casa o suficiente para fazer isso. Não vá embora, sr. Oliver! Não está sentindo o cheiro do café fresquinho? Vá se sentar agora mesmo. Não vai sair daqui sem comer canjica, biscoito e ovo mexido. Já estou com bacon e presunto no fogão. E Lestat, não quero saber de ninguém espalhando lama por todo o quarto de tia Queen. Quando você vai lá fora, é para procurar lama? Você é pior do que Quinn. Trate de tirar essas botas agora e Allen vai engraxá-las de novo. Mas não posso deixar de reconhecer, quatro da manhã, e o fantasma de Patsy não veio! E eu tive um sonho não faz meia hora, Patsy está no Paraíso.

— Eh bien, Madame — disse eu, bem alto, imediatamente ficando só de meias e dispondo as botas em perfeita simetria, uma ao lado da outra, do lado de fora da porta do quarto. — Nunca minhas botas receberam tanto carinho e atenção. Sabe de uma coisa? Isso é que é vida.

— E é mesmo — gritou ela para trás. — Precisava ter visto aquela garota, toda vestida num traje de caubói de couro cor-de-rosa, cantando “Gloria in Excelsis Deo!”.

Fiquei petrificado. Você viu isso?!

Entrei no quarto, tranquei bem a porta, examinando a cama convidativa, mergulhei nela e puxei as cobertas até por cima da cabeça. Chega. Chega! Travesseiros de plumas, sim. Que venha logo o total Esquecimento!

Uma cutucada nas minhas costas e eu rolei na cama.

Julien, deitado de lado sobre um cotovelo, camisa de flanela branca. Cara a cara comigo.

— Dormez bien, mon frère.

— Sabe o que vai acontecer se você continuar com essas gracinhas? — perguntei.

— O quê? — retrucou ele, sardônico. — Você vai se apaixonar por mim.



## CAPÍTULO 25



Quarto de Quinn. Conférence extraordinaire. Mona ficou histérica de tanta alegria com a mensagem de Maharet. E, com minha permissão, pelo computador de Quinn mandou uma resposta imediata por e-mail, que de algum modo acabou se alongando por duas páginas, quando assumi o teclado a certa altura para delinear minha intenção de ir imediatamente até a ilha com minhas crias para verificar o que ocorrera com os Taltos. Mona se despediu com seu “apelido” de Ofélia Imortal, mas não antes de incluir o nome de Quinn: Nobre Abelardo.

Mal a mensagem havia seguido graças à magia da eletrônica, já estávamos trabalhando rápido para nos certificar de que Mona tinha o poder de acender velas com a força da mente, além de atear fogo aos gravetos na lareira, bem como à lenha, e conseguia levitar até o teto sem absolutamente esforço algum.

Calculei ser muito provável que ela fizesse viagens de extensão considerável pelo ar, mas não tínhamos tempo para fazer testes naquele momento. Quanto ao poder telecinético de empurrar, ela era muito forte sob esse aspecto, sendo capaz de me empurrar até eu ficar de costas contra a parede, se eu não oferecesse resistência. E Quinn possuía o mesmo poder, mas mais uma vez não tínhamos como realizar testes com a máxima força com resistência. Não tínhamos cobaias. Manifestei minha suspeita de que eles pudessem matar um mortal facilmente com esse poder, destruindo o coração e os vasos que o alimentavam dentro do corpo do agressor sem nenhuma dificuldade.

— Vocês visualizam, enviam o comando, o sustentam com a plena força da sua vontade. Vocês vão sentir quando ele sair de vocês.

Em última análise, Mona e Quinn somente haveriam de aprender a plena extensão dos seus poderes se a situação na ilha envolvesse algum perigo real. Se não conseguissem se defender sozinhos com total sucesso contra forças hostis, ainda poderiam escapar com sua destreza e velocidade sobrenaturais e eu poderia facilmente me encarregar dos adversários.

Agora, quanto às roupas, meu instinto prevaleceu.

Eu tinha uma pequena teoria sobre o que poderíamos encontrar na ilha. Rejeitei

de cara a idéia das roupas de safári de tia Queen para Mona e do traje de caça de Quinn. Deixem para lá a selva e o extremo leste da ilha.

— Qual é o terno mais espalhafatoso e mais bonito que você tem? — perguntei a Quinn, enquanto remexia em todos os closets de tia Queen.

— Bem, acho que é o terno de lamê dourado que mandei fazer para a festa de Halloween. É um terno lindo, com colete, bot...

— Vista com ele a camisa social mais charmosa que encontrar e uma gravata de lantejoulas, se você tiver uma.

Finalmente, tirei das perfeitas fileiras de tia Queen a roupa exata: um vestido preto de cetim, de cintura marcada, com um profundo decote em vê, sem mangas, de comprimento até os joelhos, com plumas negras de avestruz aplicadas ao longo da frente e em toda a bainha. Só uma mulher espetacular conseguiria usar uma roupa daquelas. Arranquei a etiqueta antiga com o preço e o presenteei à minha princesa.

— Pronto, menina. E aqui estão os sapatos pretos cobertos de lantejoulas para combinar. (Saltos de dez centímetros, profusão de strass.) Pé na estrada.

— É assim que saímos para surpreender pessoas que estão caçando numa ilha do Caribe? — Estava adorando o traje. Começou a se trocar imediatamente.

Fui até a penteadeira.

Quinn acabava de voltar no brilhante terno dourado. Como todos os ternos de Quinn, era de um corte perfeito. O rapaz simplesmente não usava nada que não fosse de confecção primorosa. E a verdade era que ele havia encontrado uma camisa de cetim e uma gravata de lantejoulas lilás claro. Estava delicioso.

— E pérolas? Posso pôr um monte nela? — perguntei.

— Claro que sim — respondeu ele. Começou a trabalhar passando um colar atrás do outro pela cabeça de Mona. Tudo o que se via era a opulência, entre as plumas negras trêmulas, os bracinhos arredondados, muito lisos, e as pernas de tirar a respiração por baixo da saia curta.

Ela sacudiu a cabeleira emaranhada.

— Não estou entendendo. Nós não deveríamos ser cuidadosos e furtivos? Não deveríamos seguir pelo meio da selva?

— É o que vamos fazer — disse eu. — Mas não somos mortais, meu amorzinho. Somos vampiros. Você, querida, pode tirar a selva do caminho com o poder do pensamento. E, se você se deparar com caras hostis, esta é a armadura perfeita.

(Quanto a mim, amado leitor, permita-me lembrar-lhe que estou usando um terno de couro preto extremamente macio, com colete, gola rulê roxa e as botas mais reluzentes de toda a Cristandade.)

E lá fomos nós tentar descobrir a ilha de St. Ponticus.

Carreguei Mona comigo enquanto subia, procurando tranquilizá-la na medida do

possível e insistindo com ela, tanto quanto pude, para que usasse seu próprio poder. E Quinn viajava sozinho ao nosso lado, sendo exímio nesse dom mesmo sem ter feito uso dele desde seu Batismo no Sangue.

Em menos de dez minutos, Mona estava tanto com as pernas como os braços enrolados em mim, tamanho era seu pavor. Mas não importava. Ela conseguia resistir e estava aprendendo. Além disso, eu a segurava com firmeza e não cedi ao impulso de provocá-la, soltando-a para segurá-la apenas com uma das mãos (riso abafado, os homens são mesmo uns animais). E nos dirigíamos para as águas encapeladas e cintilantes do Mar das Caraíbas, atualmente conhecido como o Caribe.

Quando avistei a ilha procurada, desci veloz até observar a topografia que Maharet tinha descrito. Se chegasse mais perto, a gravidade teria me atingido.

O elemento decisivo foi a pista de pouso com o nome “St. Ponticus” pintado em letras enormes. Talvez desbotadas para um olho humano, mas nós conseguimos lê-las. Havia um pequeno avião Cessna estacionado numa pista e havia outra pista muito longa e vazia, adequada para o pouso de um jato.

Quando verifiquei tudo isso, voltei a subir para avaliar a ilha como um todo, antes de me aproximar dos prédios.

A ilha era oval. O balneário cobria a costa sul e sudoeste em forma de meia-lua, com uma enorme faixa de praia, e o resto da ilha consistia em selva com penhascos rochosos, aparentemente sem nenhuma benfeitoria.

Voltei a voar baixo. Estava claro que a ilha dispunha de eletricidade à vontade.

Uma imensa mansão dominava a paisagem, de frente para a praia mais profunda a sudoeste, com vastas alas à direita e à esquerda e cinco andares de janelas com sacadas espaçosas. Seus amplos terraços levavam direto à areia e os apartamentos no andar térreo tinham pátios particulares, que incluíam piscinas semelhantes a pedras preciosas, com muros baixos e portões que davam para a praia.

No lado oeste, havia uma piscina gigantesca que rebrilhava com a iluminação subaquática e, a oeste dela, quadras de tênis desertas.

Um empreendimento e tanto. E a leste, um pouco afastado, havia um enorme prédio de serviços, com um restaurante anexo. Consegui identificá-lo pelo bar ao ar livre, pelos bancos e mesas espalhadas, embora ninguém o estivesse usando.

Depois, vinha o porto, ou marina, como tenho certeza de que preferiam dizer, com um enorme e luxuoso iate branco atracado e muitos barcos menores presos ao cais com amarras. Mais além, um heliporto com o que me pareceu ser um helicóptero gigantesco.

Por último, e a maior distância da mansão, ficava a pista de pouso com as letras desbotadas.

Via-se na ilha a movimentação de criaturinhas atarefadas, carregando o que

parecia ser caixotes brancos entre o iate e o pequeno avião.

— Olhe lá para baixo — murmurei para Mona — e use seus dons vampíricos. Que tipo de gente é aquela?

— Não são Taltos — sussurrou ela no meu ouvido.

— Pode apostar que não são — assenti.

— Estão portando armas automáticas — disse ela no meu ouvido. — E usam cinturões com coldres.

— Você tem razão. E com toda a probabilidade têm facas nas botas. São caça livre, está me entendendo. São piratas, traficantes, imundos.

Alguns dos homens usavam lenços coloridos em volta da testa. Todos usavam jeans. As características raciais variavam. O cheiro de sangue subiu pelas minhas narinas. Eu estava faminto.

— Um banquete e tanto! — ela comentou. — Mas como vamos proceder? E o que eles fizeram com os Taltos?!

Tive a impressão de que meu coração disparava. Eu deveria me sentir envergonhado. A cada segundo, minha excitação aumentava.

Voltei às alturas com ela e fui na direção da selva na costa leste, como Maharet me recomendara. A ilha como um todo não era muito grande. Teria sido possível atravessá-la a pé, mesmo levando em consideração as elevações montanhosas, em cerca de duas horas. Mas, na realidade, era uma larga extensão de selva.

Chegamos à base de um penhasco assombroso, onde havia uma pequena tira de praia, só o suficiente para nos reunirmos. Lindo e entediante.

Esquadrinhei a selva ao redor de nós. Não captei nada que fosse claro. Mas a mera densidade da floresta, os sons de todos os pequenos animais, tudo isso me incomodou. Era um esconderijo perfeito, aquela selva.

De longe, procurei escutar a voz dos traficantes. Atividade de telefones. Alguma música. Deixei minha escuta se intensificar. Era tudo sobre manobras com drogas. O iate trouxera um carregamento. A mercadoria iria sair agora no avião e no helicóptero. A transferência da carga estava quase terminada. Um caos de vozes. Uma festa em andamento num dos aposentos da mansão, talvez em outros aposentos também.

Mona estava muito abalada.

— E se eles mataram todos eles? — gritou ela. — E se eles dominaram a ilha inteira?

— E se eles estiverem trabalhando para os Taltos? — propôs Quinn. — E se for assim que os Taltos se sustentam?

— Não posso acreditar nisso — disse Mona. — Além do mais, Ash Templeton tinha uma fortuna. Ele não precisaria de ninguém para ajudá-lo a ganhar mais dinheiro. Ele não teria feito uma coisa dessas. Se precisasse de ajuda, teria entrado

em contato com Rowan e Michael. — Ela estava ficando histérica rápido demais.

— Controle-se, Mona — ordenei. — As informações estão a cinco minutos de nós. Quanto ao conselho de Maharet, vou desrespeitá-lo. Vou direto para a outra ponta da ilha. Vocês podem seguir pelo meio da selva na direção dos fundos do prédio, se quiserem, mas eu quero entrar pela porta da frente. Meu sangue está quente demais para esperar. Vocês estão me entendendo?

— Você não vai nos largar aqui — disse Mona, agarrada a Quinn. — Podemos acompanhá-lo?

— Era o que eu tinha em mente. Quinn hesitava nitidamente:

— Por mim, nós devemos fazer o que Maharet recomendou.

— Ora, Irmãozinho, vamos entrar em ação. Em termos morais, a vantagem é nossa.

Pousamos bem em frente à torre de controle do aeroporto. Vazia. Demos a volta, andando sem pressa até que chegamos à pista enorme, onde os burros de carga das drogas estavam acabando de encerrar o trabalho no pequeno avião.

Não se poderiam imaginar criaturas de aparência mais perigosa do que esse trio, de jeans e camiseta recortada, com facas visíveis no cinto, revólveres enfiados na cintura além das grandes armas automáticas a tiracolo sobre os ombros musculosos e sem gordura.

Quando aconteceu de nos virem, eles deram um cumprimento de cabeça e olharam para o outro lado, educadamente. Nossos trajes os ofuscavam totalmente. A suposição óbvia era a de que éramos hóspedes. Não era prudente ficar olhando para nós.

Chegou então o piloto, num passo descansado, mas com o mesmo nível de crueldade, muito queimado de sol, uma passa humana, armado até os dentes mas usando um boné sujo em vez de um lenço na cabeça.

Todos falavam rápido e com um pouco de hostilidade uns com os outros em espanhol, um grupo rancoroso e encrespado, no todo. Não tinham posto excesso de carga no avião? Alguma coisa havia sido surrupiada? Por que demoraram tanto? Captei a ganância, a impaciência e a desconfiança geral. Absolutamente nada sobre as crianças altas que moravam naquele lugar antes.

O piloto olhou para nós de relance, nos avaliou dos pés à cabeça, balançou a cabeça e voltou à conversa com os três.

— Agora eu entendi — disse Mona, baixinho, referindo-se às roupas. Fiz que sim.

Atravessei a distância que nos separava, desconsiderando o apelo desesperado de Mona para que eu não o fizesse.

— E então, onde está o patrão? — perguntei.

— Cara, se você não sabe, como é que eu ia saber? — retrucou o piloto. Cara

de poucos amigos. Olhos pretos, sem expressão. — Já estou fora do horário. Não me atrapalhe.

— Vocês vão para onde? — perguntei.

— Melhor perguntar isso ao Rodrigo. De qualquer modo, vocês não deveriam estar por aqui. Voltem para a mansão.

Rodrigo.

Agarrei-o, de repente, afastando-o dos outros, finquei os dentes, procurei rápido o sangue e o suguei: Onde estão os seres altos, os que moravam aqui primeiro? Não sabe de nada. Opa, um delicioso fluxo de sangue para meu cérebro e meus olhos. Flutuando por um segundo. Coração estourado. Joguei-o na pista, morto, com os olhos fixos em mim, última respiração passando pela boca morta.

O trio de bandidos estava ali petrificado e então tentou fugir correndo. Agarrei um pelo braço e o segurei.

Os dois que sobraram, Mona e Quinn apanharam, procurando rapidamente o sangue. Por um segundo, Mona se viu envolvida numa luta. O bandido procurava justamente a faca, mas ela não o largou, atirou longe a arma e finalmente o subjugou, usando mais a calma do que sua força inata.

Quinn foi ágil, silencioso e perfeito.

— Fale-me de Rodrigo — disse eu ao homem que eu segurava indefeso pelo pescoço, com meus dedos a apertá-lo cada vez mais. Puxei-o mais para perto e finquei os dentes. Quem está nesta ilha? O patrão, a mãe dele, as mulheres, isso aqui é o refúgio dele. Ele vai cortar você em pedaços... O coração e o sangue pararam de repente. Para mim, a coisa chegara ao nível do insuportável.

O sangue novo subiu aos meus olhos, energizou meu cérebro. Eu o saboreei, saboreei o formigamento nos meus braços e pernas. O sumo da batalha.

— São podres. Fizeram coisas abomináveis. — Foi a citação que fiz com um suspiro quando nos reunimos de novo. Quinn estava atordoado com o alimento. Mona oscilava, tonta.

— Eles estão aqui há mais de um ano! — murmurou ela. — Foi tudo o que consegui descobrir. Mas, em nome de Deus, onde estará Morrigan?

Passamos pelo heliporto e pelo prédio adjacente. Eram dois ali dentro, pausa para café antes da decolagem. Mesma compleição, braços muito musculosos, jeans baixos nos quadris, olhando para mim calmamente, com suas xícaras fumegantes.

Fui tranqüilamente até a mesa. Mona e Quinn, à porta, do lado de dentro. Sentei-me.

— Vocês sabem do que estou falando. Um pessoal alto, os donos deste lugar antes que Rodrigo assumisse o controle. O que aconteceu com eles?

O mais baixo dos dois deu de ombros e sorriu.

— E você acha que eu sei? Cheguei aqui pela primeira vez na semana passada.

É assim que Rodrigo trabalha. Pergunte a ele. — Virou-se e deu uma boa olhada em Mona. Depois, olhou de novo para mim com um sorriso sinistro.

O mais alto dos dois encolheu os ombros.

— Façam suas preces — disse eu.

Depois dessa pequena escaramuça fatal, nos encaminhamos para o grande prédio do restaurante, que estava aparentemente vazio e todo iluminado, os bancos do bar abandonados lá fora, debaixo do telhado de sapê, e as mesas espalhadas no terraço de cerâmica cor-de-rosa.

Cozinha de aço inoxidável, iluminação ofuscante, equipamentos que roncavam, gemiam, chocalhavam. Cheiro de sabão e desinfetantes com perfume de pinho. Balcões cobertos de bandejas com pratos sujos, fedor de comida estragada. Gigantesca máquina de lavar pratos funcionando.

— Vamos adiante — disse eu. — Não há vida aqui.

Avançamos na direção do enorme palácio.

Precisamos passar pelas suítes do térreo com suas piscinas particulares e aqui as lâmpadas do interior estavam acesas e havia conversa e risos.

Captei o som da Bossa Nova vindo de algum ponto nas profundezas da parte principal do prédio, uma música suave, sedutora, que vinha pulsando sobre as areias varridas pela brisa.

No escuro, do outro lado dos muros baixos das suítes, não éramos visíveis enquanto passávamos, examinando um quarto após o outro. Eram todos capangas ligados à droga, que funcionavam como criados, guarda-costas, assassinos contratados que não faziam perguntas, não importava o que o patrão quisesse, olhos grudados aos televisores gigantesco, batendo papo em celulares ou até mesmo de molho até a cintura nas piscinas. Paredes azuis. Móveis de bambu. Os quartos eram lixeiras, revistas eróticas, garrafas de tequila, latas de cerveja, batatas fritas esparramadas, caindo de saquinhos e tigelas.

Procuramos desesperadamente por algum conhecimento da gente alta. Nossos esforços foram em vão.

Meu impulso foi o de matar todos eles. “Desgarraram-se todos e tornaram-se imundos, e não há quem faça o bem, não há um só!”, diz o Salmo 14. Mas quem sou eu, São Juan Diego, para dar um destino desses a essas criaturas que poderiam em algum futuro distante se arrepender e tornar-se santos do Senhor nos Céus?

Não importa! Sou um cara impiedoso. E eles precisariam desaparecer se quiséssemos tirar um Taltos que fosse dessa ilha.

Além disso, não havia outro meio.

Chamando Mona e Quinn para junto de mim, destruí os capangas um a um, sentindo a força me deixar no mesmo instante em que ela os atingia. Não foi empolgante. Não foi divertido. Tornou-se repugnante, e o único fator que fez daquilo

suportável foi a abominação que eu sentia por suas almas empedernidas.

Deparamos com um par deles, mais refinados que os outros, camisas havaianas, num estilo retrô de Miami. Mona ficou com o mais atraente, com anéis deslumbrantes e peito nu, e eu ataquei o mais velho, assustado, que me transmitiu no sangue imagens de contrição.

— Eles não têm nada para nos dar! — praguejou Mona, limpando a boca. Seus olhos estavam grandes e vidrados. — Por que não sabem de nada?

— Porque entram e saem e nada sabem do que realmente aconteceu aqui — disse eu. — Nós os estamos eliminando. Essa é a questão principal. Quando o chefão pedir ajuda, não a conseguirá. Vamos em frente.

Mais duas suítes. Criados de nível inferior, servis. Cheirando cocaína e escutando salsa. Furiosos por não poder aumentar o volume. Ordens do cara no prédio principal. Estava ficando um pouco mais difícil controlar minha força e eu deixei Quinn experimentar com eles. Ele os derrubou rápido, abstendo-se do sangue.

E, então, a grande descoberta!

A última suíte era parcialmente encaixada no corpo do prédio principal. Consideravelmente maior que as outras. Esqueçam as paredes azul-claro e a mobília de ratã. Esta era uma cela palaciana de total brancura: sofás e poltronas de couro branco, uma larga cama branca cheia de travesseiros, com revistas sofisticadas espalhadas. Vasos com flores recém-colhidas, numa explosão de cor. Uma parede de livros. Uma penteadeira imensa coberta de cosméticos. Tapete vinho. Resplandecente na noite.

E talvez a criatura mais estranha que eu já vira em minhas longas andanças pelo planeta.

Como se esperava, Mona deixou escapar um grito abafado e Quinn pôs a mão resolutamente no seu ombro.

Quanto à ocupação da fera, ela estava batucando no computador, que estava ligado a uma grande impressora, e não percebeu nossa presença mais do que os bandidos das drogas nos outros aposentos. Ele parou o trabalho para apanhar um copo de leite e bebê-lo inteiro. Pôs o copo na mesa à sua esquerda, ao lado de um jarro grande e opaco.

No mínimo, devia ter uns dois metros e dez de altura, aparentemente macho, embora me fosse difícil identificar o sexo até eu realmente captar o cheiro, forte e doce. Seu cabelo preto e sedoso estava cortado talvez na altura do ombro e estava preso para trás do rosto ossudo pelo lenço vermelho comum a todos.

Uma fragrância doce. Uma fragrância fora do comum.

Ele tinha olhos negros, enormes; belos malarres bem marcados e uma pele de bebê. Roupas? Camiseta sem mangas de cetim brilhante, calças justas de couro cor de chocolate, primorosamente pespontadas, pés enormes em sandálias. Mãos como



aranhas e as unhas dos pés e das mãos pintadas num azul metálico cintilante. A boca grande, macia como a de um bebê.

Brincava delicadamente com as teclas, sem nos perceber, sem perceber nada, cantarolando e virando a cabeça de um lado para o outro enquanto escrevia, calculava, pesquisava ou conversava, e então...

...ele de repente se levantou, com todos os seus dois metros e dez de altura, girou e apontou um dedo para nós: os olhos arregalados, hostis, a boca aberta.

— Caçadores de Sangue! — gritou, com uma voz exausta, exasperada, enojada. — Deixem-me em paz, seus patetas da noite. Eu lhes garanto que meu sangue lhes será amargo. O que querem que eu faça? Que corte meu pulso e pinte o batente da porta? Caiam fora! Vão se banquetear com os humanos nesta ilha! Façam a gentileza de não voltar a me perturbar.

Mona atravessou correndo o pátio e circundou a piscina. E nós fomos atrás.

— Taltos! — gritou ela. — Sou Mona Mayfair, a mãe de Morrigan! Você descende de mim! Tem dentro de você meus genes! Onde está Morrigan?!

Balançando para trás sobre os calcanhares, ele contemplou Mona como se sentisse pena dela.

— Você é uma fadinha muito fofa para ser tão mentirosa — disse ele com um desdém causticante. — Você nunca deu à luz um ser humano em sua vida — prosseguiu ele, com frieza e desprezo. — Você é uma Caçadora de Sangue. Não pode dar à luz. Por que entrar em meu quarto para dizer mentiras logo sobre Mona Mayfair, a mãe de Morrigan? Quem é você? Não sabe onde é a festa, queridinha? Escute a Bossa Nova e vá dançar com o Barão das Drogas e seus protegidos. Beba o sangue deles. É quente de tanta maldade. Você iria adorar.

Era devastador o contraste entre esse rosto inocente de bebê, de ossos marcados, e a voz desdenhosa, sinistra e eloqüente. Mas era óbvio que nós estávamos longe de despertar o interesse da criatura, que estava prestes a se sentar de novo à mesa, quando Mona protestou.

— Eu fui humana antes disso. — Mona estendeu a mão para segurar o braço direito da criatura. (Ele se encolheu.) — Sou mesmo a mãe de Morrigan. Eu a amo. Meu amor veio comigo para o Sangue. Vim descobrir se Morrigan está bem e se está feliz. Ash Templeton tirou Morrigan de mim. Você é descendente deles. Tem de ser! Fale comigo. Responda! Esse é o propósito da minha vida!

A criatura avaliou bem cada um de nós. Mais desdém espontâneo. Um risinho de surpresa. Ele se relaxou com uma elegância fascinante, as pálpebras ocultando a exata metade dos seus olhos grandes, reluzentes, e a boca de bebê com um sorriso luminoso. Ele ergueu uma sobrancelha.

— Propósito da sua vida? — disse ele, em tom de deboche. — Ruivinha, Caçadora de Sangue, de salto alto? Por que eu deveria me importar com o propósito

da sua vida? Ash Templeton, você disse. Ash Templeton. Ora, esse nome me é desconhecido. A menos que você esteja se referindo a Ashlar, meu pai.

— É, é isso mesmo! — concordou Mona.

Fui cauteloso no exame que fiz dele, por cortesia e por plena consciência de que se tratava de um Taltos; esse era o ser misterioso e nós havíamos encontrado pelo menos um. Mas então meus olhos vislumbraram o que eu deveria ter visto antes — a criatura estava acorrentada à parede pela perna direita.

Ele usava uma tornozeleira de aço presa a uma corrente muito longa que estava fixada na parede atrás da mesa do computador. A corrente tinha comprimento suficiente para lhe permitir acesso à piscina no pátio por trás de nós e, supostamente, ao banheiro, que ficava à direita do imenso aposento.

— Você sabe onde Morrigan está, não sabe? — inquiriu Mona. De repente, ela pareceu tão trágica enquanto pronunciava essas palavras. Vinha fazendo a mesma pergunta havia tanto tempo e agora até mesmo essa criatura se recusava a lhe dar uma resposta.

Concentrei minha força na corrente e ela se quebrou com um estalo ruidoso. Abaixei-me sobre um joelho e abri a tornozeleira.

A criatura deu um salto para trás, olhando espantada para o que restava dos grilhões.

— Ora, ora, não é que nós somos um grupinho de anjos sem asas? — admitiu ele, ainda com um tom de zombaria na voz. — Mas como vai ser possível eu conseguir escapar? Esses primatas atarracados controlam tudo. Prestem só atenção. Estão ouvindo a Bossa Nova? Essa é a música do manda-chuva. Rodrigo, Senhor de Todos. E de sua mãe, Lucia. Vocês conseguem imaginar viver com essa música o tempo todo por um ano? Não é uma delícia?

— Ah, pode ter certeza de que você vai escapar — disse eu. — Nós vamos tirar você daqui sem a menor dúvida. Todos os seres humanos que encontramos entre este lugar e a pista de pouso já morreram. E os outros logo hão de se unir a eles. Mas queremos salvar todos os Taltos. Onde estão os outros? Você sabe?

— E Morrigan — insistiu Mona. — Quando você a viu pela última vez?

— Morrigan! — repetiu a criatura, deixando a cabeça cair para trás, a voz monocórdia enquanto as palavras fluíam. — Pare de repetir o nome dela. Você acha que não sei quem ela é? É a mãe de todo o Povo Secreto. E claro que sei seu nome. É provável que Morrigan esteja morta. Quem não cooperou com os Mercadores de Drogas morreu. Mas Morrigan já estava morrendo antes de que eles chegassem. Ela deu à luz cinco machos antes de Miravelle nascer. Foram muitos filhos em um período demasiadamente curto.

Ele abanou a cabeça, cansado, com os olhos ainda semicerrados, transferindo o peso de uma perna para a outra.

— Seus próprios filhos se ergueram ea estupraram na esperança de gerar uma fêmea. Por fim, Miravelle! E tã tã tã TÃ! A tribo continua! Morrigan quase morreu de tão doente e seu leite secou. Depois veio o veneno. Se os Homens das Drogas lhe deram um tiro, desperdiçaram a bala. Por sinal, ela era minha mãe e eu a amava. Mas já passou. A vida continua.

Imaginei que as lágrimas de Mona viriam e considerei que eram justificadas. Segurei-a firme com meu braço direito. Mas elas ficaram apenas nos olhos dela, formando uma película à luz, enquanto ela acompanhava o discurso frio e duro. De repente, ela parecia uma criança desamparada, numa fantasia sofisticada com plumas, olhando para o alto, para o rosto daquela criatura bizarra e sardônica.

Foi tamanho o peso do golpe que caiu sobre Mona, que ela só conseguiu ficar ali, em pé, deixando que eu a amparasse. Eu me perguntava se ela poderia perder a consciência, tão grave era seu olhar, tão imóvel sua figura era meus braços.

— Calma, minha pequena — murmurei, beijando-lhe o rosto. — Ainda precisamos procurar no prédio principal.

— Ai, Amado Chefe — disse ela, com uma voz hesitante —, ai, Amado Chefe, eu procurei e acabei encontrando.

— Ainda não. — Quinn, encarou a criatura com ar enfarruscado. — Não enquanto não tivermos revirado esta ilha de uma extremidade à outra.

— Bem, e não é que nós somos uma gangue muito boazinha de Ladrões de Sangue! — disse a criatura alta. — E nós todos nos amamos, beijinho, beijinho! Estou impressionado. Parecia que nas minhas memórias insondáveis e repulsivas do Paraíso Perdido e Reencontrado, da Vida Secreta e Perdida e da Espécie Dizimada, parecia que vocês, pequenos seres impiedosos, atacavam os seres humanos com bastante crueldade. O que está acontecendo aqui? Dia da Confraternização dos Vampiros?

— Nós vamos tirá-lo dessa sua pequena prisão — informou Quinn, com igual frieza. — Você faria a gentileza de colaborar conosco e nos dizer quais Taltos restam aqui?

— E eu adoraria se você nos dissesse seu nome — acrescentei, com sarcasmo. — É um pouco difícil ler seus pensamentos. Não paro de tropeçar no gelo e na neve quando tento.

Ele deu uma risada irônica, numa pequena demonstração de espontaneidade sinistra.

— Bem, quer dizer que o mundo lá de fora chegou afinal. — A criatura movia-se com uma elegância inegável, suas palavras escorriam como um melado brilhoso. — Bem, chegaram um ano atrasados. Não sei quem restou ou onde estão. Eu poderia ser o único espécime. — Ele fez um amplo gesto para o alto com as duas mãos e deu um largo sorriso odioso.

— E você disse mesmo que Morrigan era sua mãe? — perguntou Mona, com carinho.

— Filho de Morrigan e Ashlar — respondeu ele. — Mais puro impossível. Oberon da primeira geração, conhecido pelos mais novos como um cínico e eterno desmancha-prazeres. Embora eu nunca os tivesse chamado pelo nome. Para mim, eles são a Mãe e o Pai. Se eu tivesse matado meu irmão Silas quando ele começou a falar em rebelião, talvez nada disso houvesse acontecido. Mas, a meu ver, o Povo Secreto não poderia ter persistido para sempre.

— O Povo Secreto é um nome bonito — observei. — De quem foi a idéia?

— É, sempre achei esse nome agradável — concordou ele. — E deixem-me lhes dizer que nossa vida não era nada má. Mas era uma inocência do Pai acreditar que pudesse durar. Até Morrigan disse isso para ele. Não se consegue manter uma comunidade de vinte Taltos sob perfeita supervisão, você sabe, esse tipo de coisa, por mais diversão, educação e estímulos que lhes sejam fornecidos. O Pai era um sonhador. Morrigan era um oráculo. Silas foi o envenenador. E assim tudo chegou a um final sangrento.

De repente, captei uma presença humana por trás da porta distante e o Taltos teve a mesma sensação.

Entrou uma mulher alta, de pele morena, talvez com seus cinqüenta anos, mas extremamente bem tratada e sedutora, com olhos delineados em preto, o rosto com maquiagem pesada, lábios vermelhos como sangue, uma exuberante cabeleira escura e uma silhueta de cintura marcada e busto pesado.

Ela trazia nas mãos uma estatueta obviamente religiosa. Estava extremamente bem trajada num vestido de seda lilás, com uma corrente dourada como cinto, meias pretas e saltos finos, com vistosos brincos de ouro. E falou imediatamente num espanhol com forte sotaque:

— Bem, eu finalmente consegui encontrar, mas precisei revirar Céus e Terra. E vou lhe dizer uma coisa, seria de esperar que fosse bastante comum, com o Papa fazendo toda essa longa viagem até o México, mas precisei entrar na Internet para encontrá-la e aqui está.

E lá estava mesmo!

Ela a dispôs na mesa baixa e branca ao longo da parede! Uma imagem, em cores brilhantes, de São Juan Diego!

Fiquei petrificado.

Lá estava ele, o admirável camaradinha, com os braços abertos e a inconfundível imagem de Nossa Senhora de Guadalupe em cores vivas marcada na sua tilma, e as famosas rosas caindo aos seus pés e tudo isso em detalhes inequívocos! Naturalmente, a imagem de Nossa Senhora estava colada e as flores eram de papel, mas e daí? Era Juan, meu Juan Diego.

— E você largou a festa só para me dar isso? — perguntou Oberon, com um derramamento de afeto fingido.

— Ora, cale essa boca imunda — disse ela. — E quem são esses aí? — Lampejo de um sorriso brilhante. — Ah, vocês são convidados do meu filho, não são? Sejam bem-vindos.

— Dou-lhe mil dólares por essa estatueta — ofereci. — Não, vou lhe fazer uma proposta melhor. Vou deixar que você viva. Afinal de contas, de que adiantam mil dólares nas mãos de uma morta? Entre num daqueles pequenos barcos na marina e vá embora daqui. Todas as outras pessoas nesta ilha estão condenadas a morrer, com exceção da gente alta.

Ela me encarou com imensa curiosidade e total destemor, os olhos opacos, a boca dura. Num átimo, estava com uma pistola preta na mão. E, num átimo, eu a tinha arrancado da sua mão e a lançara em cima da cama.

— Você acha que meu filho não vai cortar você e seus belos amigos em pedacinhos? Que audácia!

— Melhor aceitar minha proposta — insisti. — Mulher, tua fé te salvou! Fuja para a marina, agora.

— Lucia, acho que ele está dizendo a verdade — disse Oberon, no mesmo tom de voz lânguido e desdenhoso com que se dirigia a nós. — Sinto o cheiro da morte. Ela está à nossa volta. Acho que o domínio dos Mercadores de Drogas chegou a um fim ignominioso. Infelizmente, seu Ariel está livre, minha gatinha rica e preciosa, por que você não vai embora?

Oberon atravessou lentamente o quarto, balançando um pouco de um quadril para o outro, movimentando a cabeça para ambos os lados, se abaixando para apanhar a arma e a examinando como se fosse algum objeto curioso. E, enquanto Lucia observava perplexa, irada, frustrada, furiosa, indefesa, Oberon levou a arma à posição correta e deu três tiros em Lucia, no rosto.

Era o fim da linha para a mulher. Ela caiu com os joelhos dobrados, os braços abertos, o rosto era uma mixórdia de carne.

— Ela foi boa comigo — disse ele. — A imagem é para mim. Visitei a Catedral de Nossa Senhora de Guadalupe quando o Povo Secreto foi à Cidade do México. Você não pode ficar com a imagem. Mesmo que me salve daqui, não quero dá-la para você.

— Legal — assenti. — Você está mesmo numa posição muito vantajosa para negociar. Mas também quem sou eu para roubar São Juan Diego de quem quer que seja? Tenho certeza de poder encontrar outra estatueta. Mas por que você a matou, se ela foi tão gentil?

— Para ver se eu conseguiria. — Ele deu de ombros. — Vocês estão prontos agora para ir atrás dos outros? Agora que vou me mandar daqui, estou mais do que

disposto a cumprir meu papel.

— Ai, meu Deus do Céu. — Mona soltou um suspiro. Pude ver o calafrio percorrer seu corpo. Ela deu alguns passos trêmulos à frente e se deixou cair na poltrona de couro branco, com os calcanhares unidos, a mão na testa.

— Ah, por favor, diga o que deu errado, linda vovozinha da tribo — disse Oberon. — O quê? Você achava que nós todos fôssemos anjinhos de asas trêmulas como Morrigan? Será que devo lhe descrever o objetivo da natureza ao projetar a dupla-hélice, independentemente do número de cromossomos? É o de produzir uma variedade de criaturas dentro da espécie. Anime-se. Temos uma festa para ir, não temos?

— Talvez você devesse entregar essa arma para um de nós. — A expressão de Quinn era severa.

— Nem pensar — respondeu Oberon, enfiando o revólver na cintura baixa da calça. — Agora, por onde deveríamos começar? Deixem-me transmitir-lhes os fatos de que tenho conhecimento. Agora prestem atenção.

— Ótimo — disse eu. — Alguma coisa além de teatro e insultos disfarçados. Ele reprimiu um risinho e prosseguiu, sem se deixar intimidar, a voz, novamente como melado, derramando-se espessa e vagarosa.

— Posso lhes dizer que Silas e a grande maioria do Povo Secreto foram metralhados no dia em que os Mercadores de Drogas chegaram. Torwan e algumas outras fêmeas foram mantidas por um período. Mas elas choravam o tempo todo. Torwan tentou fugir num barco e eles a apanharam no cais e a mataram a facadas. Isso eu vi. Dos homens, somente Elath, Hiram e eu fomos poupados. E então Elath matou um dos Mercadores de Drogas e eles o mataram a tiros. E Hiram desapareceu. E eu acho que vi Isaac uma vez, mas não tenho certeza. Acho que todos morreram. Com exceção de Miravelle e Lorkyn.

— E a Mãe e o Pai? — perguntei. Oberon deu de ombros.

— Belo Ladrão de Sangue, devo confessar que não ofereço esperança alguma. Eles já estavam morrendo do veneno quando os Mercadores de Drogas desembarcaram aqui. O Pai mandou que nos escondêssemos. Miravelle cuidava deles. Miravelle dormia com eles. Havia muito tempo tínhamos conseguido parar o envenenamento, mas o mal estava feito. E ninguém conseguiu impedir Silas com sua rebelião. Pouco antes de Silas cometer seu erro fatal, parece que Miravelle e nossa Mãe tiveram uma oportunidade de cegar Silas com uma chave de fenda, mas Miravelle, a delicadinha, simplesmente não conseguiu se forçar a fazer isso, ficou soluçando e Silas escapou da nossa Mãe e a derrubou, deixando-a inconsciente. Tudo tão trágico. Eu agora sei que deveria tê-lo matado na primeira vez em que pus os olhos nele. Nosso Pai deveria ter matado Silas assim que Silas começou a ameaçar o Povo Secreto. Lorkyn poderia ter se encarregado disso. Ela foi a fêmea

mais fria que nasceu nesta ilha. Uma fera, é o que lhes digo. Infelizmente, quem jamais teria imaginado que Silas se rebelaria e tentaria conquistar o mundo lá fora?

— Passe direto para a ligação entre a rebelião de Silas e a chegada desse pessoal das drogas. — Abanei a cabeça.

Ele deu de ombros. Uma de suas mãos enormes, de dedos finos e compridos, alisou o cabelo e prendeu melhor o lenço vermelho.

— Silas começou a guerra contra eles. Ele observou como trabalhavam numa pequena ilha próxima daqui. Não me perguntem onde. Nunca fui lá. Mas Silas armou um plano contra eles. Levou uma turma dos mais agressivos e belicosos da nossa tribo à ilha deles, chegou sorrindo e dizendo gentilezas e foi assassinando a gangue inteira aos poucos e sistematicamente. Apanhou suas drogas e suas armas. Silas dizia que o reinado do nosso Pai tinha de terminar. Nosso Pai era um Taltos puro, antigo, inadequado para o mundo moderno. Silas dizia que nós tínhamos genes da família Mayfair, esperteza humana, sonhos humanos.

Postei-me ao lado de Mona enquanto ela chorava em silêncio.

— A tribo comemorou, cheirando a cocaína e disparando as armas. Fumaram maconha e ficaram totalmente enlouquecidos. Acidentalmente, mataram dois dos nossos, Ewan e Ruth. Dá para imaginar tanta estupidez? Ninguém nunca havia visto um Taltos morto até então. Foi medonho. Silas fez com que fossem jogados no mar numa cerimônia. Jogaram flores na água! Ridículo! Silas começou a matar quem ele considerava suspeito de deslealdade! — Ele soltou um riso profundo, enojado.

— Lorkyn fez um discurso. Disse que ir até a ilha das drogas havia sido um erro crasso, típico dos Taltos. O pessoal das drogas pertencia a um importante cartel. Seus companheiros viriam atrás de nós. Precisávamos levar nosso Pai e nossa Mãe para o iate e abandonar a ilha. Conseguiríamos fazer isso. Silas tentou matá-la, mas os outros o impediram. Agora, essa foi uma revelação. Mas Lorkyn tem um jeito que é só dela. Ninguém estava disposto a vê-la morta.

Ele encolheu os ombros, revirou os olhos, enfiou o revólver com maior firmeza no cinto das lindas calças justas de couro marrom.

— O pessoal das drogas veio. — Ele balançava o corpo lânguido enquanto prosseguia com a história. — Ao anoitecer, estavam aqui. Silas e seus aliados correram na direção deles, disparando as armas que tinham roubado. Rá-tá-tá-tá! Vocês conseguem imaginar a cena? Eles nem mesmo atiraram de posições protegidas. — Deu um sorriso de desprezo. — Os Mercadores de Drogas mataram a tiros todos os Taltos à vista. Eles abriam portas aos chutes por toda a mansão. Uma experiência totalmente inesquecível, a de esperar que eles arrombassem sua porta a pontapés. Foi o fim do Povo Secreto. Aqueles de nós que foram mantidos por um tempo? Nós éramos os tranquilos. Os que não correram para o combate. Só foram me encontrar no terceiro dia. Eu estava simplesmente deitado no meu quarto, num

andar superior da mansão. Eles foram entrando e me transformaram em seu criado. Me ensinaram a fazer caipirinhas com cachaça e suco de limão para Carlos. Eu conhecia bem os computadores. Passei a fazer a contabilidade, planilhas, folha de pagamento, tudo isso também. E então Lucia se apaixonou por mim. Como seria possível isso não acontecer? Ela já passou da idade em que um Taltos macho a faria sangrar até a morte... É isso o que nós, os machos, fazemos às mulheres humanas, sabem? A menos que elas já tenham passado da menopausa. Lucia me cumulava de atenções. Ela mandou fazer este quarto todo branco para mim. Foi até Miami Beach para uma cirurgia que apertou suas partes íntimas de um modo que dessem a impressão da vagina de uma menina de doze anos. Isso ela fez por mim. Muito legal. É claro que eu nunca estive com uma humana de doze anos. Era uma amante deliciosa.

— Hummm — disse eu. — E você não se importa de ela estar ali jogada com uma poça de sangue no lugar do rosto?

— Não especificamente. Você disse que todos os humanos encontrados na ilha morreriam. Não estava falando sério?

Ele se sentou na cadeira da escrivaninha. Voltou-se, serviu mais um copo de leite do jarro e o bebeu inteiro.

Começou a examinar nós três de novo: Quinn e eu em pé e Mona sentada bem na ponta da poltrona branca, com o rosto pulsando com o sangue e os olhos cheios de lágrimas de uma tristeza tão incrível, que era impossível descrever.

— Esse computador está ligado ao mundo fora daqui? — perguntou Mona. Sua voz era fraca, mas ela ainda estava contendo as lágrimas.

— É claro que não — respondeu ele, mordaz. — Que tipo de idiota você acha que eu sou? Se estivesse conectado, eu teria obtido ajuda. Eu teria tentado entrar em contato com Rowan Mayfair no Centro Médico Mayfair, em Nova Orleans.

Todos nós ficamos pasmos, em silêncio.

— Como você soube da existência de Rowan? — perguntou Mona. Ela enxugou os olhos. As plumas negras do vestido roçaram no seu rosto.

— Nosso Pai disse a todos nós que, se um dia nos encontrássemos numa situação gravíssima, deveríamos tentar entrar em contato com Rowan Mayfair no Centro Médico Mayfair, em Nova Orleans. Acho que foi dois anos depois de eu ter nascido. Nosso Pai já estava sendo envenenado por Silas, mas não sabia. Sabia apenas que estava ficando mais fraco. Achava que estava morrendo de velhice. Tinha ido ver seus advogados em Nova York. Muito sigilo. Nada de nomes. Nada de números. Era esse o jeito do nosso Pai. Morrigan raramente estava acordada, se é que chegava a acordar. Nosso Pai sabia que havia coisas acontecendo pelas suas costas. Uma vez, Morrigan acordou e acusou nosso Pai de estar apaixonado por Rowan Mayfair. Apaixonado por Rowan Mayfair.



— Por que ela disse uma coisa dessas? — perguntou Mona, com a voz embargada.

— Não sei — disse ele, extenuado, com uma inocência fingida. — Tudo o que sei é que ela é minha única linha de emergência com o mundo dos humanos. E, então, de repente, você aparece por aqui, vovó querida, e quer nos salvar. Você não é uma criança? Parece que é. Talvez brincando com a roupa da mamãe, hein?

— Você sempre teve esse tipo de atitude? — perguntei. — Ou foi a escravidão que o alterou?

Ele soltou uma risada de cumplicidade, sem alegria. Olhava fixamente para a morta no chão.

— Você é esperto — disse ele. — Nasci sabendo que o Pai e a Mãe estavam condenados ao insucesso. — Ele sorriu. — Nosso Pai não tinha o temperamento necessário para controlar os machos jovens. Havia nascimentos secretos o tempo todo. Pode-se dizer que, desde o início, eu entoei uma canção trágica. Afinal de contas... — Ele parou, bocejou e então continuou: — Como se pode governar uma comunidade de Taltos, a menos que se esteja disposto a matar os que nascem sem que sejam desejados, bem como os que procriam em desrespeito às normas da comunidade? — Ele abanou a cabeça. — Não consigo enxergar outro modo. A não ser, naturalmente, que todas as fêmeas usassem cintos de castidade. Essa seria uma possibilidade, sabem? Cintos de castidade modernos, de náilon, ou algo semelhante. Mas, sem dúvida, esse não era o estilo do nosso Pai e da nossa Mãe.

— O que o Povo Secreto fazia aqui? — perguntou Mona, procurando falar com firmeza. — Vocês simplesmente levavam uma vida prazerosa nesta ilha?

— Ora, é claro que não — respondeu Oberon. — O Pai e a Mãe nos propiciavam uma vida maravilhosa. Nosso Pai tinha um avião fantástico. Deve estar em algum lugar em Nova York, perdido, morto, órfão. Como os brinquedos de um menininho, esperando que ele volte. Naquele avião, visitamos todas as grandes cidades do mundo. Adorei Roma e Bombaim, em especial. Gostaria de visitar todas elas novamente: Londres, Rio, Hong-Kong, Paris. E também a Cidade do México. Éramos ciceroneados por toda parte. E nos ensinavam a observar os seres humanos e a fingir que éramos iguais. Desde que fizéssemos isso, nosso Pai e nossa Mãe cuidavam totalmente de nós. Uma vida simplesmente incrível. Nosso Pai era muito exigente e cauteloso. Nada de telefones, nada de Internet. A longo prazo, esse pode ter sido um erro fatal. — Você alguma vez teve vontade de fugir? — perguntou Quinn.

— Eu não. — Ele deu de ombros. — Eu adorava o Povo Secreto. Além disso, os seres humanos geralmente matam os Taltos machos. As mulheres, eles deixam viver. Para fazer uso delas. Mas os machos eles sempre matam. Todos sabiam disso. Nossa vida aqui era boa. Tínhamos professores excelentes aqui na ilha. Nosso Pai

os trazia de avião para permanecerem aqui de duas a três semanas de cada vez. E claro que os professores não sabiam o que nós éramos realmente, mas isso não fazia diferença. Tínhamos uma ótima biblioteca no prédio principal: livros, filmes e tudo o mais.

Ele tomou mais um copo de leite, fazendo uma ligeira careta.

— Não está suficientemente gelado — murmurou antes de prosseguir. — Às vezes, tínhamos guias humanos nas nossas viagens. Como quando fomos à Índia. Tínhamos o iate, sabem, com acomodações, para sair pelas águas. E a equipe de faxina vinha duas vezes por semana e limpava a propriedade inteira. E havia também a selva. Elath e Releth sempre adoraram entrar na selva. Seth também. Eu não sou muito dado a borrachudos, arranhões, cobras e esse tipo de coisa. — Ele fez um gesto entediado com seu longo braço.

— Não, até que era uma vida muito boa. Até Silas começar a rebelião com o lento envenenamento da Mãe e do Pai. E, naturalmente, apesar de Silas não ter sobrevivido para descobrir, havia outros procriando pelas suas costas e tramando também contra ele no final. Ficou fora de controle, totalmente fora de controle. — Ele deu de ombros mais uma vez. — Seria possível dizer que foi um desastre. — Oberon se inclinou para trás e olhou de cima para Mona, encolhida na beirada da poltrona branca.

— Não fique tão triste, Pequena Vovozinha da Tribo — disse ele, num tom detestável. — Não foi culpa sua. É assim mesmo que é. Os Taltos não podem viver com os humanos. Os Taltos fazem trapalhadas fatais. Nosso Pai me disse que, se não tivesse sido Silas, teria sido outro. O Povo Secreto era uma idéia absurda. Mais para perto do fim, ele falava muito sobre Rowan Mayfair. Rowan Mayfair haveria de saber o que fazer. Mas, àquela altura, ele era praticamente um prisioneiro no apartamento da cobertura. E nossa Mãe só de vez em quando recuperava a consciência.

O coração de Mona estava aos pedaços. As advertências na mensagem eletrônica de Maharet agora faziam sentido. Princípios darwinianos, era como Stirling os chamara. Tive vontade de abrigar Mona em meus braços.

Mas ainda precisávamos entrar na parte principal da mansão. E agora eu estava ouvindo gritos. Um punhado de mortais descobriu os corpos que havíamos deixado para trás nas outras suítes.

A porta se abriu com violência e, dessa vez, o cano preto e engraxado de uma arma precedeu o homem que dera o pontapé. Mandeí o poder específico atirá-lo para trás e destruir seu coração. Uma saraivada de balas atingiu o teto branco. Por pouco. Eles poderiam ter matado essa abominável criatura falante. Que perda!

Joguei-me pela porta. Descobri que estava numa varanda comprida de telhado de sapê. Mais um mortal apontou a arma. Eu enviei o Fogo. E, no clarão repentino,

vi outro homem correndo. O Fogo o apanhou. Depressa.

Quando me volvei, uma mulher jovem, de jeans e camiseta, rosnando palavrões na minha cara, veio para cima de mim com uma arma automática. Eu a desarmeí e enviei o poder. Ela caiu ao chão, com o sangue jorrando pela boca. Fechei os olhos. Estava com o estômago revirado.

Eu esperava por Deus que tivéssemos eliminado a maior parte dos capangas. Talvez todos.

Agora, ali naquele pátio, a Bossa Nova estava muito alta. Eu conseguia ouvir as palavras murmuradas em português, a dança lânguida. A música dizia Paz. Dizia Sono Tranquilo. Era tão doce, tão hipnótica.

Através de enormes portas abertas, eu conseguia ver o saguão deserto com suas plantas exuberantes, a cerâmica rosada chegando à larga escadaria central. Eu estava ansioso para chegar lá em cima, chegar ao cerne do mal.

Voltei a entrar no quarto de paredes brancas, fechei a porta, passei por cima do corpo de Lucia e fui direto ao que interessava.

— Quando foi a última vez em que você viu algum Taltos, vivo ou morto? — Talvez há uns nove meses — respondeu ele, dando de ombros. — De vez em quando, acho que ouço as vozes de Miravelle e Lorkyn. Uma vez, acordei e vi Miravelle caminhando lá pela praia com Rodrigo. Pode ser que elas também tenham sido presas, para esses homens medonhos. Miravelle era um docinho... o tipo idiota de Taltos, se me perdoam a franqueza. Quando Miravelle joga tênis com alguém, ela quer que o adversário ganhe! Famosa por sua burrice. Teria sido fácil mantê-la. Lorkyn é inteligente o suficiente para esconder sua verdadeira índole e é extremamente bonita. Ruiva como a Vovó aqui. Sei que vi Lorkyn. Mas será que ela está viva neste momento? Quem vai saber?

— Não me chame desse jeito — murmurou Mona, lançando-lhe um sorriso gélido. Ela parecia à beira de um ataque de nervos. — Ah, eu sei que sua intenção é demonstrar um respeito sincero. Você é uma criatura tão cheia de consideração, tão cheia de amor inato por todos, mas dá para eu aceitar linda, bela, querida, docinho ou até mesmo amorzinho. Se me chamar de Vovó mais uma vez, eu bem posso prendê-lo de novo àquela parede e deixá-lo aqui.

— Muito bem, docinho — disse ele, depois de uma risada espontânea. — Eu não tinha percebido que você é a chefe dessa expedição. Achei que essa posição pertencesse a esse louro lindo ali.

— E onde fica o quarto do Pai e da Mãe? — prossegui.

— É a suíte da cobertura. Pode acreditar em mim, é provável que eles tenham sido jogados no mar há muito tempo.

— Na sua opinião, quantas pessoas restam no prédio principal agora? Eliminei todos os homens nesta ala e uma mulher.

— Não é que você é o valentão! — ele suspirou. — Como eu haveria de saber? Posso tentar adivinhar. Rodrigo, os dois guarda-costas, talvez um capanga ou dois para apanhar coisas e pode ser... pode ser... Miravelle e Lorkyn. É uma festa na suíte nupcial do primeiro andar. É lá que Rodrigo se sente em casa, um andar acima daqui, bem no centro, de frente para o mar. Ou foi o que a mãe dele me disse. — Indicou o corpo da mãe. — Eu adoraria matar um dos capangas, supondo-se que você não tenha se encarregado de todos eles.

— E mulheres? Rodrigo traz outras mulheres para cá? Existe a possibilidade de haver algum convidado inocente lá em cima?

— É muito improvável — ele afirmou com a cabeça inclinada para um lado. — Se houver convidados, serão sujos como ele. Isto aqui é um esconderijo, um depósito. O que sempre me deu a leve esperança de ver Miravelle ou Lorkyn mais uma vez. Vocês sabem, as Taltos fêmeas sempre estão, digamos, loucas por diversão. Existe inevitavelmente uma leve emissão de sangue, mas isso vem depois e pode ser resolvido em privacidade. E o leite! Bem, deixem-me dizer, o leite é delicioso. Os seres humanos podem usá-las até enjoar.

— Tudo bem, espere por nós aqui. Não atire em ninguém, a menos que seja realmente necessário, e nós o tiraremos daqui. Mona e Quinn, venham.

— Não tenho nenhuma intenção de ficar para trás. — Oberon verificou a arma no cinto. — Vou com vocês. Eu disse que quero matar um capanga ou dois. Além do mais, se Lorkyn e Miravelle estiverem aqui, quero vê-las. São minhas irmãs, pelo amor de Deus. Vocês acham que eu vou ficar aqui sentado neste quarto ouvindo o zunido das balas?

— Você não sabe pelo cheiro se elas estão aqui? — perguntou Mona. Ele deu mais uma risada, surpreendentemente suave.

— Os machos desprendem o cheiro, Vovó — retrucou ele. — Você deveria ter estudado melhor a espécie.

— E o que estou tentando fazer — disse ela, com rancor, as lágrimas já se derramando. — Salvar a espécie e estudá-la melhor, Oberon, meu queridíssimo! Foi longo o caminho para chegar até você, minha coisinha doce e carinhosa! Que alegria a gente ter se conhecido! Eu lhe avisei, você me chama de Vovó ou de Vovozinha mais uma vez, e eu o derrubo de costas no chão.

Gargalhada sarcástica.

— Está bem, docinho. Não haverá mais lapsos. E você é fantástica. — Ele se levantou e se esticou como um gato, dando-lhe um sorriso torto. — Será que algum desses Ladrões de Sangue brilhantes, astutos e Conscienciosos roubou um celular de suas vítimas humanas? Quero ligar para Rowan Mayfair.

— Estou com o meu — disse Quinn. — E tirei um ou dois dos bandidos. Mas é cedo demais para ligar. Vamos em frente.

— Está bem, vamos, meu benzinho. — Oberon ofereceu a mão a Mona. — Vamos matar Rodrigo para ele poder estar com a mãe. Depois, voltamos para apanhar São Juan Diego.

— Por que você gosta tanto dele? — perguntei.

— De quem, do Rodrigo? — perguntou ele. Com as sobrancelhas muito erguidas. — Eu detesto o cara, posso lhe garantir.

— Não, de São Juan Diego.

— Ah! — Risada. — Já lhe disse. Fui à Catedral. Além disso, quando Lucia me disse que ele havia sido canonizado, rezei para ele pedindo um milagre. — De repente, seus olhos se arregalaram. — Meu Deus!

— O que foi? — perguntei. — Alguma coisa conseguiu surpreender o maior cínico de todos os tempos?

-Você não está entendendo? — Ele estava estupefato. — São Juan Diego respondeu à minha prece! Vocês são o milagre!

## CAPÍTULO 26



Rodrigo não era um relaxado. O saguão estava impecável, sem um pedaço de papel que fosse, em cima do balcão ou em qualquer lugar.

Mesmo assim, o hotel dava a impressão de um lugar assombrado, tendo sido privado de sua vitalidade e objetivo.

Cozinha colossal, máquinas em funcionamento, balcões limpos a não ser por bandejas recentes, cobertas de porcelana fina, restos de lagosta, copos de leite, espinhas de peixe etc.

Nenhuma presença humana.

— Vocês não entendem o que isso significa? — Oberon olhava fixamente para as travessas. — Isso é comida de Taltos, tudo branco. É bem possível que elas estejam lá em cima. — Ele estava aos poucos perdendo camadas de apatia, chegando mesmo a demonstrar um leve entusiasmo.

Examinei a despensa, caixas de leite em pó, algumas rasgadas, pó no chão, pegadas, latas de leite condensado, embalagens vazias empilhadas.

— E então me explique isso aqui... — pedi. Ele ficou olhando, abanando a cabeça.

— Não sei explicar — disse ele. — A menos que uma delas desça aqui de noite e faça uma farra. É possível. Se um Taltos ficar faminto por leite, ele vai procurar esse alimento. Mas vamos subir, minhas irmãs estão aqui! Eu sei!

— Calma! — disse Mona, com os olhos delineados em vermelho, a voz ainda trêmula. — Isso não prova nada.

A grande escadaria central levava ao mezanino e aos recintos espaçosos do que havia sido a biblioteca. Uma bagunça de laptops, computadores maiores, paredes cobertas de livros, mapas, globos terrestres, televisões, janelas enormes abertas para o mar. Poeira por toda parte, ou seria areia? A música lá de cima vinha extremamente alta. O lugar parecia desabitado, como se ninguém tocasse em nada ali.

— Isto aqui era o Paraíso — disse Oberon. — Vocês não podem imaginar as horas de prazer que passei nestas salas. Deus me livre! Como odeio essa música!

Será que não devíamos dar um tiro na caixa de disjuntores para fazer com que pare?

— Péssima idéia — observou Quinn.

Oberon agora segurava a arma com as duas mãos e havia abandonado totalmente sua atitude desdenhosa. Quase seria possível dizer que estava empolgado. Mas a música o atacava como um exército de mosquitos. Ele não parava de se arrepiar.

— A primeira coisa em que vou dar um tiro é no sistema de alto-falantes — disse ele.

Mais uma vez, subimos por uma escadaria atapetada. Em busca de humanos. Captei o cheiro de um deles.

A suíte ficava exatamente no centro e era toda aberta para a varanda larga com gradil de ferro que dava para o saguão lá embaixo. O imperador em pessoa sentado à direita numa cama imensa com lençóis de cetim dourado, cabeceira de madeira clara entalhada com sereias, falando rápido ao telefone, vestindo elegantes calças de couro, camisa roxa de cetim, aberta para revelar um torso de músculos untuosos, o cabelo preto e lustroso escovado para trás, deixando livre um rosto moreno e liso, com olhos extraordinariamente bonitos.

Tapete bege de felpa alta, poltronas espalhadas, abajures. Portas abertas para outros aposentos.

Ele desligou o telefone no instante em que entramos.

— Oberon, meu filho, não estava esperando ver você — disse ele, a voz melodiosa praticamente sem sotaque do espanhol, encolhendo um joelho, os olhos passeando pelos demais, enquanto ele sorria, amável, as unhas dos pés manicuradas e polidas até que brilhassem. Atitude extremamente simpática. — E quem temos aqui? Deve ser a hora da festa. Mas vamos nos apresentar primeiro, está bem?

Ele ergueu um pequeno dispositivo preto e encerrou a inundação da dance music ronronante. Com isso renasceu o som da brisa, que entrava veloz pela enorme parede vazia de frente para o Caribe.

— Ah, Rodrigo, como lhe sou grato por isso — Oberon suspirou. — Eu estava procurando por toda parte a fonte dessa música infernalmente afetada.

— Então é por isso que você está andando por aí com essa arma — observou Rodrigo, em tom cordial. — E onde está minha mamãe? Você não a trouxe aqui para cima? Não consigo acionar ninguém nesta ilha. Sinto-me humilhado. Por favor, meus convidados, sentem-se! O bar é logo ali, qualquer bebida que possam querer. Mirabelle! — gritou ele, de repente. — Estou com convidados aqui! Exatamente de onde vocês chegaram? E raríssimo algum barco atracar no meu cais. Mas vocês são muito bem-vindos. Somos muito reservados por aqui, entendem? Não posso convidá-los para ficar...

— Não se preocupe com isso de modo algum — disse eu. — Logo estaremos

de partida. Só queríamos entrar em contato com Miravelle e Lorkyn.

— É mesmo? — perguntou ele, com ceticismo. — Miravelle! — chamou ele novamente, num pequeno rosnado latino.

Dessa vez, obteve resultado.

Ela entrou pela esquerda, sem dúvida a criatura genuína, talvez com quase dois metros de altura, cabelo louro, rosto oval, a carne de bebê como a de Oberon, vestido preto simples de linho, sem mangas, sandálias, olhos azuis redondos e, quando viu Oberon, deu um grito e correu para os seus braços. Ele mal teve tempo de enfiar a arma no cinto antes de abraçá-la.

Ele perdeu todo o constrangimento enquanto a abraçava e passava os lábios por ela toda. Empurrou o cabelo dela para trás e de repente começou a soluçar enquanto a beijava.

— Chega! Voltem para seus lugares! — ordenou Rodrigo da cama, batendo palmas com autoridade. — Estão me ouvindo, vocês dois? Eu disse, voltem para seus lugares! Oberon, você está me ouvindo?

Mas os dois agora tinham começado a se beijar e a falar no que parecia uma língua estranha, em palavras sibilantes muito agudas que nenhum de nós conseguia entender, deixando Quinn atônito, embora Mona não parecesse nem um pouco surpresa com aquilo tudo. Foi um espetáculo.

Rodrigo saltou da cama num instante. Estava com o celular aberto, dando ordens nervosas em espanhol. Depois sacudiu o aparelho.

— Morreram todos — eu informei. — Eu os matei.

— Do que é que você está falando? — disse ele, abandonando toda a gentileza; sua expressão, a pura imagem da raiva. Ele sacou a arma da cintura e a apontou para mim. — Você está sendo grosseiro comigo no meu próprio quarto e isso não vou tolerar.

Enviei o poder para arrancar a arma da sua mão e atirá-la longe contra a parede da direita. Ela atingiu o painel de gesso e caiu no chão. Ele arregalou os olhos, mas não se deixou abater com essa demonstração de força. Olhou com ódio para mim, tentando extrair algum sentido do que acabara de ver. E depois examinou Mona e Quinn.

Enquanto isso, os dois Taltos tinham se acalmado um pouco e o observavam. Mona se posicionou ao lado deles. Quinn, ao meu lado.

Esquadrinhei o hotel. Alguma outra criatura estava andando no andar acima de nós. Mas eu não sabia se era Taltos ou ser humano.

— Tudo bem, o que querem de mim? — perguntou Rodrigo. — Querem dinheiro ou o quê? Vocês mataram todos os meus homens, não é mesmo? Por que motivo? Querem esta ilha? Ela não me pertence. Fiquem com ela. Eu ia sair daqui nesta noite de qualquer forma. Não me importa o que vocês façam. Miravelle,



afaste-se dele!

De repente, sua atenção foi perturbada por um ronco e um som específico que eu conhecia mas só consegui identificar quando ele pronunciou o nome.

— O helicóptero! Estão indo embora sem mim! — Ele correu até a sacada aberta. — Parem, seus filhos-da-puta! — Enveredou por uma ladainha de xingamentos e maldições em espanhol.

Acionei minha visão remota. Dois humanos. Homens. Que benefício deixá-los escapar representaria para nós ou para o futuro daquele lugar? Agarrei-me com firmeza ao gradil de ferro da sacada e enviei o Fogo.

Não sabia se o poder era viável a uma distância daquelas, mas ninguém tomaria conhecimento disso se eu fracassasse. Meu corpo ficou rígido com o esforço, o nó dentro de mim ardendo com toda a energia que consegui lhe transmitir e, de repente, o Fogo atingiu o helicóptero com uma força que o fez cair de lado. Entreguei cada partícula da minha consciência ao calor. O Fogo. Chamas lambeiram o helicóptero. E, então, ele explodiu.

Estava bem longe de nós, mas todos no quarto se encolheram com a explosão, que iluminou a ilha inteira.

Rodrigo estava perplexo.

Continuei agarrado ao gradil, tonto, suando por todo o corpo, e depois recuei, olhando com ferocidade para o espetáculo da enorme máquina, despencando de lado até a pista. Ela se incinerou aos poucos. Mais uma vez, senti náuseas, ao pensar que eu era capaz de fazer aquilo, pensar que eu fizera aquilo. E a sensação de vazio, de falta de sentido me dominou. Eu não acreditava em nada. Não prestava para nada. Eu devia morrer. Tudo isso pareceu se fixar em meu pensamento. Eu não conseguia me mexer nem falar.

Quinn assumiu o comando. Dava para eu ouvir sua voz nítida, bem ao meu lado.

— Pois é, meu velho — disse ele a Rodrigo —, ele não vai mais partir sem você. Quer mais algum favor de nossa parte? E agora me diga: o que você fez com o casal na suíte da cobertura, os que Miravelle e Oberon chamam de Mãe e Pai?

Rodrigo voltou-se lentamente e olhou para mim, com os olhos semicerrados e ferinos, a boca, contorcida de raiva. Ele apanhou mais uma vez seu pequeno celular e despejou uma enxurrada em espanhol com apenas uma palavra reconhecível: Lorkyn.

Passos lá em cima.

— Hummm. Quer dizer que ela está viva também — disse Oberon, por trás dele.

De Miravelle, veio uma voz leve, melodiosa.

— Ai, por favor, por favor, se vocês estão aqui para nos salvar, vamos subir ao

quarto da nossa Mãe e do nosso Pai. Deixem que nós os vejamos. Rodrigo garantiu que eles estão lá, que estão no gelo, vamos! Que estão sãos e salvos no gelo. Por favor, Oberon, por favor! Antes que Lorkyn chegue.

— Sua imbecil! — disse Rodrigo, sem tirar os olhos de cima de mim e depois relanceando olhares rápidos para Mona e Quinn, no vão esforço de compreender o que nós éramos, como agir naquela situação. Não estava mais com seu revólver, mas tinha uma faca na bota e estava desesperado pela vinda de Lorkyn.

E Lorkyn satisfez a todos imediatamente.

Pudemos ouvir seus passos largos descendo a escada do andar superior. Ouvimos quando pisou na sacada e então apareceu nas portas abertas da suíte.

Ouvi o profundo suspiro de desespero de Oberon antes que eu conseguisse atinar para o que estava vendo e Mona deu uma risada amarga.

A criatura tinha os previsíveis dois metros de altura, com o previsível rosto de bebê e os braços e pernas nus. Mas seu rosto era redondo, não oval, e seus olhos eram verdes e amendoados, extremamente bonitos, com cílios tão densos que se poderia imaginar que eram falsos, mas não eram. E um nariz de gatinho, uma boca delicada, muito cor-de-rosa, e um queixo pequeno e firme. Tinha o cabelo ruivo de Mona, puxado para deixar à mostra a testa brilhante e aparentemente preso no alto da cabeça, porque caía em cascata às suas costas.

Usava uma blusa sem mangas de couro, cinto baixo, minissaia e botas de salto alto, amarradas atrás.

O motivo do choque? Ela estava armada, não apenas com um revólver num coldre suspenso do ombro, mas também com uma AK-47 a tiracolo.

Ela avaliou a situação num átimo. Mas, por segurança, Rodrigo despejou mais uma ladainha em espanhol na qual lhe ordenou que matasse todos nós, Oberon inclusive, mas que poupasse Miravelle.

— Um movimento para usar essa arma, querida — disse eu —, e vou transformá-la em carvão aí onde você está.

Oberon ficou transfigurado de raiva.

— Sua imunda! Assassina, traidora do Povo Secreto! — Ele começou a tremer de corpo inteiro, com as lágrimas se derramando dos olhos. — Você está aí, amiguinha deles, e me deixa apodrecer naquele quarto lá embaixo! Sua fera traiçoeira! — Ele sacou a arma e apontou direto para ela.

Mona arrancou-a da sua mão.

— Meu queridinho — Mona tremia dos pés à cabeça —, ela agora é um espécime. Rowan Mayfair poderá decidir o que fazer com ela.

— Rowan Mayfair? — perguntou Lorkyn, com uma voz suave, irônica. — Rowan Mayfair encontrou esta ilha?

— Fogo neles! — ordenou Rodrigo em inglês. Lorkyn não se mexeu.

— E Rowan Mayfair envia Caçadores de Sangue para nos levar embora daqui?  
— Sua voz possuía uma doçura que era totalmente física e tinha pouco a ver com suas intenções. As feições eram inconstantes, expressavam emoção. Mas ela baixou a voz até um sussurro. — Não surpreende que nosso Pai tenha se apaixonado por essa mulher. Que recursos espantosos estão à disposição dela!

— Ora, isso não é verdade. Ele amava nossa Mãe! — protestou Mirabelle. — Por favor, não diga todas essas coisas odiosas! Nós temos Oberon novamente livre. Estamos juntos! Rodrigo, você tem de nos deixar ficar juntos.

— Atire! — berrou Rodrigo. E xingou Lorkyn milhares de vezes em espanhol.

— Por que não matar este aqui agora? — perguntou Quinn, apontando para Rodrigo.

— Lorkyn, onde estão a Mãe e o Pai? — perguntei. — Você sabe?

— A salvo no gelo — ela respondeu.

— E em que lugar exato estaria esse gelo? — perguntou Mona, exausta e exasperada.

— Não revelarei a ninguém, a não ser a Rowan Mayfair.

— Deixe-me vê-los, por favor! — implorou Mirabelle. — Oberon, faça com que ela abra a cobertura.

— Rodrigo, acho que agora não há mais razão para mantê-lo vivo — disse eu.

— Deixe-me dar o tiro — pediu Oberon.

— Não — disse eu —, você apanharia a arma e mataria Lorkyn. Rodrigo de certo modo enlouqueceu. Tentou pular da sacada da frente. Eu lhe torci a cabeça no pescoço, matando-o instantaneamente. Deixei que caísse no piso cerâmico lá embaixo. Ficou lá, caído numa mancha de sangue.

Voltei-me a tempo de ver Lorkyn ser empurrada contra a parede, com os braços abertos no formato de um crucifixo. Tentara sacar a arma do coldre e Quinn conseguiu detê-la pelo uso da pura força mental. Lorkyn tinha o olhar fixo nele. Sua calma era impressionante.

Mona a estava estudando como se tentasse em vão compreendê-la.

Oberon olhava com ódio para Lorkyn e chorava amargamente. Mirabelle não o soltava.

— Você foi cúmplice deles o tempo todo. — Oberon estava claramente desesperado. — O que você era afinal? O cérebro por trás da glória de Rodrigo? Você, com todo o seu intelecto e sua esperteza? Você poderia ter procurado ajuda! Poderia ter nos tirado desta ilha! Que vá para o inferno pelo que fez! Por que fez isso?

Lorkyn, da cara de gatinho, não respondeu. Seu rosto em nenhum momento perdeu a suavidade, a expressão de receptividade.

Fui até ela, apanhei delicadamente a arma automática e a destruí em pedaços.

Apanhei o revólver e o atirei por cima do pátio nas águas do mar. Havia uma faca em sua bota. Uma bela faca. Peguei-a para mim e a enfiei no meu próprio calçado.

Ela não me disse nada. Seus olhos incríveis me observavam com tanta paciência como se eu estivesse lendo um poema para ela.

Tentei ler seu pensamento, mas não consegui nada.

— Leve-nos à Mãe e ao Pai — disse eu.

— Eu os revelarei a Rowan Mayfair e a mais ninguém — insistiu Lorkyn.

— Eles estão na cobertura no gelo! — disse Miravelle. — Rodrigo sempre dizia. No gelo. Vamos lá. Posso mostrar o caminho. Rodrigo me contou que, quando entrou na cobertura, nosso Pai disse: “Não nos mate. Não temos como lhe fazer mal. Guarde-nos em gelo e poderá nos vender para Rowan Mayfair e o Centro Médico Mayfair por milhões de dólares.”

— Ai, por favor — o rosto de Oberon estava coberto de lágrimas —, Miravelle, minha queridinha, pelo menos desta vez não seja uma perfeita idiota! Eles não podem estar na cobertura no gelo. Sei onde estão. Sei onde eles têm de estar. Se vocês conseguirem conter Lorkyn, sei exatamente aonde ir.

Seguimos com a máxima rapidez possível. Quinn segurava Lorkyn pelo braço com firmeza. Oberon ia na frente. Descendo as escadas sem parar.

Novamente na cozinha gigantesca. Par de portas enormes. Refrigerador? Câmara frigorífica? Uma estava cheia de trancas.

Quebrei-as imediatamente.

Assim que a névoa branca se dissipou, entrei e vi, à luz que passava sobre meu ombro, os corpos congelados no chão.

O homem alto de cabelos pretos com as têmporas brancas e a mulher ruiva, os dois de olhos fechados, serenos, enternecedores num abraço, trajes brancos de algodão, pés descalços, anjos dormindo juntos. Cobertos de gelo, como que nas garras profundas de um inverno proposital.

Dos pés à cabeça deles, mas não sobre o rosto, tinham sido dispostas no passado flores belíssimas, mas agora congeladas.

Fiquei ali parado, meio de lado, olhando para eles, enquanto os outros espiavam pela porta. Observei os fluidos congelados no chão, a descoloração da pele em determinados pontos, a perfeição daquele abraço e sua total imobilidade.

Miravelle soltou um berro agudíssimo.

— Mãe! Pai!

Oberon suspirou e desviou o olhar.

— E assim depois de longos séculos, ele termina desse modo — murmurou — pelas mãos dos próprios filhos e filhas. E ela, a mãe de todos nós, que poderia ter vivido um milênio. E quem pôs as flores aqui é o que eu gostaria de perguntar. Terá sido você, Lorkyn, traidora de tudo em que eles acreditavam? Deve ter sido, não é

mesmo? Sua desertora fútil. Que Deus lhe perdoe por ter feito as pazes com o inimigo. Você os trouxe aqui pessoalmente?

Mona entrou no retângulo iluminado da porta.

— Essa é a minha filha — sussurrou. Sem lágrimas. Sem soluços. Percebi nela a imensa derrocada de toda a esperança, de todos os sonhos, do próprio amor. Vi no seu rosto a amarga aceitação, a profunda entrega.

— Quer dizer que ele os tornou duros como o gelo, foi o que ele fez — protestou Mirabelle, chorando. Levou as mãos ao rosto e continuou a chorar incessantemente.

Ajoelhei-me ao lado do casal e pus minha mão na cabeça do homem. Rígida de tão congelada. Se havia uma alma ali, eu não consegui sentir. Mas o que me era dado saber? O mesmo com a mulher ruiva, tão parecida com Mona em seu frescor e beleza nórdica.

Saí cuidadosamente da câmara frigorífica até chegar ao ar quente e levei Mona em meus braços. Ela tremia por inteiro, mas seus olhos estavam secos e se entrecerravam na névoa branca. E, então, ela fez um grande esforço para se reanimar.

— Vamos, Mirabelle, minha querida — disse ela. — Vamos fechar a porta e aguardar a chegada de ajuda.

— Mas quem vai poder ajudar? — perguntou Mirabelle. — Lorkyn vai nos forçar a fazer o que ela quiser. E todos os outros desapareceram.

— Não se preocupe com Lorkyn — disse Quinn.

Oberon enxugou as lágrimas, desgostoso, e mais uma vez segurou Mirabelle nos braços, num abraço carinhoso. Ele estendeu a mão direita, com seus dedos longos e delicados, e afagou a cabeça baixa de Mona, puxando-a para perto de si.

Fechamos a porta da câmara frigorífica.

— Quinn — pedi —, tecle o número de First Street para mim e depois me dê o telefonezinho.

Ele me atendeu, com a destreza de apenas uma das mãos, pois ainda mantinha Lorkyn prisioneira com a mão esquerda.

A expressão de Lorkyn era doce e pensativa, sem nada revelar. Oberon, apesar de estar abraçado com Mirabelle e Mona, olhava para Lorkyn com um rancor sem disfarces.

— Observe — murmurei para Mona. E então a ligação se completou:

— Aqui é Lestat, quero falar com Rowan sobre Morrigan.

— O que você tem para me dizer, Lestat? — Uma voz grave e rouca que veio à linha. Contei-lhe tudo.

— Em quanto tempo você consegue chegar aqui? Mona arrancou o telefone da minha mão:

— Rowan, eles podem estar vivos! Suas funções vitais podem estar em

suspensão temporária!

— Estão mortos — declarou Lorkyn. Mona devolveu-me o telefone.

— Vocês vão ficar aí até eu chegar? — perguntou Rowan.

— Somos criaturas da escuridão, minha amada — disse eu. — Como os mortais costumam dizer, venha num piscar de olhos.

Eram duas da manhã quando o jato aterrissou. Quase não conseguiu, mesmo na pista mais longa.

Àquela altura, Mona e eu, deixando Oberon e Lorkyn sob a custódia de Quinn, havíamos passado duas horas nos livrando de todos os cadáveres na ilha. Ao mar devorador, entregamos os restos medonhos do helicóptero carbonizado e fumegante, tarefa lúgubre, exceto para as ondas plácidas e irresistíveis do Caribe, que perdoam tão depressa todas as oferendas impuras.

Pouco antes de que o avião pousasse, Mona e eu havíamos também descoberto os aposentos de Lorkyn, simplesmente maravilhosos, com um computador que estava de fato conectado com o mundo exterior e estava repleto de informações sobre os Mercadores de Drogas, com contas bancárias em uns doze lugares, no mínimo.

Mas o que realmente espantou a nós dois foram as informações médicas de todos os tipos: inúmeros artigos baixados de fontes aparentemente respeitáveis, sobre todos os aspectos do atendimento de saúde, desde estudos sobre dietas até neurocirurgia, os detalhes intrincados das operações de ponte de safena e a remoção de tumores no cérebro.

No fundo, havia muito mais informações médicas do que nós teríamos condições de examinar. E então demos com o material sobre o Centro Médico Mayfair.

E foi ali, naquele lugar estranho, em momentos comprimidos entre a violência e o mistério, que me dei conta de como o projeto do Centro Médico Mayfair era imenso, multifacetado, ousado e promissor. Vi o leiaute do hospital e dos laboratórios. Vi listas de médicos, listas de unidades, programas e equipes de pesquisas.

Além disso, Lorkyn baixara dezenas de artigos sobre o Centro publicados em veículos especializados.

E, por fim, nos deparamos com um volume enorme de material sobre a própria Rowan: carreira, realizações em pesquisas, planos pessoais para o Centro, projetos prediletos, atitudes, objetivos.

Simplesmente seria impossível ler aquilo tudo.

Decidimos que levaríamos o disco rígido conosco. Não tínhamos escolha, realmente. Levaríamos o de Oberon também. Nenhum rastro da tragédia seria deixado para desconhecidos.

Rowan e Stirling foram os primeiros a desembarcar, Rowan de jeans e camisa branca simples e Stirling num terno de tweed. Os dois tiveram uma reação imediata à visão dos três Taltos. Na realidade, Rowan pareceu entrar num mudo estado de choque.

Entreguei a Rowan os discos rígidos dos dois computadores, que ela confiou a um assistente que os guardou em segurança, no avião. Lorkyn observava tudo isso com olhos tão impenetráveis quanto os de Rowan, embora eles parecessem muito mais mansos, talvez parte de uma máscara de extrema doçura. Durante toda a espera, ela esteve em silêncio absoluto e agora não demonstrava alteração alguma.

Mirabelle chorava. Oberon, tendo se livrado do lenço colorido e escovado o cabelo, estava mais do que lindo e se dignou a dar a Rowan um leve cumprimento de cabeça.

— Onde estão os corpos? — perguntou Rowan, então, a Mona.

Do avião, como se houvesse sido combinado, saiu uma equipe de homens com uniforme branco pela escada de metal carregando o que parecia ser um saco de dormir gigantesco. Eles traziam outros equipamentos que eu não poderia decifrar nem descrever.

Seguimos de volta à câmara frigorífica.

Todo esse tempo, Lorkyn não protestou, apesar de Quinn a segurar com firmeza, mas mantinha os olhos enormes e extraordinários em Rowan, a não ser quando olhava de relance para Oberon, que nem por um instante deixou de observá-la com um ar de pura malevolência.

Rowan entrou cautelosa na câmara, como eu havia entrado antes. Examinou os corpos minuciosamente. Tocou nas manchas de fluidos congelados no piso. Estudou os trechos de descoloração na pele. Voltou as mãos para a cabeça deles. E, então, por fim, recuou e deixou a equipe cumprir a tarefa de levar os corpos para o avião.

— Estão mortos — afirmou. — Morreram há muito tempo. É muito provável que tenha sido logo depois de terem sido postos aqui juntos.

— Talvez não! — gritou Mona, em desespero. — Pode ser que eles consigam sobreviver a temperaturas às quais nós não conseguimos. — Ela parecia frágil e extenuada naquele vestido preto com plumas, a boca trêmula.

— Eles se foram. — A voz de Rowan não era cruel. Era solene. Ela estava lutando contra as próprias lágrimas e eu percebi.

— Ai, Mãe... ai, Pai... — Mirabelle recomeçou a chorar.

— Há sinais de decomposição generalizada — continuou Rowan. — A temperatura não foi mantida constante. Eles não morreram sufocados. Adormeceram como acontece com as pessoas na neve. É provável que não tenham sentido frio no final e morreram em paz.

— Ah, como é lindo! — observou Mirabelle, com a mais pura sinceridade. —

Você não acha, Mona? É tão bonito. Lorkyn, querida, você não acha?

— Acho, Miravelle, querida — concordou Lorkyn, com delicadeza. — Não se preocupe mais com eles. Eles conseguiram realizar seu intento.

Fazia tanto tempo que ela não falava, que esse carinho me pegou de surpresa.

— E qual era esse intento? — perguntei.

— Que Rowan Mayfair soubesse do seu destino — explicou Lorkyn, calmamente. — Que o Povo Secreto não desaparecesse.

Rowan suspirou. Sua expressão era de uma tristeza indescritível.

Ela abriu muito os braços e nos arrebanhou levando-nos para fora da cozinha, uma médica fazendo com que nos afastássemos de um leito de morte.

Sáímos para o calor agradável do ar lá fora e a paisagem parecia tranqüila, ao sabor do ritmo das ondas e da brisa... purificada de toda a violência e desumanidade.

Olhei para além dos prédios iluminados, para a enorme massa da selva incerta. Esquadrinhei novamente em busca de qualquer presença, humana ou de Taltos. A vegetação fechada estava fervilhando com seres vivos, uma população densa demais para eu conseguir detectar uma criatura ou outra.

Senti minha alma doente e vazia. Ao mesmo tempo, os três Taltos estavam me preocupando ao extremo. Exatamente o que ia acontecer com eles?

A turma com os corpos congelados passou correndo por nós para embarcar no avião e nós seguimos devagar até a escada de metal na pista.

— Será que nosso Pai realmente pediu por isso, por esse congelamento? — Oberon quis saber. Havia perdido todos os modos desdenhosos. — Será que ele procurou a morte de boa vontade? — perguntou ele, com sinceridade.

— Era isso o que Rodrigo sempre dizia — respondeu Miravelle, que agora estava nos braços de Stirling, chorando dolorosamente. — Nosso Pai mandou que eu me escondesse dos bandidos e por isso eu não estava com ele. Só foram me encontrar no dia seguinte. Lorkyn e eu estávamos juntas, escondidas na casinha junto das quadras de tênis. Não vimos o que aconteceu. Nunca mais vimos nosso Pai e nossa Mãe.

— Não quero embarcar nesse avião como prisioneira — pediu Lorkyn, em tom muito cortês. — E gostaria de saber para onde vou. Não está clara para mim a fonte de autoridade nisso tudo. Dra. Mayfair, poderia fazer o favor de explicar?

— Neste momento, você está sendo vítima de excesso de preocupação, Lorkyn — disse Rowan no mesmo tom brando que Lorkyn usara ao falar com ela.

Rowan enfiou a mão no bolso da calça, tirou dali uma seringa e, enquanto Lorkyn olhava horrorizada e lutava em desespero, fincou uma agulha no braço pelo qual Quinn a segurava. Lorkyn foi caindo, tentando se agarrar a Quinn, e acabou desfalecendo por completo, toda ela quadris, joelhos e mãos longas e finas, com o



rosto de gatinha adormecido.

Oberon observava com os olhos semicerrados e um sorriso de dar arrepios.

— Deveria ter cortado o pescoço dela, dra. Rowan Mayfair — disse ele, levantando uma sobrancelha. — Por sinal, acho que posso partir todos os ossos do pescoço, se vocês me permitirem tentar.

Mirabelle deu meia-volta, soltando-se do abraço carinhoso de Stirling, e olhou com ódio para Oberon.

— Não, você não pode fazer uma coisa horrível dessas com Lorkyn. Não é culpa dela ser sábia e prudente! Oberon, você não pode ser cruel com ela, não agora.

Mona soltou uma risada curta e amarga.

— Talvez você tenha conseguido o espécime que queria, Rowan — disse ela, com a voz fraca. — Trate de ligá-la a todas as máquinas de conhecimento da ciência, submeta-a a vivisseção, congele-a em fragmentos e em lâminas, faça com que produza o maravilhoso leite de Taltos!

Rowan olhou para Mona com um ar tão glacial que era difícil dizer se tinha ouvido ou não aquelas palavras. Pediu ajuda aos que já estavam dentro do avião.

Lorkyn, adormecida, foi colocada numa maca com faixas para imobilizá-la e levada a bordo, enquanto esperávamos em silêncio.

Stirling foi atrás com Mirabelle, que ainda estava chorando pela Mãe e pelo Pai.

— Se ao menos nosso Pai tivesse chamado Rowan Mayfair quando assim o desejou. Mas a Mãe ficou com tanto ciúme. Ela sabia que nosso Pai amava Rowan Mayfair. Ai, se ao menos o Pai não lhe tivesse dado ouvidos. E agora o Povo Secreto está reduzido a apenas nós três.

Rowan captou essas palavras, olhou para mim e depois para Mona. Mona também as registrou, relanceando um olhar sinistro na direção de Rowan. A escuridão tomou conta de Rowan.

Oberon estava ali perfeitamente livre, a imagem da descontração, com o peso apoiado numa perna, os polegares nos bolsos de trás da calça, examinando Rowan em detalhe. Os olhos enormes estavam novamente semicerrados e seu rosto ainda estava molhado das lágrimas.

— Não me diga — disse ele, arrastando as palavras, com a cabeça jogada para trás — que você quer que eu também entre nesse avião e volte com você para seu Centro de Maravilhas da Medicina.

— Para que outro lugar você pretende ir? — perguntou Rowan, com uma frieza à altura. — Você vai abandonar Mirabelle e Lorkyn?

— Rowan é sua parenta — disse Mona, com a voz forçada e impaciente —, ela é da sua família e vai cuidar de você, Oberon. Se você tem um mínimo de bom senso, permita que ele suplante seu sarcasmo avassalador e seu humor cáustico,

embarque no avião e trate de se comportar. Você pode acabar descobrindo que pertence a um clã extremamente rico, de pessoas extraordinariamente generosas.

— Seu otimismo me comove — respondeu ele direto a Mona. — Devemos então supor que foi a devoção ao clã extraordinariamente generoso que a levou a fugir com um par de Caçadores de Sangue e a permitir que eles a transformassem nisso que você é agora?

— Oberon — disse eu —, eu o libertei, não é mesmo?

— Pronto, já vai começar. — Ele revirou os olhos. — Pelo amor de São Juan Diego, será que eu posso fazer o favor de me comportar para Rowan Mayfair, o único ser humano que o Pai chegou a amar de verdade? E será que na primeira oportunidade que eu tiver não vou cegar Lorkyn com meus próprios dedos? Ou talvez alguma outra coisa de uma crueldade ainda mais deliciosa?

— Exatamente — disse eu. — Procure cooperar com Rowan sob todos os aspectos. Você não tem nada a perder com isso. E não vá atacar Miravelle e fazer um bebê, está bem? E, quando se sentir tentado a agir de outro modo, lembre-se de São Juan Diego.

Oberon deu uma risadinha, levantou as mãos e as abaixou, virando-as para fora. Então subiu pela escada de metal até a porta aberta.

— Esse deve ser um santo dos bons — comentou Rowan, baixinho.

— Durante a viagem — disse eu —, Oberon poderá lhe contar tudo sobre ele.

— Ei, esperem, eu esqueci minha imagem! — gritou Oberon, lá do alto da escada. — Como fui fazer uma coisa dessas?

— Prometo trazê-la para você — disse eu. — Além do mais, a família Mayfair comprará para você o que você quiser. Entre no avião.

Ele me obedeceu e depois voltou a aparecer à porta.

— Lembre-se de que essa estatueta está ligada ao milagre! Você tem de apanhá-la.

— Não tenho nenhuma intenção de esquecê-la aqui — assegurei. Ele desapareceu.

Agora só restava Rowan, de pé ali comigo, Mona e Quinn.

— Para onde vocês vão agora? — perguntou Rowan.

— Para a Fazenda Blackwood — disse Quinn. — Nós três, nós nos mantemos unidos.

Rowan olhou para mim. Ninguém nunca me olhou exatamente do jeito com que Rowan me olha.

Ela se despediu com um gesto de cabeça.

Virou-se para ir, mas então voltou e me abraçou, um volume caloroso de vida me foi confiado. Dentro de mim, todas as barreiras desmoronaram. Nós nos beijamos como se ninguém estivesse ali para presenciar, repetidamente, até tudo se

tornar uma pequena linguagem própria. Seus seios muito quentes encostados no meu tórax, minhas mãos agarrando seus quadris, meus olhos fechados, minha mente calada pelo menos dessa vez, como se meu corpo a tivesse rechaçado ou a tivesse inundado com tantas sensações, que ela não pudesse me dizer o que fazer. E finalmente ela se afastou e eu dei as costas ao avião. A sede de sangue me paralisava. O desejo me paralisava. E depois soltou-se o amor, o puro amor.

Fiquei ali imobilizado, dando-me conta exatamente do que era aquilo. O puro amor. E, de repente, fazendo a associação irremediável com o amor que eu sentira quando beijei o espírito de Patsy à beira do pântano: o puro amor.

E minha mente se lançou pelos séculos anteriores, como o mecanismo da consciência determinado a desenterrar o pecado. Só que ela procurou momentos de puro amor. E eu os conheci, secretos, silenciosos, raros, esplêndidos. Esplêndidos em seu próprio poder, quer o ser amado tivesse consciência disso quer não, esplêndidos por eu ter amado...

Relance do casal abraçado, Ash e Morrigan, a névoa branca que emanava deles. Símbolo do puro amor.

A percepção se dissolveu. Quinn me afastou do rugido dos motores a jato. Saímos da pista.

Ficamos calados em meio ao ruído do avião que partia. Afinal, ele decolou tranqüilamente. E sumiu no meio das nuvens.

Manifestava-se o mistério antiqüíssimo do Caribe — mais uma ilha minúscula empapada de sangue — que esta magnífica região do mundo presenciase tantas histórias de violência.

Mona estava parada olhando para o mar aberto. A brisa levantava-lhe a cabeleira ruiva. Ela já estava além das lágrimas. Era a própria imagem do luto.

Será que ela agora poderia começar? Começar de verdade, minha cria perfeita?

Cheguei perto dela. Não queria invadir sua dor. Mas ela estendeu o braço esquerdo e me trouxe para perto, apoiando seu peso em mim.

— Essa foi minha busca — disse ela, com o olhar distante. — Esse era meu sonho, meu sonho que suplantou o Sangue das Trevas... o sonho que me fez superar toda a dor que o precedeu.

— Eu sei — assenti. — Eu entendo.

— Que eu encontraria minha Morrigan — continuou ela —, que eu os encontraria vivendo felizes, que eu a conheceria novamente com toda a sua loucura, que passaríamos noites inteiras conversando, nos beijando, nossas vidas se tocando e depois se afastando. E agora... é uma destruição só.

Esperei um pouco, em respeito ao que ela acabava de dizer. E então falei:

— Eles viveram felizes por muito tempo. Oberon nos contou como era. Durante anos eles viveram como o Povo Secreto. — Tentei lembrar-lhe da melhor forma

possível o que Oberon nos havia contado.

Lentamente, ela se permitiu concordar, os olhos voltados para o mar morno e plácido, que não lhe causava nenhuma impressão.

— Eles deveriam ter deixado que nós ajudássemos! — murmurou ela. — Michael e Rowan teriam ajudado! Ai, quanta insensatez! Imaginar que Morrigan não tenha permitido que ele ligasse para Rowan... Porque sentia ciúme! Ai, Rowan, Rowan.

Não revelei meus pensamentos.

— Vamos voltar para casa, para a Fazenda Blackwood — disse Quinn. — Haverá tempo para chorar os mortos e tempo para conhecer Miravelle e Oberon. E até mesmo Lorkyn.

Ela abanou a cabeça:

— Não. Esses Taltos não são para mim, agora não. Miravelle é uma criatura pura e mansa, sem meu fogo, sem o fogo da mãe. O elo foi partido. Morrigan teve uma morte dolorosa. Eles vão cuidar de Miravelle. Pobre e terna criatura, resgatada da união do antigo com uma mutante. Nada tenho a dar a Miravelle. Quanto a Oberon, ele é sombrio demais para mim; e o que posso dar a ele? Ele vai matar Lorkyn mais cedo ou mais tarde, vocês não acham? E como Rowan conseguirá justificar seu desejo de manter Lorkyn? Não é da minha conta. Não é minha paixão. Quero estar com vocês. Vocês são meu povo.

— Não tente decidir esse tipo de coisa agora. — Senti muita pena de Mona. E no meu coração sentia uma preocupação pungente com as tarefas que o futuro reservava para Rowan.

— As palavras de Maharet estão claras — prosseguiu ela na mesma voz dilacerada, sem jamais voltar os olhos para mim ou para Quinn. — Era a natureza seguindo seu curso. Era inevitável.

— Talvez sim, talvez não — disse Quinn. — Mas está encerrado.

Voltei-me e olhei para a mansão ao longe com todas as janelas acesas. Olhei para a vasta massa de selva rochosa que se erguia por trás da praia arrogantemente iluminada. Tentei guardar aquela imagem. Captei os pequenos animais do lugar selvagem, os tamarindos, as aves, talvez um javali nas profundezas da selva. Eu não saberia dizer.

E, no entanto, eu relutava em partir. Não sabia ao certo por quê.

Queria percorrer a selva. A mata que eu não havia pesquisado e que era fechada. Só que esta não era a hora certa.

Demos adeus à ilha. Quinn pegou Mona nos braços e os dois subiram na direção das nuvens.

Eu voltei para apanhar a estatueta do meu santo amado e logo estava a caminho do refúgio seguro da Fazenda Blackwood.

## CAPÍTULO 27



Parei no apartamento, tirei as roupas de couro, vesti uma camisa social lilás, gravata roxa, terno de colete de linho preto, botas novas, parti para a Fazenda Blackwood, mergulhei na cama de tia Queen e caí em sono profundo.

(São Juan Diego estava na mesinha-de-cabeceira bem ao meu lado.)

Vaga lembrança de Mona ter entrado ali antes do amanhecer para me dizer que havia mandado um e-mail para “a misteriosa Maharet” com um relato de tudo o que aconteceu. E eu disse: “Muito bem. Amo você. Fora daqui!”

Ao entardecer, quando acordei, saí do quarto para a casa e descobri que Stirling Oliver estava por lá. Jantara cedo com Tommy e Nash, que foram passar a noite em Nova Orleans, e agora estava me aguardando no “terraço de vime” no lado leste da casa.

Eu me sentia tão reconfortado por todos os aspectos da Fazenda Blackwood e de seus humanos tão insuspeitos que poderia ter chorado, mas não chorei. Dei uma pequena circulada pelos aposentos espaçosos. Nenhum sinal do fantasma de Julien. Por que ele estava largando do meu pé? Eu me alegrei, quaisquer que fossem os motivos. Aqui na Fazenda Blackwood, a ilha de St. Ponticus parecia remota; os horrores da noite passada, imaginados.

O Duo Deslumbrante ainda não tinha acordado.

Apanhei a estatueta de São Juan Diego e fui lá para fora.

O terraço de vime havia sido criado por Quinn a partir de todos os móveis antigos de vime que ele encontrou no sótão da Fazenda Blackwood quando ainda era adolescente. Ele mandou restaurar todas as peças e as dispôs ali e o recanto era encantador, com uma atmosfera própria.

Os holofotes não estavam acesos. Havia apenas um par de lampiões de luz bruxuleante e Stirling, num paletó leve de tweed, fumava um cigarro. Seu cabelo grisalho de corte perfeito estava um pouco despenteado pela brisa. Mas, fora isso, ele era a imagem da dignidade. E a imagem de um mortal com quem eu podia ficar à vontade e conversar como se eu não fosse um monstro.

Sentei-me na cadeira diante dele, com São Juan Diego fora de vista, ao meu

lado.

Havia no ar aquela sensação cortante do início do outono. Resignei-me a ela e inspirei o puro frescor da brisa, deixando meus olhos se demorarem nas nuvens peroladas e nas estrelinhas assustadoras e inevitáveis que logo conseguiram brilhar através delas.

— Pronto. Pode desembuchar, meu querido — comecei.

— Bem — disse ele, com os olhos juvenis imediatamente atentos —, um avião com pessoal nosso desceu na ilha com a máxima presteza possível. Recolheram os laptops e todos os computadores que conseguiram encontrar na biblioteca do mezanino que Oberon nos descreveu, vestígios do Povo Secreto que Oberon quis preservar. E estavam prestes a ir embora, quando chegou um barco cheio de tipos indigestos. Nós tínhamos uma escolta de cinco ou seis mercenários, como poderiam ser chamados, não eram membros da Talamasca, entenda bem, mas totalmente leais em seu trabalho para nós, de modo que ocorreu uma espécie de confronto. Os camaradas indigestos consideraram prudente ir embora. Muito rápido na verdade. Eu diria que eles concluíram que seu tempo na ilha estava encerrado. Nosso avião decolou sem problemas. Atribua isso à atitude e à persuasão por parte da nossa guarda. Enquanto isso, a Mayfair & Mayfair rastreava toda a história da ilha, encontrando uma nítida sucessão de propriedade que revelava a transferência da Lost Paradise Resorts para a Secret Isle Corp., cujo único executivo e acionista era Ash Templeton. Advogados que trabalhavam para a Secret Isle em Nova York notificaram outros advogados que, por sua vez, notificaram outros advogados que eram os verdadeiros encarregados dos negócios de Ash. Eles chegaram de avião esta tarde. Viram o corpo no Centro Médico Mayfair. Revelaram seu último testamento firmado quatro anos atrás, era que deixava tudo para Michael Curry e Rowan Mayfair, com algum tipo de fundo fiduciário para os filhos de Ash. Isso foi anos depois que Ash deixou Nova Orleans com Morrigan. Havia um punhado de cartas anexas. “A serem entregues a Michael Curry e Rowan Mayfair caso eu morra ou me torne incapaz.” Elas foram dadas a Michael e Rowan.

— Não estou entendendo direito — interrompi.

— Ash estava tomando providências. Ele sabia que o Povo Secreto estava enfrentando problemas. Apenas não tomou as providências com rapidez suficiente. A comunicação sempre foi esporádica. Os administradores do patrimônio não conheciam a localização do Povo Secreto nem seus nomes. Há dois anos, a comunicação foi interrompida totalmente. Ash deveria ter dado a um dos escritórios uma programação com medidas a serem tomadas: “Se não tiverem notícias minhas de seis em seis meses etc...”

— Entendo. Alguma pista do que possa estar nas cartas?

— Pelo que Michael me contou, as cartas estão cheias de avisos corteses,

observações e pedidos para que Rowan, Michael e a família Mayfair cuidem dos seus filhos. A fortuna de Ash era imensa. Na verdade, o dinheiro passa para Rowan e Michael em custódia para Oberon, Lorkyn e Miravelle.

— Nenhum problema por esse lado. Não sei se alguém já lhe passou essa informação, mas tanto Rowan quanto Mona geraram lucros imensos para o Legado Mayfair. Rowan é membro dos conselhos que investem os fundos das doações do Centro Médico e é considerada de uma perspicácia incrível na arte de ganhar dinheiro. Suponho que o que estou lutando com as palavras para dizer é que a fortuna da família Mayfair continua a crescer, apesar do custo do Centro Médico, que é agora beneficiado por todos os tipos de financiamento de pesquisa. E o último testamento de Ash será perfeitamente honrado pela Mayfair & Mayfair, não tenha dúvida quanto a isso.

— E você acha que me deve essa explicação? — perguntei.

— De certo modo, sim. Foi você quem resgatou os Taltos. E é claro que você poderá dizer tudo isso para Mona quando surgir a ocasião. E tenho certeza de que surgirá.

Fiz que sim com a cabeça.

— Já que estamos falando sobre esse assunto — prosseguiu ele —, posso lhe perguntar do que você vive?

— De sangue — respondi.

— Não. Estou me referindo ao aspecto financeiro.

— Stirling, examine as Crônicas e os próprios arquivos da Talamasca. Imortais pobretões são tema para filmes B. Minha fortuna é tão imensa que nem sei o que fazer com ela. É administrada para mim em Paris e em Nova York por mortais que conhecem somente a minha voz. Quando ando esfarrapado, é uma questão de disposição moral, nada mais que isso.

— Fascinante — comentou ele.

— Continue relatando o que anda acontecendo.

— Bem, Rowan está tão ocupada no laboratório com os dois corpos que mal olhou para as cartas. Michael as está lendo por inteiro agora. Mais tarde vai mostrá-las a mim. Naturalmente, a Talamasca entregou todos os computadores da invasão desta manhã à família Mayfair. Os computadores pertencem a Michael e Rowan por força do testamento de Ash. Não tivemos escolha a não ser essa. Talvez eles nos permitam estudar o material no futuro.

— E a Mayfair & Mayfair tomou alguma providência quanto à ilha em si, para manter os traficantes afastados?

— Eles entraram em contato com todos os tipos de autoridade policial com jurisdição sobre aquela parte do mundo, creio eu. Mas acredito que seja bastante complicado. Apresentamos a oferta de mandar os mercenários de volta. Pode ser

que eles acabem por aceitá-la. Algum tipo de força de segurança particular foi enviada para lá. Assim como uma equipe de limpeza. Aparentemente, o iate, o avião... tudo isso pertencia a Ash. Esse Rodrigo, que você fez a enorme gentileza de destruir, era um alvo importante na mira da agência americana de combate às drogas. Essa informação foi passada à família quando eles solicitaram proteção para a ilha. A família não colaborou com a agência de combate às drogas, nem a convidou para entrar na ilha. Tudo está sendo resolvido no âmbito privado.

— Hummm... — Eu sentia alguma inquietação acerca da ilha. Toda aquela selva. Gostaria de ter tido tempo suficiente para atravessá-la a pé. — E onde estão os Taltos?

— Quer a resposta curta ou a história completa?

— Fala sério...

— Pois bem, Mirabelle e Oberon passaram a manhã e o início da tarde na casa de First Street, na companhia de Dolly Jean e tante Oscar. Foi totalmente espantoso. Por vezes, achei que estava tendo uma alucinação. Parece que há anos tante Oscar não saía do seu apartamento no French Quarter. Você se lembra de que ela usa três ou quatro vestidos de uma só vez?

— É, eu me lembro, sim. E espalha rumores terríveis a meu respeito. Eu até poderia corrigi-la mas, se realmente está com mais de cem anos de idade, pode ser que eu lhe cause um ataque do coração.

-Você tem razão. Quando Dolly Jean ligou para seu famoso telefone da geladeira, tante Oscar concordou em vir a First Street se mandassem o carro apanhá-la e ela passou a tarde com Dolly Jean e Michael deliciando os “Bebês que Andam” com histórias ou deixando que Mirabelle ou Oberon as deliciassem; não sei bem o que realmente se sucedeu. Mas tudo isso foi registrado para a posteridade por mim e por Michael. Mirabelle ficou chocada com muita coisa que as velhas disseram, mas Oberon ria histericamente. Ele as considerou os seres humanos mais engraçados que já conhecera e não parava de bater com o pé no chão ou com a mão na mesa. É claro que eu estava fascinado só de observar toda aquela coleção de criaturas, tante Oscar incluída. — Stirling deu uma tragada no cigarro. — E ela estava mesmo usando cerca de três ou quatro vestidos por baixo do casaco marrom-avermelhado orlado de pele de raposa. Usava também um chapéu preto com rosas aplicadas e um pequeno véu sobre o rosto. E seus olhos são mesmo parecidos com ovos. Ela entrou na casa fazendo o Sinal da Cruz repetidamente, passando as contas de um rosário pela mão direita, com um batalhão de meninos lindos de doze anos de idade a acompanhá-la enquanto subia a escada de mármore e entrava pela sala de jantar. Os garotos logo descobriram a piscina e foram convidados a nadar, o que aceitaram com prazer. Pode ser que ainda estejam nadando agora. Parece que nunca tinham nadado antes.

Stirling parou.



O Duo Deslumbrante havia aparecido. Os dois trajando calças cáqui e blusões em estilo safári. Quinn, com uma camisa de colarinho aberto, e Mona, com uma blusa de gola rulê verde-oliva... um contraste espantoso com os trajes formais que sempre tinham usado antes.

Os dois estavam pálidos e um pouco macilentos. Eles não tinham necessidade de se alimentar, graças ao repasto da noite anterior, mas parecia que a aventura sinistra lhes roubara a energia. Quinn parecia estar em jejum. Mona, ferida e frágil.

Só por um instante, vi ali a garota moribunda, emaciada, que era quando pus os olhos nela pela primeira vez. Fiquei assustado.

Beijos e abraços para Stirling, que se levantou para recebê-los.

Segurei a mão dela e ela se debruçou para me dar um beijo na boca. Senti uma febre nela, como se seu corpo estivesse consumindo seus sonhos passados. E uma tristeza cinzenta turvava sua visão.

Ela foi direto ao ponto, mesmo antes de se deixar cair numa cadeira de vime e pôr os pés para o alto em cima da mesa.

— A esta altura, Rowan já deve saber se estão vivos ou mortos.

— Minha querida, eles estão mortos — disse Stirling. — Não há dúvida. Foram postos a uma temperatura em torno de zero grau e ligados a todo tipo de equipamento do conhecimento de Rowan. Não há neles absolutamente vida alguma. Só um tesouro de tecido, sangue e ossos que Rowan quer examinar.

— Ah, sim, é claro, é mesmo — disse Mona, numa voz baixa, corrida. Ela fechou os olhos. Parecia tão perdida. — Quer dizer que a Cientista Louca deve estar superfeliz.

— E o veneno? — perguntei. — Oberon comentou que Ash e Morrigan tinham sido envenenados lentamente pelos filhos rebelados.

— Havia diversos compostos no sangue e no tecido — concordou Stirling. — Parece que tinham dado arsênico, warfarina e algum outro produto químico raro que ataca a musculatura. As doses teriam sido fatais para seres humanos. Mas é uma questão difícil. Pode ter havido outros venenos que não tenham permanecido nos corpos. Havia também quantidades enormes de benzodiazepinas.

— Quanta maldade de Silas — murmurou Mona.

— Miravelle e Oberon disseram mais alguma coisa sobre a vida do Povo Secreto? — perguntou Quinn. — Acho que, quanto mais Mona ouvir falar sobre isso, melhor ela há de se sentir.

— Tanto faz — disse Mona, em voz baixa.

— É, os dois falaram muito — prosseguiu Stirling, com delicadeza. — Assim como os advogados de Nova York que representavam Ash. A vida deles foi muito boa e durou cerca de quatro anos até o bandido do Rodrigo assumir o controle da ilha. Oberon gosta muito de descrever suas viagens e seus estudos. Miravelle cada

vez mais está revertendo para um estado infantil. Oberon fica impaciente com ela.

— E onde eles estão agora? — perguntou Quinn.

— No Centro Médico Mayfair. Rowan os internou para exames no início desta noite.

— Ah, maravilha! E eles concordaram?! — disse Mona. — Como eu poderia não saber que isso ocorreria? Os dois mortos não bastam! Lorkyn não basta. Ela precisa também dos vivos imediatamente! É assim que Rowan é. Ela disse que as pobres crianças pareciam um pouco definhadas? Ou simplesmente injetou alguma coisa nas suas veias e os jogou em macas? Quem dera eu pudesse armar um protesto por motivos de consciência, mas não estou com ânimo para isso. Deixemos, portanto, que eles desapareçam em meio aos laboratórios e salas secretas do Centro Médico Mayfair. Adeus, minha doce Mirabelle! Será que meus olhos um dia voltarão a vê-la? Até a vista, ó, Oberon da língua ferina, que você não afaste um número demasiado de enfermeiras, com seu humor cáustico, pois elas realmente podem tornar sua vida um inferno. E quem sou eu, uma Filha do Sangue, para buscar um privilégio tamanho como o de ver essas criaturas estranhas, atemporais, a não ser talvez para soltá-las na rotina deste nosso mundo, onde elas indubitavelmente cairiam vítimas de algum humano insidioso, equivalente a Rodrigo, o Barão das Drogas?!

— Mona, Mirabelle e Oberon não serão mantidos lá — disse Quinn. — Nós mesmos podemos cuidar disso. Rowan não fará deles prisioneiros. Você está de novo transformando Rowan no inimigo, sem motivo algum. Se quiser, podemos ir agora ao Centro Médico Mayfair, com grande probabilidade de vê-los. Ninguém pode nos impedir.

— Ouça só o que está dizendo! — protestou Mona, com um leve sorriso afetuoso. — Você acha que conhece Rowan, mas você não a conhece. E nosso Amado Chefe deixou-se seduzir pelo seu encantamento sinistro, exatamente como parece ter acontecido com Ash Templeton, que a abandonou por sua espécie, mas não conseguiu salvar sua tribo por causa do ciúme que Morrigan sentia dela. O, Trevas, ó, Trevas lastimosas. Lestat, como você consegue encontrar o coração glacial daquela mulher?!

— Você está usando Rowan como pára-raios — disse Quinn calmamente. — Qual é o pretexto agora para odiar Rowan? O fato de ela ter declarado Ash e Morrigan mortos? Lestat lhe disse que estavam mortos. Deixe para lá. Deixe tudo para lá.

Mona abanou a cabeça, com as palavras vindo em enxurrada.

— E o velório? E a cerimônia fúnebre? Onde estão as flores? E a família, com todos dando beijos? Eles vão enterrar Ash e Morrigan no jazigo da família?

Estendi minha mão e segurei a dela.

— Ofélia, que necessidade eles têm agora de flores ou de beijos? “Será possível que a razão de uma jovem donzela seja tão perecível quanto a vida de um velho?” Acalme-se, minha bela.

Ela me respondeu com Shakespeare:

— “O pensamento e a aflição, a paixão, o próprio inferno, ela transforma em vantagens e beleza.”

— Não! Volte. Agüente firme.

Ela fechou os olhos. O silêncio se prolongou. Senti que ela respirava fundo.

— Stirling, conte-lhe como foi — pedi cauteloso. — Conte-lhe as partes cômicas.

— Se me é permitido dizer — começou Stirling —, depois de uma tarde inteira com tante Oscar e Dolly Jean e todas as suas histórias sobre Bebês que Andam nos pântanos, Miravelle e Oberon estavam prontos para uma suíte de hospital. E é muito provável que Michael Curry tenha ficado feliz ao vê-los ir embora.

— Eles não tentaram escapar da casa nem uma única vez? — perguntou Mona.

— Havia seguranças em toda a volta — admitiu Stirling. — Mas Mona, como alguém poderia deixar esses dois saírem pelo mundo humano afora sem nenhuma companhia que os protegesse? É, o Povo Secreto resistiu por cerca de cinco anos, ao que parece, e Oberon e Miravelle nos contaram histórias fantásticas de sua vida com o Pai e a Mãe, mas o conceito básico estava ruindo desde o início. A Rebelião de Silas durou dois anos. A tomada de controle por Rodrigo, outros dois. E é essa a história que conhecemos a esta altura.

— Bem, e o que vai acontecer com eles? — perguntou Mona.

— Oberon entregou seu destino inteiramente nas mãos de Rowan e, depois de conhecer Michael e perambular pela propriedade de First Street, além das trocas de alta comicidade com tante Oscar e Dolly Jean, acho que ele está insistindo com Miravelle para que aja do mesmo modo. Pode-se dizer que Oberon confiou a si mesmo ao Centro Médico Mayfair e com isso confiou sua irmã. E nesse ponto que as coisas estão.

— Alguma notícia de Lorkyn? — perguntei.

— Não — disse Stirling. — Nenhuma. Só Rowan sabe o que está acontecendo com Lorkyn. Michael não fazia a menor idéia.

— Ai, isso é fantástico! — interrompeu Mona, com rancor, o lábio tremendo. — Eu me pergunto se Rowan vai dissecá-la viva.

— Pare com isso — ordenei, baixinho. — Lorkyn se sujou com o sangue de outros. Era cúmplice de Rodrigo. Rodrigo matou Ash e Morrigan! Deixe para lá!

— Faço minhas as suas palavras — concordou Quinn. — Raramente vi uma criatura mais assustadora do que Lorkyn. O que se espera que Rowan faça com ela? Que a entregue ao pessoal do combate ao tráfico de drogas? Vocês acham que ela

não conseguiria passar a perna neles? Rowan tem sua própria lei, como nós temos a nossa.

Mona abanou a cabeça. A cada minuto, estava ficando mais frágil.

— E Michael? — perguntou ela, com um toque de histeria na voz, o rosto ainda pálido e os olhos duros de dor. — O que está acontecendo com meu querido Michael nesta história toda? Ele já sacou que, pelas suas costas, Rowan está encantada com o grande Lestat?

— Ah, então é isso — disse Quinn, era tom severo. — E você, a criança que foi para a cama com ele e gerou Morrigan, agora vai investir contra Rowan por causa de uns beijos. Ora, Mona, me poupe.

— Você nunca me disse uma palavra cruel, Quinn! — murmurou ela, lançando-lhe um olhar mortífero.

Stirling ficou perplexo com tudo isso. Eu não disse palavra.

— Você está subestimando o amor de Michael e Rowan e tem consciência disso — delatou Stirling, com um pouco de aspereza na voz. — Quem dera eu pudesse revelar todas as confidências que me são feitas. Mas não posso. Basta dizer que Rowan ama Michael com toda a sua alma. É, houve momentos de extrema tentação em Nova York com Ash Templeton. Ela, que não podia mais ter filhos, e esse imortal sábio, que conseguia entendê-la tão bem... mas ela nunca cedeu. E não vai destruir os alicerces de sua vida por mais ninguém agora.

— É verdade — concordei, em voz baixa.

Quinn inclinou-se e beijou Mona. Ela se entregou, cheia de perdão.

— E Michael, onde está agora? — perguntou ela, evitando meu olhar.

— Dormindo — disse Stirling. — Depois que Rowan chegou às pressas e levou Oberon e Mirabelle embora, talvez de um modo um pouco teatral demais, Michael simplesmente se deixou cair na cama no andar de cima e mergulhou num sono profundo. Acho que não foi nada benéfico para sua paz de espírito o fato de tante Oscar, antes de ir embora, ter olhado no fundo dos seus olhos e ter declarado que ele era “o pai de uma prole malfadada”.

Mona se enfureceu imediatamente. (Mas isso era melhor do que sua insanidade.) Seus olhos estavam molhados e orlados de vermelho.

— Era só disso que Michael estava precisando! Como essa criatura ousa fazer previsões desse tipo?! Aposto que Dolly Jean deve ter enveredado pelo mesmo caminho. Dolly Jean nunca ia deixar uma oportunidade dessas escapar por aqueles seus dedinhos sabidos.

— É verdade — concordou Stirling. — Ela disse a Michael que era melhor ele salpicar pó amarelo em toda a volta da cama. Acho que essa foi a última gota para ele.

— Vocês sabem — disse Mona, com a histeria subindo, as palavras

aumentando de velocidade novamente —, no meu apogeu como Herdeira do Legado Mayfair, quando eu andava por aí de chapéu de caubói, shorts e camisas de manga comprida, no avião da companhia, valendo bilhões de dólares e tomando todo o sorvete que bem entendesse, eu tinha vontade de comprar uma estação de rádio. E um dos meus sonhos era dar a Dolly Jean um programa só para ela para que as pessoas pudessem ligar e bater papo sobre costumes e sabedoria rurais. Eu ia dar à Velha Evelyn seu próprio programa também... Você conhece a Velha Evelyn, não conhece, Stirling...? Lestat, a Velha Evelyn só sussurra e não pára de sussurrar... E eu ia dar um prêmio a quem conseguisse realmente entender o que ela diz. Imaginei que outros sussurradores ligariam para a rádio, sabe, e responderiam direto aos sussurros da mesma forma que ela. E eu daria prêmios também, ora, por que não? Depois, poderia vir a Hora do Michael Curry, em que as pessoas poderiam ligar com histórias do Irish Channel ou canções irlandesas, e Michael e os ouvintes poderiam cantá-las juntos. E é claro que eu ia ter meu próprio programa, todo dedicado à economia mundial e às tendências mundiais na arquitetura e na arte... — Mona suspirou. — Eu tinha projetos para cada excêntrico da família. Mas nunca cheguei a realizar nada disso porque fiquei muito doente. Mas Dolly Jean ainda está falando pelos cotovelos. E Michael... a mulher de Michael está enganando o marido com você e ele não tem ninguém que o defenda.

— Ai, Mona, vê se esquece — disse Quinn.

Minha dor não interessava a ninguém a não ser a mim mesmo. Mona voltou a cair num transe de olhos vidrados, descorada, mas só por um instante.

— E sabe do que mais — ela continuou, apertando os olhos como se não conseguisse se lembrar bem do que ia dizer. — Ah; é, os vampiros, quer dizer, os vampiros de verdade não têm um website que seja.

— Vamos deixar as coisas como estão — pediu Quinn. — Eles não deveriam ter Websites.

— Está na hora de vocês irem caçar — disse eu. — Vocês dois estão com sede. Passem a noite caçando. Dirijam-se para o norte. Procurem os bares que servem cerveja ao longo das estradas. Cacem por horas. Meu palpite é que amanhã Rowan já estará pronta para nos deixar ver os restos de Ash e Morrigan. E vamos poder ver Mirabelle e Oberon também.

— É, parece maravilhoso — murmurou ela, com um olhar atordoadado. — Um verdadeiro prêmio de consolação. Uma parte de mim não quer ver Rowan nem Michael nunca mais. Uma parte de mim não quer ver Mirabelle e Oberon nunca mais. Quanto a Morrigan...

— Vamos, minha querida Ofélia — disse Quinn. — Vamos sair pelos ares, meu benzinho. Vamos fazer o que o Amado Chefe sugeriu. Conheço bem esse percurso de jukeboxes e mesas de sinuca. Procuramos o Pequeno Gole com os caminhoneiros

e os caubóis e talvez paremos para dançar ao som das Dixie Chicks de vez em quando. E lá vem algum cara com a consciência suja como carvão e nós o atraímos para lá onde o estacionamento termina no meio das árvores e o disputamos.

Ela riu a contragosto.

— Parece brutal e primário — disse, com um suspiro.

Ele a puxou da cadeira. Ela se virou e se inclinou para me dar um abraço caloroso e um beijo. A surpresa me deixou feliz. Abracei-a com força:

— Minha pestinha. Você só deu os primeiros passos pelo Caminho do Demônio. São tantas as maravilhas que ainda há de descobrir. Seja esperta. Seja veloz.

— Mas como os vampiros de verdade se conectam na rede mundial? — perguntou ela, com uma seriedade dolorida.

— Não faço a menor idéia, amorzinho — respondi. — Nunca me recuperei totalmente da primeira vez em que vi uma locomotiva a vapor. Quase fui atropelado. O que a faz pensar que vampiros de verdade queiram se conectar?

— Pare de me provocar! — revidou ela, sonhadora. — Mas você não quer que eu crie minha própria página na web?

— De jeito nenhum — respondi, em tom grave.

— Mas você publicou as Crônicas! — protestou ela. — O que me diz disso? — Ela pôs as mãos nos quadris. — Como pode defender essa publicação é o que eu gostaria de saber.

— Trata-se de uma forma de confissão pública consagrada pelo tempo, sacrossanta. Remonta ao antigo Egito. Um livro é lançado discretamente no mundo, rotulado como ficção, para ser lido, avaliado, passado de mão em mão, talvez deixado de lado para o futuro, para perecer se for indesejado, persistir caso encontre nele algum valor e acabar encontrando seu lugar em baús, cofres e pilhas de sucata, quem sabe? Não me defendo diante de ninguém de modo algum. Você, trate de ficar fora da World Wide Web!

— Parece decididamente antiquado para mim — observou ela. — Mas adoro você do mesmo jeito. Agora pense nessa história da estação de rádio. Talvez não seja tarde demais. Você poderia ter seu próprio programa.

— AAAAAAI! — gritei. — Não dá para agüentar! Você acha que a Fazenda Blackwood é o Mundo. Não é, não, Mona! É só a Fazenda Blackwood e todo o resto é o Pântano de Sugar Devil, acredite em mim. E por quanto tempo teremos a Fazenda Blackwood, você, eu ou Quinn? Meu Deus, você tem uma ligação direta com a que lhe disse onde encontrar o Povo Secreto. Você está mandando e-mails para a Central de Sabedoria e fica me enchendo com essa, história de Websites! Fora daqui, agora! Salve-se da minha ira!

Acho que a assustei um pouco. Estava tão cansada e enfraquecida que recuou

com o som da minha voz.

— Não terminamos essa conversa, Amado Chefe — disse ela. — O problema com você é que se deixa dominar pela emoção. Qualquer questionamento que eu faça e você sobe pelas paredes.

Quinn a apanhou do chão e a levou embora, descrevendo enormes círculos no terraço enquanto seguia, cantando para ela, e assim eles desapareceram de vista, com o riso de Mona ecoando pelo ronronar suave da noite.

Uma brisa morna veio preencher o silêncio. As árvores ao longe executavam seu balé sutil. De repente, meu coração estava batendo forte demais e uma ansiedade gelada começou a me invadir. Apanhei das lajes do piso a estatueta de São Juan Diego e a coloquei em cima da mesa no lugar que lhe era de direito. Nada disse sobre ele. Ah, carinha cafona com essas tuas rosas de papel, decerto estás destinado a imagens melhores.

Eu estava no fundo do poço. A noite pulsante me falava do nada. As estrelas se espalhavam para provar o horror do nosso universo — fragmentos do corpo de ninguém voando a uma velocidade monstruosa, afastando-se da fonte sem significado ou compreensão.

São Juan Diego, faça isso ir embora. Opere outro milagre!

— O que foi? — perguntou Stirling, em tom ameno.

Dei um suspiro. Estava bonita a cerca branca do pasto, ao longe, e o cheiro do capim era gostoso.

— Fracassei em algum ponto nessa história e foi um fracasso importante. — Fiquei examinando o homem com quem eu acabava de falar.

Criatura paciente, o Stirling, o acadêmico inglês, o santo da Talamasca. O homem que se sentia perfeitamente à vontade na companhia de monstros. Morto de sono, mas sempre atento.

Ele se voltou para olhar para mim. Um olhar inteligente, penetrante.

— O que você está querendo dizer? — perguntou. — Que fracasso?

— Não consigo passar para ela uma noção da gravidade de sua transformação.

— Ora, ela sabe — disse ele.

— Você me surpreende — retruquei. — Decerto não está esquecido de quem eu sou. Você não engole esta fachada. Existe em você algum reservatório de bondade e sabedoria que nunca permite que se esqueça do que está por trás desta máscara. E agora você acha que a conhece melhor do que eu?

— Ela está cambaleando, sendo jogada de um choque para outro. Como poderia ser de outro modo? O que você esperava dela? Você sabe que ela o adora. E daí que ela o provoque com propostas revoltantes? Ela sempre foi assim. Não sinto nenhum medo quando estou perto dela, nenhuma desconfiança instintiva sobre um poder indisciplinado. Na realidade, é totalmente o contrário. Pressinto que pode vir a

ocorrer um momento em que você olhe para trás e se dê conta de que, em algum ponto ao longo do percurso, a inocência dela foi perdida e você nem mesmo se lembra de quando isso aconteceu.

Pensei no massacre da noite anterior, na implacável eliminação do Barão Rodrigo e seus soldados. Pensei nos corpos atirados ao mar eterno. Pensei em nada.

— A inocência não faz parte da nossa função, meu amigo — disse eu. — Nós não a cultivamos uns nos outros. Honra, sim, creio que temos, mais do que você imagina. Princípios, sim. E virtude também. Isso eu ensinei a ela; e de vez em quando conseguimos ter um comportamento magnífico. Até mesmo heróico. Mas a inocência? Ela não nos traz benefício algum.

Ele se recolheu para meditar sobre isso, com um gesto mínimo de cabeça. Percebi que havia perguntas que ele gostaria de me fazer, mas não se atrevia. Seria por educação ou por medo? Eu não saberia dizer.

Fomos interrompidos e talvez tenha sido melhor assim.

Jasmine chegou atravessando o gramado com um bule de café para Stirling. Estava usando um vestido justo vermelho e sapatos de salto alto. E cantava bem alto:

— Gloria! Gloria! In Excelsis Deo!

— Onde você ouviu esse hino? — perguntei. — Será que todos por aqui estão decididos a me levar à loucura?

— Ora, é claro que não — disse ela. — O que o faria pensar numa coisa dessas? É um hino católico, você não sabia? Vovó passou o dia inteiro cantando esse hino na cozinha. Disse que é da missa solene dos velhos tempos. Disse que viu Patsy num sonho cantando esse hino. Patsy toda vestida com roupas de caubói cor-de-rosa, com uma guitarra.

— Mon Dieu! — Um calafrio percorreu meu corpo. Não era de surpreender que Julien estivesse me deixando em paz aquela noite inteira. Por que não?

Ela serviu duas xícaras do café fumegante e pôs o bule em cima da mesa. Depois me deu um beijo no alto da cabeça.

— Sabe o que tia Queen me disse ontem à noite enquanto eu dormia? — perguntou ela com a voz animada, a mão no meu ombro. Beijei seu rosto acetinado.

— Não sei. O que foi? Mas, por favor, transmita a informação com delicadeza. Estou a um passo do colapso nervoso.

— Ela disse que estava deliciada por você dormir na cama dela, que sempre quis um homem bonito como você naquela cama. Ela ria e ria sem parar. Vovó disse que, quando os mortos riem sem parar nos nossos sonhos, isso significa que eles estão no Paraíso.

— Acho que é esse mesmo o significado — concordou Stirling, com muita sinceridade. — Este café está perfeito. Como é que você faz?



— Trate de bebê-lo — disse eu. — Você está com aquele seu potentíssimo MG TD aqui, não está?

— Claro que estou. E até daria para você vê-lo lá adiante na frente da casa, se tivesse olhos na nuca.

— Quero que você me leve para dar um passeio naquela máquina. Preciso entregar este santo aqui a Oberon.

— E você vai segurar a garrafa e a xícara para mim enquanto eu dirijo? Jasmine, você se incomoda de me emprestá-las?

— Não vai querer o pires? Essa porcelana é Royal Antoinette; o pires é a parte mais bonita. Dê só uma olhada. Chegou num embrulho enorme de Julien Mayfair, o conjunto, aparelho para doze, um presente para “*La Famille*”.

— Não — disse eu, de repente alerta. — Não de Julien Mayfair.

— Ah, foi, sim! — ela insistiu. — A carta está comigo. Estou sempre me esquecendo de entregá-la a Quinn. Julien Mayfair estava no velório? Não conheci nenhum Julien Mayfair.

— Quando chegou esse pacote? — perguntei.

— Não sei. Talvez há uns dois dias... — Ela deu de ombros. — Logo depois que Mona Mayfair veio se juntar a este zoológico. Qual deles é esse Julien Mayfair? Julien Mayfair já esteve por aqui?

— O que dizia a carta? — perguntei.

— Ah, alguma coisa do tipo: se ele estava visitando a Fazenda Blackwood o tempo todo, queria ver sua porcelana preferida. Qual é o problema com você? A porcelana é linda!

Eu não tinha a menor intenção de explicar para ela que Julien Mayfair era um espírito e que porcelana com exatamente esse mesmo desenho havia participado anos atrás de um encantamento criado por Julien, no qual ele recebera um Quinn ingênuo e por demais humano com chocolate quente e biscoitinhos, além de uma longa história de como ele, Julien, copulara com a bisavó de Quinn. Que raios levassem o espírito infernal!

— Você não gosta? — insistiu Jasmine. — Eu acho o motivo tão bonito. Tia Queen teria ficado empolgada com ele. Esse é o estilo de tia Queen, essas rosas. Você sabe.

Stirling estava concentrando a atenção demais em mim. E claro que ele sabia que Julien Mayfair era um fantasma. Ou que estava morto. Por que eu estaria ocultando as atividades desse espírito? Do que eu estava envergonhado?

— É, é um primor — assenti. — Tem uma espécie de delicadeza antiquada. Stirling, e se você bebesse todo o café que quisesse e depois nós déssemos nosso passeio?

— Por mim, tudo bem — concordou Stirling, pondo-se imediatamente de pé.

E, por mim, também. Puxei Jasmine para junto de meu corpo com um abandono irresponsável e a beijei, enlouquecido. Ela dava berros histéricos. Segurei seu rosto, olhando no fundo dos olhos claros.

— Você é uma bela mulher — elogiei, baixinho.

— Por que tanta tristeza? — perguntou ela. — Por que você parece ser tão infeliz?

— Pareço? Não sei. Talvez porque a Fazenda Blackwood seja um momento no tempo. Só um momento. E ele vai passar...

— Não durante a minha vida — disse ela, com um sorriso. — Bem, eu sei que Quinn vai se casar com Mona Mayfair e que ela não pode ter filhos. Todos nós sabemos. Mas Jerome está crescendo aqui. Esse é o meu menino, filho de Quinn, e Quinn pôs o nome na certidão de nascimento. Isso eu nunca pedi que Quinn fizesse. Tommy está crescendo aqui. E ele é Tommy Blackwood. E Nash Penfield vai envelhecer tomando conta deste lugar, que ele adora. E depois tem a Terry Sue, mãe de Tommy. Não sei se você prestou atenção a Terry Sue, mas, se algum dia uma pedra bruta foi transformada num diamante, esse é o caso de Terry Sue. Ela é o pequeno milagre de tia Queen, ouça o que lhe digo. E Terry Sue vai guiar excursões nos fins de semana em breve, da mesma forma que sua filha Brittany. Bem, essa é irmã de Tommy. Um amor de menina, muito educada. E ela vai estudar numa boa escola, graças a Quinn, tudo isso graças a Quinn. E a tia Queen. Vocês não fazem idéia de tudo o que tia Queen ensinou a Brittany. A Fazenda Blackwood vai muito bem, obrigada. Você deveria ter essa fé. Como você consegue ajudar o fantasma de Patsy a atravessar a ponte e não conhece o futuro?

— Na realidade, ninguém conhece o futuro — disse eu. — Mas você tem razão. Você sabe todo tipo de coisa que eu não sei. Dá para entender. — Apanhei São Juan Diego.

— Você, Quinn e Mona é que vão seguir adiante — ela continuou. — Percebo sua inquietação. Mas a Fazenda Blackwood? Ela vai sobreviver a todos nós.

Ela me deu mais um beijo rápido. E lá se foi, com os quadris numa bela ondulação no vestido vermelho justo, saltos finos dando uma forma bonita às pernas, altiva a cabeça de cabelo louro cortado muito curto — a guardiã das chaves e do futuro.

Fui com Stirling.

Entramos no carro baixo, cheiro delicioso de couro. Stirling calçou um belo par de luvas de dirigir de cor bege. E lá fomos nós num rugido pela entrada de carros, fazendo matraquear as pedras e os seixos.

— Isso, sim, é que é um carro esporte! — declarei.

Stirling acendeu o isqueiro diante do cigarro e passou o carro para marcha alta.

— E isso aí! — gritou ele, mais alto que o vento, ficando vinte anos mais

jovem. — E quando você quiser apagar o cigarro, pode apagá-lo direto no piso da estrada. E uma maravilha.

Entramos rugindo pela região dos pântanos.

Só deixamos os caminhos da velocidade e da irresponsabilidade para ir ao Centro Médico Mayfair cerca de três horas antes do amanhecer.

Por um bom tempo, caminhei pelos corredores, maravilhado com os murais, os bancos e áreas de descanso para a família dos pacientes e a elegância das salas de espera com seus quadros e mobília aconchegante. E os saguões com suas esculturas imponentes e os cintilantes pisos de mármore.

Penetrei então nos halls dos laboratórios e áreas de pesquisa, perdendo-me num labirinto de locais secretos onde as pessoas de jaleco branco que passavam por mim me cumprimentavam com um gesto de cabeça, supondo que eu soubesse aonde estava indo carregando junto ao peito a estatueta de um santo.

Colossal, mais do que minha mente poderia conter, esse monumento a uma família e a uma mulher. Afetando a vida de tantos milhares de pessoas. Um enorme jardim com tantas sementes plantadas com cuidado para se desenvolverem e formarem uma floresta de um esplendor que se perpetuasse sozinho.

O que eu estava fazendo na Montanha Sagrada Daquela que Caminha com Deus?

Procurando Oberon no silêncio aveludado.

Oberon estava em pé à janela, com um camisolão branco, olhando lá para fora, para os arcos iluminados das duas pontes sobre o rio. O suave brilho cristalino dos prédios do centro da cidade. Deu meia-volta quando entrei no quarto.

— São Juan Diego. — Pus o santo na mesa ao lado da cama.

— Ah, obrigado — disse ele, com afeto, sem um traço do antigo desdém. — Agora vou conseguir dormir.

— Você está insatisfeito? — perguntei.

— Não — respondeu em voz baixa. — Só refletindo. Na minha cela, eu dizia a mim mesmo que toda a beleza estava contida nas ondas inconstantes do mar. Eu precisava acreditar nisso. Mas a verdade é que o mundo tem uma enorme profusão de assombros. Estou muito feliz. E minha alma não está preocupada por Miravelle, minha doce e tola Miravelle! Estou a salvo. E ela também. E estou livre.

## CAPÍTULO 28



A temperatura do quarto estava sendo mantida em cerca de zero grau. Até mesmo eu sentia frio. A boca de Rowan estava azulada. Mas ela permanecia ali, parada, sem queixas, bem junto da porta, com os braços cruzados, as costas na parede, permitindo que nos demorássemos o tempo que quiséssemos. Usava seu jaleco branco, até mesmo com crachá e calça branca. Os sapatos eram pretos, simples. O cabelo estava penteado para trás, deixando o rosto à mostra. Ela não olhou para mim. Fiquei feliz com isso.

As paredes eram brancas. Da mesma forma que o piso de cerâmica. Havia no quarto todos os tipos de equipamento, monitores, fiação, tubos, balões, mas tudo estava desligado e recolhido para as paredes laterais e para os cantos. As janelas estavam cobertas por persianas de metal branco, que não deixavam entrar a noite colorida. Miravelle, adequadamente vestida numa camisola comprida de algodão cor-de-rosa, chorava em silêncio. Oberon, de pijamas de seda branca com roupão, apenas observava com aqueles olhos brilhantes, semicerrados.

Mona estava ali, calada, a viajante em trajes de safári, com a mão esquerda nas costas de Miravelle, a mão direita segurando um enorme buquê de flores diversas. Com os olhos secos, Mona parecia fria e atormentada. Quinn permaneceu junto da porta comigo, segurando outro buquê que Mona pediu que carregasse para ela.

O perfume das flores se espalhou pelo quarto. Eram margaridas, zínias, lírios, rosas, palmas-de-santa-Rita e outras flores que eu não conhecia, muitas flores diferentes.

Os corpos estavam em macas separadas. Os membros pareciam flexíveis, a pele esverdeada, o rosto ligeiramente encovado. A cabeleira ruiva de Morrigan havia sido penteada em torno dela como se estivesse boiando na água. Será que isso fez Mona pensar ainda mais em Ofélia? Os cílios de Ash eram extremamente longos e seus dedos também eram compridos. Ele devia ter tido uns dois metros e dez de altura. Tinha os cabelos pretos e cheios, quase até os ombros, com muitos fios brancos nas têmporas. Uma linda boca. Morrigan era muito parecida com Mona. O casal, muito bonito de se ver.

As cabeças repousavam em travesseiros. Os lençóis, limpos por baixo deles.

Estavam com roupas novas, calças simples e camisas com o decote em V, de algodão branco, muito semelhantes aos trajes simples que usavam quando os encontramos, que parecia ter sido em outra era.

Os pés descalços pareciam muito mortos. Eu não sabia bem por quê. Talvez estivessem mais descorados ou até um pouco deformados.

Tive vontade de ver os olhos de Ashlar. Queria saber se seria possível levantar uma pálpebra e ver um olho. Mas eu não queria falar, nem pedir nada.

Miravelle finalmente passou a mão direita em torno do rosto de Ash. Debruçou-se para dar um beijo nos seus lábios. Quando sentiu que não estavam rígidos, fechou os olhos, e seu beijo foi longo e carinhoso. Ela estendeu a mão esquerda e Mona lhe deu metade das flores.

Miravelle as apanhou e as distribuiu pelo corpo de Ash, indo dos pés à cabeça, até cobri-lo parcialmente. Então Mona lhe deu a outra metade e Miravelle terminou, deixando apenas o rosto à mostra. Antes de se afastar, ela beijou a testa do pai.

Foi Morrigan quem a fez soluçar.

— Mãe — disse ela. Mona, que não a largava, não proferiu nem uma única palavra. Mas pôs a mão nas mãos de Morrigan e, ao descobrir que eram maleáveis, enroscou os dedos nos dedos da filha.

Quinn entregou as flores a Mona. Mona deu metade a Miravelle. Juntas, elas as espalharam sobre o corpo de Morrigan.

Oberon tudo observava em silêncio, mas lágrimas se formavam em seus olhos. Lágrimas molhavam seu rosto. Um leve franzido perturbava sua testa.

Os soluços partidos, fragmentados de Miravelle por fim foram terminando. Lentamente Mona a encaminhou para a porta. E então Mona olhou para trás.

— Adeus, Morrigan — murmurou ela.

Todos saímos do quarto em fila e acompanhamos Rowan por um corredor curto coberto por um tapete fofo.

Entramos numa sala de reuniões bastante espetacular. Michael estava lá, assim como Stirling, os dois usando terno escuro. Era também esse meu traje, bem como o de Quinn.

As cadeiras naquela sala surpreendente eram Chippendale autênticas, em torno de uma mesa oval de polimento perfeito. As paredes eram de um lilás refrescante, com quadros maravilhosos, pinturas de expressionistas, cheias de cores fortes e vibrantes. Tive vontade de roubá-las para meu apartamento. As janelas estavam abertas para as luzes bruxuleantes da noite. Havia um bar com tampo de mármore instalado na parede interna, com garrafas e copos cintilantes.

Michael estava bebendo bourbon em grandes goles. Stirling estava com um copo de uísque escocês.

Miravelle tentava enxugar as lágrimas, mas com pouco sucesso. Rowan serviu um pequeno cálice de xerez para ela e Miravelle riu ao segurar a haste delicada contra a luz e então bebericou o xerez. Mansamente, ela ria e chorava ao mesmo tempo. Sua camisola cor-de-rosa parecia muito macia.

Oberon com um gesto descartou qualquer sugestão de bebida. Ele olhava para a noite lá fora, por cima das pessoas presentes. Não se dava ao trabalho de enxugar as lágrimas. Só naquele momento percebi que retirara todo o esmalte das unhas.

— O que você vai fazer com eles? — perguntou Mona.

Rowan recostou-se na cadeira. Pensou por um bom tempo antes de responder.

— O que você faria se fosse eu?

— Não consigo me imaginar como você — disse Mona, simplesmente. Rowan encolheu os ombros. Mas sua expressão estava triste. Ela não a disfarçava. Oberon resolveu falar:

— Faça o que quiser com eles, Rowan. — Um leve traço do antigo desdém. — Ora, nosso Pai disse a Rodrigo que preservasse os corpos para você, não foi? Está bem claro. Rodrigo não tinha conhecimento nem refletia o suficiente para imaginar um discurso desses ou uma intenção como essa. Nosso Pai queria que algo acontecesse. Os corpos são seus pelo desejo do nosso Pai. Não há mais nada a dizer.

— Tudo isso é a pura verdade — Miravelle concordou. — Rowan, nosso Pai a amava. De verdade. Faça o que nosso Pai queria, por favor.

Rowan não respondeu. Ficou ali sentada com o olhar distante, como era seu costume, e então apertou um botão debaixo da mesa. Em questão de segundos, a porta se abriu e Lorkyn entrou na sala.

Mais uma vez fiquei totalmente chocada com a aparição da criatura, não apenas porque estava desacompanhada mas também porque usava a calça e jaleco brancos de médica, com um crachá que a identificava como Lorkyn Mayfair e sua expressão era tão impenetrável quanto na primeira vez em que nos defrontamos na Ilha Secreta.

Aquela doçura de gatinha, o narizinho arrebitado, a boca rosada, os olhos enormes, era realçada ainda mais, se é que isso era possível, pela pureza dos trajes brancos. E seu cabelo estava de novo puxado para o alto da cabeça, caindo em cascata sobre suas costas, ruivo como o de Mona, e seus olhos eram de um verde exatamente igual.

Ela escolheu seu lugar à mesa descontraidamente, de frente para mim, Oberon e Miravelle.

Mona olhava para ela com frieza. E Oberon estava em alerta total. Miravelle simplesmente a examinava como se fosse alguma curiosidade. Somente Rowan parecia saber por que ela estava ali.

Foi Lorkyn quem explicou:

— Vou dizer isso uma vez para vocês, Oberon e Mirabelle. Não pretendo ser questionada impiedosamente. Minha intenção é ser ouvida.

— E melhor que seja sensacional, querida — disse Oberon, em tom rancoroso.

— E é — assentiu Rowan. — Por favor, escutem o que Lorkyn tem a dizer.

— Eu estava transferindo dinheiro de Rodrigo para contas numeradas para nós — continuou Lorkyn. — Também estava passando informações para as autoridades em Miami Beach acerca das atividades de Rodrigo por lá, livrando-me dos seus contatos com a rapidez possível. Tenham em mente que eu jamais teria tido uma conexão com o mundo aqui fora ou acesso às informações financeiras se não tivesse desempenhado o papel certo diante de Rodrigo. Eu também estava tentando desesperadamente descobrir quem nosso Pai e nossa Mãe eram em termos legais, quem era o proprietário legítimo da Ilha Secreta. Mas não consegui. Eu não sabia o sobrenome do nosso Pai. Anos atrás, quando nosso Pai começou a suspeitar de problemas com Silas, ele destruiu todo e qualquer documento que pudesse ter permitido a Silas o controle das finanças da família. Os advogados do nosso Pai chegaram de avião e foram embora levando tudo em suas pastas. Se eu tivesse sabido os nomes Templeton e Lost Paradise, poderia ter feito a ligação entre nós e os advogados do nosso Pai em Nova York. Quanto a Rodrigo, nunca tive uma oportunidade para matá-lo. Onde quer que fôssemos, havia dezenas de homens armados conosco. Foi sempre assim até a noite em que ele morreu, quando esse arcanjo louro conseguiu exterminar todos os seus asseclas antes de matá-lo. Eu nunca tive esse tipo de poder ou de vantagem. Mas eu estava esperando uma hora oportuna, juntando dinheiro e calculando um jeito de pegar Rodrigo e sua mãe juntos e libertar você, Oberon, e você também, Mirabelle, para sair da ilha e chegar em segurança ao Centro Médico Mayfair, onde poderíamos encontrar ajuda.

Oberon estava calado. Parecia que ele queria acreditar em Lorkyn mas que não conseguia aceitar bem tudo o que ela dissera.

— No meu tempo livre, que era abundante — prosseguiu Lorkyn —, fiz muitas pesquisas sobre o Centro Médico Mayfair. Desde que nosso Pai nos falou dele e nos falou de Rowan Mayfair, eu sempre quis saber do que se tratava. Eu não ia pedir ajuda enquanto não tivesse certeza de que essa era a atitude prudente a tomar. Vasculhei a Internet em busca de informações sobre Rowan Mayfair e o Centro Médico. Li tudo o que consegui obter. Em nenhum lugar, encontrei qualquer garantia real de que Rowan Mayfair tivesse o poder, a experiência ou os meios necessários para nos livrar de Rodrigo e de sua família criminosa. Eu tinha a impressão de que cabia a mim me encarregar de Rodrigo. Depois disso, eu arrumaria um jeito para sairmos da ilha para algum lugar de onde entraríamos em contato com Rowan. Agora, se vocês dois não acreditarem em mim quanto a isso, não tenho como dar uma prova para vocês. Sugiro que usem a cabeça.

— Por que cargas d'água você não entrou simplesmente em contato com as autoridades? — perguntou Oberon, feroz. — Por que não mandou as provas que tinha para o departamento de combate às drogas por e-mail?

— E, se eu tivesse feito isso, exatamente onde você acha que estaria neste momento?

A raiva desapareceu do rosto de Oberon. Mesmo assim, ele a encarou nos olhos sem vacilar.

— Não sei — respondeu ele, então.

— E eu também não sei — disse Lorkyn. — Você acha que eles teriam acreditado que você era inocente? Acha que eles teriam acreditado na história do Povo Secreto? Acha que o teriam trancado numa cela como testemunha importante? Acha que os inimigos de Rodrigo não conseguiriam chegar a você antes que houvesse um julgamento?

— Entendi seu ponto de vista. — Oberon assumiu um ar de tédio. — Você entendeu realmente?! — perguntou ela, autoritária. Estava se expressando com a máxima dramaticidade, embora ainda parecesse relativamente contida. — Rowan Mayfair sabe o que são os Taltos.

— E então o que você estava procurando? — perguntou Mona.

— Estava procurando um refúgio — explicou Lorkyn. — Possivelmente o único que existe. E só depois que cheguei aqui, só depois que passei oito horas inteiras conversando com Rowan, a última das minhas suspeitas foi derrubada.

— Talvez um pouco cedo demais — acusou Mona. Lorkyn olhou para Mona, erguendo as sobrancelhas:

— O quê?

Mona não respondeu. Rowan nada disse. Nem mesmo olhou para Mona.

— Por favor, queiram desculpar Mona — pediu Quinn, baixinho.

— Prossiga, Lorkyn — incentivei. — Você passou oito horas inteiras conversando com Rowan. E então qual é o problema?

— Este é um lugar onde os Taltos podem ficar — disse Lorkyn.

— O quê? Para serem estudados? — interrompeu Mona. — Vocês vão ser postos em gaiolas num laboratório. É isso o que chamam de refúgio? A mulher a derruba com uma injeção na pista ao lado de seu jatinho e você deposita toda a sua confiança nela?

Lorkyn fixou o olhar em Mona. Foi um momento curioso, com a Taltos alta, de pescoço comprido, totalmente desnorteada pelo comportamento da garota. Lorkyn então se recolheu e prosseguiu:

— Você me entendeu mal, Mona. — A voz dela transmitia uma confiança serena. — Estou falando deste lugar como um ambiente, uma comunidade, um mundo no qual possamos viver e funcionar, estar protegidos e nos desenvolver. Eu



mesma já estudei muito sobre medicina. Você viu isso quando vasculhou meu computador lá na ilha. Você trouxe o disco rígido para Rowan. Você o entregou a ela. E assim lhe deu uma comprovação dos meus estudos. Eu já dei a Rowan provas verbais de meus conhecimentos. E quero continuar a estudar. Quero ser médica. Esse é meu desejo e Rowan me aceitou como aluna aqui. Caí nas boas graças de Rowan. E há oportunidades no Centro Médico para trabalho frutífero para Oberon e para Miravelle. Além disso, este é um universo fechado no qual os Taltos podem ser supervisionados sem necessidade do uso de contenções visíveis, podem ser protegidos sem muito esforço e podem estar em paz.

— Ah, uma solução de uma inteligência assombrosa — disse Stirling. — Nunca me passou pela cabeça.

— Puxa, acho uma ótima idéia — concordou Miravelle. — E podemos usar camisola o tempo todo, ou pelo menos eu posso. Adoro usar camisola.

— Como você talvez saiba — continuou Lorkyn, com os olhos fixos em Mona —, há muitos apartamentos anexos a este hospital, que são oferecidos às famílias que vêm visitar os enfermos, e nós podemos morar nesses apartamentos, por estudar e trabalhar aqui. Não precisamos jamais sair deste complexo, a menos que tenhamos um objetivo predeterminado.

Lorkyn desviou sua atenção de Mona, passando-a para Oberon.

— Meu avanço foi vagaroso e meu sucesso incompleto. Mas Rowan tem a prova dos meus esforços. E Mona, você os viu. E você, Lestat, você os viu também. Oberon, você aceita o que estou dizendo?

Oberon estava se esforçando. Eu não conseguia penetrar em seus pensamentos. Mas dava para ver pela sua expressão.

— Por que você nunca veio falar comigo durante dois anos inteiros? — perguntou ele.

— Você era amante de Lucia — disse Lorkyn. — Eu o ouvia uivar de prazer à noite. O que eu haveria de lhe dizer? Como eu poderia saber o que você talvez acabasse contando para ela?

— Você poderia ter me informado que estava viva.

— Você sabia que eu estava viva. Você me viu. Além disso, meus movimentos eram controlados. Minha liberdade verdadeira era no computador. Eu estudava. Precisava descobrir um lugar seguro para onde pudéssemos ir, mas também onde pudéssemos ficar.

— Você é de uma frieza... — comentou Oberon, com repulsa. — Sempre foi.

— Pode ser — Lorkyn assentiu —, mas agora posso aprender a ser calorosa. Rowan Mayfair vai me ensinar.

— Ah, essa é impagável! — disse Mona. — Oberon e Miravelle, melhor encomendar casacos de peles.

Michael despertou de suas meditações silenciosas.

— Mona, meu amor, por favor tente confiar no que estamos tentando fazer.

— Se é o que você quer, tio Michael — disse Mona.

— Vocês dois não concordam — perguntou Lorkyn, olhando para Oberon e Miravelle — que precisamos de um refúgio? Não podemos simplesmente sair pelo mundo.

— Não, não quero sair pelo mundo — disse Miravelle.

Oberon pensou por um bom tempo, com as pálpebras fabulosas se abaixando e depois se erguendo.

— Você tem razão, é claro que tem. Em que outro lugar, a não ser aqui, poderemos descobrir algum anticoncepcional que nos permita copular sem gerar outro ser imediatamente? É claro. É uma solução brilhante. Meus parabéns. — Ele encolheu os ombros daquele seu jeito lânguido e harmonioso. — Mas nós ficamos com o dinheiro que você conseguiu transferir daquelas contas? — perguntou ele.

— Nós temos a fortuna do nosso Pai — explicou Lorkyn. — Uma fortuna enorme. A família Mayfair a descobriu. Isso não é mais um problema. Vocês não precisam se sentir presos por nenhuma obrigação. Somos perfeitamente livres.

— Não, nunca se sintam obrigados a nada — assentiu Rowan, em tom manso.

— Muito bem. Percebo que esta conversa está encerrada. — Lorkyn levantou-se. Ela olhou para Rowan e uma mensagem muda passou entre as duas mulheres, alguma troca de aprovação, confiança e crença.

Oberon ficou em pé e segurou a mão de Miravelle:

— Venha, minha idiotinha querida, vamos voltar para minha suíte e continuar a assistir a O senhor dos anéis. A esta altura, eles já devem ter para nós as barras de chocolate branco e o leite geladíssimo.

— Ah, todos são tão bons para nós — comentou Miravelle. — Amo vocês todos, quero que saibam disso. E estou tão feliz que todos os bandidos morreram e Rodrigo caiu da sacada. Foi simplesmente uma sorte incrível.

— Não é reconfortante, o jeito com que ela descreve o que ocorreu? — perguntou Oberon, com ar de superioridade. — E imaginar que escuto isso dezoito horas por dia. E você, Lorkyn? Vai algum dia fazer uma visitinha ao seu irmão e à sua irmã e nos brindar com um pouco de conversa inteligente sobre seus estudos de medicina? É bem possível que eu enlouqueça se de vez em quando não falar com alguém que saiba usar palavras de quatro sílabas.

— Certo, Oberon — disse ela. — Virei visitá-lo mais do que você pode imaginar.

Ela contornou a mesa e parou diante dele. Uma enorme descontração o dominou e ele envolveu Lorkyn num abraço. Houve um beijo ardente e um lento afastamento, com reverência e um enlaçar de dedos finos e delicados.

— Ai, estou tão feliz — disse Miravelle e beijou Lorkyn no rosto.

Oberon e Miravelle foram embora.

Lorkyn cumprimentou formalmente a todos com gestos de cabeça, insistindo para que os homens voltassem a se sentar, e depois ela também saiu pela porta.

Um silêncio se abateu sobre a sala.

— Ela tem uma inteligência ímpar — disse Rowan, então.

— Estou entendendo — assenti. Ninguém mais falou.

Mona ficou ah sentada, imóvel, por muito tempo, com os olhos de vez em quando se voltando para Rowan.

— Está acabado — disse Mona, então, com a voz muito baixa. Rowan não respondeu.

Mona se levantou e Quinn a imitou. Por fim, eu também fiz o mesmo. Michael se levantou por cortesia e Rowan continuou na cadeira, pensativa, distante. Por um momento, tive a impressão de que Mona ia sair sem dizer outra palavra, mas assim que chegou à porta, ela olhou para trás e se dirigiu a Rowan.

— Acho que você não vai me ver muito de agora em diante.

— Eu entendo — concordou Rowan.

— Amo você, meu benzinho — disse Michael.

Mona parou, com a cabeça baixa, sem se voltar para ele:

— E eu nunca vou me esquecer de você.

Fiquei atônito. Essa me pegou totalmente desprevenido. A expressão no rosto de Michael se enrugou como se ele tivesse sido atingido por um forte golpe. Mas ele não disse nada.

— Adeus, meus belos amigos mortais. — Eu me despedi. — Se precisarem de mim, sabem como me encontrar.

Uma expressão indescritível tomou conta do rosto de Rowan quando ela se voltou e voltou o olhar para cima, para mim.

E só então eu percebi. A verdade foi me invadindo aos poucos. Como uma sensação de frio.

A causa que nos unira não existia mais. Não era só Mona que lhes dava as costas. Não tínhamos mais motivos, um para procurar o outro. Mais nenhum mistério para justificar nossa intimidade. E a honra e a virtude, das quais eu falara com tanta segurança, exigiam que parássemos de interferir um nos assuntos do outro, deixássemos de aprender mais um sobre o outro. Não poderíamos percorrer as mesmas trilhas.

Os Taltos tinham sido descobertos, recuperados e estariam em segurança dentro do Centro Médico Mayfair. O discurso de Lorkyn havia sido o epílogo.

Precisávamos nos retirar.

Por que eu não previra? Por que não tinha sentido a totalidade daquilo tudo?

Na noite anterior, Mona sabia e na anterior àquela também, quando ficou parada na ilha olhando para o mar aberto. Mas eu não percebera. Não tinha me dado conta de nada.

Virei-me e fui atrás dos meus companheiros.

Descemos pela Montanha Sagrada do Centro Médico Mayfair no brilhante elevador de vidro e passamos pelo saguão fantástico com suas desconcertantes esculturas modernas e pisos ricamente revestidos, para sair para o ar quente lá de fora.

Clem estava a postos com a porta da limusine aberta.

— Têm certeza de que querem ir para aquela parte da cidade?

— É só nos deixar lá, estão nos esperando.

Silêncio no carro enquanto avançávamos com firmeza, como se não estivéssemos juntos.

Não somos Taltos. Não somos inocentes. Nosso lugar não é na Montanha Sagrada de Deus. Não somos protegidos e redimidos por aqueles a quem servimos. Eles não têm como nos agradecer com alguma graça, não é mesmo? Eles não têm como abrir as portas do tabernáculo.

Dêem-nos o avesso da cidade. Vamos nos espalhar ali onde os assassinos mais baratos nos vêm nas moitas emaranhadas dos terrenos baldios desertos, prontos para fincar uma faca por uma nota de vinte dólares, e onde os cadáveres se decompõem por semanas a fio no meio do mato entre a madeira carbonizada e os montes de tijolos. E eu estava esfaimado.

As ipoméias tomando conta de tudo, a chaminé alta como uma árvore. Esse lugar não foi feito para mim? Leve cheiro do mal. Rangido de tábuas quebradas. Morthadie. Cúmplices por trás do muro arreventado. Murmúrio no meu ouvido. “Vocês tão querendo se divertir?” Não poderia ter dito nada melhor.

## CAPÍTULO 29



Acordei sobressaltado. O sol já havia se posto havia um bom tempo. Estava tão gostoso ali na cama de tia Queen... Antes de me recolher, eu havia feito uma coisa estranhíssima. Tinha dado atenção às censuras de Jasmine a respeito do meu belo terno de linho e pendurado todas as minhas roupas, vestindo um longo camisão de flanela.

Que fingimento louco era esse? Eu, que sempre dormi em roupa de veludo e renda mesmo quando sepultado na terra, estava, me entregando a esses prazeres que davam apenas trabalho? Eu tinha fugido do sol entrando direto na própria terra. Uma vez, dormira na cripta por baixo de um altar de igreja.

Julien estava sentado à mesa. Ele bateu um pequeno cigarro preto e fino na cigarreira de ouro e o acendeu. Um lampejo iluminou o rosto tranqüilo, elegante. Perfume da fumaça.

— Ah, esse sim...

— Quer dizer que você está extraíndo cada vez mais energia de mim, já percebi — disse eu. — Você a suga de mim, mesmo quando estou dormindo?

— A luz do dia, você fica morto, frio como a pedra — observou ele. — No entanto, teve um sonho bonitinho na última hora. Gostei bastante do seu sonho.

— Eu sei com que estava sonhando. O que posso lhe dar para fazer você ir embora para sempre?

— Pensei que você gostasse de mim. Era tudo brincadeira?

— Quer dizer que você errou. Ajudou Mona a copular com Michael e o nascimento de Morrigan a destruiu. Como seria possível você saber? E, quanto a Merrick Mayfair se tornar uma de nós, não foi culpa sua. Você apenas a confiou à Talamasca. Você não percebe que precisa seguir adiante? Não pode continuar se intrometendo e cometendo erros. Lasher morreu. Morrigan morreu. Você precisa se desapegar dos seus adoráveis Mayfairs. Está querendo bancar o santo. Não é uma atitude de um cavalheiro.

— E você vai se desapegar deles? Ora, não estou falando do meu tesouro, da minha Mona. Eu a perdi. Admito isso. Você sabe o que me preocupa agora. — A

voz de Julien estava embargada de emoção. — O destino do clã inteiro não está em jogo?

— Do que você está falando?

— Aquela que você cobiça não redimiou a fortuna indecente da família? Ela não santificou o poder incalculável da família?

— O que os anjos lhe dizem? — retruquei. — Reze para que São Juan Diego lhe dê a resposta.

— Quero uma resposta sua! — insistiu ele.

— Que resposta posso lhe dar que você vá aceitar? Recorra a tante Oscar, ela saberá quem você é. Ou procure o padre Kevin Mayfair na sacristia dele. Apresente essas perguntas a essas pessoas. Mas afaste-se de mim.

— Estou lhe implorando!

Ficamos olhando um para o outro. Ele estava perplexo com as próprias palavras. E eu também.

— E se eu lhe implorar que pare de se intrometer?! Que deixe seus descendentes a cargo da consciência e do acaso?

— Fazemos então um acordo? — perguntou ele.

Dei-lhe as costas. Estava sentindo calafrios. Fazemos então um acordo?

— Que se dane!

Levantei-me, arranquei o camisão e vesti minha roupa. Botões demais num terno com colete. Ajeitei a gravata roxa. Penteei o cabelo. E depois ainda havia as botas, do lado de fora da porta, é claro.

Havia um interruptor geral para a luz. Apertei-o. Dei meia-volta. Ele sumiu. A mesinha estava intacta. Mas a fumaça demorou a desaparecer. E o perfume do cigarro também.

Estou lhe implorando!

Assim que calcei as botas, saí da casa pela porta dos fundos, andando rápido pelo capim molhado ao longo da beira do pântano. Eu sabia aonde precisava ir.

Era à cidade.

Às ruas do centro da cidade.

Só andando, andando e pensando, no vagabundo, andando. Esqueça o sangue. Que o Sangue me esqueça.

E do centro segui para os subúrbios, cada vez mais rápido, passos fortes nas calçadas, até que ele se avultou diante de mim, na periferia da cidade, o Centro Médico Mayfair, um imenso quadriculado de luzes em contraste com o céu coberto de nuvens da noite.

O que eu estava fazendo?

Aqui era o Jardim dos Pacientes, não era?

Vazio a esta hora da noite, uma profusão de alfenas, rosas e caminhos de

cascalho. Nenhum mal em perambular por aqui. Nenhuma esperança de ver alguém específico. Nenhuma esperança de alguma travessura. Nenhuma esperança de...

Era Julien diante de mim, uma barreira no caminho.

— Ah, seu demônio! — esbravejei.

— Agora o que você está tramando? O que está passando por essa sua cabeça cheia de idéias? — perguntou ele, autoritário. — Encontrá-la no laboratório à meia-noite para lhe oferecer seu sangue mais uma vez? Pedir-lhe para analisar seu sangue ao microscópio, seu demônio trapaceiro?! Qualquer desculpa barata para se aproximar dela?

— Será que você nunca vai entender? Você não tem como me influenciar, cara! Vá procurar a Luz. Suas maldições denunciam sua origem. Agora leve esta maldição de mim!

Estendi os braços para alcançá-lo. Fechei os olhos. Vi o espírito em mim, o espírito vampiresco que me atormentava e animava minha carne, que era louco pelo sangue que me mantinha vivo, o espírito nas minhas duas mãos quando o agarrei pelo pescoço, e o espírito nele, o animus que procurava projetar a imagem do homem que não era homem nenhum, e abri minha boca sobre a dele, como tinha feito com Patsy, e soprei o vento para dentro dele, o feroz vento, não do amor, mas da rejeição, da renúncia, do repúdio.

Vai-te de mim, criatura maligna. Vai-te, espírito apegado, desnorteado. Vai-te para não importa que mundo que seja teu lugar. Se eu puder te libertar da Terra, é o que farei.

Ele brilhou diante de mim, sólido, furioso. Eu o atingi com a plena força do meu braço e o espatifei, lançando-o para tão longe, que não o enxergava mais. Com isso, ergueu-se dele um grito angustiado que pareceu preencher a noite.

Eu estava só.

Olhei para a fachada colossal do Centro Médico. Dei meia-volta e fui andando. E a noite era simples, barulhenta e aconchegante ao meu redor.

Caminhei de volta ao centro da cidade. E cantava uma canção só para mim.

“O mundo inteiro é seu. Até o final dos tempos é seu. Você tem tudo o que poderia um dia querer. Mona e Quinn estão com você. E são tantos os outros que estão no Sangue que o amam. Agora está realmente encerrado e você precisa seguir seu caminho...”

“É, você precisa seguir seu caminho e voltar ao rebanho daqueles a quem você não pode fazer mal...”

## CAPÍTULO 30



Faltava uma hora para o amanhecer quando cheguei de volta à Fazenda Blackwood, uma criatura extenuada por minhas perambulações sem sangue e pronta para a cama. O Comitê da Cozinha, como diz Quinn, já estava tomando café e pondo a massa do pão para crescer.

Eu havia perdido a partida de Tommy. Ele me deixou um bilhete — muito gentil e até certo ponto singular — em que me agradecia a ajuda para que o espírito de Patsy entrasse na Luz. Ah, é mesmo.

Sentei-me imediatamente à escrivaninha assombrada e, encontrando papel timbrado da Fazenda Blackwood na gaveta central, como eu sabia que encontraria agora que a chave estava perdida, escrevi um bilhete para Tommy, dizendo que, na minha opinião, ele se tornaria um homem extraordinário, com grandes realizações que deixariam todos com orgulho dele.

“Cuidado com a rotina da vida”, escrevi. “Procure algo maior, melhor. Creio ser essa a mensagem da Fazenda Blackwood.”

Jasmine, que já estava perfeitamente trajada àquela hora, com um avental branco sobre o costume azul com blusa de seda, ficou enlevada com a minha caligrafia. Onde eu tinha apanhado todos aqueles arabescos, floreios e aquele manejo ágil e perfeito da caneta?

Por que eu estava cansado demais para responder? Cansado como na noite em que Patsy fizera a travessia. Será que Julien havia realmente desaparecido para sempre?

Ela apanhou o bilhete, enfiou-o num envelope e disse que seguiria com a primeira remessa de torta de chocolate que já estavam preparando para Tommy.

— Você sabe que Quinn e Mona só vão voltar daqui a uma semana — disse ela. — São só vocês dois, você e Nash, nesta casa enorme, e você se recusa a comer da nossa comida, de esquisito que você é. E, se você for embora, só vai ficar o Nash e vou morrer de tanto chorar.

— O quê? — perguntei. — Para onde Mona e Quinn foram?

— Quem sou eu para saber? — perguntou ela, com gestos exagerados. — Eles



nem se despediram da gente. Foi um senhor que veio aqui nos informar que eles passariam um tempo fora. E ele era o homem mais estranho que vi na minha vida, a pele tão branca que parecia uma máscara. O cabelo muito preto e comprido até os ombros. E um sorriso e tanto. Quase me deu medo. Quando for dormir, dê uma olhada no quarto de tia Queen. Ele deixou um bilhete lá dentro, na mesa para você.

— O nome desse homem é Khayman. É boa pessoa. Sei aonde eles foram — suspirei. — Você vai me deixar dormir no quarto de tia Queen durante a ausência deles?

— Ora, isso é pergunta que se faça? Lá é o seu lugar. Você acha que eu fico toda feliz de ver a srta. Mona remexendo nos closets de tia Queen como se fosse a Rainha de Sabá, só deixando peles de raposa e sapatos de strass espalhados pelo chão? Claro que não. Mas não importa. Já arrumei tudo. Pode ir para a cama.

Seguimos juntos pelo corredor. Entrei no quarto, encontrando-o suavemente iluminado apenas com os abajures da penteadeira, e fiquei ali um instante, respirando o perfume e me perguntando por quanto tempo eu conseguiria manter esse papel espetacular.

A cama já estava feita para mim, com um camisão de flanela novo à minha disposição. E, como se diz na Fazenda Blackwood, não é que havia mesmo uma carta na mesinha?

Sentei-me, rasguei o envelope de pergaminho e descobri a carta impressa numa elegante fonte cursiva.

*Meu caríssimo rebelde,*

*Seus queridos estão loucos para serem recebidos por mim e eu concedi o pedido que me fizeram. Como você sabe, é extremamente raro que eu traga ao meu complexo alguém tão jovem. Mas há motivos excelentes para que tanto Quinn quanto Mona passem algum tempo aqui comigo, familiarizando-se com os arquivos, conhecendo alguns dos outros que entram e saem e talvez ganhando alguma perspectiva sobre os dons que lhes foram transmitidos e sobre a existência que os aguarda.*

*É forte minha impressão de que essa fixação deles na vida mortal não é de todo prudente. E essa visita a mim, esse retiro entre os imortais, servirá para fortalecê-los para enfrentar os choques que possam ocorrer. Você tem razão ao temer que Mona não tenha captado a plenitude do poder sacramental do Sangue. Mas Quinn também não o capta, por ter sido feito contra sua vontade. Outro motivo para eu trazê-los aqui é que me tornei perfeitamente real para Mona e Quinn, em consequência de nossa comunicação referente aos Taltos, e quero desfazer qualquer mitificação prejudicial que possa envolver minha pessoa nas suas mentes jovens.*

*Aqui eles vão me conhecer como sou. Talvez cheguem à conclusão de que, na própria raiz de nossa linhagem, existe não uma grande deusa, mas uma personalidade bastante simples, refinada pelo tempo e vinculada às suas próprias visões e desejos mortais.*

*As duas crianças parecem ter talentos excepcionais e fico assombrada com tudo o que você realizou com elas, bem como com sua paciência.*

*Sei o sofrimento pelo qual está passando no momento. Entendo até bem demais. Mas tenho total confiança em que você se comportará de acordo com os critérios mais elevados que impôs a si mesmo. Sua evolução moral simplesmente não permite nada diferente.*

*Tenha certeza de que você é bem-vindo aqui. E eu poderia com facilidade ter providenciado para que você me fosse trazido com Quinn e Mona. Mas sei que você não quer vir.*

*Você agora está livre para passar semanas em paz mortal, deitado na cama de tia Queen, lendo os romances de Dickens ainda mais uma vez. Fez por onde merecer esse descanso.*

*Maharet*

Lá estava a comprovação do meu fracasso com Quinn e Mona e a revelação da maravilhosa generosidade de Maharet em trazê-los para junto de si. Em toda a vastidão do mundo, que melhor mestre eles poderiam ter do que Maharet?

A meu próprio modo, eu havia dado a Mona e Quinn tudo o que era possível. E não era suficiente. Não, simplesmente não bastava. Era provável que o problema estivesse no que Maharet chamou de minha “evolução moral”. Mas eu não tinha certeza.

Em Mona, eu quisera criar “o vampiro perfeito”. Mas meu plano havia sido rapidamente devorado por forças que me ensinaram mais do que eu jamais conseguiria ensinar a alguém.

E Maharet estava tão certa quando calculou que eu não queria ser levado até seu famoso complexo na selva. Não, não era para mim aquele lugar fabuloso de aposentos de pedra e recintos divididos por biombos, onde a dama antiqüíssima, que parecia mais uma estátua de alabastro do que um ser vivo, recebia em silêncio seus súditos com sua irmã gêmea muda. Quanto aos lendários arquivos, com antigas lâminas, pergaminhos e códices de revelações inimagináveis, esses tesouros poderiam ficar esperando por mim para sempre. O que não pode ser revelado ao mundo de homens e mulheres não pode ser revelado a mim. Eu não tinha inclinação nem paciência para isso.

Estava indo na direção exatamente oposta — apanhado na servidão da Fazenda Blackwood — esse canto perdido do sul, onde assuntos mais triviais eram muito

mais preciosos para mim.

Estava em paz com isso. Sem dúvida, sentia também uma fraqueza na alma. E isso havia sido causado por minha luta contra Julien; e não é que ele não estava em parte alguma?

Dobrei a carta.

Despi-me.

Pendurei todas as minhas roupas corretamente em cabides como qualquer mortal razoável, vesti meu camisão de flanela, apanhei um exemplar de Little Nell debaixo do travesseiro e li até o sol começar a surgir no horizonte e invadir minha consciência, trancando-me no vazio e na paz.

## CAPÍTULO 31



Este livro terminou. Vocês sabem. Eu sei. Afinal, o que mais precisa ser dito? Então, por que ainda estou escrevendo? Continuem a ler e descubram.

Quantas noites se passaram? Não sei. Não sou bom de contas. Sempre erro números e idades. Mas sinto o tempo. Sinto-o como sinto o ar da noite ao caminhar lá fora, como sinto as raízes do carvalho debaixo do meu pé.

Nada teria conseguido me forçar a deixar a Fazenda Blackwood. Enquanto eu me mantivesse na propriedade, estaria em segurança. Até me afastei de Stirling por um tempo. Simplesmente não consigo falar sobre os Taltos agora, embora seja um tema interessantíssimo, é claro. Mas, na realidade, ela está muito envolvida nele, está no âmago da questão...

Por isso, quando não estava lendo Little Nell ou David Copperfield, eu saía a passear pela propriedade, acompanhando o pântano onde me deparara com Patsy ou passando pelo pequeno cemitério ou ainda pelos amplos gramados para admirar os canteiros de flores que ainda eram cuidados com tanta atenção, muito embora Pops, o homem que plantou todos eles, já tivesse morrido.

Eu não tinha nenhuma trilha previsível, mas tinha uma hora previsível. Geralmente eu saía cerca de três horas antes do amanhecer.

Se eu tinha um lugar preferido, era o cemitério. Todas aquelas covas anônimas, os quatro carvalhos que o cercavam e o pântano de uma proximidade tão perigosa.

Tinham limpado totalmente a fuligem da sepultura na qual Merrick Mayfair construía sua pira. Não dava para dizer que um incêndio daqueles tivesse ocorrido ali. E as folhas eram retiradas regularmente e a capelinha, uma construção e tanto, era varrida diariamente.

Ela não tinha uma porta de verdade. Suas janelas não tinham vidraças. Era uma obra gótica, cheia de arcos pontiagudos. E lá dentro havia um banco onde era possível se sentar para meditar.

Mas esse não era meu lugar preferido.

O que eu preferia era me sentar aos pés do carvalho maior, o que tinha um galho que se estendia no chão acima do cemitério, um galho que se estendia até o

pântano.

Fui para lá, cabisbaixo. Não estava pensando em nada de especial, com exceção talvez de que eu raramente havia sido tão feliz ou tão infeliz na minha vida. Eu não precisava de sangue, mas queria tomá-lo. Às vezes, sentia uma vontade insuportável. Especialmente nessas caminhadas, eu sonhava com a ronda e com o assassinato. Sonhava com a intimidade asquerosa — a agulha da minha sede fincada na hostilidade acirrada. Mas não estava com a energia necessária naquele momento.

Os limites da Fazenda Blackwood eram os limites da minha alma.

Dirigi-me para meu carvalho. Eu ia me sentar lá e apreciar o cemitério, olhar para a pequena cerca de ferro rendado com suas estacas ornamentadas, olhar para os túmulos e para o volume crescido da capela. E quem sabe? Talvez houvesse uma névoa se desprendendo do pântano. E o céu se tornaria daquele tom de roxo tão conhecido e tão essencial, antes do nascer do sol.

Era essa minha intenção.

Vivo no passado, no presente e no futuro. E eu estava me lembrando de que uma vez, muito perto dali, à sombra de outro carvalho, o que ficava mais perto do portão do cemitério, eu havia encontrado Quinn, sozinho, depois de que ele matou Patsy, e que, naquele momento, dei-lhe do meu sangue.

Nunca, em todos os meus longos anos de perambulações, fui odiado por ninguém como Quinn era odiado por Patsy. Patsy dirigia para ele todo o ódio que sua alma conseguia acumular. Quem pode julgar uma coisa dessas? Ah! Minha própria mãe, que recebeu de mim o Sangue, simplesmente não se interessa por mim e mais ou menos essa sempre foi sua atitude. Algo muito diferente do ódio. Mas o que eu ia dizer mesmo?

Ah, sim. Que me encontrei com Quinn e lhe dei meu próprio sangue para beber. Um momento de intimidade. Um momento triste e emocionante. E uma transmissão de poder de mim para Quinn. Naquele pequeno intervalo, ele me pertenceu. Vi sua alma complexa e confiante e como o Dom das Trevas a roubara. E como desse roubo havia surgido um sobrevivente ousado e resoluto de Quinn Blackwood, determinado a fazer algum sentido do ocorrido.

Nosso irreprimível poder criador.

Eu o amava. Tranquilo, sem problemas. Nenhuma chispa de possessividade ou de desejo feroz. Nenhum vazio concomitante. E depois, presenciar sua realização com Mona, isso foi melhor do que o desejo do sangue.

Estava pensando nisso enquanto me aproximava do meu carvalho, enquanto sonhava e entremeava nos meus sonhos fragmentos de poesia, poesia que eu roubava, partia e entretencia com meus desejos: Tu arrebatas meu coração, minha irmã, minha noiva... como é lindo meu amor. Não posso imaginar? Não posso sonhar? Fixa-me como um selo em teu coração.

Que diferença faz eu captar o cheiro de um mortal? A Fazenda Blackwood é uma cidadela de mortais. Que diferença faz para qualquer um deles se Lestat está passeando, Lestat, a quem eles deram uma acolhida tão boa? E agora um deles vem cruzar meu caminho. Fecho minha mente. Minha mente desaba sobre si mesma e sua poesia: És toda formosa, meu amor. Não há mácula em ti.

Encontrei minha árvore e minha mão apalpou seu tronco.

Ela estava sentada lá, sentada nas raízes grossas, olhando para o alto, para mim. O jaleco branco, manchado de sangue seco; o crachá torto, o rosto contraído, os olhos enormes e famintos. Ela se levantou para meus braços que a esperavam.

Abracei essa criatura dócil, febril, e minha alma se abriu. “Te amo, te amo como nunca ameí. Te amo acima da prudência, acima da coragem, acima do charme do mal, acima de todas as riquezas e do próprio Sangue, te amo com meu coração humilde que eu nunca soube que possuía, minha querida dos olhos cinzentos, minha esplendorosa, minha mística da magia médica, minha sonhadora... Ai, deixa-me envolver-te com meus braços, não me atrevo a te beijar, não me atrevo...”

Ela ficou na ponta dos pés e enfiou a língua na minha boca. Te quero, te quero com toda a minha alma. Estás me ouvindo? Sabes o abismo que atravessei para vir a ti? Não há deus na minha alma além de ti. Já pertenci a espíritos vorazes. Já pertenci a monstros feitos da minha própria carne. Já pertenci a idéias, fórmulas, sonhos e projetos de magnificência, mas agora pertenço a ti. Sou tua.

Nós nos deitamos juntos na grama, na encosta acima do cemitério, debaixo da copa do carvalho, onde as estrelas não pudessem nos ver.

Minhas mãos queriam tudo dela, sua carne por baixo do algodão engomado, a curva pequena e cheia dos quadris, os seios, o pescoço pálido, a boca, as partes íntimas, tão molhadas e prontas para meus dedos, meus lábios roçando no seu pescoço, sem ousar fazer mais do que sentir o sangue por baixo da pele, enquanto meus dedos a levavam ao clímax, enquanto ela gemia encostada em mim, toda rígida com o final e caída sem forças sobre meu peito.

O sangue batia forte nos meus ouvidos. Passava disparado pelo meu cérebro. Ele dizia Eu a quero. Mas permaneci imóvel.

Meus lábios estavam grudados na testa dela. O sangue que me percorria se transformou em dor. A dor atingiu um auge, como sua paixão havia chegado a um clímax. E, na maciez do seu rosto e da sua boca, experimentei uma dose de doçura e tranqüilidade e a madrugada ainda estava escura e as estrelas lutavam para cintilar na folhagem da copa acima de nós.

Sua mão passou pelo meu ombro, meu tórax.

— Você sabe o que eu quero de você — disse ela com aquela voz grave e sedosa, as palavras realçadas com dor e determinação. — Quero isso de você e quero você também. Já disse a mim mesma todas as razões nobres para dar as

costas a esse desejo. Já repeti todos os argumentos morais. Minha cabeça tem sido um confessionário, um púlpito, um lugar sob o portal onde os filósofos se reúnem. Minha mente tem sido um fórum. Trabalhei na emergência do hospital um dia após o outro até praticamente não conseguir mais ficar em pé. Lorkyn aprendeu comigo e eu com ela. E programas de estudo foram elaborados para Oberon e Mirabelle. E passamos as noites conversando sobre formulações e propostas nas quais eles estão abrigados e protegidos. E seu bem-estar coletivo já faz parte da instituição. E a boa vontade os cerca e os incentiva... E minha alma, minha alma permaneceu decidida. Minha alma anseia por este milagre! Minha alma anseia pelo seu rosto, por você! Minha alma esteve com você sempre! — Ela deu um suspiro. — Meu amor...

Silêncio. A música do pântano. O canto daqueles pássaros que sempre começam antes do amanhecer. E o som do movimento da água e as folhas ao nosso redor todas se inclinando com uma brisa leve e inconstante.

— É algo que nunca imaginei que sentiria outra vez — murmurou ela. — Achei que nunca aconteceria comigo de novo. — Senti que ela tremia. — Que essas partes de mim tivessem sido extintas para sempre. É, eu amo Michael e sempre amarei, mas o que esse amor exige de mim é que eu liberte Michael. Michael está definhando à minha sombra. Michael quer e deveria ter uma mulher simples que lhe possa dar uma criança saudável. E nós vivemos juntos em luto pelo que poderia ter sido, se monstros não nos tivessem possuído e destruído. Já passamos tempo demais murmurando nossos réquiens. E, então, surge esse fogo. Ah, não pelo que você é! O que você é poderia apavorar. O que você é poderia causar repulsa! Mas por quem você é, a alma aí dentro, as palavras que você diz, a expressão no seu rosto, o real testemunho da eternidade que vejo em você! Meu mundo cai por terra quando estou perto de você. Meus valores, minhas ambições, meus planos, meus sonhos. Vejo-os como a sustentação da histeria. E este amor se enraizou, esse amor selvagem que desconhece qualquer medo de você e só quer estar com você, quer o Sangue, sim, porque ele é seu sangue, e tudo o mais não tem a menor importância.

Esperei. Escutei o ritmo do coração dela. Escutei o sangue em suas veias. Escutei a respiração delicada. Consegui me refrear — a fera enraivecida que tantas vezes destroçara a jaula para tomar o objeto do seu desejo. E a abracei tanto!

Tive a impressão de que a abracei por séculos.

Descobri então que a estava soltando, cruzando seus braços sobre os seios, levantando-me para deixá-la, recusando suas mãos estendidas, recusando-as com beijos, mas deixando-a e caminhando até a margem do pântano sozinho, com meu corpo sentindo frio, tanto frio como se algum inverno do norte tivesse me encontrado naquele calor suave e fincado suas garras em mim.

Fiquei parado ali sozinho, numa solidão total, com os olhos no emaranhado amorfo e devorador do pântano, pensando somente nela e deixando minha

imaginação correr desenfreada com a glória sem limites do amor por ela, de ter seu amor. O mundo renascido no amor e coisas comuns recobertas de um desespero comum ganhavam cores brilhantes e irresistíveis. O que era para mim aquele ponto no tempo? O que era esse lugar chamado Fazenda Blackwood aonde eu não pudesse levá-la comigo, sacudir a poeira dos pés e alçar vôo para outras terras de encantamento garantido?

Ah, sim, Lestat, e o que isso tem a ver com o puro amor? Qual é o brilho do puro amor? Qual é o brilho daquela mais extraordinária das criaturas que está ali deitada, esperando?

Não sei quanto tempo fiquei parado ali, afastado dela. Meus sonhos dourados de palácios, passeios, nichos floridos e reinos de amor eram impalpáveis, grandes e pequenos e desapareceram.

E ela estava ali, paciente, sábia. Condenada por sua própria voz, não é mesmo?

Abateu-se sobre mim uma tristeza, pura como o puro amor. E, depois, uma dor, uma dor tão verdadeira quando a que eu ouvira em sua voz sem pressa, seu compromisso profundo e total.

Voltei-me afinal e fui na sua direção. Deitei-me ao seu lado. Seus braços esperavam por mim. Seus lábios aguardavam.

— E você acredita que isso seja possível? — perguntei, falando devagar. — Acredita que pode deixar para trás todos os que contam com você para um futuro que não poderiam vislumbrar sem você?

Ela não respondeu.

— Deixe-me afundar na eternidade — disse, então, com um suspiro. — Estou cansada.

*Ah*, eu compreendo, entendo, sim, *e* você já realizou tanto!

Esperei um pouco e depois falei, com palavras cautelosas:

— Você acredita que este mundo atual saberá o que fazer com Lorkyn, Oberon e Mirabelle sem sua sabedoria e sua perspicácia? Você acredita que a ciência egocêntrica realmente poderá assumir a guarda de algo tão delicado, tão explosivo, tão belo?

Nenhuma resposta.

— Você acredita que o Centro Médico atingirá a perfeição sem sua orientação? — Eu falava com o máximo carinho possível. — Ainda existem planos no seu coração, planos magníficos, e visões ousadas que ainda não estão registradas. Quem ocupará seu lugar? Quem tem a coragem? Quem tem os bilhões dos Mayfairs associados ao poder de discernimento? Quem consegue passar da mesa de cirurgia para o laboratório e de lá para o enxame de arquitetos e cientistas com a ferocidade de um bisturi gama? Quem? Quem poderá avançar para além do desafio já realizado no Centro Médico? Quem poderá dobrar seu tamanho? Talvez até mesmo triplicá-lo?



E você tem esses anos a dedicar. Você sabe disso. Eu sei disso. Você os tem, casta, pura e motivada por uma virtude compulsiva. Será que você está pronta para dar as costas a tudo isso?

Nenhuma resposta. Eu esperava. Abracei-a com força, como se alguém estivesse tentando roubá-la de mim. Como se a noite estivesse repleta de ameaças. Como se a ameaça não viesse de mim.

— E Michael — prossegui. — Sim, ele precisa ser libertado, mas será esta a melhor hora para isso? Ele sobreviverá à sua vinda para meus braços? Michael ainda está enredado em horrores. Seu coração está destroçado com o destino de Mona. Você realmente vai conseguir escapular de Michael? Escrever o bilhete reticente? Dizer o adeus atroz?

Ela não me deu resposta por um tempo enorme. Senti que não poderia dizer mais nada. Meu coração doía como nunca. Ficamos ali deitados tão perto um do outro, com as pernas e braços tão enrascados, com tanto carinho e entrega mútua que a noite calou para nós todos os seus sons aleatórios. Por fim, ela se mexeu com a máxima leveza, com a máxima ternura.

— Eu sei — murmurou. — Eu sei. — E mais uma vez: — Eu sei.

— É que isso não pode acontecer. Eu nunca desejei tanto uma coisa, mas não pode ser. Você sabe que não pode.

— No fundo, você não quer dizer isso. Sem dúvida, não quer. Você não pode me rejeitar! Você acha que eu viria procurá-lo deste jeito se não soubesse exatamente como você se sente?

— Como eu me sinto? — Abracei-a com força, apertando-a contra meu corpo. — É, você sabe o quanto eu a amo. É, você sabe o quanto eu a desejo. E como tenho vontade de fugir com você, para longe de qualquer um que possa nos separar. É, você sabe. Afinal de contas, o que são vidas mortais para mim? Mas o que você não entende, Rowan, é que você tornou sua vida mortal de uma grandiosidade impressionante. Você virou sua alma pelo avesso para conseguir isso. E isso simplesmente não se pode descartar.

Ela continuava a me abraçar. O rosto colado no meu. Afaguei seu cabelo.

— É — disse ela. — Eu tentei. Era meu sonho.

— E é o seu sonho — retruquei. — Mesmo agora.

— É verdade.

Minha dor era tamanha que não pude falar por um tempo.

Novamente, deixei-me imaginar que estávamos numa cama escura, ela e eu, que nada podia nos separar, que um encontrava no outro um significado sublime e que todos os problemas cósmicos tinham desaparecido, como uma quantidade de véus que se desfazia diante de nós.

Mas isso era fantasia e uma fantasia tão frágil quanto bela.

Ela rompeu o silêncio:

— E é assim que faço mais um sacrifício, ou você é que o faz por mim, um sacrifício tão imenso que eu mal consigo captá-lo! Meu Deus...

— Não. Você é quem faz o sacrifício, Rowan. Você chegou à beira do precipício e você vai recuar. E preciso que você recue, por si mesma.

Seus dedos percorriam minhas costas como se estivessem tentando descobrir ali alguma maciez humana. Ela aninhou a cabeça em mim. Sua respiração vinha sufocada, como que em soluços.

— Rowan, não está na hora.

Ela olhou para mim.

— A hora há de chegar — disse eu. — Vou esperar e vou estar pronto.

— Você está falando sério?

— Estou. Você não perdeu o que eu tenho para dar, Rowan. É só que não está na hora.

Uma suave luz de um rosa arroxado havia surgido no céu. As folhas queimavam nos meus olhos. Senti ódio.

Levantando-a delicadamente comigo, pus-me sentado e a ajudei a se sentar ao meu lado. Ciscos de capim estavam grudados nela, seu cabelo estava num desalinho bonito e os olhos reluziam com a claridade crescente.

— É claro que podem acontecer milhares de coisas — disse eu. — Nós dois sabemos. Mas estarei vigilante. Em observação, à espera. E, quando chegar a hora, quando você realmente puder se afastar de tudo isso, só então virei procurá-la.

Ela baixou os olhos e depois olhou de novo para mim. Sua expressão, pensativa e mansa.

— E agora eu vou perder você de vista? Você vai se afastar e ficar fora do meu alcance?

— De vez em quando, pode ser — respondi. — Mas nunca por muito tempo. Vou protegê-la, Rowan. Pode contar com isso. E chegará a noite em que compartilharemos o Sangue. Eu lhe prometo. O Dom das Trevas será seu.

Levantei-me. Peguei sua mão e a ajudei a ficar em pé.

— Preciso ir agora, amada. A luz é minha inimiga mortal. Quem dera eu pudesse assistir ao nascer do sol ao seu lado. Mas não posso.

Agarrei-a junto a mim de repente, com violência, beijando-a, faminto como nunca.

— Amo você, Rowan Mayfair — disse eu. — Pertença a você. E sempre pertencerei. Nunca, nunca estarei muito longe.

— Adeus, meu amor — murmurou ela, com um leve sorriso surgindo no rosto. — Você me ama de verdade, não é mesmo?

— Claro que sim, com todo o meu coração — respondi.

Ela se afastou de mim depressa, como se fosse a única forma possível, e subiu pela elevação do gramado até a entrada de automóveis. Ouvi o motor do seu carro e depois voltei devagar dando a volta para entrar pela porta dos fundos e ir direto para meu quarto.

Minha tristeza era tão avassaladora que eu mal sabia o que estava fazendo. E a certa altura ocorreu-me que o que eu acabara de fazer era uma loucura. Depois também me ocorreu que aquilo tudo simplesmente não podia ter acontecido. Um demônio egoísta como eu não teria renunciado a ela!

Quem disse todas aquelas nobres palavras?

Ela me dera o momento, talvez o único momento. E eu havia tentado ser São Lestat! Tentara ser heróico. Meu Deus, o que eu tinha feito?! Agora sua sabedoria e sua força a levariam ainda mais para longe de mim. A idade apenas ampliaria sua alma e reduziria para ela o fulgor do meu encantamento. Eu renunciara a ela para sempre. Ai, Lestat, como sinto ódio de ti!

Havia tempo suficiente para o ritual do camisão e, quando terminei, dilacerado de sede e dilacerado de dor pelo que eu havia acabado de recusar e que poderia perder para sempre, percebi que não estava sozinho.

Fantasmas, de novo, pensei. Mon Dieu, e olhei decidido para a mesinha.

Que imagem!

Era uma mulher adulta, talvez com seus vinte e cinco anos de idade. O cabelo preto lustroso em ondas marcadas. Vestido de melindrosa de seda em camadas, longo colar de pérolas. Pernas cruzadas. Sapatos finos de salto alto.

Stella!

Era monstruoso, como se a menininha que eu conhecia houvesse sido esticada, puxada e inflada, com um cigarro na piteira na mão esquerda.

— Queridinho, não seja tão bobo! — disse ela. — É claro que sou eu! Oncle Julien está com tanto medo de você agora, que não quer mais chegar perto. Mas ele precisava mandar o recado: “Foi magnífico!”

Ela desapareceu antes que eu pudesse lhe atirar uma bota. Mas, fosse como fosse, eu não teria atirado.

Que diferença fazia? Que entrem e saiam quando quiserem. Afinal de contas, isso aqui era a Fazenda Blackwood, não era? E a Fazenda Blackwood sempre acolheu fantasmas de portas abertas.

E agora eu me deito para dormir e o livro se encerra. Com a cabeça no travesseiro fofo de plumas de ganso, percebo uma coisa. Mesmo na dor e na perda, eu possuí Rowan. Ela era uma presença em mim para sempre. Minha solidão nunca mais seria tão amarga. Com o passar dos anos, ela poderia se afastar de mim, poderia chegar a condenar o cúmulo da paixão que a levou aos meus braços. Poderia estar perdida para mim sob algum outro aspecto concreto que arrancaria minhas

lágrimas todas as noites.

Mas eu não a perderia jamais. Porque não me esqueceria da lição de amor que aprendi através dela. E isso ela me deu, da mesma forma como tentei dar a ela.

E assim o orvalho da manhã cobriu os pastos naquele dia na Fazenda Blackwood como em qualquer outro dia e, antes que o sol nascesse, sonhei que...

Quero ser santo. Quero salvar almas aos milhões. Quero parecer um anjo, mas não quero falar como um gângster. Não quero fazer o mal nem mesmo a bandidos. Quero ser São Juan Diego...

...Mas vocês me conhecem. E, quando chegar o pôr-do-sol, talvez esteja na hora de percorrer as estradas secundárias e aqueles botequins pequenos e desgarrados, sem dúvida, sentir o cheiro da cevada e da serragem e, é isso mesmo, dançar ao som das Dixie Chicks na jukebox e talvez esmagar um par de Malfeitores peso-pesado, caras que só estão esperando por mim. E quando eu estiver lotado de sangue e cansado da movimentação nos salões de sinuca e daquela luz aconchegante sobre o feltro verde, quem sabe, é, quem sabe como o firmamento me parecerá glorioso com todas as suas nuvens a se separar e suas estrelinhas perdidas, enquanto subo muito acima da Terra e abro bem meus braços, como se em mim não houvesse nenhum desejo de algum calor ou de algo de bom.

Fujam de mim, ó mortais que são puros de coração. Fujam dos meus pensamentos, ó criaturas cheias de grandes sonhos. Afastem-se de mim, todos os hinos de glória. Sou o ímã dos condenados. Pelo menos por algum tempo. E então meu coração grita, meu coração não quer se calar, meu coração não desiste, meu coração não quer ceder...

...o sangue que ensina a vida não ensina mentiras e o amor volta a ser minha repreensão, meu tormento, minha canção.

ANNE RICE

5 de outubro de 2002

Nova Orleans



ANNE RICE é autora de 25 livros e vive em Nova Orleans.

# Table of Contents

[Rosto](#)

[Dedicatória](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[Sobre a autora](#)